DA

ARCHITECTURA RELIGIOSA EM COIMBRA

DURANTE A EDADE MEDIA

PELO DOUTOR

Augusto Filippe Simões

LENTE SUBSTITUTO DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
SOCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO DA MESMA CIDADE
E SOCIO CORRESPONDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS DE LISBOA

CONFERENCIA

feita em 21 de fevereiro de 1874 no Instituto de Coimbra

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

DA
ARCHITECTURA RELIGIOSA
EM
COIMBRA

DA

ARCHITECTURA RELIGIOSA EM COIMBRA

DURANTE A EDADE MEDIA

PELO DOUTOR

Augusto Filippe Simões

LENTE SUBSTITUTO DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
SOCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO DA MESMA CIDADE
E SOCIO CORRESPONDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS DE LISBOA

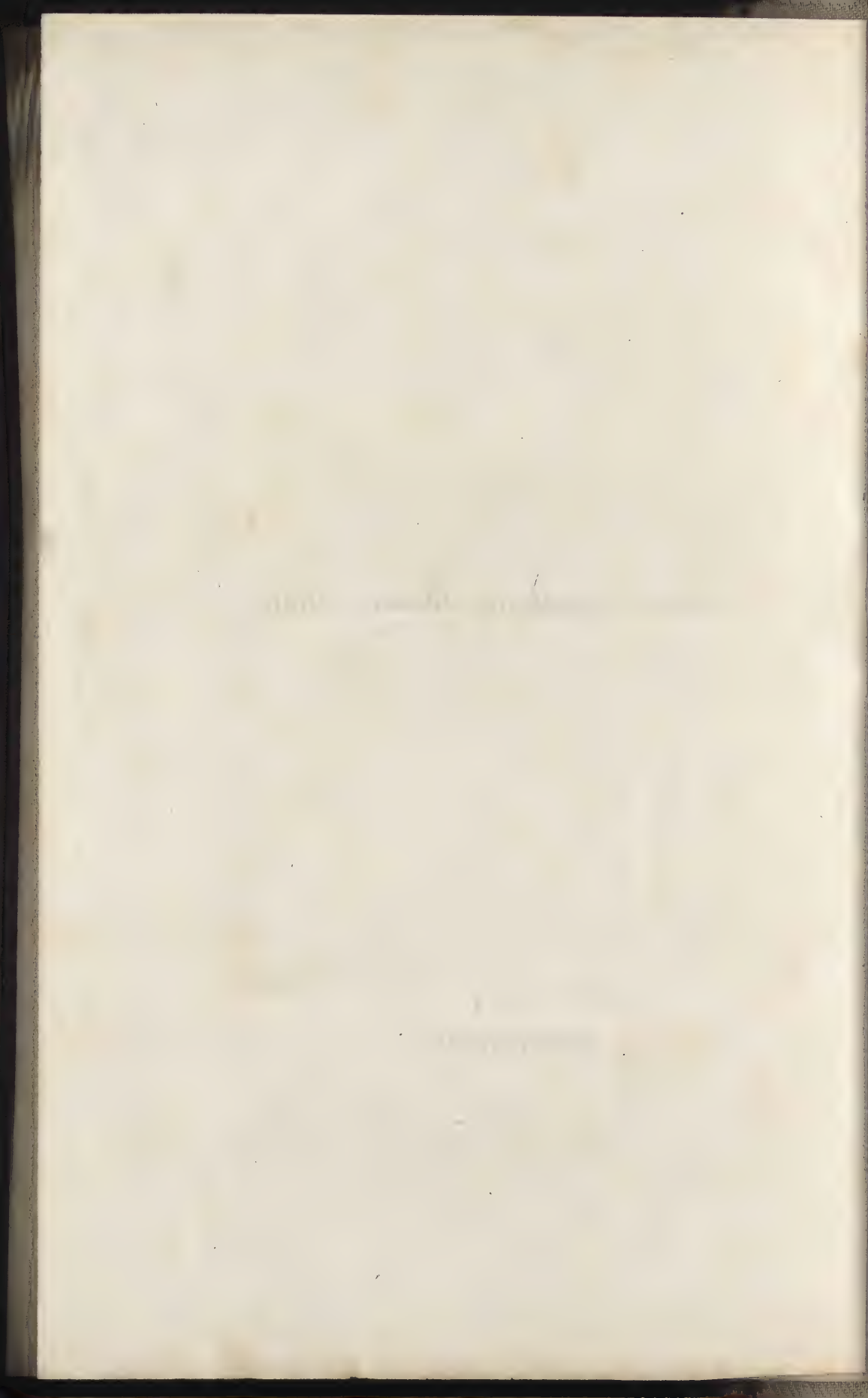
CONFERENCIA

feita em 21 de fevereiro de 1874 no Instituto de Coimbra

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1875

A

Abilio Augusto da Fonseca Pinto

Augusto Filippe Simões

DA ARCHITECTURA RELIGIOSA EM COIMBRA DURANTE A EDADE MEDIA

SUMMARIO.— Edade media, religião, architectura — Os templos indios, egypcios, gregos, romanos e christãos — Comparação das tres dimensões nuns e noutros — Egrejas de Coimbra anteriores ao anno de 1200 — S. Salvador, S. Thiago, Sé Velha e S. Christovão — Characteres architectonicos das quatro egrejas de Coimbra — Orientação — Fórma — Paredes, apparelho, cornijas, oculos e janellas, gigantes, torres, ameias — Tectos — Planta interior, naves, cruzeiro, capella-mór e lateraes — *Triforium* — Basilicas romanas — Similhanças entre ellas e as quatro egrejas de Coimbra — Pequena importancia do apparelho, abobadas e gigantes para determinar a edade relativa d'estes templos — O predominio do arco de volta redonda prova serem anteriores ao anno de 1200 — Arcos, archivoltas e columnas das portas e janellas — Constituição do estylo romano-byzantino e sua diffusão pela Europa — As quatro egrejas sendo d'este estylo não se hão de reputar anteriores ao anno de 1000 — As egrejas de S. Salvador e S. Thiago terão sido construidas no seculo XI ?— A edificação das egrejas de S. Christovão e da Sé Velha no seculo XII provada pelos characteres da architectura — E tambem por documentos — Inscripção arabiga — Atrazo da architectura conimbricense no ultimo quartel do seculo X — Documento comprovativo — Egrejas de Coimbra no seculo XI — Circumstancias que influiram para desenvolver a architectura na segunda metade d'este seculo — Architectura religiosa em Coimbra nos seculos XIII, XIV, XV e XVI — Conclusão.

I

Da architectura religiosa em Coimbra durante a edade media, tal é, senhores o objecto d'esta conferencia.

As palavras *edade media, religião, architectura* exprimem idêas correlativas: uma epocha; um culto que domina e characterisa essa epocha; uma arte que exalta e glorifica esse culto.

Decorreram onze seculos desde a quéda do imperio romano até ao renascimento das artes e letras. Nesse largo periodo, que chamamos hoje edade media, a luz do christianismo raiou com vivos resplendores por entre as trevas que baixaram com os barbaros, do norte ao meiodia da Europa; salvou a sociedade do abysmo, aonde parecia precipitarem-na os vicios dos vencidos e a barbaria dos vencedores; prendeu com indissoluveis laços a antiga á moderna civilisação; e obstou, emfim, a que, sob as ruinas do mundo que se desmoronava, se destruissem totalmente os germens do futuro progresso do mundo que nascia.

A idêa religiosa modificou as leis, os costumes, as artes, as empresas militares, a vida publica e privada, todas as instituições, todas as manifestações sociaes. Pelo irresistivel influxo de tão poderoso elemento, a humanidade ergueu-se em grandeza moral a uma altura, aonde em epochas anteriores jámais podéra elevar-se.

A architectura, de mãos dadas com suas duas irmãs, a esculptura e a pintura, moldou o espirito do christianismo em fórmas visiveis e materiaes, e representou-o, aos olhos dos crentes, em primores de arte sublimes, em obras tambem mais expressivas e majestosas que todas as que antecedentemente produzira o genio do homem, inspirado pelo sentimento religioso.

Começarei, senhores, por demonstrar-vos esta ultima proposição. Em poucas palavras esboçarei as idêas de auctorisados estheticos, que escreveram da superioridade dos templos do christianismo relativamente aos das outras principaes religiões, ou, o que significa o mesmo, relativamente aos dos povos mais civilisados que têm existido na terra. Introducção mais de molde não a encontraria eu, por certo, para o assumpto que me proponho tractar na vossa illustre presença.

II

Os templos antigos da India, escavados na rocha viva, são vastos subterraneos. Alonga-se a vista em grande distancia, por entre compridos renques de columnas, e não chega a abranger

um todo circumscripto e completo. Na India antiga a humanidade ainda criança (como disse ha pouco tempo, aqui neste mesmo logar, um dos eloquentes oradores que me precederam [1]), a humanidade parecia subjugada pelo imperio da natureza. Naquella parte da Asia, berço da civilisação humana, as religiões contêm uma idêa pantheistica associada a um sentimento profundo das energias naturaes, das forças ou agentes physicos. Ao vago, ao immenso do pantheismo correspondem as sombras mysteriosas e indefinidas do interior do templo, onde o architecto prolongou demasiadamente a profundidade ou a dimensão do comprimento em relação ás outras duas dimensões, como se quizera buscar nos intimos seios da natureza a divindade com ella identificada e confundida. Descendo ás entranhas da terra, o architecto soube tambem representar a outra idêa fundamental da religião de Brahma, escavando em vez de edificar, esboçando em vez de concluir, deixando como incompleta a sua obra, symbolo de um mundo em germen, de um mundo que na massa homogenea da substancia primitiva anima e organisa o sôpro omnipotente do ser universal.

Os egypcios acreditavam firmemente na immortalidade da alma e tambem que, passados mil ou mais annos, resurgiriam seus corpos, reanimados pelos espiritos que no momento da morte os tinham abandonado. Por isso, não se importavam de habitar cabanas humildes, em quanto vivos, com tanto que tivessem edificios magnificos e perduraveis para jazer depois de mortos. Nestas construcções predominava a dimensão da largura, por ser de todas tres a que lhes poderia dar real e apparentemente maior estabilidade.

As partes dos edificios religiosos do Egypto, paredes, columnas, pilares, tudo é curto e espesso. E para mais augmentar esta grande solidez, as bases alargam-se demasiadamente em talud ou alambor de cima para baixo. A fórma pyramidal domina, por consequencia, toda a architectura egypcia. Ora, a pyramide, como sabeis, é o symbolo da estabilidade.

[1] O sr. Candido de Figueiredo.

Pyramides completas e rigorosamente geometricas, pyramides quadrangulares são os celebrados monumentos de Memphis. O principal, ou de Cheops, é a mais alta de todas as fabricas que mãos de homens ergueram na face da terra. E todavia a dimensão da largura da base excede em muito a da altura. Está na proporção de 8 para 5. Parece que, dando tamanhas dimensões ás bases das pyramides, quizeram assegurar a eternidade d'estes enormes monumentos.

Os templos dos gregos e os dos romanos que os imitaram são os unicos em que as tres dimensões parece estarem em equilibrio. Não ha, porém, egualdade entre estas, porque, se a houvera, teriam aquelles edificios a fórma cubica. As differenças chegam em certos casos a ser de 2 para 1. Entretanto parecem pequenas, e menores ainda quando se comparam com as que se observam nos templos dos indios e dos egypcios. Attribuem-se antes ao sentimento da belleza que ao sentimento religioso.

O templo grego, apezar de toda a sua graça e majestade, traz sempre á lembrança a cabana scythia, a habitação humana. Assim tambem os deuses da Grecia, heroes, homens divinisados, não mudavam de natureza por se elevarem ao Olympo. Conservavam os costumes, affeições e odios que tinham tido na terra, aonde desciam muitas vezes a visitar os seus compatriotas, a roubar-lhes as filhas ou as mulheres, ou a intervir nos negocios do mundo por outros modos pittorescos. Quando a divindade vinha assim ao encontro dos homens, porque haveriam os homens de prolongar uma ou outra das dimensões dos seus templos para ir ao encontro da divindade?

Superiores aos monumentos religiosos dos indios, dos egypcios, dos gregos e romanos, os templos dos christãos, os templos mais perfeitos do estylo ogival elevam-se elegantemente aprumados, erguem-se graciosos, como o cedro ou a palmeira, apontam ao céo com os pinaculos e corucheus, como para transmittir á Divindade as preces e aspirações do homem. Aqui é a dimensão da altura que excede em muito a da largura. Como aconteceu, porém, que, sendo a architectura da edade media uma degeneração da architectura grega e romana, chegaram os templos christãos a

ser tão manifestamente superiores aos do paganismo? A fé, que na phrase da Escriptura move as montanhas, a fé religiosa alevantou a abobada romana; o sôpro do espirito ergueu as torres ás nuvens; o architecto, emfim, desprendeu o mais que pôde as construcções da face da terra, bem como a sua alma, bem como as almas de todos os crentes se desprendiam o mais que era possivel dos involucros corporeos para se exalçar em mysticos arrobamentos ás delicias ineffaveis do paraizo, aos gozos da bemaventurança que Jesus Christo promettera.

Recapitulando o que deixo ponderado relativamente aos templos das principaes religiões, concluirei que:

O prolongamento da profundidade (extensão em comprimento) causa a impressão de terror mysterioso.

O prolongamento das horisontaes (extensão em largura) dá a idêa de repouso, de fatalidade e duração.

O prolongamento das verticaes (extensão em altura) representa o christianismo e a exaltação da alma.

Emfim, o equilibrio das tres dimensões corresponde á idêa antropomorphica da divindade.

III

Senhores: Não temos em Coimbra um dos grandes templos do estylo ogival, onde possamos verificar experimentalmente os effeitos do predominio da dimensão da altura. Todavia na distancia de poucas leguas estão os dois de todo o Portugal em que melhor se observam taes effeitos. São os da Batalha e Alcobaça. Ninguem, por mais sceptico, por mais indifferente em materia de religião, entrará pela nave central de algum d'estes majestosos templos sem se sentir subjugado pela grande altura da abobada, sem que pareça curvar-lhe os joelhos uma força extranha, superior á vontade humana. *Numen inest!*

Das muitas egrejas que na edade media, antes do anno de 1200, se edificaram em Coimbra, segundo um estylo que precedeu o da architectura ogival, apenas subsistem de pé as de S. Sal-

vador, S. Thiago e Sé Velha. A egreja de S. Christovão, ainda alguns de vós, por certo, como eu tambem, a vimos de pé. Foi demolida ha poucos annos para em seu logar e com os seus materiaes se construir um theatro.

Em verdade não sei explicar esta singular predilecção dos amadores da arte dramatica, dos devotos de Euterpe ou de Thalia pelos poucos templos que nos restam da epocha memoravel da fundação da monarchia. Em Coimbra foi a egreja de S. Christovão. Em Leiria a de S. Pedro, juncto do Castello. Em Santarem a de S. João de Alporão. Todas contemporaneas, todas do mesmo estylo. As duas ultimas, felizmente, não foram demolidas. Limitaram-se a armar dentro em suas paredes as complicadas fabricas de madeira, panno e papel pintado.

Um povo verdadeiramente civilisado conservaria com a maior diligencia e cuidado, se não pelo sentimento religioso, ao menos pelo das glorias nacionaes e artisticas, estes venerandos templos que os fundadores da monarchia edificaram ao mesmo tempo que sellavam com o sangue de suas veias a independencia de Portugal.

Permitti-me, senhores, que, para definir mais clara e rigorosamente a architectura religiosa de Coimbra durante a edade media, ao exame archeologico das tres egrejas que ainda hoje subsistem ajuncte o da egreja de S. Christovão, considerando-a ainda existente. Aquelles que não a viram já ou se não lembram d'ella poderão saber como era pelo desenho, planta e descripção que publiquei nas minhas *Reliquias da architectura romano-byzantina em Portugal e particularmente na cidade de Coimbra.*

Estas quatro egrejas têm characteres communs a todas, outros communs a algumas, outros, emfim, particulares a cada uma d'ellas. Deduzem-se dos seguintes elementos architectonicos: da orientação; da fórma exterior; das paredes, apparelho, gigantes, ameias, cornijas e torres; dos tectos; da planta ou divisão interior; dos arcos das portas, janellas, frestas ou quaesquer outros; das columnas e mais em particular dos seus capiteis, molduras, baixos relevos e outros ornatos. Uns pertencem á planta, fórma e estructura geral das egrejas. Outros á sua ornamentação.

Estudando taes characteres, indagando como se originaram e

as phases por que têm passado os elementos architectonicos de que fazem parte, se colligirão os subsidios indispensaveis para determinar a edade das velhas egrejas conimbricenses. Em certos casos as indicações architectonicas serão vantajosamente confirmadas pelas particularidades historicas ou pelo exame dos documentos respectivos a cada egreja. Emfim, as memorias dos templos, dos quaes poucos ou nenhuns vestigios nos restam hoje, servirão para completar a idêa que se ha de fazer da importancia e character da architectura em Coimbra durante a edade media. Eis aqui o estudo que vou emprehender em breves palavras, pelo pouco tempo de que posso dispôr, para não abusar da paciencia e attenção com que me tendes escutado.

IV

Todas as quatro egrejas foram construidas na encosta occidental da collina onde jaz a cidade de Coimbra. Todas orientadas de nascente a poente, segundo a lei seguida na edade media. Todas ficaram, emfim, com o portal mais alto que o terreno adjacente em consequencia da inclinação do monte. Na egreja de S. Christovão aproveitaram esta circumstancia para construir uma crypta ou capella subterranea que se descobriu á entrada do templo quando o demoliram. É possivel e até provavel que nas outras tres egrejas existam ou tenham existido cryptas similhantes ou á porta ou debaixo da capella-mór, onde mais commumente as construiam.

A todas estas egrejas deram a fórma rectangular. Porém o lado oriental do rectangulo não é como os outros tres lados uma recta, mas uma linha composta de tres curvas correspondentes á capella-mór e ás duas capellas lateraes. Na Sé Velha o cruzeiro sobresahe até na parte exterior formando muito salientemente os braços da cruz.

As paredes da egreja de S. Salvador são de alvenaria, *opus incertum*. As de S. Thiago, S. Christovão e Sé Velha revestidas de cantaria, pedras faciadas ou silhares com as dimensões do ap-

parelho medio. Na fachada principal de S. Salvador vê-se por cima da porta uma cornija estribada em modilhões ou carrancas. Na fachada septemtrional de S. Thiago ha por cima da porta transversa uma cornija similhante, e outra sustentada em modilhões lisos na parede opposta. No frontispicio da egreja de S. Thiago está por-cima do portal um oculo circular, em parte mutilado pela varanda que alli construiram no seculo XVI. Nas egrejas de S. Christovão e da Sé Velha grandes janellas, em tudo similhantes ás portas principaes, foram por cima d'estas construidas.

As paredes lateraes de S. Salvador e S. Thiago são lisas. As de S. Christovão tinham grandes gigantes que as reforçavam. Eram, como os que se vêem ainda na Sé Velha, saliencias quadrangulares das paredes que lhes servem de ornamento e, em vez de as desfeiar, as embellezam, ao contrario do que se observa na maior parte dos templos coetaneos e em todos os mais antigos.

Em S. Salvador a torre está separada da egreja, e foi talvez construida posteriormente, pois conserva uma porta ogival. A de S. Thiago parece tambem posterior á egreja, e seria talvez construida no seculo XVI, quando por cima d'ella se prolongou a casa da Misericordia. A da Sé Velha era tambem separada da egreja, do lado do claustro, onde hoje está a Imprensa da Universidade. A torre que se vê na fachada principal é accrescentamento deploravelmente feito ha uns trinta annos. Havia tambem na Sé Velha por cima do cruzeiro um grande torreão com quatro andares e em cada andar janellas voltadas aos quatro ventos. Esta parte do edificio, que parece teria a fórma pyramidal, foi demolida no seculo passado, e substituida pelo zimborio azulejado que actualmente existe no mesmo logar.

Por causa das reconstrucções, feitas em varias epochas, não se vê hoje como se rematavam em cima as paredes das egrejas de S. Salvador e S. Thiago. De certo tiveram sempre, como agora, tectos de madeira, o que se prova pela falta de gigantes. A egreja de S. Christovão era guarnecida de amêas e tinha abobada exactamente como a Sé Velha. Para resistirem á pressão das abobadas se lhes accrescentaram os gigantes.

Em todas estas quatro egrejas o espaço interior foi dividido em tres naves por duas series de columnas, em que directamente se estribam arcos de volta redonda. Ás naves segue-se o cruzeiro, mais largo do que ellas. Ao cruzeiro a capella-mór e as capellas lateraes; a primeira em frente da nave central: cada uma das segundas adiante da nave lateral correspondente. Todas primitivamente semi-circulares.

Na egreja da Sé Velha ha uma galeria com arcadas estribadas em columnelos abertas nas paredes da nave central e do cruzeiro. É o *triforium*.

Pelos characteres mencionados, respectivos á fórma e estructura geral, se vê a grande similhança das quatro egrejas conimbricenses com a basilica romana, donde derivaram os templos christãos da edade media.

Com effeito datam do seculo IV os primeiros templos do christianismo. Antecedentemente os fieis reuniam-se a occultas nos ermos das ruinas ou nas solidões das catacumbas, para celebrar os mysterios religiosos, e quando adversarios e inimigos lhes lançavam em rosto o não edificarem templos ao Deus que adoravam, respondiam que, perante Aquelle que não cabe em todo o universo, mais valiam os altares de seus corações que as maiores casas que podessem contruir-lhe na terra.

No seculo IV, pois, aos bispos de Roma, favorecidos já com a protecção imperial se permittiu escolherem dentre os edificios publicos os que mais proprios lhes parecessem para o culto. Mereceram a preferencia as basilicas. Eram os mais espaçosos de todos.

As antigas basilicas romanas serviam de tribunaes e tambem de mercados ou bazares. Contrastava a sua singeleza com a magnificencia de outros edificios. Exteriormente careciam de marmores, columnas, pilastras, archivoltas, balaustradas, estatuas, emfim de todos os ornatos de que os romanos carregavam com mão prodiga os monumentos da architectura. Havia tres naves nos vastos recintos d'estas casas, porque de cima a baixo os dividiam duas arcadas. Algumas basilicas, taes como a Ulpia, tinham cinco naves. A este espaço, onde se agglomerava o povo, seguia-

se outro indiviso e rectangular destinado para advogados, escrivães e officiaes de justiça. Chamava-se *transeptum*. Mais adiante e em frente da nave central havia outro espaço semi-circular, coberto com uma abobada á maneira de concha e denominado *hemicyclum*. Chamava-se tambem *apsis, absis* ou *abside,* e no meio d'elle estava a cadeira do juiz. Por cima das naves lateraes ficavam umas galerias que se abriam de um e outro lado na central, mais larga e mais alta que as outras duas. Estribavam-se as arcadas d'estas galerias sobre as inferiores e no mesmo plano vertical. Os tectos eram de madeira.

Realmente, senhores, singular coisa parece que nas basilicas se possa descobrir já interiormente, posto que vaga e indeterminada, a fórma da cruz. A nave central e o abside representavam a haste; o transepto os braços. Edificando os templos christãos, empenharam-se quasi sempre os architectos em fazer maior esta similhança, prolongando a uma e outra parte o espaço correspondente ao transepto, como se vê na Sé Velha até pela parte de fóra. Todavia não é sómente nesta disposição geral que as egrejas antigas do occidente, e ainda muitas das modernas, se parecem com as basilicas romanas. A capella-mór é o abside, onde o bispo occupou a cadeira de juiz, pois nos templos primitivos o logar do prelado era no meio, onde mais tarde se poz o altar-mór que modernamente foi recuado á parte posterior. O cruzeiro, logar destinado outr'ora para clerigos e cantores, é o *transeptum*. A parte restante da basilica, onde era o logar do povo, continuou a servir do mesmo modo para este fim, conservando a mesma fórma rectangular e a mesma divisão em naves por duas arcadas na maior parte das egrejas da edade media. Nos templos maiores, em muitas cathedraes, sobrepozeram-se tambem ás da nave central outras columnas menores para sustentar, como na basilica, os tectos das galerias construidas em cima das naves lateraes. Tal foi a origem do *triforium,* assim denominado por constar algumas vezes de arcos reunidos tres a tres.

Na Sé Velha esta especie de galeria conserva ainda a fórma primitiva, bem como na maior parte das nossas cathedraes edificadas antes do seculo XV, apezar das reconstrucções com que em

varias epochas lhes alteraram a primeira fabrica. No *triforium* ou em parte d'elle entoavam preces e canticos as virgens e viuvas, consagradas ao Senhor, no tempo em que não se receiava ainda que as vozes das mulheres dentro das egrejas podessem dar com o christianismo em terra.

Suspendiam tambem outr'ora do antepeito do *triforium* sedas e damascos com que exornavam o interior da egreja nas solemnidades religiosas. E mais arrazoado era por certo este costume do que o de cobrir, como hoje fazem, o retabulo do altar-mór, estragando irremediavelmente muitas vezes obra de talha delicadissima e de maior preço que as sedas ou panninhos com que a encobrem. Na sé de Evora conservam-se grandes pannos de damasco qne antigamente penduravam do *triforium.*

V

Os characteres architectonicos de que tenho tractado não bastam por si sós para determinar a edade dos nossos quatro templos conimbricenses. Se os aperfeiçoamentos do apparelho houvessem seguido sempre uma ordem chronologica, diria que as egrejas de S. Thiago, S. Christovão e Sé Velha, por terem paredes revestidas de pedras faciadas ou silhares com as dimensões do apparelho medio, seriam mais novas que a de S. Salvador, cujas paredes são de alvenaria. E, se, depois de se construirem egrejas com gigantes e abobadas de pedra, nunca mais se edificassem outras sem elles, accrescentaria que as egrejas de S. Christovão e da Sé Velha, por terem estes elementos architectonicos, seriam ambas menos antigas que a de S. Salvador e a de S. Thiago, que têm tectos de madeira, e cujas paredes carecem de gigantes. Começando pela obra de architectura mais imperfeita e acabando na mais perfeita de todas, teremos a seguinte serie: 1.º S. Salvador, 2.º S. Thiago, 3.º S. Christovão, 4.º Sé Velha. Será, porém, esta a verdadeira ordem chronologica das edificações? Ha sómente probabilidade e não certeza de que o seja, porque á maior imperfeição nem sempre corresponde a maior

antiguidade de um edificio. E, se admittirmos por hypothese a indicada chronologia, restará ainda determinar o seculo em que principia e aquelle em que termina a serie. Importa-nos, por tanto, examinar os characteres de outros elementos architectonicos mais interessantes á solução do problema.

Em todas as quatro egrejas, nas portas, janellas, frestas e paredes que dividem as naves, predomina, com exclusão de qualquer outro, o arco de volta redonda. Este arco era na architectura romana um elemento essencial como a columna o fôra na architectura grega. Dos edificios romanos passou aos da edade media. Nos templos, aonde não chegaram influencias do estylo arabe, não se empregou nenhum outro arco até ao seculo XII, nos fins do qual já estava geralmente substituido pela ogiva. Eis aqui uma regra menos fallivel que a deduzida da perfeição do apparelho, que me auctorisa a concluir que as quatro egrejas são anteriores ao anno de 1200. Todavia desde o seculo VI ou VII até este anno decorreu um longo espaço de tempo. D'estes seis ou sete seculos em qual ou em quaes foram construidos os velhos templos conimbricenses? Prosigamos no exame dos characteres architectonicos.

Os portaes têm archivoltas feitas de arcos concentricos, e alguns ornados com folhagens. Os arcos estribam-se immediatamente em capiteis, cobertos de folhas ou animaes, e estes em fustes lisos ou esculpidos. As janellas têm tambem columnas com capiteis. Estes characteres e a perfeição da esculptura provam que os elementos architectonicos a que pertencem não são anteriores ao anno de 1000. Foi mui notavel a influencia d'este anno na architectura christã, por se demonstrar a falsidade da crença, que se espalhara pela christandade, de que nelle acabaria o mundo. Recuperados os povos d'esse vão receio, enriquecidas as ordens religiosas e as egrejas com os testamentos e doações que produziu, emfim sob o estímulo de outras influencias sociaes, tamanho impulso receberam as artes, que se considera o seculo XI como uma epocha de renascimento, e, por tanto, a architectura d'esse tempo tão perfeita, relativamente á dos seculos anteriores, que se não confunde com ella.

Esta proposição é importante, porque, sendo admissivel como regra geral, ficar-nos-ha reduzido a duzentos annos o espaço de tempo que ainda ha pouco era de muitos seculos. Tentarei, por tanto, demonstral-a com as provas mais convincentes que se me deparam na historia da architectura.

O estylo dos edificios christãos foi em principio o dos edificios romanos. Os artistas sabiam e conservavam tradicionalmente os segredos da arte. Os capiteis, fustes, bases e outros materiaes, que aproveitavam dos monumentos demolidos ou arruinados, os obrigavam a trabalhar do mesmo modo, imitando aquelles exemplares. Mas as imitações cada vez se tornaram mais imperfeitas. Logo depois do seculo VI ou VII a arte no occidente chegou a padecer total decadencia. A architectura corrompida, barbarisada não produzia senão construcções disformes. A ornamentação das egrejas, pobrissima, chegou quasi a desapparecer, e os lavores da esculptura, além de raros, eram toscos e grosseiros. Das egrejas mais antigas de Coimbra ninguem dirá que estejam em similhante caso.

Seriam, porém, edificadas antes d'aquella geral decadencia, ainda no tempo dos wisigodos? A tal hypothese objectarei o seguinte: Os romanos empregaram commumente em suas construcções o arco e a columna. Porém não o souberam fazer com toda a vantagem que de taes elementos poderiam tirar. Não formavam com elles todos independentes, mas apenas partes dependentes e integrantes de todos mais complexos. Quasi sempre encostavam as columnas ás paredes á maneira de pilastras ou gigantes. Entre o capitel e o arco punham o entablamento, a faxa ou a platibanda. Já se não encontram nas quatro egrejas, de que tenho tractado, estes characteres essenciaes de um estylo invariavelmente seguido na edificação dos templos christãos da edade media no occidente, até que a influencia de um novo estylo libertou a columna da sujeição a outros elementos, e desembaraçou o arco do quadrado em que os romanos o confrangiam. Esse estylo foi o denominado byzantino, que se constituiu em Constantinopla durante os primeiros seculos do imperio do oriente, d'onde passou á Italia septemtrional, e d'ahi mais tarde ao resto da Europa. Os architectos

gregos aproveitaram no oriente a combinação do arco e da columna; porém, mais ingenhosos, mais artistas que os romanos, soltaram-nos dos macissos a que adheriam, supprimiram todos os elementos que os romanos, por cumprir as regras da ordenação, interpunham ao capitel e ao arco, e inventaram assim as elegantes arcadas que vieram a ser uma das partes mais graciosas e mais characteristicas dos templos christãos.

D'esta nova combinação dos arcos e columnas resultava sómente uma coisa discordante á vista. Numa arcada a parte em que se unem as extremidades de dois arcos é uma superficie quadrangular. Ora esta superficie, assentando sobre o capitel cylindrico, fazia um todo desharmonico. Para evitar esta discordancia os architectos byzantinos modificaram o capitel, deram-lhe a fórma cubica, ou antes a de uma pyramide quadrangular truncada com a base para cima. Estes capiteis, chamados cubicos, privativos do estylo byzantino, nem sempre se encontram nas edificações em que se patentêam claramente outros characteres d'aquelle estylo. Assim acontece nas quatro egrejas mais antigas de Coimbra.

Em França, Allemanha e Inglaterra começam a apparecer os characteres do estylo byzantino nos fins do seculo X e no seculo XI, quando os seus habitantes principiaram tambem pelas viagens, pelo commercio ou por outras vias a ter relações com o oriente e com a Italia do norte. Edificaram-se egrejas inteiramente ao modo oriental, não com a fórma da cruz latina, mas com a da cruz grega, e com uma ou muitas cupolas de grandes dimensões, em natural correspondencia com esta fórma. Porém, na maior parte das egrejas, e entre ellas nas de Coimbra, observa-se apenas a ornamentação com characteres byzantinos, conservando-se inalterada a fórma da cruz latina e todos os elementos architectonicos respectivos á estructura geral e planta dos edificios, derivados da basilica romana. Só a antiga cupola da Sé Velha, hoje destruida, faz lembrar as de algumas egrejas byzantinas edificadas em França[1].

[1] Na Hespanha ha tambem algumas egrejas construidas no seculo XII com torres quadrangulares terminadas em pyramides e com dois ou tres andares, como foi a torre da Sé Velha.

O estylo byzantino, modificando assim em grande parte da Europa o estylo latino ou romão, ou romanico, bem como dizem os hespanhoes, originou um novo estylo, que racionalmente alguns archeologos denominaram *romano-byzantino,* depois de ser já conhecido pelos nomes vulgares de *lombardo, normando, saxonio,* etc., conforme o povo que o introduziu ou donde foi transportado para aquelle que lhe deu o nome [1].

As egrejas mais antigas de Coimbra são d'este estylo romano-byzantino, como se prova pela inserção directa dos arcos sobre os capiteis, pelos fustes esculpidos, pelos desenhos das molduras, e emfim pelas janellas geminadas. Por tanto não se hão de reputar anteriores ao tempo em que elle se diffundiu pela Europa, que, excepto na Italia, foi, como disse, nos fins do seculo X e no seculo XI. Os reinados de Fernando Magno, e mais particularmente de Affonso VI, em toda a Peninsula, e o governo do conde D. Henrique e reinado de D. Affonso Henriques, em Portugal, offereceram as condições mais vantajosas para chegar até ao occidente da Europa aquelle estylo, pela vinda de muitos extrangeiros, chegando a constituir-se até colonias de francos na provincia do Minho. Entre esses extrangeiros vieram artistas.

No portal da egreja de S. Thiago apparecem muito evidentes os characteres byzantinos. Na porta lateral até os capiteis são quasi cubicos, fórma characteristica e privativa d'aquelle estylo; com quanto os capiteis rigorosamente byzantinos se não encontrem, como disse, na maior parte das egrejas do occidente, em que abundam outros characteres do mesmo estylo. Comparando a archivolta d'esta ultima porta e a cornija que tem por cima com a archivolta e cornija respectivas da porta principal de S. Salvador, achar-se-hão extremamente similhantes. As columnas parecem ter sido renovadas em epocha posterior á edificação primitiva. Todavia entre ellas vê-se ainda um fuste de pedra

[1] Os auctores hespanhoes designam geralmente pelo nome de *romanico* o estylo que, á imitação dos francezes, nós chamamos *romano-byzantino. Romão* é o adjectivo portuguez que melhor corresponde ao hespanhol *romanico,* melhor talvez do que *romanisco,* que não sabemos ter sido empregado nesta accepção.

mais branca e mais dura, ornada á maneira dos fustes das portas de S. Thiago. Esta circumstancia faz crivel terem sido edificados os dois templos, ou pelo menos as suas portas, em epochas proximas.

VI

Creio ter demonstrado com evidencia, soccorrendo-me sómente dos characteres architectonicos, que as quatro egrejas mais antigas de Coimbra foram edificadas num periodo de duzentos annos, decorrido entre 1000 e 1200. E mui de proposito me abstive de lançar mão de outros argumentos, para mostrar a grande importancia da parte da archeologia, respectiva á architectura, nas questões d'esta especie, e, por tanto, o interesse que poderá ter em suas applicações á historia politica, e mais em particular á historia social.

Pelos characteres architectonicos diria que as egrejas de S. Salvador e S. Thiago teriam sido edificadas no seculo XI, se não tivesse visto portaes e capiteis similhantes aos d'estas egrejas nas de S. Pedro em Leiria e de S. João de Alporão de Santarem. Ora, como estas ultimas foram indubitavelmente edificadas no seculo XII, é claro que tambem as outras o poderiam ser. A mim não me basta o exame archeologico para determinar dos dois seculos aquelle a que se hão de attribuir as duas egrejas conimbricenses. Algum archeologo mais conhecedor do que eu da architectura peninsular achará talvez characteres differenciaes que por mim não posso descobrir. Relativamente ás egrejas de S. Christovão e Sé Velha menos difficil me parece designar-lhes as edades. Occupar-me-hei agora d'este problema, esperando da sua solução algum subsidio para indirectamente resolver o outro, insoluvel, como disse, á luz da archeologia.

Nas egrejas de S. Christovão e da Sé Velha apparecem já characteres architectonicos importantes para se reputarem edificações do seculo XII e não do seculo XI. A esculptura dos capiteis, a solidez da abobada, a perfeição do apparelho e a elegante disposição dos gigantes, a reunião das columnas em feixes e a exis-

tencia de gargulas bem esculpidas, correspondem á epocha mais perfeita do estylo romano-byzantino, ao seu ultimo periodo, que alguns archeologos consideram ter decorrido de 1100 a 1200. Os lavores dos capiteis são tão perfeitos, que difficilmente se encontrarão outros que os excedam, ainda nos templos do estylo ogival, construidos dois ou tres seculos depois.

Com relação aos dois templos ha documentos que confirmam as indicações da archeologia. Um é a carta, pela qual o bispo D. Gonçalo deu licença a João Peculiar e outros religiosos para fundarem a egreja de S. Christovão. Este bispo governou a diocese conimbricense desde 1109 a 1128. Outro é uma memoria lançada no Livro Preto da sé, onde se descreveram as obras feitas pelo bispo D. Miguel e se nomêam os mestres Roberto e Bernardo que as dirigiram, e de modo tal que se conhece ter sido uma edificação dos alicerces. Este bispo D. Miguel cingiu a mitra pelos annos de 1162 a 1176. Fica assim demonstrado pelos characteres architectonicos o seculo, e por este documento o quartel de seculo em que foi edificada a Sé Velha.

Mas a inscripção arabiga? Perguntar-me-ha ainda algum dos que abrem os ouvidos ás tradições vulgares e fecham os olhos á evidencia dos argumentos. Depois de conhecidos os factos constantes da minha demonstração, o letreiro arabigo, signifique o que significar, não póde de modo nenhum servir de prova em contrario ao que attestam a architectura e a historia. Entretanto não se diga que receio entrar na impugnação de um argumento que modernamente adduzem os que pretendem remontar a edificação da velha cathedral á epocha dos arabes, folgando de ver num templo com fórma crucial uma mesquita de moiros.

A inscripção ha poucos annos sómente é conhecida. Está numa pedra da parede septemtrional do templo e num logar da parede totalmente liso, para o qual nada chama a attenção do observador. Alguem a traduziu assim:

«*Honra e gloria em especial foi dada a este logar pela nossa assistencia nelle. Exaltado seja aquelle que o tornou em logar de asylo para os que vieram guardal-o e defendel-o.*»

Por acaso me veiu á mão uma nota do traductor que se ja-

ctava de demonstrar pela interpretação que fizera dos characteres *greco-barbaro-syriacos,* gravados nas paredes, e dos characteres *arabico-cufico-mixtos* da inscripção:

1.º Que a Sé Velha de Coimbra fôra edificada no seculo V;

2.º Que no seculo VIII a transformara em alcaçar ou castello militar Ali-Habuacem, a quem a inscripção se refere e tambem um documento de Lorvão transcripto por Fr. Bernardo de Brito.

Em tudo isto havia razões mais que sufficientes para duvidar da traducção, ou para suppôr que mereceria tanto credito como o documento com que o traductor pretendera auctorisal-a e que todos os criticos reputam apocrypho.

O sr. D. Paschoal de Gayangos, a quem remetti a inscripção, tirada em papel á maneira das provas typographicas, reputa-a mutilada no principio e no fim e entende que as palavras restantes significarão:

«.... *Edificou-o com solidez Amed Ben Ismael por mandado de....*»

Observou mais o sr. Gayangos que a linha de characteres arabigos, que decompoz em palavras, não podia de modo nenhum dar uma versão tão extensa, como a que apresentara quem primeiro fingira traduzil-a.

VII

Infelizmente dos documentos relativos ás egrejas de S. Salvador e S. Thiago nada se infere com respeito á epocha em que seriam edificadas. Sendo, porém, como com varias provas o tenho mostrado, muito mais imperfeitas na architectura que as de S. Christovão e da Sé Velha, mais provavel parecerá terem sido antes edificadas no seculo XI que no seculo XII. E quem assim o julgar irá conforme com a tradição, que remonta a construcção da egreja de S. Thiago ao tempo de Fernando Magno; e com um documento que attesta a existencia da egreja de S. Salvador já pelos annos de 1064 durando ainda a dominação sarracena. Mas a tradição por si só não faz prova em juizo; e o documento apenas demonstra que havia em Coimbra por aquelle tempo a egreja de S. Salvador, sem nos dizer se o edificio que subsiste hoje será o que já então existia ou obra posterior ao tempo da conquista.

Que as egrejas de S. Salvador e de S. Thiago não foram construidas no seculo x ou em qualquer das epochas anteriores em que a cidade pertenceu aos christãos, prova-se não sómente com as razões já ponderadas, deduzidas do estylo architectonico, mas tambem por um documento, que mostra qual fosse a inferioridade das artes em Coimbra nos fins do seculo x. Este documento, publicado no *Portugal Renascido* por Fr. Manuel da Rocha, é uma memoria escripta em latim barbaro no livro dos testamentos de Lorvão. Nella se refere que em tempo do Abbade Primo (978 a 985) viera de Cordova para aquelle mosteiro mestre Zacharias, o qual o concelho de Coimbra mandou pedir ao abbade que lh'o désse para lhe fazer pontes em seus ribeiros. Respondeu o abbade que sim. Porém que, por memoria, acompanharia o mestre. Vieram ambos pois, e, chegando a Ilhastro (juncto ao logar que chamam hoje Fornos) ahi assentou o abbade a sua tenda, e mandou aos homens da terra que trouxessem carros, pedra e cal, com o que fizeram uma ponte. Vieram a Cozelhas e construiram outra. Vieram á ilharga do Bussaco e construiram outra. E ultimamente, chegando á ribeira de Forma, construiram outra ponte e juncto d'ella uns moinhos.

Prova-se, por tanto, com evidencia que no ultimo quartel do seculo x não havia em Coimbra pedreiros capazes de fazer, ao menos com segurança, as pontes dos minguados ribeiros circumvisinhos, que um mosteiro rico situado a tres leguas da cidade, mandava vir de Cordova um mestre de obras para supprir a falta de artifices nesta parte remota dos dominios de el-rei de Leão; que o concelho de Coimbra deputava uma embaixada ao abbade do mosteiro, como se lá estivera o melhor dos architectos; e finalmente que o poderoso donatario, por fazer favor á cidade, ou antes por zelar os interesses do convento, acompanhava o mestre cordovez pelo territorio conimbricense, estacionando com elle pelas margens dos ribeiros e presidindo á construcção das pontes e moinhos, como se foram obras admiraveis de grande e primorosa fabrica.

Este documento é importantissimo por contrariar mui claramente, e sem que lhes seja necessario estudarem a archeologia,

as pretenções de algumas pessoas que não acabam de convencer-se de que não podem ser anteriores ao anno de 1000 as mais antigas egrejas conimbricenses. Parece que receiam rebaixar-lhes o preço diminuindo-lhes a edade. Como redondamente se enganam! No animo de qualquer junta de parochia ou de outra corporação superior mais quatro seculos menos quatro seculos nenhum peso têm, para que deixem de decretar a demolição ou ao menos a caiadela ou qualquer outra conspurcação de algum d'esses venerandos monumentos.

Desejando, pois, saber se o documento se poderia reputar authentico, perguntei uma vez em Evora ao sr. Alexandre Herculano que opinião tinha a este respeito. Respondeu-me que duvidara em principio, suspeitando que seria apocrypho, porém que a final se convencera de que não havia fundamento para tal suspeita.

Nem é para extranhar a miseria a que, nos primeiros seculos da edade media, tinham chegado as artes onde em tempo dos romanos tanto haviam florescido. Á invasão dos vandalos, suevos e alanos no seculo v seguiram-se porfiadas lutas entre estes barbaros e os wisigodos, que sómente no anno de 586 se viram alfim senhores de toda a Hespanha. Pouco mais de um seculo depois os moiros assenhorearam-se da Peninsula. Seculo e meio mais tarde Affonso III tomava aos mouros a cidade de Coimbra, ou a povoação que em seu logar existia com outro nome[1]. Reconquistada por Al-manssor no seculo seguinte, tornou ao poder dos christãos e ficou definitivamente sujeita ao seu dominio em 1064. A algumas d'estas conquistas seguiram-se a destruição e despovoação da cidade. Vivendo em tamanha incerteza aquelles que habitassem dentro de seus muros não poderiam cultivar as artes. Tractariam apenas de obter o que lhes fosse strictamente indispensavel para subsistirem, e de que lhes não viessem a faltar meios de defesa, ameaçados como estavam sempre os christãos pelos moiros e estes por aquelles. Dos templos arabes não resta um só

[1] A cidade de Eminio? Vej. no tom. XVII do *Instituto* a pag. 80 e 270 as opiniões que a este respeito expenderam na secção de archeologia do Instituto o sr. Miguel Osorio e o auctor.

vestigio, não sómente em Coimbra mas em todo o Portugal. Se os christãos destruiam as mesquitas, os moiros não poupariam muito as egrejas, ao menos na occasião de maior effervescencia.

A imperfeição da architectura, o serem os templos feitos de pedra e barro explicam a facilidade com que seriam destruidos não só pela acção promptamente devastadora da moirisma, porém até pelo natural influxo do proprio tempo. Foi de pedra e barro a famosa sé de S. Thiago de Compostella até ao seculo x, em que a reedificou Affonso Magno com marmores que levou do Porto, onde tinham pertencido a edificios romanos. Dois seculos depois ainda D. Affonso v mandou construir em Leão um templo de tijolo e barro, que sagrou a S. João Baptista.

VIII

Nos fins do seculo xi, alem das egrejas de S. Salvador e S. Thiago, que, pelas razões mencionadas, parece existirem já por esse tempo, havia em Coimbra outras, de cuja architectura ninguem póde fazer idêa, por terem sido totalmente destruidas e substituidas por novas edificações. Havia a egreja de S. Bartholomeu, citada já em documentos do seculo x. A que foi demolida no seculo passado pareceu, por alicerces que se descobriram, ser edificio posterior ao primitivo. Havia mais a egreja de S. Pedro, existente em 1064, ao tempo da conquista; a de S. João de Almedina, a mesma talvez que a de Mirleus que D. Sesnando edificara; e finalmente a sé ou egreja de Sancta Maria, que não era com certeza o edificio que chamamos hoje Sé Velha, embora seja possivel ter existido no mesmo logar.

Na segunda metade do seculo xi varias circumstancias contribuiram para desenvolver a arte de edificar, tornando-a muito mais perfeita do que era em tempos anteriores. A victoria de Fernando Magno em 1064 assignalou o principio de uma epocha memoravel na historia de Coimbra. Fazendo esta cidade capital de um extenso e importante condado, que tinha por limites naturaes o Douro ao norte e ao sul o Mondego, o rei

de Castella e Leão confiou-a ao governo de Sesnando, por quem fôra aconselhado a invadir esta parte da peninsula iberica. Os poucos documentos que ficaram d'esse tempo attestam conformes o muito que D. Sesnando se empenhava em edificar e povoar. O ex-wasir do diwan de Ibn-Abbad, educado na côrte de Sevilha, pouco distante de Cordova, trouxera do centro da civilisação arabe o gosto das artes, que naquella provincia da Hespanha floresciam, animadas pelo impulso que tinham recebido do illustrado governo de Al-manssor.

Começando a desenvolver-se no seculo XI, a architectura conimbricense teve mais rapido incremento e chegou a mais alto gráu de perfeição no seculo XII. Datam d'esta epocha os templos mais bem acabados e de estylo mais bem definido. Por infelicidade para a historia da architectura nacional quasi todos se perderam. As inundações do Mondego arruinaram o mosteiro de Sanct'Anna e a egreja velha de Sancta Justa. Os thesouros de el-rei D. Manuel e a vaidade dos cruzios fizeram desapparecer todos os vestigios da antiga egreja e mosteiro de Sancta Cruz [1]. A egreja de S. Christovão, que se conservara por mais tempo, cahiu, a final, aos golpes do camartello destruidor para se transformar num theatro. Resta-nos a Sé Velha, a antiga cathedral conimbricense, que racionalmente haveremos de suppôr obra de arte mais perfeita que as outras que se perderam.

IX

Senhores: resta-me fallar-vos, na ultima parte da minha conferencia, da architectura religiosa em Coimbra nos seculos XIII, XIV e XV até ao reinado de D. João III, que foi, com relação ás artes, a epocha em que se operou completamente em Portugal a grande revolução que substituiu aos estylos usados na edade media os dos monumentos dos gregos e romanos ou da antiguidade classica. Se para tanto me não faltara o tempo, mostrar-vos-hia

[1] Excepto um arco e dois capiteis, que estão encobertos com o orgão na parede lateral da nave da egreja, da parte do Evangelho.

a importancia e vastidão do assumpto. Diria como a architectura ogival se desenvolveu na Europa e os principaes monumentos que produziu. Tractaria da sua introducção em Portugal e das phases por que passou em cada seculo. Estudal-a-hia em Alcobaça, Batalha, Thomar e Belem. Examinaria os characteres particulares que tomou durante o reinado de D. Manuel a ponto de constituir um estylo que se differença por characteres proprios d'aquelle que nos offerece a architectura ogival do mesmo tempo no resto da Europa. Estudaria, emfim, os poucos monumentos ogivaes que ainda restam em Coimbra. Sou, porém, forçado a concluir, limitando-me a indicar estes ultimos em breves palavras.

Da architectura ogival do seculo XIII teriamos hoje dois exemplares interessantes nas primitivas egrejas e conventos de S. Francisco e S. Domingos, se as cheias do Mondego não os destruiram totalmente. Foi tambem edificado neste seculo o mosteiro de Cellas. Reconstruido, porém, em varias epochas, não conserva hoje da primeira fabrica senão dois lanços do claustro. São mui curiosos os capiteis ornados com figuras que representam passos da vida do Salvador e de alguns sanctos. Encontram-se nelles mais proeminentes que nos de edificios anteriores os characteres byzantinos.

Do seculo XIV temos ainda restos de um templo majestoso, dos maiores que se edificaram em Coimbra. São as ruinas de Sancta Clara a Velha. Esta egreja não estava ainda concluida no anno de 1327, como se prova pelo segundo testamento da rainha D. Isabel.

Interrompem-se por este tempo as construcções religiosas em Coimbra. Os monarchas portuguezes começam a preferir a rainha do Tejo á princeza do Mondego. Depois, desde o tempo de D. João I, as empresas maritimas ainda mais prendem em Lisboa os reis e a côrte. Assim, passa-se todo o seculo XV sem uma só edificação importante em Coimbra. E no reinado de D. Manuel, que distribue com mão prodiga templos e outros edificios por todo o reino, apenas se edificaram a egreja e claustro de Sancta Cruz e a capella dos paços reaes, hoje da Universidade.

Finda naturalmente aqui a exposição do meu assumpto. É pos-

sivel que duvideis de alguma das opiniões que tenho expendido em materia, em que tantas vezes faltam provas directas e decisivas. Num ponto, porém, me parece concordareis inteiramente commigo, e vem a ser em que, muito ao contrario do que hoje vemos, a architectura foi outr'ora uma arte conhecida, cultivada e apreciada em Coimbra.

Cousa notavel! Ao constituir-se a sociedade portugueza, numa epocha de contingencias, de perigos e lutas, a architectura desenvolve-se logo com rapidez, e produz monumentos perfeitos relativamente ao estado das artes, por esse tempo, nas outras nações da Europa. As crenças, o esforço, o genio guerreiro dos fundadores da monarchia, a solidez da sua obra foram fielmente interpretadas pelos architectos. O aspecto das sés de Lisboa e Coimbra, da egreja dos templarios em Thomar e de outros edificios parece ao mesmo tempo religioso e militar, como o dos valorosos soldados de Affonso Henriques, a quem serviam e ao povo de templos e castellos; de templos para orar nos dias de paz, de castellos para orar e defender-se quando os inimigos da cruz a ameaçavam ou áquelles que a traziam por divisa.

Eis o que ha oito seculos symbolisava a architectura conimbricense. Tão bem, como eu, o sabeis vós. Agora o que eu e ninguem sabe é o que significa a architectura, não digo bem, a alvenaria contemporanea. Pertencerão, por ventura a algum estylo conhecido, representarão por acaso alguma idêa d'aquellas que as artes podem e devem traduzir... Não proseguirei. Tinha tencionado encerrar a minha conferencia com algumas palavras relativas a este assumpto das construcções modernas e tambem ao da conspurcação dos monumentos antigos em Coimbra. Parecem-me, porém, agora tão pequenos, tão mesquinhos em comparação d'aquelle que tenho tractado, que os julgo indignos d'este logar, da vossa attenção, e até das minhas proprias palavras.

Nota acerca das egrejas de S. Salvador e de S. Thiago

Ha alguns documentos respectivos ás egrejas de S. Salvador e de S. Thiago, que mui de proposito deixei de parte na minha conferencia, porque exigiriam longas reflexões para não complicarem ainda mais o assumpto. Soccorrendo-me unicamente dos characteres architectonicos, mostrei não haver impossibilidade em attribuir ou ao seculo XI ou ao seculo XII as edificações d'estas egrejas, parecendo porém mais provavel serem anteriores ao anno de 1100.

Na porta principal da egreja de S. Salvador, da parte da Epistola e do lado de fóra, está uma inscripção numa lapide, e juncto d'ella outra lapide com um baixo relevo tão gasto, que se não vê já o que representa. Coelho Gasco, em cujo tempo (pelos annos de 1600) estava ainda bem conservado, declarou representar «um homem a cavallo todo armado, como quem vai correndo.»

O mesmo Coelho Gasco leu assim a inscripção: «*Estephanus Martinis sua sponte hanc portam fecit et frontispicion.* E. M. CC. VII. E. M. E traduziu: *Estevão Martins fez este portal, e frontispicio d'elle, por sua vontade, na era de Cesar de* M. CC. VII.: Era de Mil de Christo.» *Conquista, Antiguidade e Nobreza da... Cidade de Coimbra.* Lisboa, 1807, pag. 20.

O sr. prior de S. Christovão em o numero 7.º do *Antiquario* deu uma cópia lithographica da inscripção que leu assim:

1.ª STEPHANUS
2.ª MARTINI. SUA
3.ª SPONTE. FECIT. HUNC
4.ª PORTELEM. ET
5.ª FRONTE. ERA. MILLESIMA. DUCENTESSIMA
6.ª SEPTIMA. ERA. MILLESIMA.

E traduziu: «Estevão Martins de sua livre vontade fez esta porta e frontispicio. Era de 1207 (anno de 1169). Era Millesima.» Declarou porém que lera *et* na segunda palavra da quarta linha, por seguir a Coelho Gasco, e sem affiançar a fidelidade da lição.

Logo no immediato numero do *Antiquario* appareceu um additamento, em que o seu illustrado redactor engeitou a lição de Gasco, parecendo-lhe que em vez de ET FRONTE se deveria ler LEST FRONTE, que significaria *no frontispicio do oriente.* E no outro numero, que foi o 9.º e ultimo do *Antiquario*, publicou outra lição do fallecido abbade de Lobrigos, Manuel Fulgencio Gomes, que na mesma lithographia do numero 7.º lera na segunda palavra da quarta linha LETA; e traduzira LETA FRONTE, *com um elegante frontispicio.*

A cópia mais exacta da inscripção é a que eu dei numa estampa das *Reliquias da architectura romano-byzantina.* E nesta Memoria preferi a interpretação do sr. prior S. Christovão, por me parecer discordante a data de 1169 com a architectura da egreja. Estando o frontispicio voltado ao poente, a inscripção teria sido trasladada de outra fachada para a principal.

Hoje duvido já d'este parecer, porque encontrei em Leiria na egreja de S. Pedro, juncto do Castello, e em Santarem na de S. João de Alporão portaes e cornijas similhantes; e como estes não podem ser do seculo XI, mas sómente do seculo XII, é claro que desapparece d'esta sorte a incompatibilidade que primeiramente se me afigurara existir entre a inscripção e a architectura da fachada principal da egreja de S. Salvador. Por outra parte não é muito crivel que no templo orientado de nascente a poente houvesse uma fachada oriental, *fronte lestis.*

Restabelecendo assim a possibilidade de serem contemporaneos a fachada principal, ou pelo menos o portal, com a cornija e a inscripção, não se oppõe esta hypothese a que as paredes e o interior da egreja tenham maior antiguidade e sejam effectivamente os que já existiam em 1064, no tempo em

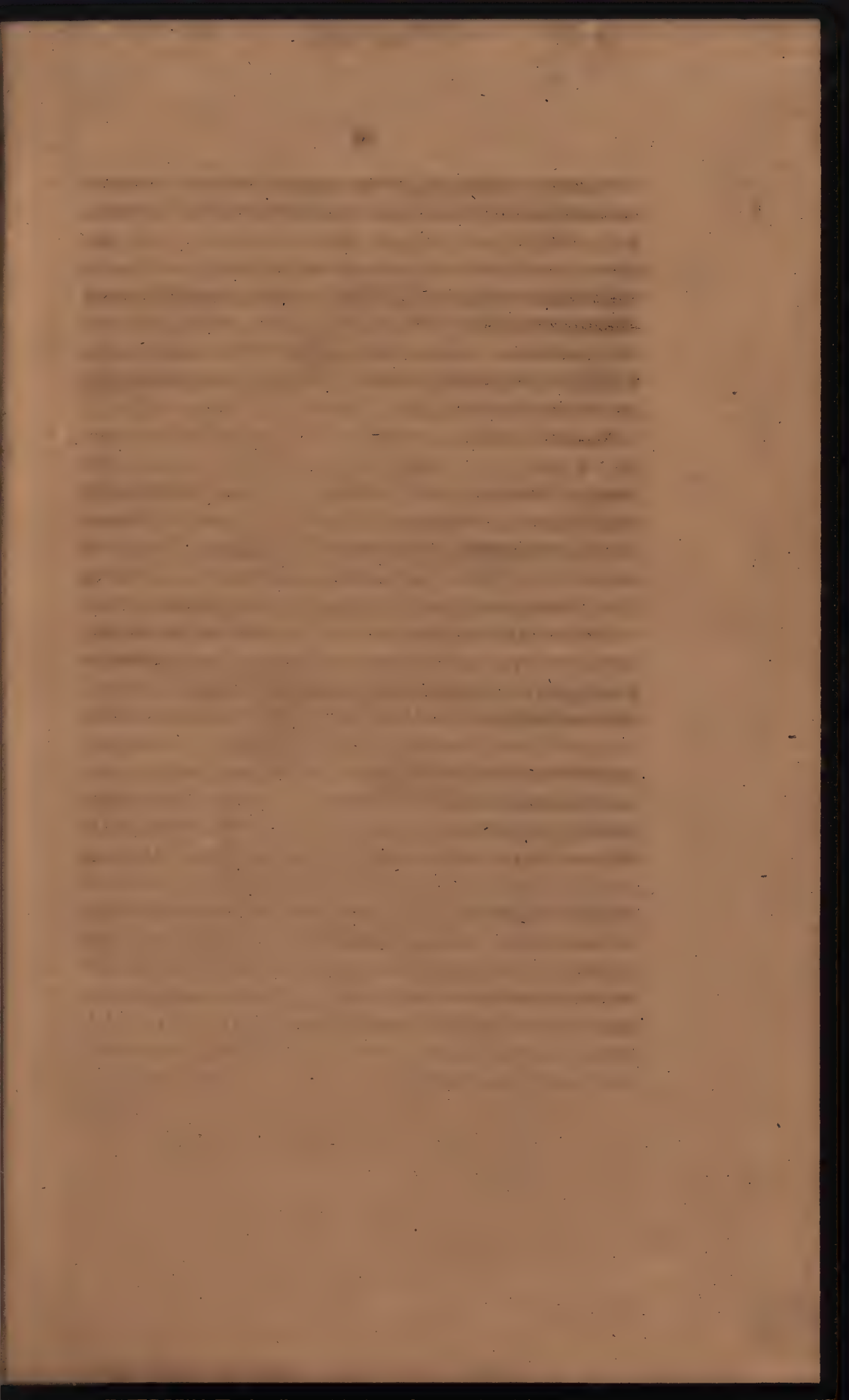
que os monges da Vacariça registraram no seu inventario a egreja de S. Salvador de Coimbra. Isto posto, resta interpretar as palavras LETA FRONTE, que em verdade parece lerem-se na inscripção. Deixarei a empresa aos latinistas, aos modernos Du Cange, onde os houver. Entretanto devo lembrar que a palavra *leta* póde ser o participio do verbo obsoleto *leo*, donde procede *letum*, que significa *morte* e no sentido figurado *destruição*. De *leo* deriva-se tambem *deleo* e *deleta*, que significa *destruir* e *destruida*. Emfim, recordarei tambem que numa inscripção de Napoles, dos ultimos tempos do imperio romano, apparece a palavra *lita* com applicação a uma parede rebocada ou alizada de novo. Quem tiver notado os erros e alterações do corrompido latim da edade media não me estranhará por certo apontar similhanças, que poderão servir a uma nova e necessaria interpretação.

Adverte com razão o sr. A. de S., muito sabedor de philologia, que a expressão da 2.ª e 3.ª linha *sua sponte* nenhuma duvida póde haver em traduzil-a *só por si, sem auxilio d'outrem, á sua custa;* com as auctoridades de Plauto *(Truculentus,* A. 2, sc. 6, v. 46) e de Cicero *(Epist. ad Fam.).*

Se o portal com a cornija da fachada da egreja de S. Salvador são com effeito de 1169, ao seculo XII tambem mais do que ao seculo XI se deveriam attribuir os portaes da egreja de S. Thiago. E neste caso concordaria a data da consagração d'esta egreja (1166) com a da inscripção citada (1169). Esta ultima data constava do Martyrologio do uso do côro, onde o sr. Rodrigues de Gusmão lera o seguinte: «*Dedicatio hujus Basilicae Divi Jacobi Apostoli Colimbriensis: quae consecrata est anno milesimo ducentesimo quarto, ad expensas Domnae Daniellae, nobilis feminae, cujus anima in pace requiescat.*» *(Instituto,* tom. 1.º, pag. 66).

Não occultarei porém que João Pedro Ribeiro allude a outro documento com a noticia da mesma consagração, mas a 28 de agosto do anno de Christo de 1244. (*Observações de Diplom. Port.,* pag. 33). Se esta ultima data fosse a verdadeira, a consagração a que se refere não poderia ser a primeira da egreja, porque do anno de 1183 é um termo de composição entre o arcebispo de Compostella e o bispo de Coimbra ácerca dos seus respectivos direitos sobre a egreja de S. Thiago de Coimbra. *(Not. Hist. do Most. de Vacariça* — 2.ª part. Docum. 22).

Coimbra, 5 de janeiro de 1875.

FIM.

Obras do auctor

Cartas da beira-mar.— Descripções interessantes e pittorescas dos phenomenos e dos seres marinhos. Coimbra, 1867 700

A invenção dos aerostatos reivindicada — Exame critico das noticias e documentos concernentes ás tentativas aeronauticas de Bartholomeu Lourenço de Gusmão. Evora, 1868 400

Relatorio ácerca da renovação do museu Cenaculo. Evora, 1869.

Reforma da instrucção secundaria. Lisboa, 1869.

Reliquias da architectura romano-byzantina em Portugal e particularmente na cidade de Coimbra (com quatro estampas.) Lisboa, 1870 .... 1$000

Relatorio da administração da misericordia de Evora pela commissão dissolvida em 19 de janeiro de 1872. Evora, 1872.

A contractilidade e a excitabilidade motriz. Coimbra, 1872.

Breve exposição dos principaes subsidios com que têm contribuido para a theoria do calor animal a chimica, a physica e a physiologia. Coimbra, 1873 500

Educação physica — Segunda edição muito augmentada. Coimbra, 1874 800

Da architectura religiosa em Coimbra durante a edade media — Conferencia feita em 21 de fevereiro de 1874 no Instituto de Coimbra. Coimbra, 1875 150

DESCRIPÇÃO

DO

REAL ASYLO

DE

INVALIDOS MILITARES EM RUNA

IMPORTANCIA D'ESTE ESTABELECIMENTO

Devido á esclarecida munificencia e piedade de uma illustre princeza

DEDICADO A

SUA ALTEZA O SER.^{mo} SENHOR INFANTE D. AFFONSO HENRIQUES

POR

Augusto Carlos de Souza Escrivanis

1.º SARGENTO DO REGIMENTO D'INFANTERIA N.º 7,
SERVINDO DE QUARTEL MESTRE NO REAL ASYLO DE RUNA.

Á VENDA:

Livraria e Officina de Encadernador, Verol Senior

Lisboa — 171, Rua Augusta, 171 — Lisboa

DESCRIPÇÃO
DO
REAL ASYLO
DE
INVALIDOS MILITARES EM RUNA

IMPORTANCIA D'ESTE ESTABELECIMENTO

Devido á esclarecida munificencia e piedade de uma illustre princeza

DEDICADO A

SUA ALTEZA O SER.mo SENHOR INFANTE D. AFFONSO HENRIQUES

POR

Augusto Carlos de Souza Escrivanis

1.º SARGENTO DO REGIMENTO D'INFANTERIA N.º 7, SERVINDO DE QUARTEL MESTRE
NO REAL ASYLO DE RUNA.

Á VENDA:

Livraria e Officina de Encadernador, Verol Senior

Lisboa — 171, Rua Augusta, 171 — Lisboa

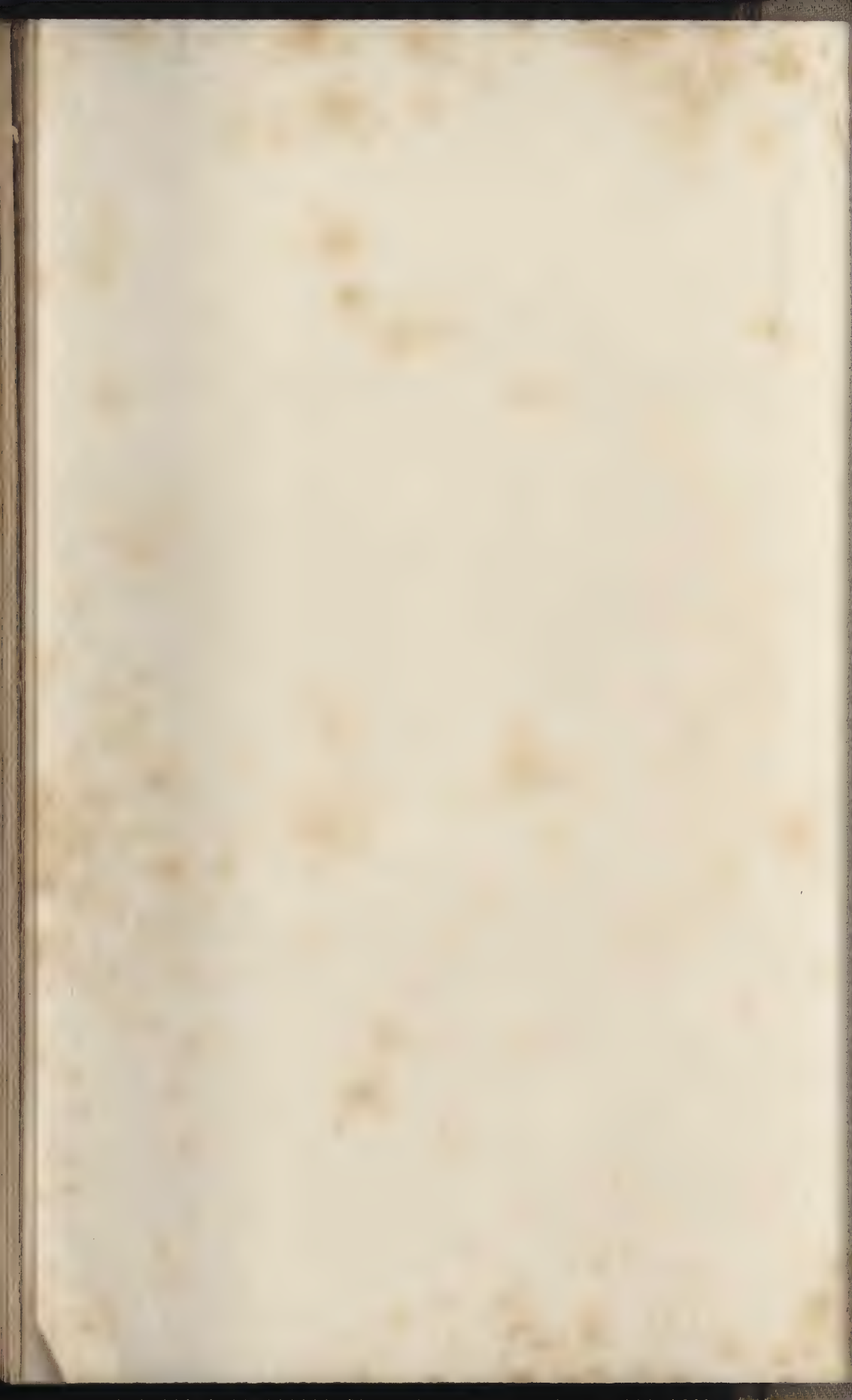
Serenissimo Senhor

Herdeiro do nome, e esperamos que das heroicas acções, do fundador da monarchia, digne-se Vossa Alteza desculpar o arrojo de quem em tão humilde posição social ousa chegar aos pés do throno e ahi, junto do egregio progenitor de Vossa Alteza, El-Rei o Senhor D. Luiz e de Sua Magestade a Rainha, a Senhora D. Maria Pia, procurar em Vossa Alteza, esperança em flor dos leaes peitos Lusitanos, a protecção para este primeiro ensaio na discripção e memoria das cousas patrias.

Descrevendo o Asylo, fundado pela excelsa Princeza a Senhora D. Maria Francisca Benedicta, irmã da Senhora D. Maria 1.ª de gloriosa memoria, avivo o padrão das suas virtudes, da sua piedade e da sua illustradissima caridade; deixando áquelles que nos succederem commemorar acções semelhantes praticadas por Vossa Alteza no correr dos annos que lhe estão reservados, que peço a Deus sejam muitos e prosperos, como todos os fieis portuguezes desejamos e havemos mister.

Deus Guarde a Serenissima Pessoa de Vossa Alteza.

Runa, 31 de julho de 1882.

Augusto Carlos de Souza Escrivanis.

A PRINCEZA D. MARIA FRANCISCA BENEDICTA
(Segundo um retrato da época)

I

Fundação do Real Asylo de Invalidos Militares

Existem ainda alguns portuguezes que conheceram a serenissima princeza a Senhora D. Maria Francisca Benedicta, irmã da rainha a Senhora D. Maria I, e que foi casada com o principe, filho d'esta rainha, o Senhor D. José, em quem os portuguezes tiveram grandes esperanças, mas que uma morte não esperada levou da presente vida na mais juvenil idade.

Ficando d'esta fórma viuva a dita Serenissima Princeza, lembrou-se mandar fundar um monumento de caridade e philanthropia, que servisse de memoria eterna a suas raras qualidades, e considerando que seu Augusto esposo tinha uma verdadeira estima pelos militares, e que nenhum asylo havia em Portugal para esta briosa classe, decidiu mandar fazer á sua custa um edificio para n'elle recolher, e sustentar aos que, depois de bem terem servido a patria, se impossibilitassem no mesmo serviço, e não tivessem meios decentes para a sua subsistencia.

Para dar principio a esta obra communicou seu plano a sua augusta irmã a rainha, pedindo-lhe a competente approvação, a qual não só lhe foi dada, mas até Sua Magestade lhe offereceu o edificio da Luz, onde está hoje o collegio militar, para ali estabelecer o seu asylo, cujo offerecimento não acceitou, por querer que a obra fosse toda e puramente sua.

Sendo portanto aconselhada, que junto a Runa, concelho de Torres Vedras, se pretendia vender a quinta denominada d'Alcobaça, e que n'ella poderia fundar este estabelecimento, mandou immediatamente compral-a, o que se realisou em 11 de agosto de 1790, adquirindo depois outras

propriedades annexas, entrando a quinta de S. Miguel na Enchara do Bispo e da Ámora, as quaes, com as officinas que n'ellas mandou fazer, lhe importaram em mais de quarenta contos de réis.

Foi por consequencia na dita quinta d'Alcobaça que a Serenissima Princeza mandou fundar o real Asylo de invalidos militares, dando principio a esta heroica resolução no dia 18 de junho de 1792, a qual lhe foi confirmada por decreto de 25 de julho de 1802, e alvará de 27 do mesmo mez e anno.

Principiaram a trabalhar na construcção d'este famaso edificio mais de 300 operarios de todas as classes, e jà antes da familia real portugueza emigrar para o Brazil em 1807, estava feita uma grande parte d'elle. Mesmo no Brazil promoveu a Serenissima Princeza, com toda a força e desvelo, o augmento d'esta obra, e além dos rendimentos de sua casa serem applicados para ella, mandou do Rio de Janeiro repetidas vezes avultadas sommas de dinheiro, o que, além de constar por differentes modos, se acha escripto pela propria mão de Sua Alteza Real em um pequeno livro que existe no archivo do asylo. Quando a familia real voltou a este reino, em 1821, estava o edificio bastante adiantado, e desde logo ordenou a Serenissima Fundadora que se trabalhasse com toda a força para ultimar-se e ter ainda o grande gosto de celebrar o dia da sua abertura, recolhendo militares invalidos. Com effeito, estando o edificio quasi prompto, foi visitado por El-rei o Senhor D. João VI, que vindo das Caldas da Rainha, honrou o estabelecimento com a sua presença. Sua Magestade ficou admirado da belleza e magnificencia do edificio, e voltando depois aqui sómente para o vêr, e bem examinar, disse logo á Serenissima Princeza, que havia gostado muito do seu asylo de Runa, e como seu protector que era, lhe pedia tratasse quanto antes da sua abertura, porque estava decidido a fazer tudo quanto em si estivesse para o augmento e prosperidade de tão philanthropico estabelecimento.

Concluido o edificio destinou a Serenissima Fundadora o dia 25 de julho de 1827, anniversario do seu nascimento, para ter logar aquella abertura, o que se effectuou recolhendo 16 militares invalidos, a saber: tenente de artilheria, Christovão Thomaz, 1.º sargento de infanteria, Felix de Valois, 2.ºs sargentos Joaquim Maria Cordeiro e Joaquim Jorge Ervilheiro, e 12 cabos e soldados, todos pelos seus longos e bons serviços e terem feito as guerras do Roussilon e Peninsula.

Foi o dia 25 de julho de 1827 um dos de maior regosijo para Sua Alteza Real, e o mais tocante para as pessoas que o presenciaram; completou então a Augusta Fundadora os seus 81 annos de idade, e andava na vespera tão anciosa por vêr realisar seus desejos, que a alegria a fez quasi succumbir: mas não obstante presidiu e dirigiu todos os actos d'aquelle grande e solemne dia, sendo ella quem no refeitorio, com a maior satisfação e caridade, serviu os invalidos, apresentando-lhes os

primeiros pratos; seguindo depois o seu mordomo-mór, o marquez de Lavradio, e todos os mais creados de Sua Alteza Real.

A Serenissima fundadora havia já organisado o governo, e administração do real asylo, e entregou desde logo ao governador o judicioso regulamento que o devia reger, debaixo de sua auctoridade e direcção. Com a maior affabilidade e signaes de vivo regosijo, dirigiu a Serenissima Fundadora aos seus beneficiados as seguintes palavras:—Estimo ter podido concluir o asylo, que mandei construir para descançardes dos vossos honrosos trabalhos: em recompensa só vos peço a paz.

Segundo as differentes contas e informações colhidas, dispendeu Sua Alteza Real sómente na construcção do edificio, e de sua preciosa capella, mais de 600 contos de rèis, designando metade do mesmo edificio para palacio da sua habitação, e outra metade para quarteis de alguns empregados, e dos invalidos, de sorte que bem póde certificar-se ser este estabelecimento um dos mais bellos e magestosos edificios de Portugal.

Como porém a despeza do edificio montou em tão avultada somma, não foi possivel deixar-lhe grande dotação; mas apesar d'isso se esta fosse conservada, como parece de rigorosa justiça, poderia o asylo admittir n'aquella época e bem sustentar mais 120 invalidos com os precisos empregados.

Na actualidade poderia o asylo manter 100 invalidos, sem dependencia do auxilio do governo, se dos bens que constituiam a dotação do asylo não houvesse perdido grande parte, em consequencia das occorrencias politicas d'então; pois que os rendimentos que d'ahi provinham, juntos aos que ministrariam os bens que se comprassem com o producto das joias, dividas activas, etc., legadas ao asylo pela sua generosa fundadora, necessariamente dariam uma receita não inferior a 14 contos de réis.

Em 18 de agosto de 1829 a morte arrebatou a Portugal a excelsa Princeza fundadora.

Jaz na egreja de S. Vicente de Fóra em Lisboa. Além dos bens designados em seu testamento para formar a dotação do real asylo, o declarou seu universal herdeiro; passando então a administração das rendas para o conselho administrativo. O estabelecimento é hoje dirigido e governado pelo ministro da guerra, por ser esta a ultima vontade da Serenissima Princeza Fundadora. Consistia então a dotação do real asylo no seguinte: A commenda de S. Thiago de Beduido; uma apolice com vencimento de cinco por cento do capital de 26:800$000 réis; um titulo de divida publica, sem vencimento, do capital de 11:999$960 réis; duas acções da companhia dos vinhos do Douro 800$000 réis; e as quintas de Runa, Enchara do Bispo e da Amora com suas anexas, produzindo tudo isto n'aquella época o rendimento annual de 8:800$000 rèis pouco mais ou menos; além d'este dote ficaram as ricas joias no valor de réis

47:281$200 e algumas dividas activas de cuja liquidação se tem tratado.

O benemerito e zeloso primeiro governador do asylo, o sr. brigadeiro Fernando Palha, empregou a maior solicitude em procurar que o asylo fosse indemnisado dos prejuizos que teve nas suas rendas, e no valor das joias, e se não obteve tudo que lhe era devido, conseguiu ao menos parte.

O valor das joias que a Augusta Princeza deixou ao asylo, foram appropriadas á casa do infantado, por decreto do sr. D. Miguel de Bragança em 5 de junho de 1830; esta casa porém pagou á conta d'aquella a quantia de 24:220$800 réis e o restante 23:060:400 réis foram pagos pelo governo em 1842, em titulos designados das tres operações; com o producto da venda d'estes titulos (6:918:000 réis) pôde apenas o sr. brigadeiro Palha comprar 12:500$000 réis de inscripções do juro de 5 por cento. De todos os prejuizos que soffreu o rendimento do asylo, o peior foi em 1834 com a abolição dos dizimos que produziu a perda da commenda de S. Thiago de Beduido no concelho de Aveiro, que fôra adquirida pela excelsa Fundadora em troca de 8:000$000 réis de tença, que esta Serenissima Senhora recebia pela folha da alfandega grande de Lisboa, contrato confirmado pelo alvará de 19 de janeiro de 1826. Esta fonte de receita rendia ao asylo 6:000$000 réis por anno.

II

Descripção do estabelecimento e differentes esclarecimentos

A seis kilometros de distancia da villa de Torres Vedras e proximo a Runa em um sitio de grande belleza, aonde as mais luxuriantes galas de formosas e opulentas paisagens encontram os olhos de quem passa n'estas regiões, se depara na estrada com um portão de ferro, que dá entrada para uma rua de 170 metros de comprimento, ornada de arvores e roseiras, no topo da qual se encontra um largo tendo o busto do chorado monarcha o Senhor D. Pedro V, assente sobre um fino pedestal de marmore, e ahi se vê o magestoso edificio que nos deixou a formosa filha de El-Rei o Senhor D. José I de Portugal, a Serenissima Princeza a Senhora D. Maria Francisca Benedicta, que assignalou a sua passagem n'este mundo por uma fundação tão util, como é o caridoso instituto onde são recolhidos os velhos e mutilados defensores da patria. O magestoso edificio foi feito sob a direcção do insigne José da Costa e Silva, primeiro dos modernos architectos portuguezes, a quem é devido o plano do real theatro de S. Carlos em Lisboa. Tem este grandioso edificio 13 metros

REAL ASYLO DOS INVALIDOS MILITARES EM RUNÃ

de altura e a figura d'um quadrilatero com 99 metros de frente sobre 61 de fundo. Subindo-se por 5 degraus para um patim, que ha no centro da fachada principal, estão 3 portaes de cantaria, sendo o do meio em arco, com portas de ferro que dão ingresso para o espaçoso vestibulo cuja abobada é sustida por 12 columnas, e onde se acham, na frente a porta da egreja, tendo aos lados as imagens de finissimo marmore (em tamanho natural) do Archanjo S. Raphael conduzindo pela mão o menino Tobias e Santa Barbara, e em cada um dos dois lados duas portas, que communicam para o interior do estabelecimento.

Tem o edificio tres andares, e um grande sotão, no primeiro pavimento (o terreo) que tem todo em volta um corredor com o tecto de abobada circular, estão o gabinete de leitura e sala do bilhar, quartel do almoxarife, do sargento ajudante, commandante do destacamento, cosinha geral, quatro grandes casernas para alojamento de praças invalidas e destacamento, officinas, fonte de Maria, deposito de madeiras, refeitorio, despensa e pharmacia: no segundo pavimento são os quarteis do secretario, thesoureiro, cirurgiões e enfermarias: no terceiro pavimento (andar nobre) ha, á frente, o quartel do commandante, a grande sala que serve de tribuna real da capella, secretaria, quartos destinados para hospedes que pernoitem no asylo e quartel do official invalido; no lado sul a parte deshabitada do antigo palacio, onde residia a Augusta Fundadora quando aqui vinha estar no seu retiro do asylo de Runa, convivendo com as familias que se achavam na visinhança, e, dando largas á sua caridosa bondade, soccorrendo prodigamente muitos desgraçados, que n'ella encontravam beneficio e consolador acolhimento.

O palacio conserva-se deshabitado e com toda a mobilia e rica louça da India, Japão, ingleza e franceza. Estes aposentos são dignos de serem observados bem como o lindo oratorio. Nos lados nascente e norte são os aposentos dos capellães, um official invalido, praças graduadas e arrecadações.

Todos os quartos e cazernas que ficam no interior do edificio, recebem luz de janellas que deitam para dois grandes pateos arborisados, cada um dos quaes mede 40 metros de comprido sobre 20 de largo. Conta ao todo o estabelecimento 400 casas, 365 janellas, e 7 portas de communicação para o exterior. No centro está a sumptuosa egreja toda revestida interiormente de variados e excellentes marmores, extrahidos das pedreiras descobertas no logar do Figueiredo, Furadouro, e outras existentes nas immediações do asylo, as quaes forneceram egualmente a bella e abundante cantaria que se observa em todo elle; tornando-se mais notavel entre os marmores o preto, tirado de Pero Negro proximo do logar da Sapataria.

A egreja é do gosto romano em fórma de cruz, tendo no cruzeiro por baixo do zymborio o throno com quatro faces e nas bases de duas d'ellas

os dois altares que possue; nos chanfros das paredes fronteiras as quatro quinas do throno, vêem-se, em nichos apropriados, as grandes estatuas de subido merecimento artistico, feitas de marmore de Carrara representando a Santissima Virgem, S. José, S. Thiago e Santo Antonio: ao fundo sobre a cimalha está o grupo da Gloria, esculptura primorosa, tambem de marmore: e em volta do templo, correspondendo ao andar nobre, ha, além da tribuna real, 15 tribunas, sendo por intermedio das janellas das tribunas e por mais oito do zymborio, que a egreja recebe a precisa luz.

A tribuna real, que é a grande sala que fica por cima da entrada do edificio, tem tres janellas para a capella e outras tres para a parte da rua; ao lado d'esta sala estão outras duas que lhe dão ingresso, fronteiras ás escadarias de pedra que communicam o terceiro pavimento com o primeiro: n'aquella sala estão um magnifico busto de Sua Santidade o papa Leão XII, de marmore de Carrara e alguns quadros a oleo de grande valor, sobresahindo a todos o de S. Jeronymo.

A Serenissima Princeza sobreviveu só dois annos á inauguração do asylo; não chegou a completar a cupula ou zimborio da igreja, que ficou mesquinha e desharmonisa com o magestoso edificio.

O estabelecimento tem sido visitado por monarchas e outras pessoas reaes, por muitos individuos das diversas classes da sociedade e por alguns estrangeiros; merece e será mais visitado quando esteja feito o caminho de ferro de Lisboa a Torres Vedras.

O meio de transporte para o asylo e o logar de Runa é a carreira da diligencia que vem d'Alhandra a Torres Vedras pelo preço de 750 réis cada passageiro, percorrendo 28 kilometros, passando pelas povoações, a saber, Arruda dos Vinhos, Sobral, Dois Portos, Ribaldeira, Caixaria, Runa, Asylo e Torres Vedras.

A via ferrea vem passar juncto ao asylo e ao logar de Runa, ficando a estação n'estas proximidades. O logar de Runa é pequeno, tem 150 fogos, está situado em uma planicie de grande belleza e opulentas paizagens. O rio Sizandro, com o seu grande arvoredo, divide o asylo, do logar de Runa. E' uma beleza contemplar do alto chamado das Lombas a vista que elle apresenta assim como o asylo.

Circundam o asylo em distancia de dois kilometros pouco mais ou menos, os seguintes logares e quintas: Logar de Runa, Penedo, Zibreira, Penasqneira, Mata-Cães, Ordasqueira, Louriceira, Figueiredo, Caixaria e Ribaldeira; quintas, a da Ponte, Retiro, Granja, Pederneiras, Conceição, Galharda, Juncal, Quinta Nova, Quinta da Gloria, e a importante quinta das Lapas do sr. Marquez de Penalva que dista do asylo 4 kilometros pouco mais ou menos.

Tanto n'estes logares como nas suas quintas passam algum tempo os seus donos que são pessoas da alta sociedade; srs. Conde de Sampaio,

D. Sebastião de Sampaio e Mello, D. José Correia Lavradio, Dr. Thomaz de Carvalho, viuva e filhos do conselheiro Barros e Cunha, Dias Neiva, Sebastião Trigozo, Marquez de Penalva, Figueirôa Rego, Filippe de Carvalhoza e Visconde de Balsemão, etc.

Em domingos e dias santificados as missas no asylo são ditas, a primeira ás 9, e a segunda ás 11 horas: vão ali grande numero de pessoas das povoações limitrophes.

O corpo d'invalidos assiste a esta ultima missa vistindo o seu grande uniforme: é n'esta occasião que uns felizes e alegres velhos servidores do paiz, o resto dos heroicos soldados da guerra da peninsula e das campanhas da liberdade, se apresentam formados e commandados por um official com os seus peitos ornados de differentes medalhas, sendo algumas as insignias da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada.

O destacamento d'infanteria faz a guarda ao altar.

Acabada a missa, ficam os invalidos fallando com differentes individuos que a ella assistiram até que é feito o toque para o jantar que tem logar ao meio dia.

Depos do jantar vão estes bizarros velhos dar o seu passeio até ao logar de Runa, regressando ao seu asylo proximo da noite para resar, ceiar e deitar. E assim se vive á sombra da benefica Princeza.

Concorre tambem para o bem de todos a bôa harmonia que existe com as pessoas das povoações circumvisinhas, sendo inexcediveis as attenções de todos os visinhos para com os empregados do estabelecimento e invalidos. O asylo serve de muito auxilio a pessoas que desejam consultar os cirurgiões, obter remedios da botica etc.

As sobras da comida dos invalidos é distribuida pelos pobres á 1 hora da tarde regulando 15 a 20 pobres que todos os dias ali vão receber a caridade. Em resumo é esta pia instituição que prende a attenção de todas as pessoas portuguezas ou estrangeiras, que a visitam, e o acaso, permittiu, que o real asylo de invalidos militares fosse edificado sobre as famosas linhas de Torres Vedras, defesa da capital, e muralha invulneravel da nossa independencia. Nenhum outro local se escolheria mais apropriado, nem mais poetico.

III

Descripção da custodia e de algumas alfaias e paramentos

Entre os diversos objectos de arte, que tem o asylo, deixados pela generosa Princeza fundadora, merece especial menção a bella e graciosa custodia, cujo desenho foi obra da piedosa Princeza.

É um primor artistico. É bella a composição e excellente a execução. Tem 1^{m},3 de altura: é de prata dourada, cravejada de innumeras pe-

CUSTODIA DO REAL ASYLO DOS INVALIDOS MILITARES EM RUNA

dras preciosas, medindo algumas 0^{m},07 e 0^{m},11: as decorações symbolisam as tres leis; natural, escripta e da graça; assim, ali se acham representadas, a partir da base, a arca santa, por cima o livro dos sete sellos, sobre este deitado o cordeiro paschal, com 0^{m},08 de comprimento e finalmente o resplendor que contem no circulo e meia lua que está dentro d'elle, 130 brilhantes claros de diversos tamanhos, escolhidos pela virtuosa Princeza entre os melhores que possuia; 43 dos do circulo são grandes e os da meia lua, dos mais finos.

Dos lados da arca de alliança nascem entrelaçados dois troncos de vide com as competentes parras (esmeraldas) e cachos de uva (78 amethistas roxas e 178 brilhantes), misturadas com espigas de trigo de ouro, com grãos de bellos topasios, o que juntas com outras grandes pedras d'aguas marinhas collocadas na arca, cordeiro, etc., figuram o pão, vinho e agua, partes componentes do sacrificio da missa antes da consagração. A peanha separa-se do resplendor; havendo outra mais pequena tambem de prata dourada, que serve quando a custodia tem de ser conduzida processionalmente, por isso que aquella maior não póde ser levada pelo sacerdote, não só pelo peso que tem como pelo volume que faz.

Possue mais o asylo uma grande profusão de alfaias e paramentos, quer para as festividades solemnes, quer para o uso quotidiano, em prata quasi toda lavrada; tem uma alampada com 1^{m},25 de altura e 0^{m},60 de diametro; banqueta e crucifixo, 4 relicarios, cruz e cereaes, bacia e jarro, campainha, thuribulo e naveta, vara de juiz, 5 calices dourados, 3 pyxides, 4 purificadores, sendo 2 dourados, etc.

Todos estes objectos teem a firma da Serenissima Princeza, de um lado, e do outro as iniciaes J. M. J. Parte d'estes objectos estão em arrecadação e á responsabilidade de dois clavicularios do conselho administrativo e do primeiro capellão, sendo permittido mostrar todos os objectos a pessoas que visitem o asylo.

IV

Rendimentos do asylo

Inscripções de assentamento 96:150$000 réis. Os juros annuaes d'estas inscripções, e os mais rendimentos proprios do asylo estão computados em 3:750$000 réis pouco mais ou menos e a quinta de Runa com as seguintes propriedades, a saber: Uma vinha denominada o Solinho, uma terra e mato no mesmo sitio, uma grande terra denominada a Cerca, uma vinha denominada a Varzea, uma grande e optima adega com todos os objectos necessarios para o fabrico de vinho, e armazem.

Todos estes bens foram vendidos por arrematação no ministerio da fazenda no dia 10 de novembro de 1881 ao sr. conselheiro João Gualberto

de Barros e Cunha, fallecido em 10 de janeiro de 1882, pela quantia de réis 51:150$000, como desamortisação dos bens comprehendidos nas disposições das leis de 4 de abril de 1861, 22 de junho de 1866 e 28 de agosto de 1869. A quantia de 51:150$000 réis deve receber o asylo em titulos de divida fundada, computadas pela cotação official do dia 10 de novembro de 1881.

Até hoje dia 12 de agosto de 1882 ainda o asylo não teve participação para receber as inscripções: supposto ser aproximadamente cem contos de réis com 96:150$000 réis que já tinha, perfaz a totalidade de 196:150$000 réis.

Os juros d'este capital junto a outros rendimentos do asylo excedem a 6:000$000 réis de rendimento annual.

O governo na sua distribuição de despeza para o asylo dá 11:760:000 réis annuaes, recebendo todos os rendimentos do asylo que são entregues nos cofres centraes do ministerio da fazenda, á proporção que são cobrados, em virtude das disposições da carta de lei de 9 de julho de 1870.

Dentro dos muros que fecham as dependencias do edificio, ha uma pequena horta, que é cultivada por conta da administração do asylo, revertendo os seus productos a beneficio da comida dos invalidos e empregados; assim como existem dois pomares, um de laranjeiras, e outro de caroço, e nos dois pateos interiores do edificio algumas arvores da mesma especie.

Tem mais o asylo um pinhal denominado de Monte Redondo, que dista do asylo 5 kilometros. Convem conserval-o por conta do asylo por ser d'elle que se tiram optimas madeiras para reparações no edificio, e lenha para consumo do estabelecimento; tem 700 metros de comprimento sobre 500 de largura, e é povoado por mais de 700 pinheiros já feitos, tendo além d'isto diversas camadas de pinheiros de differentes tamanhos. A qualidade é a melhor que se conhece por aquelles sitios.

A administração do asylo tem mais a seu cargo 33:300$000 réis em inscripções pertencentes ao monumento de El-Rei o Senhor D. Pedro V, de que adiante hei de tratar.

A desamortisação dos bens de mão morta póde ser uma grande medida em determinados casos, e n'outros não corresponder.

Se isto se poder dizer da propriedade vendida, olhemos para o que ha a ponderar.

Se acaso o estabelecimento pertencesse a uma familia, cuja vida provavel tem um certo limite, não julgariamos desarrasoado trocar os bens rusticos por papeis de credito, porque estes talvez durem tanto, quanto a existencia d'ella; porém como o asylo hade ser habitado por familia que não terá duração só de annos mas sim de seculos, é muito mais segura a propriedade que os papeis sugeitos á depreciação, ás contingencias e á banca rota; e temos o exemplo na perda da commenda de S. Thiago de Beduido que formava a maxima parte da doação do asylo.

V

Melhoramentos que tem tido o estabelecimento depois da sua abertura

As primeiras obras que se fizeram de maior importancia foram a da mina, o encanamento da agua chamada da fonte Maria; e a do cemiterio privativo da casa, ambas dirigidas pelo então tenente secretario, o falecido sr. brigadeiro reformado José Ribeiro d'Almeida.

Mais tarde pozeram-se pias de despejo com communicação para os respectivos canos geraes, nas differentes habitações, o que era indispensavel para evitar que as immundicias fossem lançadas para as ruas que circundam o edificio e pateos interiores.

Depois da nomeação para commandante do asylo d'aquelle benemerito official em 1854, é que se effectuaram aqui maior somma de melhoramentos. Verdadeiramente inspirado das beneficas e judiciosas intenções da excelsa Princeza, criadora de tão caridosa instituição, soube o zeloso commandante promovel-os, imprimindo na administração a que presidia a precisa intelligencia e actividade para se conseguirem, principalmente n'aquella epoca, em que as circunstancias do cofre do estabelecimento eram bastante precarias, chegando o seu amor por esta casa a ponto de adiantar da sua bolsa valiosas quantias, o resto das quaes foi depois do seu fallecimento pago aos seus herdeiros; o que tudo fez com que a sua memoria se tornasse credora de veneração.

O mui digno commandante, o sr. Ribeiro, não seguio só n'isto os dictames da virtuosa Princeza, tambem os executou quanto á povoação de Runa, que n'elle encontrou sempre protecção e benevolencia.

São obras d'esse tempo entre outras as seguintes: O bello portal de cantaria com portas e engradamento de ferro, que dá para a entrada e a meia laranja, que com elle defronta com assentos de pedra, tendo inscriptas, esta, a data de 16 de Setembro de 1861, anniversario natalicio do fallecido e virtuoso monarcha o Senhor D. Pedro V, e aquelle a de 31 de julho de 1855, anniversario natalicio da bemfeitora e protectora que foi do asylo, Sua Magestade imperial a Sr.ª Duqueza de Bragança.

O empedrado da rua que segue do referido portal até á frente do edificio, e o das que o circundam; que d'antes no inverno se tornavam uns pantanos.

Os dois jardins do largo da entrada; a grande copia de arvores, arbustos e flores de diversas especies que se vêem por aquelle largo e todas as ruas; e o pomar de larangeiras que existe da parte do sul com um poço que ahi foi aberto.

A actual enfermaria que tem duas boas casernas e um espaçoso corredor para passeio dos doentes, além d'outros quartos, tudo com bas-

tante ar e luz. Para indicar a época em que foi feita esta importante obra se acha ali posta a inscripção — 31 de julho de 1856.

Um muro de 132 metros de comprimento com portal de cantaria ao meio, que fecha por detraz o estabelecimento e o concerto e prolongamento, na extensão de 140 metros, da entrada publica que corre ao longe d'aquelle muro, afim de que por ali se fizesse o transito dos carros, que vão ou vem das povoações circumvisinhas, e não continuasse a ser feito pelas dependencias do asylo, evitando-se assim que fosse devassado e as ruas deterioradas.

A acquisição de mais agua para o hospital de outra mina no caminho do logar do Penedo, por meio d'um encanamento que se fez na extensão de 270 metros com direcção á cosinha. Na clara-boia principal, encontra-se a data de 31 de julho de 1857.

Finalmente a construcção de casas para habitação de um creado: palheiro e cavallariça fóra do edificio.

O genro do sr. brigadeiro José Ribeiro d'Almeida, o sr. Joaquim Theotonio Cornelio da Silva, major chefe da 1.ª repartição do ministerio da guerra, sendo então alferes serviu n'esta epocha o cargo de secretario com a sua conhecida e esclarecida intelligencia.

Nos ultimos annos, mais alguns melhoramentos se hão effectuado, como a substituição das antigas barras com enxergas e cabeçalhos, por leitos de ferro com enxergões, colchões e travesseiros de palha de milho, e a distribuição de ceroulas aos invalidos que na primitiva não fazia parte do fardamento distribuido, sendo estes melhoramentos devidos ao mui digno sr. major reformado José Antonio da Silva que servia de thezoureiro; a venda de todos os objetos incapazes que se guardavam no sotão e que foi applicada á compra de toda a mobilia que hoje tem os officiaes invalidos e alguma dos quartos dos hospedes; a substituição de toda a louça de folha do serviço dos invalidos, por estanho de primeira qualidade e differentes reparações no refeitorio, escripturação de livros de carga geral e especiaes, foi tudo devido ao trabalho e actividade do sr. capitão d'infanteria servindo de thesoureiro José Ricardo da Costa Silva Antunes, hoje digno secretario da escola do exercito.

A administração actual tambem tem effectuado grandes melhoramentos taes como, a obra da refórma completa de todas as retretes, a ampliação da casa para habitação do hortelão, as casernas do corpo d'invalidos, assoalhadas de novo, e quarteis dos empregados do estado maior com a substituição de solho de ladrilho, por madeira, e as bancas de cabeceira na enfermaria, por bancas polidas com pedra fina, etc.

De outros melhoramentos ainda se carece, que poderão ir sendo executadas a pouco e pouco com as respectivas verbas do orçamento da despeza do asylo, mas ha um e urgente que só com o auxilio do governo se póde levar a effeito; é, a acquisição de mais agua, pois que as duas

minas não satisfazem, e por isso se torna necessario mandar-se buscar agua a Runa para acudir ás principaes necessidades do asylo.

Em conclusão. Todas as administrações do asylo têem contribuido para a sua boa conservação e certos melhoramentos.

VI

Resumo das principaes prescripções concernentes ao regimen do asylo

Para o seu governo fez a Serenissima fundadora os competentes estatutos, com data de 25 de julho de 1827, os quaes foram substituidos pelo regulamento de 29 de dezembro de 1849, que teve em vista regularisar melhor o governo e administração do estabelecimento.

O hospital d'invalidos militares em Runa é destinado para morada e asylo dos officiaes do exercito e praças de pret que se houverem impossibilitado e se derem as circunstancias de não terem meios de subsistencia e terem prestado revelantes serviços.

As condicções necessarias para admissão no asylo, e a ordem pela qual ella deve ter logar, são as seguintes; advertindo que só não havendo individuos que estejam nas circunstancias da classe anterior, é que são providas as da classe immediata.

Os que tiverem perdido o sentido da vista, em resultado de ferimento em combate.

Os que cegarem estando de serviço em tempo de guerra, não sendo effeito de molestia de que fossem causa voluntaria.

Os que ficarem mutilados ou aleijados, em consequencia de ferimentos recebidos em combate.

Os que cegarem no serviço em tempo de paz.

Os que forem mutilados ou aleijados em resultado do serviço em tempo de paz.

Os que tiverem servido sem nota por espaço de 30 annos, ainda que parte d'estes sejam nas companhias de reformados.

O maior grau de impossibilidade physica, dará a preferencia.

Para admissão no asylo é necessario requerer pela secretaria do ministerio da guerra, acompanhando o requerimento certidões authenticas de que tratam os artigos acima transcriptos.

Tanto os officiaes invalidos como as praças de pret recebem os seus vencimentos; os officiaes sem desconto algum no seu soldo e as praças de pret com a perda de 55 réis na rasão de pret de praça reformada, ficando livre aos soldados 60 réis diarios, cabos 80 réis, furries 100 réis, segundos sargentos 120 réis, primeiros sargentos 160 réis.

Os invalidos condecorados com a antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada de valor, lealdade e merito recebem: os officiaes o soldo inteiro das suas patentes, e as praças de pret, o que compete aos seus postos, como se estivessem servindo nos corpos d'infanteria do exercito.

Existem no asylo as seguintes classes do corpo d'invalidos, 1 major, 1 tenente, 2 primeiros sargentos, 4 segundos, 1 furriel e 52 cabos, soldados, corneteiros, etc. total 61.

O major, tenente, furriel e 2 soldados são condecorados com a Torre e Espada, recebendo o major 54$000 réis de soldo, o tenente 22$000 rs. e as mais praças o pret como se estivessem servindo nos corpos d'infanteria (parece que o tenente devia receber 28$000 réis).

Existe uma desigualdade de vantagens entre os asylados, que lhes alimenta de continuo justos ciumes.

As praças de pret que teem sido admittidas como invalidos n'este asylo vindas da classe de paizanos por se acharem com baixa do serviço militar e têem entrada como asylados, pelos seus relevantes serviços como militares, recebem apenas 20 réis diarios pagos pelo cofre do asylo, não sendo abonados em relação de mostra como as mais praças: n'estas circumstancia tem o asylo 16 praças, umas vindas de paisanos e outras dos corpos do exercito sem terem vinte annos de serviço nas fileiras, e terem molestia adquirida no serviço; não succedendo esta desigualdade de vencimento a praças que se impossibilitam do serviço militar e que são reformadas e depois admittidas como invalidos embora tenham pouco tempo de praça.

Quando o sr. general Valladas foi encarregado da elaboração de um novo regulamento para este asylo, fez menção no seu relatorio d'esta desigualdade de vencimentos: é de esperar que o governo faça uma lei geral dos vencimentos de todas, visto estarem consideradas praças de pret e não paisanos.

O art. 20.º do regulamento do asylo diz apenas o seguinte:

Todas as praças de pret d'invalidos, que não receberem pret, terão uma gratificação diaria de 20 réis para tabaco, pago de oito em oito dias pelo cofre do asylo.

N'estes ultimos mezes têem fallecido bastantes invalidos, todos de idade avançada, tendo um d'elles 101 annos e 22 de asylado; na actualidade, póde receber o asylo mais 15 a 20 invalidos. O governo attende sempre que é possivel em mandar admittir como invalidos as praças de pret e officiaes que em consequencia dos seus diminutos soldos necessitam receber os beneficios d'este pio estabelecimento; caridade recommendada pela Serenissima Princeza para os militares que não tivessem meios para a sua subsistencia e estarem na impossibilidade physica.

Tratamento alimenticio

Todos os individuos invalidos e empregados do estado menor, teem tres refeições ao dia. Os officiaes: ao almoço, chá ou cafe, leite e pão com manteiga; ao jantar, sopa, carne de vacca, hortaliça, arroz, vinho, queijo e fructa, sempre que a haja na horta.

Ceia

O mesmo que ao almoço, ou carne de vacca, ou de carneiro guizado, ou assado, se for dia de gordo; ou peixe fresco com hervas ou batatas, ou um prato de esparregado com dois ovos, se for dia de magro, á escolha do official invalido; dando-lhe além d'isto, quando a ceia não fôr de chá, meio quartilho de vinho e fructa ou queijo. Nos domingos e quintas feiras, teem ao jantar um prato de meio variado, e dois nos de festividade religioza ou nacional.

Para as praças de pret e empregados do estado menor é o seguinte:

Almoço

Na mesma especie do official.

Jantar

Carne de vacca, sôpa, toucinho, e vinho.

Ceia

Canja d'arroz com carne de vacca. Em dias de magro são substituidas as refeições por peixe fresco ou salgado. Nos dias de festividade têem ao jantar prato do meio.

Todas as praças de pret têem vestuario, calçado, roupa lavada, costureira e barbeiro, tudo pago por conta do asylo.

Os empregados do estado maior e menor, além dos seus soldos ou prets, recebem bôas gratificações, pagas pelo cofre do asylo e determinadas pela Serenissima Princeza, e são obrigados a residir no edificio.

Serviço de Saude

Todos os individuos pertencentes ao asylo, têem direito a serem tratados nas suas doenças pelos cirurgiões d'elle, fornecendo-se tambem remedios á custa do cofre aos asylados e ás praças do estado menor.

O cirurgião mór e ajudante são do quadro de saude do exercito e servem aqui em commissão. Tem tido sempre este asylo cirurgiões de subidas distincções, merecendo pelos seus elevados sentimentos humanitarios e pelos seus meritos a grande clinica que têem.

D'entro do estabelecimento ha uma pharmacia, convenientemente sortida, para fornecer com promptidão todos os remedios de que necessitarem os doentes.

Serviço Religioso

A Serenissima fundadora não se esqueceu de cousa alguma que podesse contribuir para o bem estar corporal e espiritual dos seus protegidos, por isso pediu e alcançou, que o asylo gozasse de todos os privilegios que gozam os hospitaes civis; (motivo porque se designa tambem hospital este estabelecimento) que a capella fosse considerada como uma freguezia privativa para todas as pessoas que legalmente habitarem o asylo, administrando-se-lhes os sacramentos e praticando-se para com ellas os mais actos religiosos e parochiaes apropriados ás suas circunstancias, e que por breve de Sua Santidade o Papa Leão XII, de 15 de janeiro de 1828, se possam fazer na capella os competentes jubileos.

Em 1869 por carta de lei foram substituidos os dois capellães militares, auctorisando o governo do asylo a contratar por 25$000 réis mensaes cada capellão. Dizem missa todos os dias n'esta capella, sendo uma por alma da Senhora Princeza fundadora e a outra pela de seu esposo; os asylados são obrigados a assistir todos os dias a uma das missas, e ao terço de Nossa Senhora que á noute ali se resa, dirigido pelo capellão de semana.

O capellão mais antigo tem a seu cargo todas as alfaias e paramentos do Culto, e dos mais objectos pertencentes á igreja.

As attribuições do conselho administrativo e os deveres de todos os empregados e invalidos acham-se desenvolvidamente exarados no regulamento d'este asylo.

VII

Governadores que tem havido desde a abertura do asylo e a primeira e actual administração

A primeira administração foi nomeada pela Senhora fundadora escolhendo os officiaes do exercito de maiores distincções.

Governador o brigadeiro graduado Fernando Luiz Pereira de Miranda Palha, fallecido em 26 de fevereiro de 1849; José Marques Caldeira, brigadeiro reformado, falecido em 11 de novembro de 1853, major reformado, Carlos Damascêno Rozado, commandou interinamente desde 12 de novembro de 1853 até 28 d'agosto de 1854.

Tenente coronel d'infanteria José Ribeiro d'Almeida, nomeado commandante interino em 29 d'agosto de 1854, logar que desempenhou até que

falleceu em 29 de novembro de 1863, sendo então brigadeiro reformado. Brigadeiro barão da Batalha commandou interinamente alguns dias em dezembro de 1863. Brigadeiro, Francisco José Pereira e Horta, nomeado commandante em 12 de dezembro de 1863 e sahiu, sendo então general de brigada, por haver passado a governador da praça d'Elvas.

Marechal de campo reformado, Francisco de Mello Baracho, nomeado commandante em 18 d'agosto de 1864, sendo hoje uma verdadeira tradicção gloriosa do nosso exercito pela sua biographia militar e conservada aptidão.

Os officiaes nomeados pela augusta Princeza e entraram em exercicio em 25 de julho de 1827, foram os seguintes empregados.

Secretario, tenente d'infanteria, José Ribeiro d'Almeida, que se conservou n'esta collocação até novembro de 1849, em que foi despachado major para um corpo.

Thesoureiro, tenente d'infanteria José Pereira da Costa, que só deixou este emprego quando se reformou em tenente coronel em 20 de agosto de 1851.

Primeiro capellão, o padre Joaquim Manoel de Carvalho, fallecido em 26 de novembro de 1841.

Segundo Capellão, padre Diogo Fragozo d'Azevedo, fallecido em 21 de outubro de 1829.

Cirurgião, José Rodrigues Ningão, fallecido.

Cirurgião Joaquim Felix de Miranda, fallecido.

A administração actual, é hoje composta dos dignos officiaes:

Secretario o esclarecido coronel d'artilheria reformado, João Maria Baptista; thezoureiro, major reformado, Antonio Maria das Neves Cabral e ajudante o tenente d'infanteria, Leopoldino Augusto Moreira Rodrigues.

VIII

Mappa dos invalidos admittidos, falecidos e sahidos desde o anno da abertura do asylo, até 31 de agosto de 1882

Anno	Entrados	Fallecidos	Sahidos	Existentes em 31 de dezembro	Anno	Entrados	Fallecido	Sahidos	Existentes em 31 de dezembro
1827	26	2	1	23	1855	19	5	2	58
1828	9	4		28	1856	11	5		64
1829	1	4		25	1857	7	5		66
1830	4	4		25	1858	13	5		74
1831	1	6		20	1859	1	2	1	72
1832	1	2		19	1860	12	7	1	76
1833		2		17	1861	7	8		75
1834		1		16	1862	2	2		75
1835	5	2		19	1863	8	6		77
1836	5	5		19	1864	8	9	1	75
1837		3		16	1865	4	9		70
1838	12	3		25	1866	1	2	1	68
1839	1	1		25	1867		4	1	63
1840	1	2		24	1868	1	8		56
1841	5	5		24	1869		5		51
1842	2			26	1870	3	7		47
1843	8			34	1871	1	3		45
1844	8	4	1	37	1872	5	2		48
1845	10	3		44	1873	13	1		60
1846	11	2		53	1874	12	6	1	65
1847	6	6		53	1875	10	3		72
1848	1	7		47	1876	8	10	2	68
1849	1	1		47	1877	8	2	2	72
1850	9	3		53	1878	8	6		74
1851	6	8		51	1879	11	5	1	79
1852	7	4	1	53	1880	9	7	1	80
1853	2	5	3	47	1881	5	13	1	71
1854	6	5	2	46	a 31 ag. s. 1882	2	12		61

Invalidos admittidos 337, fallecidos 253, e dimittidos 23.
Os invalidos que existem no asylo, mais antigos, são os seguintes:

Nomes	Quando admittidos no asylo	Motivo por que
João Ferreira de Souza (a)	1839	Pelos seus bons serviços e falta de vista adquirida no serviço. Tem praça d'esde 1824.
João Pereira	1840	Ter cegado no serviço.
José Maria da Rocha (b)	1844	Falta de vista.
Alexandre da Cruz	1845	Idem.
Pedro Soares (c)	1846	Idem.
Francisco Lourenço	1847	Idem.
Manuel Esteves de Pinho (d)	1850	Idem.
Jacintho Lucas (e)	1850	Falta da perna esquerda e mão aleijada.

(a) Tem prestado o seu merecimento ao asylo sendo empregado em differentes serviços.
(b) Serviu por muito tempo de ajudante do enfermeiro.
(c) Serve de sachristão, e tem a seu cuidado o arranjo da egreja, da sachristia e das suas dependencias, assim como da conservação, guarda e aceio de todos os objectos do Culto.
(d) Serve de almoxarife do hospital.
(e) Tem servido de cozinheiro, e na actualidade serve de refeitureiro.

Têem prestado estes individuos optimos serviços ao asylo.
Dos 61 invalidos existentes, 1 fez as campanhas de Montevideu na divisão de voluntarios reaes de El-Rei, 9 as da liberdade; são cegos 6, e mutilados ou aleijados 5.

IX

Bens e lembranças legados ao asylo

Pela perda da commenda de S. Thiago de Beduido em 1834 ficou a admnistração d'este asylo sem meios para occorrer ás despezas do estabelecimento, e prestes a fechar-se.

Foi a generosidade d'outra Augusta Princeza, S. M. I. a Duqueza de Bragança, D. Amelia, viuva do Senhor D. Pedro IV, o Libertador, que se dignou em 17 de dezembro de 1834 declarar-se protectora do asylo, fazendo-lhe desde então a doação annual de dois contos de réis, reduzida, depois, em 1851, a um conto de réis, até á data do seu obito. Se não fosse este generoso donativo, de certo tão philantropica instituição teria fallecido por mingua de meios! Isto depois da Senhora Princeza Fundadora ter dispendido na construcção do edificio seiscentos contos de réis, tirados dos seus rendimentos, e de todas as suas joias, e, talvez ainda mais, o do seu descanço desde 1790 até 1829 em que falleceu; todos estes sacrificios feitos por uma senhora de elevada cathegoria, para no decorrer de sete annos o asylo achar-se preste a desmantelar-se. Por tudo isto, pelos deveres de humanidade, e pelo que a patria é obrigada com a classe militar nunca deveria dizer-se, o asylo de invalidos militares em Runa no anno 1834 esteve em perigo de acabar por falta de meios, se não fosse a generosidade da Senhora Duqueza de Bragança.

E' singular que em Portugal quasi sempre os monumentos de caridade são obra de senhoras, que se despojam de suas joias e de seus rendimentos para perpetuarem seu nome na bocca dos desvalidos.

Já D. Leonor esposa de El-Rei D. João II, foi quem instituiu a mais santa irmandade que tem a christandade — a da misericordia.

Estender as mãos aos desamparados pelos proprios progenitores, recolhel-os, creal-os, educal-os e dar-lhes vida a que seus paes se recusaram, acudir ao homem que agonisa, e mórmeute quando o que na terra se chama justiça commina morte ao misero. que amarrado entre grades d'uma prisão nem se quer tem o direito de disputar pela força o mais precioso dom da natureza, assistir ao padecente desde a leitura da sentença até á hora de expirar sobre o patibulo; finalmente tomar conta dos restos mortaes d'aqnelles que não ganharam na vida algumas moedas de cobre com que lhes possam depois de finados comprar sete palmos de terra para os enterrarem, são as principaes e mais que santas obrigações d'essa piedosa irmandade; e foi a uma rainha portugueza a quem a devemos.

O governo de Sua Magestade olhando com attenção para o piedoso

asylo e conhecedor de que a sua pequena receita e a generosidade feita pela Augusta Princeza, S. M. I. a Duqueza de Bragança não chegavam para o costeamento da despeza, recorreu ás côrtes, e obteve finalmente, pela lei de 9 de maio de 1843, auctorisação para dispender annualmente com este asylo a quantia de 2:400$000 réis, elevada depois a 3:600$000 réis, pela lei de 23 de junho de 1848, para se supprirem com os respectivos rendimentos, os seus encargos, na conformidade das disposições da sua instituição.

Pela carta de lei de 14 de julho de 1855 foi incorporada nos bens que constituiam a dotação do asylo, a capella instituida por Estocha Serrão, denominada Runa e Trucifal pertencente aos bens nacionaes. Estes bens já estão vendidos e convertido em inscripções o seu producto, por effeito da applicação das leis de desamortisação.

Em 1872 teve logar a transferencia do regimento de infanteria n.º 10 da guarnição de Lisboa para a do Porto, e a digna corporação dos officiaes d'este regimento teve a abençoada lembrança de doar a este asylo toda a mobilia da sua sociedade no quartel da Graça. Esta excellente mobilia guarnece a tribuna real do asylo, gabinete de leitura e sala do bilhar.

Nos objectos que adornam o palacio existe uma maquineta de madeira, feita pelo segundo sargento invalido Antonio Pedro Cardoso, que começou este trabalho quando contava 79 annos de idade levando na construcção d'ella 5 annos, fallecendo pouco depois com 85, não empregando na sua fabricação mais que serrote e canivete, o que lhe dá um grande merecimento artistico. Mede de altura 0m,57 por 0m,37 de largo.

Em 1874 pelo fallecimento do sr. tenente coronel reformado Antonio José Peixoto, deixou ao asylo uma morada de casas e terras de semeadura com arvoredo na Villa de Olhão. Estes bens estão entregues no ministerio da fazenda para serem vendidas em praça e convertido em inscripções o seu producto, por effeito da applicação das leis de desamortisação.

Em 1881 o sr. brigadeiro de engenheria reformado, José Maria da Silva Carvalho, deixou ao asylo uma inscripção de 500$000 réis, de que o referido brigadeiro em testamento fez legado ao asylo.

O gabinete de leitura tem bastantes livros offerecidos por diversas pessoas.

E' fóra de toda a duvida, que o exercito muito deve á memoria da excelsa Princeza fundadora do asylo, que quiz privar-se de sua fortuna, para perpetuar um monumento que ficasse gravado no coração do soldado: mas tambem não resta duvida alguma que as pessoas que têem concorrido com lembranças para este pio estabelecimento não sejam dignas de muito louvor; sendo muito arrazoado que em ordem do exercito se faça publicação de qualquer doação feita ao asylo.

X

Monumento de D. Pedro V

Depois da prematura morte d'El-Rei o Senhor D. Pedro V. teve logar na cidade do Porto uma reunião dos officiaes ali residentes, para se combinar na maneira dos exercitos da metropole e provincias ultramarinas elevarem um monumento que perpetuasse a memoria d'aquelle virtuoso soberano. Foi resolvido que se promovesse entre os militares uma subscripção, com o producto da qual se dotasse o hospital d'invalidos militares, afim de poder receber o numero de praças, que fosse possivel, dos dois exercitos, que reunissem certas condições, sendo eleita para se incumbir d'estes trabalhos a commissão composta dos srs.:

Tenente general, barão de Lordello, presidente; marechal de campo reformado, Jorge Vidigal e Silva, tenente coronel d'infanteria, José Paulino de Sá Carneiro, major do estado maior, José Maria de Serpa Pinto, major reformado, Affonso Botelho de Sampaio e Sousa, capitão d'engenheria, Miguel Baptista Maciel, alferes d'infanteria, José Vergolino Carneiro e Luiz Pinto de Mesquita e Carvalho, empregando todos o maior zelo no arduo desempenho da sua missão, sendo elogiados em ordem do exercito numero 17 de 1870.

Pela carta de lei de 1 de setembro de 1869 foi decretado o seguinte:

Artigo 1.º E' o governo auctorisado a admittir no hospital d'invalidos militares de Runa o numero de praças dos exercitos da metropole e das provincias ultramarinas, que comportar o rendimento da subscripção aberta entre os militares, para perpetuarem a memoria de El-Rei o Senhor D. Pedro V.

§ unico. Os militares que pertenderem ser admittidos n'este hospital, deverão reunir ás condicções exigidas no regulamento especial d'este asylo, a de serem condecorados por acções distinctas, quer militares quer humanitarias.

Art. 2.º Os fundos que os subscriptores destinarem a este fim, os juros recebidos ou que vierem a receber-se até ao momento da admissão dos novos asylados, serão convertidos em titulos de divida publica com assentamento ao hospital d'invalidos militares de Runa, preito do exercito da metropole e provincias ultramarinas á memoria de El-Rei o Senhor D. Pedro V.

§ 1.º O saldo que annualmente possa resultar entre a receita e despeza d'estes asylados e dos mais encargos que n'esta lei são designados, será igualmente convertido em titulos de divida publica e capitalisado.

§ 2.º Quando a importancia do saldo fôr inferior ao preço do menor titulo de divida publica, ou quando da conversão de que trata o § ante-

cedente sobrar quantia que não seja convertivel, conservar-se-ha em deposito para juntar aos saldos dos annos subsequentes, até que se possa converter em novo titulo.

Art. 3.º A nova dotação agora feita ao hospital d'invalidos militares em Runa, ainda que entregue á administração do mesmo estabelecimento, não fará parte do seu patrimonio, nem póde ser desviada em caso algum dos fins que lhe vão determinados.

Art. 4.º Os rendimentos dos fundos de que trata o artigo 2.º e seus paragraphos, serão applicados exclusivamente: 1.º a sustentação e vestuario das praças admittidas no hospital de invalidos militares em Runa, na conformidade das disposições do artigo 1.º

2.º A' celebração na capella do mesmo hospital, d'uma missa solemne pelo repouso do fallecido Rei o Senhor D. Pedro V no dia do anniversario do seu passamento.

3.º A erigir em local apropriado no mesmo estabelecimento um busto do mesmo Augusto Monarcha.

Art. 5.º Se o actual asylo de invalidos militares de Runa fôr substituido por outro, cujos fins sejam analogos aos d'este hospital, passará para elle a dotação a que se refere esta lei, com todos os encargos e preceitos que n'ella vão enumerados.

Se porém acontecer que venha a encerrar-se o actual asylo de Runa, e nenhum hospital do mesmo genero venha a substituil-o, serão os rendimentos dos titulos averbados como preito á memoria de El-Rei o Senhor D. Pedro V, administrados por uma commissão de tres officiaes do exercito da metropole e um do ultramar, presidida pelo ministro da guerra, applicando-se em pensões dadas a individuos nas circunstancias do artigo 1.º, e que deverão ser equivalentes á despeza que o hospital faria com cada asylado.

A direcção d'este asylo recebeu em 12 de março de 1868 da commissão para o monumento militar á memoria de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V, os fundos colhidos pela subscripção entre as classes do exercito do continente do reino e do ultramar, na somma de 13:900$000 réis em inscripções e 28$635 réis em metal.

Desde o dia em que a direcção do asylo recebeu este capital tem convertido os juros recebidos e o saldo da despeza feita com os asylados de D. Pedro V, desde o dia 21 de dezembro de 1879, que tem regulado por 600$000 réis ao anno, elevando-se hoje a somma de 33:300$000 réis em inscripções.

Foi no dia 21 de dezembro de 1879, que n'este asylo se effectuou a inauguração do busto de El-rei o Senhor D. Pedro V de saudosa recordação, verificando-se no referido dia a admissão n'este estabelecimento dos primeiros asylados que em conformidade da lei, devem ser sustentados e vestidos por conta do rendimento dos fundos da subscripção aberta

entre os militares dos mencionados exercitos, sendo admittidos como invalidos o sr. tenente reformado Henrique Treskow e dois soldados.

No acto da solemnidade da inauguração do busto de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V e da admissão dos invalidos n'este dia, foi representado o sr. ministro da guerra pelo sr. coronel de engenharia, Joaquim Antonio Dias, sendo então chefe da 4.ª repartição da secretaria da guerra.

XI

Empregados no asylo e pessoas das visinhanças que conheceram a Serenissima Princeza a Senhora D. Maria Francisca Benedicta

NO ASYLO

Thomaz Francisco, serve de criado do estabelecimento e faz parte do estado menor do asylo desde 1849, vence uma ração como qualquer invalido, ordenado de 2$400 réis mensaes e casa.

Francisco d'Oliveira, alfaiate, encarregado de fazer o fardamento para os invalidos desde 1841, rebece as importancias de feitios quando apresenta a obra. Francisca das Dores, mulher do criado.

LOGAR DE RUNA

Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Thereza Palha, filha do primeiro governador do asylo e D. Adelaide Rodrigues do primeiro cirurgião. D. Maria Ignez de Sampaio, D. Francisca, D. Maria Benedicta da Conceição, D. Maria Candida, José Manuel, José Jacintho, Joaquina Rosa, José de Sena D. Maria Caetana de Sena, Augusto José d'Oliveira, Delfina da Cruz, João Ignacio, Francisco Ferreira, José Agostinho, Francisco de Paula, Antonio Joaquim Carapeta, Maria Thomasia, Maria Ignacia, Joanna Ignacia, José Bernardo, João Cabaço, Casimiro d'Assumpção, Ignacia das Neves, Manuel Martins, José Caetano Martins, Joaquina do Carmo, Joanna Carapeta, João Lourenço, Manuel Joaquim, João da Silva, Maria da Purificação, Agostinho José, Antonio Maria, Maria das Dores, Marianna da Conceição, Anna Valentina, Maria Barbara, Maria Magdalena e José Ramalho.

LOGAR DO PENEDO

João Franco, Maria José, João Pereira, Maria Clara e Maria da Silva,

LOGAR DA ZIBREIRA

Honorato José Machado, José Lima, José da Costa, D. Mariana Lopes e D. Maria Joanna.

LOGAR DE MATACÃES

D. Anna de Miranda, Francisco Fatal, José Fatal, José Pinto Matheus Antunes, Bento José Monteiro, Francisco Antonio Lourenço, Joaquim Pedro, Antonio Rodrigues, Sebastião Francisco, Bernardo Nunes Velloso.

José Gregorio, Antonio da Silva, Joaquim de Sousa, José de Sousa, Joaquim de Castro, Manuel da Silva Casaleiro, João Nunes, José Rodrigues, D. Maria José Fatal, Maria da Conceição, Anna das Dores, Rosa de Lima, Victorina do Carmo, Maria d'Oliveira, Joaquina do Carmo e Balbina Rosa.

Uma grande parte d'estas pessoas trabalharam na construcção do asylo.

XII

Biographia do actual commandante do asylo

Francisco de Mello Baracho, nasceu em 2 de maio de 1797 em Villa Franca de Xira. Assentamento de praça como voluntario no 2.º regimento de cavallaria da divisão de voluntarios Reaes d'El-Rei em 31 de julho de 1815. Reconhecido cadete em 20 de agosto do mesmo anno. Alferes para o 1.º regimento de cavallaria da mesma divisão em 22 de janeiro de 1818, tenente, 9 de julho de 1827, capitão 25 de julho de 1833, major 13 do outubro de 1839, tenente coronel 25 de fevereiro de 1842, coronel 29 de abril de 1851, brigadeiro reformado 2 de junho de 1851.

Melhorada a reforma em marechal de campo em 31 de dezembro de 1855, nomeado commandante do asylo militar de Runa pelos seus optimos serviços em 18 de agosto de 1864. Serviu sempre em differentes corpos de cavallaria.

Campanhas a que assistiu

As de Montevideu, as de 1826 a 1828, as de 1832 a 1833. Assistiu a todos os combates que tiveram logar desde 15 de dezembro de 1832 dia em que emigrou para o Porto até ao fim da lucta contra a usurpação.

Ferimentos

Gravemente na acção de 21 de agosto de 1833 na villa d'Olhão.

Condecorações

Cruz de ouro pelas campanhas de Montevideu; Cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz; medalha de D. Pedro e D. Maria algarismo n.º 5; Commendador da ordem militar de S. Bento d'Aviz; medalhas militares

de prata de valor, bons serviços e comportamento exemplar; Cavalleiro da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada de Valor Lealdade de Merito

São estas as distincções do valente militar, prestante cidadão e eximio liberal que ajudou a conquista da nossa liberdade com o seu sangue derramado no campo da batalha, e hoje o digno commandante dos seus companheiros do trabalho.

CONCLUSÃO

Ainda que em diversas epochas hajam sido publicadas varias noticias d'este estabelecimento, pareceu-me, vista a sua importancia, não ser de mais tudo quanto appareça escripto para tornar assás conhecida, e o que é e vale tão pia instituição; por isso, servindo-me do que a tal respeito ha escripto e de mais alguns esclarecimentos que procurei obter, narrei a historia d'este asylo; deixando por esta forma singelamente descripto tudo quanto julgo que poderá interessar a quem deseje saber da grande instituição designada com titulo de — *Asylo de invalidos militares em Runa.*

Runa, 25 de agosto de 1882.

Augusto Escrivanis.

ERRATA

Na pagina 12, linha 34, onde se lê 400 casas, deve ler-se 300 casas.

PREÇO 200 RÉIS

1882, Lallemant Frères, Typ. Lisboa.

CONGRESSO PEDAGOGICO HISPANO-PORTUGUEZ-AMERICANO

SECÇÃO PORTUGUEZA

COLLEGIO DOS ORPHÃOS DE S. CAETANO

EM

COIMBRA

PELO

DOUTOR MANUEL DIAS DA SILVA

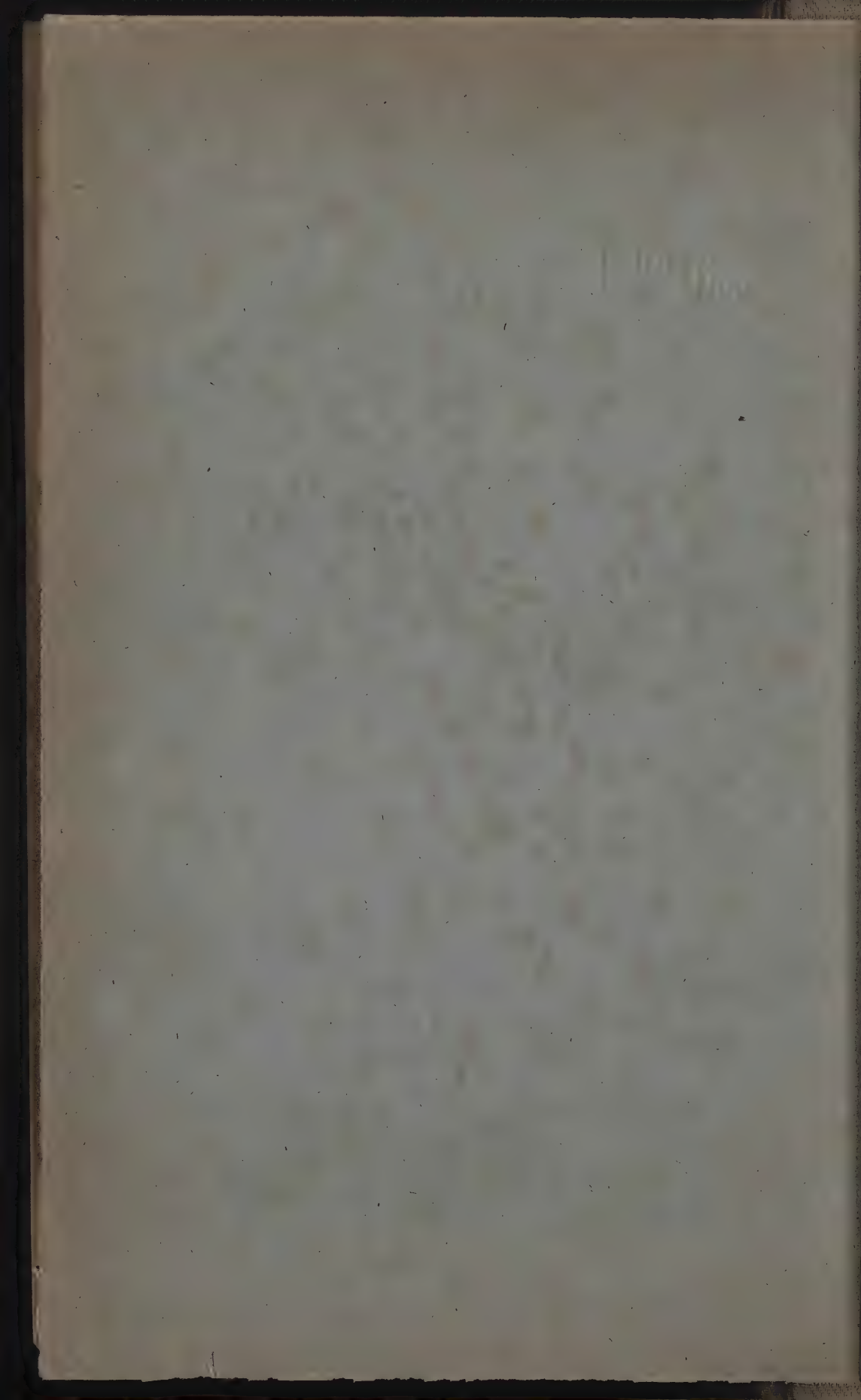
Lente substituto da Faculdade de Direito da Universidade
e Provedor da Santa Casa da Misericordia de Coimbra

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1892

CONGRESSO PEDAGOGICO HISPANO-PORTUGUEZ-AMERICANO

SECÇÃO PORTUGUEZA

COLLEGIO DOS ORPHÃOS DE S. CAETANO

EM

COIMBRA

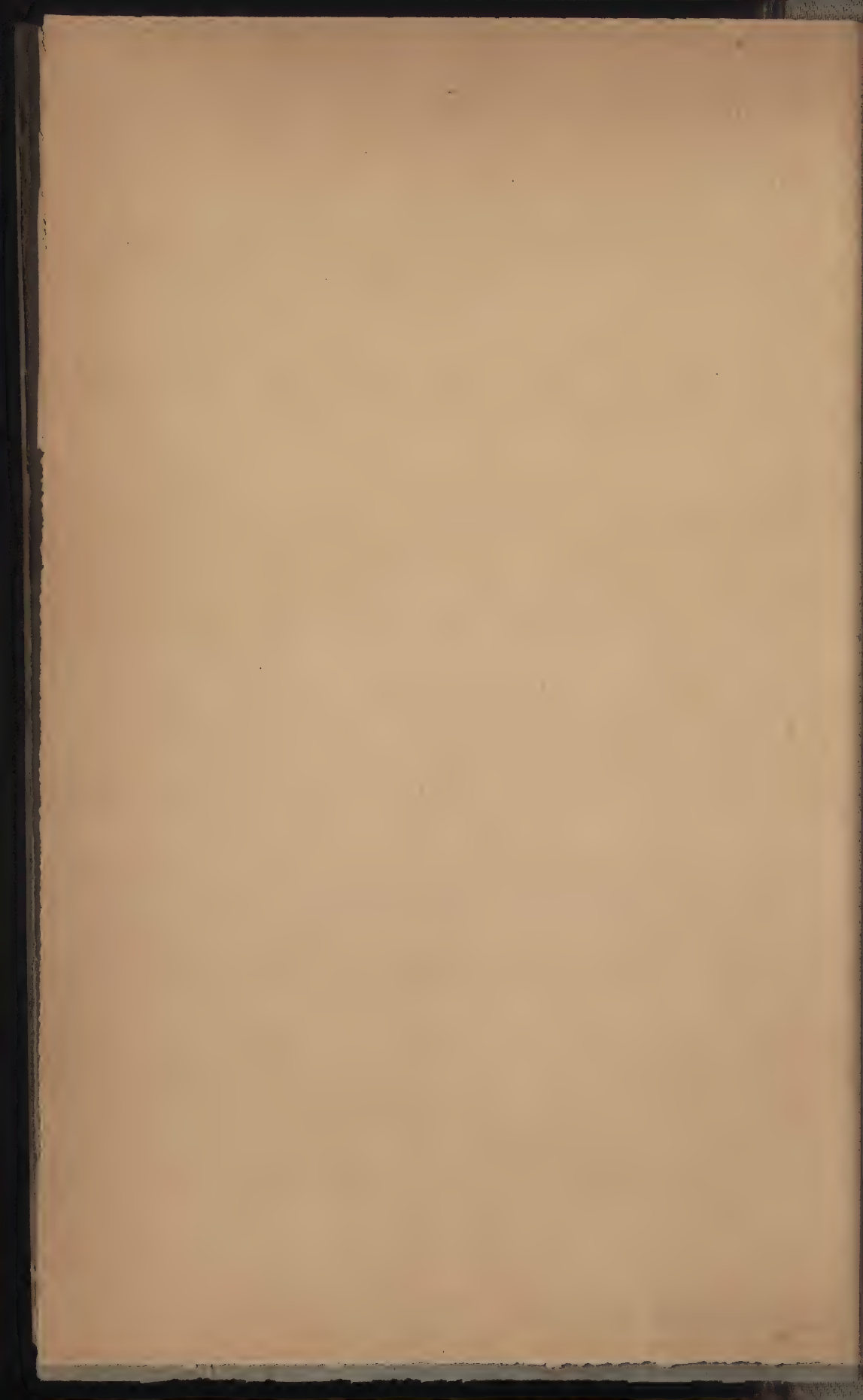
PELO

DOUTOR MANUEL DIAS DA SILVA

Lente substituto da Faculdade de Direito da Universidade
e Provedor da Santa Casa da Misericordia de Coimbra

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1892

COLLEGIO DOS ORPHÃOS DE S. CAETANO

EM

COIMBRA

Este instituto, que se acha sob a guarda e administração da Santa Casa da Misericordia de Coimbra, é um dos mais sympathicos e prestantes que esta benemerita corporação tem a seu cargo.

Acolher em seu recinto, rumoroso e vibrante de vida, creanças de ambos os sexos, a quem grande infortunio attingiu em tenros annos privando-as de pae e reduzindo-as á orphandade; ministrar-lhes a par do sustento do corpo e da cultura do espirito a educação moral e a instrucção profissional — eis o fim social e altamente meritorio a que visa esta instituição, de que vou esboçar a rapidos traços a historia e referir o estado e organização actuaes.

I

Data do principio d'este seculo a fundação do Collegio dos orphãos, e conta ja quasi dous seculos de existencia o Collegio das orphãs.

Na galeria dos retratos dos seus bemfeitores occupam o logar de honra os do doutor Caetano Corrêa de Seixas, natural da Bahia, cidade do Brazil, e lente jubilado da Universidade de Coimbra, onde falleceu no anno de 1786, e do licenciado Manuel Soares de Oliveira, natural da villa de Pereira e capitão general das ilhas Philippinas, onde falleceu no anno de 1675.

E justa é esta homenagem.

Se este deixou á Santa Casa um avultado legado com a obrigação de satisfazer varios encargos pios, que estabeleceu, e com o remanescente fundar um Collegio de meninas orphãs, o que se levou a effeito no anno de 1701, legou aquelle á mesma Santa Casa toda a sua fortuna, avaliada em mais de noventa contos de reis, para com ella se fundar um Collegio de orphãos e outro de orphãs.

Inaugurado com doze alumnos o Collegio dos orphãos, em 15 de janeiro de 1804, n'um predio situado na rua dos Coutinhos, ainda hoje pertencente á Santa Casa, reanimou-se ao mesmo tempo o antigo recolhimento de orphãs, que continuou no seu edificio da rua de Coruche, adjuncto á capella da misericordia, e que á mingua de recursos estacionara e teria perecido até, se em seu auxilio não tivesse advindo a fortuna do benemerito Corrêa de Seixas, doutor e lente da Universidade.

Foi, com effeito, tão adversa a sorte que desde o começo, e principalmente no principio d'este seculo, perseguiu os capitaes do legado Soares, de que, por disposição do proprio testador, a maior parte tinha sido empregada em padrões de juro real, alguns dos quaes de real só têm o nome, e o papel em que se acham consignados, pois desde ha muitos annos que nada rendem, que sem este auxilio não teria sido possivel sustentar aquelle recolhimento, onde as mesas da Santa Casa foram recebendo successivamente varias alumnas sem distincção entre as de Soares e de Seixas, mas em conformidade com os recursos disponiveis.

A vida d'estes Collegios arrastou-se obscura e modestamente atravez das luctas do periodo constitucional, até que, pacificado já o paiz, um novo facto veio influir favoravelmente sobre o futuro da instituição, abrindo um novo periodo na vida e historia d'ella.

Refiro-me á concessão que a lei de 15 de setembro de 1841 fez á Misericordia de Coimbra do Collegio da Sapiencia ou Collegio Novo, d'antes pertencente aos conegos regrantes de Santa Cruz, para n'elle installar os Collegios dos orphãos e das orphãs,

o que se realizou em 19 de junho de 1842, sendo provedor da Santa Casa o dr. Antonio Honorato de Caria e Moura.

Edificio amplo, espaçoso e bem exposto, lavado de ares e dotado de bellas e amplas vistas, tem sido successivamente melhorado pelas differentes administrações da Santa Casa, o que permittiu acolher maior numero de alumnos e em regulares condições hygienicas.

As pequenas cellas e quartos, escuros e mal arejados, foram convertidos em extensos dormitorios e amplas salas para aulas, officinas, arrecadações, de fórma a poder-se considerar desde já, e sem embargo das modificações, reparos e installações de que ainda carece, um edificio de primeira ordem para o fim a que é destinado, embora pequeno para a coexistencia dos dous Collegios.

II

Aos melhoramentos materiaes do edificio e augmento do numero dos alumnos não correspondeu durante muitos annos a instrucção dos collegiaes, que não era de molde a habilital-os para entrarem com vantagem na lucta pela existencia.

O caracter semi-monastico, que a principio foi dado ao recolhimento das orphãs e que o Regulamento de 1854, que ainda hoje é a principal lei da Casa, lhe conservou em grande parte, isolando-o assim das vistas immediatas do publico e até das proprias administrações, e incutindo nas educandas habitos e aspirações que ellas não podiam satisfazer, quando, ao findar o internato, tocassem na triste realidade da vida, contribuiu não pouco para que a educação nem sempre fosse a mais conveniente e adequada a educandas, cujo nascimento, humilde pela pobreza do lar, não pode permittir em regra outras aspirações que não sejam o ser creadas de servir ou esposas de modestos operarios.

A propria duração do internato, que inconvenientemente podia protrahir-se até aos vinte e quatro annos, aggravava os defeitos de tal educação, quasi sempre incompleta sob o ponto de vista dos estudos e das prendas proprias do sexo e da posição e destino provaveis que as educandas podiam vir a ter na sociedade.

Quanto ao Collegio dos orphãos, a feição de seminario, que o seu fundador lhe tinha dado, determinando que aquelles que

quizessem ser religiosos ou clerigos, e para isso manifestassem competencia e vocação, seguissem os estudos e permanecessem n'elle até aos vinte e cinco annos de edade, e que os restantes fossem collocados desde os doze aos quinze annos como aprendizes em officinas, devia influir desfavoravelmente na educação e aproveitamento dos alumnos.

Á excepção d'aquelles que cursavam a instrucção secundaria e os estudos superiores para o estado ecclesiastico, e ainda por vezes os estudos medicos, o que a reforma regulamentar de 6 de junho de 1885 veio legalizar, a aprendizagem dos alumnos quasi se limitava á instrucção primaria, de modo que ao chegarem á edade de sahirem dos Collegios não só não se achavam habilitados para nenhum destino social, mas, affeitos a certas commodidades e desacostumados do trabalho, com difficuldade se sujeitavam a elle em casa dos patrões ou mestres.

D'aqui as evasões constantes de casa dos mestres, as recusas de acceitação por parte d'estes, as difficuldades da administração e o descredito da instituição, que, a continuar, mais valeria cerrar as suas portas e applicar por outra fórma em beneficio da orphandade os rendimentos alli dispendidos.

Algumas tentativas houve por parte d'algumas mesas para se dar outra orientação ao ensino e educação dos asylados; mas estas tentativas, de caracter restricto e isoladas, passavam desapercebidas e deixavam-se cahir no olvido logo que os seus auctores largassem a administração, o que, por disposição regulamentar, succedia annualmente.

Foi necessario que uma reforma do regulamento, permittindo a reeleição das mesas, habilitasse estas a tomar conhecimento mais profundo das conveniencias e necessidades do instituto e a emprehenderem e sustentarem reformas mais radicaes.

É ás mesas de 1886-1889, presididas pelo ex.^{mo} sr. dr. Philomeno da Camara Mello Cabral, lente da Universidade, que se devem as reformas mais importantes, e que têm sido sustentadas pelas mesas subsequentes.

Substituiu-se o pessoal superior dos Collegios, transferiu-se para o Collegio das orphãs a cosinha, que sem motivo plausivel e inconvenientemente se achava a cargo do Collegio dos orphãos, procurou-se adequar o ensino das orphãs á sua condição social e destino provavel, e instituiu-se no Collegio dos orphãos o ensino profissional, creando-se e organizando-se officinas de alfaiate, de sapateiro e de encadernação.

Rompeu-se assim com os prejuizos do meio, que todavia não deixaram de ter, como sempre, defensores apaixonados.

São de creação relativamente recente as officinas, para que desde já possamos avaliar em toda a amplitude pelos resultados obtidos as vantagens d'esta reforma; mas ainda assim, o que se tem conseguido já comparativamente ao passado que a historia da instituição nos testemunha, é bastante para affirmarmos que é pelas officinas e pelo ensino profissional que ha de restabelecer-se o bom nome do instituto e tornar-se este verdadeiramente util e prestante.

Acolher a creança desvalida e ministrar-lhe uma instrucção rudimentar póde ser alguma cousa, mas é pouco, e pode ser até contraproducente se depois entregarmos o adolescente inerme ás luctas da vida.

É necessario que os educandos aprendam tambem um officio que lhes sirva de ganha-pão, e que ao mesmo tempo que se lhes incute o respeito da virtude e do dever, se radique n'elles o amor e o habito do trabalho. É necessario que ao lado da eschola se levante a officina, porque, além de habilitar a ganhar a subsistencia pelo trabalho, é tambem um poderoso factor de moralisação.

D'outra fórma a instrucção ministrada apenas servirá de ordinario para os tornar mais perigosos e nocivos á sociedade.

III

Por estes principios se tem orientado n'estes ultimos annos a administração dos dous Collegios, cuja população asylada é actualmente de 90 alumnos, desegualmente distribuidos pelos mesmos Collegios, como se vê do mappa n.º 1 sobre o estado e movimento dos alumnos durante o anno administrativo de 1891-1892. É da instrucção que n'elles se lhes ministra que vou fallar especialmente.

Além da educação moral e da instrucção religiosa, que é e será sempre a base mais solida de toda a educação, e do ensino da instrucção primaria, que é dever imposto por lei a todos os cidadãos, ministra-se a todos os alumnos do sexo masculino, mesmo áquelles que pela sua maior competencia seguem qualquer carreira litteraria, o ensino profissional devidamente combinado com a practica dos exercicios de gymnastica racional tendentes a favorecer o seu desenvolvimento physico e com a aprendizagem

do desenho, do canto e da musica tendente a desenvolver e aperfeiçoar o seu gosto artistico.

Durante os primeiros annos da sua permanencia nos Collegios a aprendizagem dos alumnos limita-se ao estudo da instrucção primaria rudimentar, pelo methodo de João de Deus, e a este mesmo estudo poucas são as horas consagradas diariamente, porque mais não o permitte o pouco desenvolvimento physico de creanças, orphãs de paes victimados em geral pela tuberculose, e cuja edade, na occasião da entrada para os Collegios, não póde exceder a sete annos, maximo que se acha inconvenientemente fixado no regulamento ainda em vigor, e que é urgente modificar, não só n'este, como n'outros pontos.

É necessario não só elevar este maximo até aos oito ou nove annos de edade, ampliando tambem até aos dezeseis annos a edade para a sahida, que pelo actual regulamento é aos quatorze annos, mas tambem fixar um minimo de edade para a entrada nos Collegios, e que nunca deverá ser inferior aos seis annos, porque antes d'esta edade mais carecem dos cuidados das amas e dos disvelos das mães, que das lições do professor e das reprehensões do guarda. Antes d'esta edade pouco podem aprender e nada convém ensinar-lhes; pelo que, além dos graves transtornos que causam á administração, occupam indevidamente um logar que por outros poderia ser preenchido com vantagem.

Tambem a orphandade de pae, se póde ser um motivo de preferencia, não póde ser razoavelmente elevada á altura de condição impreterivel, que hoje, sobre tudo, tem o grave inconveniente de restringir o recrutamento dos educandos a uma classe de infelizes sobre que em geral pesa o stigma da tuberculose e de outros vicios hereditarios; e a restricção á naturalidade do concelho de Coimbra, além de importar um exclusivismo pouco justificavel, desde que não assenta em disposições do fundador dos Collegios ou dos seus bemfeitores, tem por consequencia necessaria aggravar o inconveniente da hereditariedade a que acima alludi, concorrendo assim para tornar má, permitta-se a expressão, a materia prima que ha a sustentar, instruir e educar nos Collegios. Uma estatistica rigorosa sobre este assumpto seria, sob mais de um ponto de vista, altamente instructiva.

Da instrucção primaria rudimentar passam os alumnos ao estudo da instrucção primaria elementar, começando desde logo os do sexo masculino a receberem, depois de prévia inspecção medica pelo facultativo do Collegio, algumas lições de canto e de gymnastica, e a percorrerem tambem as officinas, demorando-se

n'ellas algum tempo em cada dia, a fim de escolherem aquella em que desejem fazer a aprendizagem.

Feito o exame de instrucção primaria elementar, ou ainda antes d'este, quando tenham completado dez annos de edade, matriculam-se n'uma das officinas, combinando-se o trabalho e a aprendizagem n'ellas com o estudo da instrucção primaria elementar e complementar e com o do desenho, que é hoje indispensavel para todas as artes, officios e carreiras, e por isso é obrigatorio para todos os alumnos.

Pode, felizmente, dizer-se que é este um dos serviços mais bem estabelecidos no Collegio.

Não só a aula se acha installada muito regularmente n'uma sala appropriada e mobilada exclusivamente para este serviço, e já adornada com muitos trabalhos dos alumnos que honram por egual mestre e discipulos, mas o ensino é dirigido proficientemente pelo zeloso e competentissimo professor do lyceu de Coimbra, o sr. Luiz Augusto Pereira Bastos, que sabe, como poucos conhecer e aproveitar a vocação dos seus alumnos.

A alguns que mais aptidões revelam n'este ramo das bellas artes, foram dadas no ultimo anno pelo mesmo professor algumas lições de modelação em barro, sendo sensiveis os progressos que em pouco tempo têm feito, e podendo considerar-se desde já installada mais esta aula.

Durante este periodo continuam os exercicios de gymnastica, feitos nos termos e condições em que a boa hygiene e a pedagogia moderna os prescrevem e ensinam, e tambem as lições de canto e de musica, habilitando-se assim um grande numero de alumnos com mais uma prenda que, além de lhes proporcionar uma distracção agradavel e innocente, e poder converter-se para muitos n'um auxiliar da sua subsistencia, concorre efficazmente para o esplendor e economia do serviço do culto religioso na capella do Collegio, que é tambem a da Santa Casa.

É, com effeito, á orchestra e orpheon constituido pelos alumnos do Collegio, ás vezes reforçado com algum pessoal estranho, que incumbe o serviço do côro em todas as festividades que alli se realisam, e póde dizer-se que é a capella da Misericordia uma das da cidade, onde melhor se desempenha este serviço.

Tambem o desempenham por vezes n'outras egrejas mediante a devida remuneração pecuniaria, a qual, bem como alguns donativos e o producto de uma percentagem sobre o preço da obra confeccionada nas officinas, constitue um fundo especial destinado para premios pecuniarios aos alumnos que mais se distinguirem em cada anno pelo seu comportamento e aproveitamento.

A importancia d'estes premios é depositada em nome de cada premiado na caixa geral dos depositos, e ao sahirem os alumnos do Collegio entrega-se-lhes a respectiva caderneta.

Procura-se por esta fórma não só constituir-lhes um peculio de que possam valer-se em qualquer necessidade, mas principalmente incutir-lhes no animo, a par do amor pelo trabalho, o espirito de economia, em geral tão despresado pelo nosso operariado.

Aos alumnos mais adeantados, e nomeadamente aos da officina de encadernação, tambem se dão algumas lições de francez, e a alguns dos que melhores provas litterarias apresentam nos seus primeiros estudos permitte-se, em conformidade com as determinações do fundador do Collegio, o seguimento dos estudos para o estado ecclesiastico e, excepcionalmente, para a medicina: outros seguem a carreira de pharmacia, fazendo do Collegio os preparatorios respectivos e a aprendizagem e a pratica na botica da Santa Casa, que se acha installada em um edificio contiguo ao dos Collegios, e que hoje póde considerar-se tambem como uma eschola profissional destinada aos alumnos do mesmo Collegio.

Durante o anno administrativo findo praticaram na pharmacia tres alumnos, um dos quaes, tendo concluido os preparatorios e tendo mais de quatro annos de pratica, obteve já collocação razoavel n'uma pharmacia de Lisboa, cedendo assim o logar a outro alumno.

Durante o mesmo anno foi a Universidade frequentada por dous alumnos, matriculados um, na faculdade de theologia e outro na de medicina; e o lyceu por quatro, ficando todos approvados nos actos e exames que fizeram. Do mappa n.º 2 constam os seus nomes, bem como as disciplinas de que fizeram exame.

A officina de encadernação foi frequentada por doze alumnos incluindo os quatro que frequentam tambem a instrucção secundaria; a de alfaiate por dez e a de sapateiro por dezeseis. Do mappa n.º 3 constam os seus nomes e bem assim as aulas que frequentaram, e tambem a indicação de terem obtido ou não premios pelo seu aproveitamento e comportamento.

Os restantes alumnos estudam ainda a instrucção primaria rudimentar, ou mesmo a elementar, mas por falta de edade não estão sujeitos á aprendizagem nas officinas.

IV

Quanto ás orphãs a sua instrucção e educação é orientada de modo a aproximal-a, tanto quanto possivel, da vida pratica, e por fórma que, ao sahirem do recolhimento, tenham mais ou menos o futuro garantido por um trabalho certo, seguro o mais possivel.

Sem descurar a instrucção primaria, que é essencial e imposta por lei a todos os cidadãos, procura-se tambem imprimir a esta instrucção o caracter profissional; e por isso a instrucção nos trabalhos de agulha, de thesoura, de meia, de bordados, de crochet, etc., e nos de coser á machina, gommar e cosinhar, occupa um logar importante no ensino ministrado no respectivo Collegio.

Aqui porém, como no Collegio dos orphãos, um obstaculo se oppõe ao completo desenvolvimento do ensino profissional: é a disposição regulamentar que fixa a edade de quatorze annos como limite maximo da permanencia dos alumnos nos Collegios. Nem é possivel completar até esta edade uma educação profissional, nem os alumnos têm attingido ainda o desenvolvimento physico e intellectual bastante, que os habilite a prover pelo proprio esforço á sua subsistencia.

É necessario, pois, ampliar para ambos os Collegios a edade da sahida até aos dezeseis annos, permittindo-se ainda excepcionalmente ás orphãs que melhores provas tiverem dado, como succede a respeito dos orphãos que seguem carreiras litterarias, a permanencia ainda por mais dous ou tres annos, de modo a poderem preparar-se para professoras ou mestras de meninas nas escholas officiaes ou nos institutos particulares.

Do mappa n.º 4 constam os nomes das educandas que no ultimo anno administrativo mereceram ser premiadas, tanto pelo seu comportamento, como pelo seu aproveitamento em instrucção primaria, lavores, costura, etc.

São menos do que os orphãos as premiadas; mas menor é tambem, como se vê do mappa n.º 1, o numero das asyladas, o que é devido, não a arbitrio da administração, mas, por um lado, á necessidade que ha de maior população no Collegio dos orphãos por causa da diversidade do ensino profissional, e por outro, á desegual concorrencia dos pretendentes de um e de outro sexo.

Não ha ainda muito tempo que, tendo-se aberto concurso para o provimento de seis vagas de orphãs, apenas appareceu uma concorrente em condições de ser admittida. Porém pouco tempo depois não só appareceram pretendentes para todas as vagas, mas ainda para mais se as houvesse, assim como têm sido tambem frequentes n'estes ultimos tempos os pedidos de orphãs, a que não tem podido satisfazer-se por não as haver ainda em condições de sahirem, mas brevemente o poderão ser.

E é este, sem duvida, um dos resultados mais favoraveis, e ao mesmo tempo mais lisonjeiros, das reformas do ensino operadas nos ultimos annos.

V

Porém muito resta ainda que fazer. Permitta-se-me reproduzir aqui as palavras de que usei n'outro logar ao encerrar o paragrapho relativo aos Collegios:

«Não obstante o muito que se tem progredido, precisa ainda este estabelecimento não só de muitos melhoramentos materiaes, alguns dos quaes são urgentes, mas de muitos serviços e valiosa protecção para que possa satisfazer cabalmente ao seu destino, ao fim da sua instituição, que outro não póde ser, salvo raras excepções baseadas em talento comprovado e não em actos de favoritismo, a instrucção primaria e a profissional, unica que comporta um estabelecimento destinado a acolher rapazes e raparigas completamente pobres.

«É necessario conseguir os meios para augmentar a população asylada dos dous Collegios e desenvolver as officinas, para que melhor possam aproveitar-se as aptidões dos educandos, e habilitar as educandas em todos os misteres da domesticidade; é, emfim, necessario reformar o regulamento e adaptal-o a este programma» (1).

Ao concluir este modesto escripto, é para mim da maior satisfação poder encerral-o com as auctorisadas e animadoras palavras que Sua Majestade El-Rei, o Sr. D. Carlos I, se dignou

(1) Relatorio sobre a administração do anno de 1891-1892, lido em sessão da Mesa de 10 de outubro ultimo, pag. 30.

escrever no livro dos visitantes quando, no dia 25 de julho ultimo, concedeu a honra da sua visita a este instituto:

«Os meus cumprimentos os mais sinceros áquelles que estão á testa d'esta tão util instituição de caridade que póde servir de modelo ás melhores que conheço, e os meus fervorosos votos para que progrida e seja feliz, como é mister para o bem das classes pobres d'esta cidade. — 25 de julho de 1892. — El-Rei D. Carlos I».

Mappa n.º 1

Estado e movimento dos alumnos durante o anno administrativo de 1891–1892

Existentes em 30 de junho de 1891			Movimento até 30 de junho de 1892									Existentes em 30 de junho de 1892		
			Sahiram			Morreram			Entraram					
Orphãos	Orphãs	Total	Orphãos	Orphãs	Total	Orphãos	Orphãs	Total	Orphãos	Orphãs	Total	Orphãos	Orphãs	Total
60	25	85	4 (*a*)	—	4	1	—	1	3	5	8	58	30	88

(*a*) Conta-se entre estes um orphão que, tendo sido alumno do Collegio e passando depois a frequentar no Seminario Diocesano o curso ecclesiastico á custa da Santa Casa, abandonou esta carreira, deixando por isso de ser considerado alumno do Collegio.

Mappa n.º 2

Relação dos alumnos que durante o anno administrativo de 1891–1892 cursaram instrucção secundaria e superior e praticaram na botica da Santa Casa, com a indicação dos actos e exames que fizeram

Nomes	Fizeram actos ou exames				
	De Theologia	De Medicina	De Physica 1.ª parte	De Latim 5.º anno	De Francez
INSTRUCÇÃO SUPERIOR					
Macario Ferreira	2.º anno	—	—	—	—
Antonio dos Santos Tovim	—	1.º anno	—	—	—
INSTRUCÇÃO SECUNDARIA					
Antonio José Marques	—	—	»	»	—
José Maria Marques	—	—	»	» (*a*)	—
Raul Lucas	—	—	»	»	—
José Soares Nobre	—	—	»	»	—
PHARMACIA					
Francisco Antunes	—	—	»	—	—
José Leonardo	—	—	»	—	—
Raul Lopes Lobão	—	—	—	—	»

(*a*) Approvado com distincção.

Mappa n.º 3

Relação do pessoal discente das officinas, com designação dos seus estudos, exames feitos e premios obtidos pelo seu comportamento e aproveitamento no ultimo anno

Nomes	Frequentam as aulas de								Têm exame de Inst. Prim.		Obtiveram premio
	Inst. Primaria		Francez	Desenho	Modelação	Musica	Gymnastica	Instr. secundaria	Elementar	De admissão	
	Rudimentar	Elementar									
OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO											
Adriano Augusto Coelho	—	—	»	»	—	»	»	—	»	»	»
José Mariz	—	»	»	»	—	—	»	—	»	—	—
Arthur Fernandes	—	»	—	»	—	»	»	—	—	—	»
José Lucas de Sá	—	—	»	»	—	»	»	—	»	»	»
Manuel Pereira	—	»	—	»	—	»	»	—	—	—	»
Egydio da Silva	—	»	—	»	—	»	»	—	—	—	—
Abilio da Costa	—	»	—	»	—	»	—	—	—	—	—
Eduardo Motta	—	—	»	—	—	»	—	—	»	»	—
Antonio José Marques	—	—	—	»	»	»	»	»	»	»	—
José Maria Marques	—	—	—	»	—	»	»	»	»	»	—
Raul Lucas	—	—	—	»	—	»	»	»	»	»	—

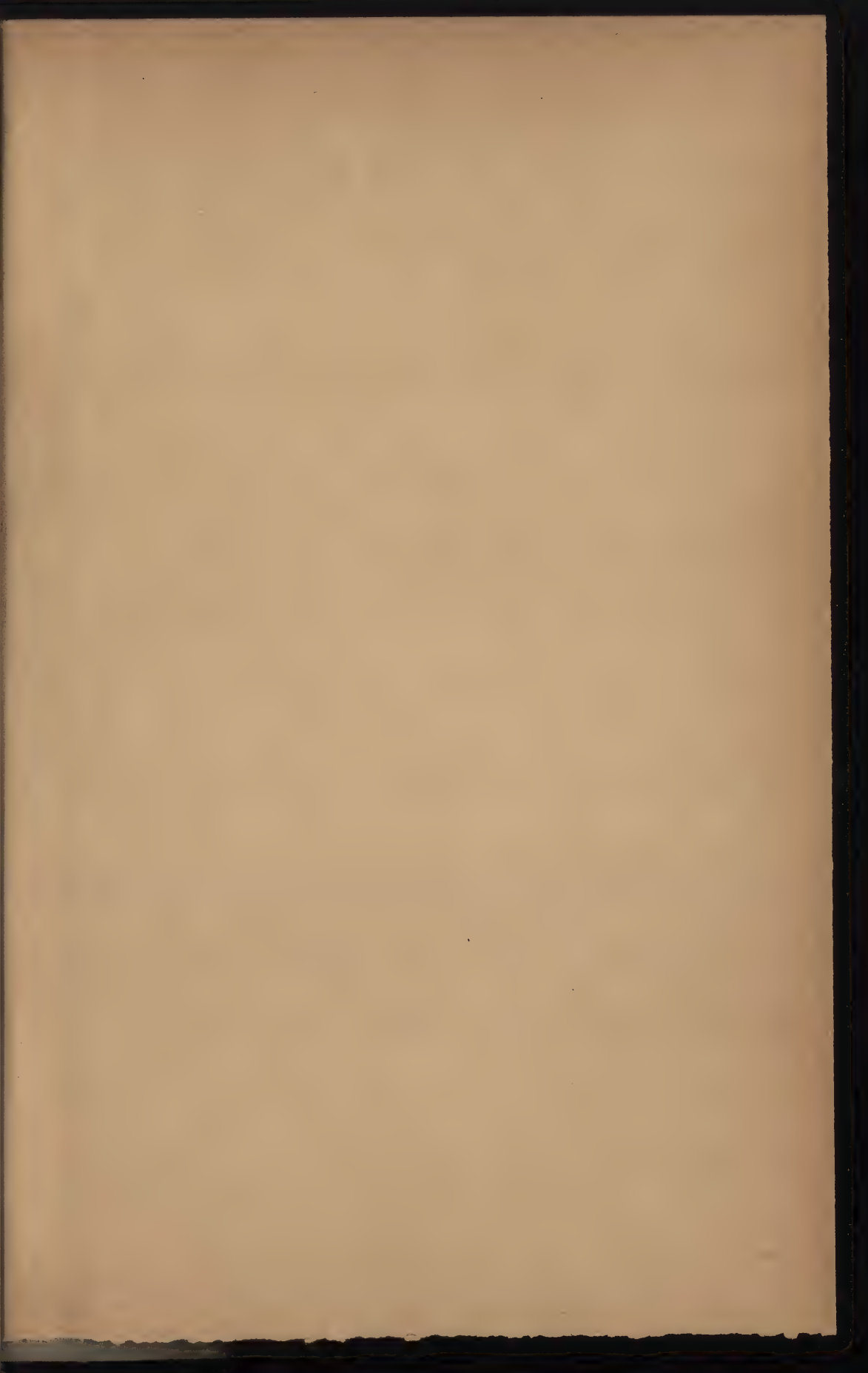
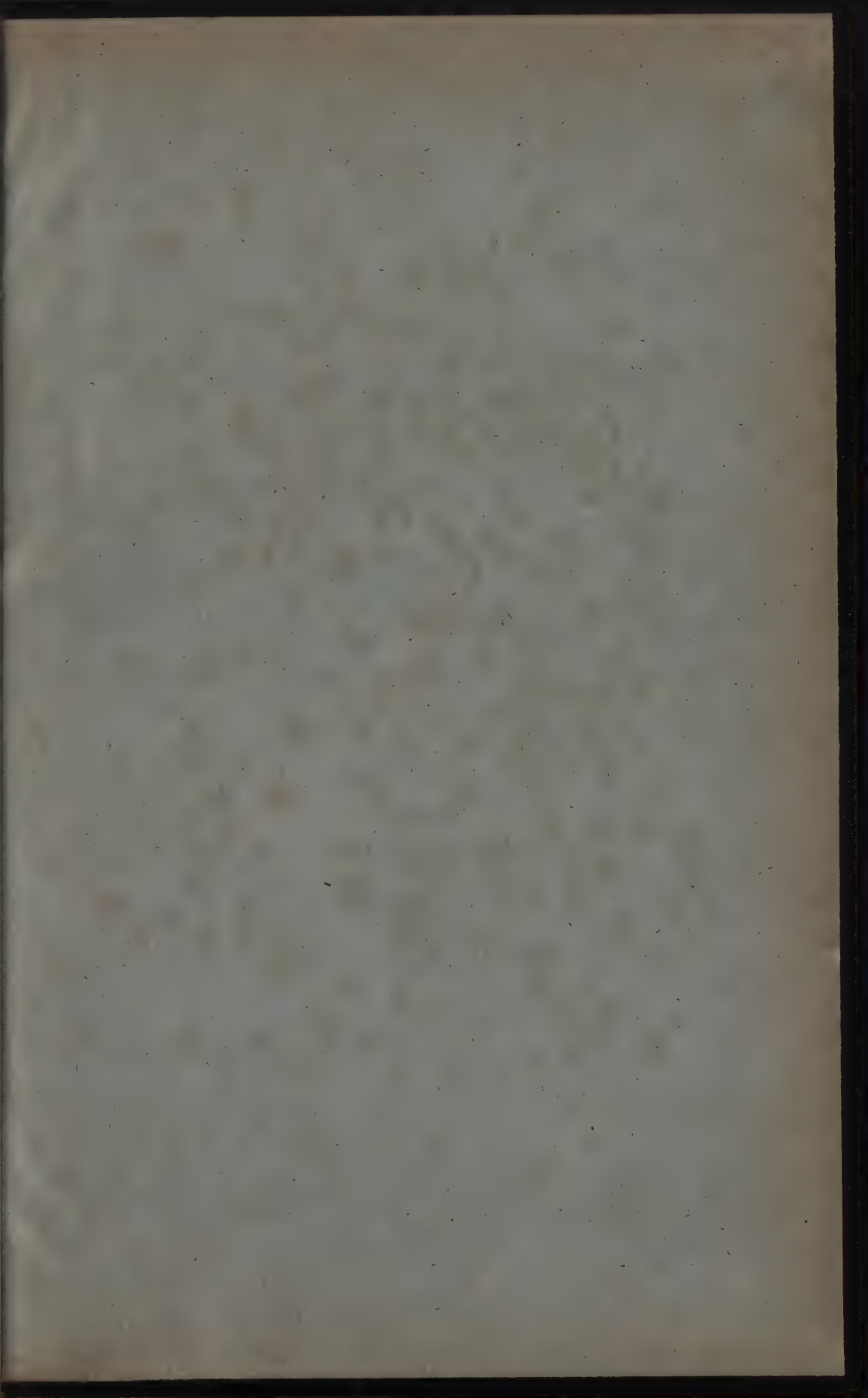
João de Jesus Nunes	—	—	»	»	—	»	»	—	»	—	»
Virgilio José Tavares	—	»	—	»	—	»	»	—	—	—	»
Antonio Marcellino Murta	—	»	—	»	—	»	»	—	—	—	»
Jorge Alves	—	»	—	—	—	—	»	—	—	—	—
Accacio Simões	—	»	—	»	—	»	»	—	—	—	—
Paulo Antunes da Silva	—	»	—	»	—	»	»	—	—	—	—
José Augusto	—	»	—	»	—	»	»	—	—	—	—
João Ribeiro	—	»	—	»	—	»	»	—	—	—	—
Joaquim da Fonseca	—	»	—	»	—	»	»	—	—	—	»
João Augusto Ornellas	—	»	—	»	—	»	»	—	—	—	»
OFFICINA DE SAPATEIRO											
Adolpho Medina Pereira	—	»	—	»	»	»	»	—	—	—	»
João Rodrigues	—	»	—	»	—	»	»	—	—	—	»
Antonio Teixeira	—	»	—	»	»	»	»	—	—	—	»
João Nogueira	—	»	—	»	»	»	—	—	—	—	»
Firmino da Conceição	—	»	—	»	—	»	»	—	—	—	»
Joaquim Rodrigues	—	»	—	»	—	»	»	—	—	—	»
Antonio Maria	—	»	—	»	—	»	»	—	—	—	—
Evaristo d'Almeida	—	»	—	—	—	—	»	—	—	—	—
José Ferreira	—	»	—	»	—	»	»	—	—	—	—
Affonso Correia	—	»	—	»	—	»	»	—	—	—	—
Francisco Mingacho	—	»	—	»	—	»	»	—	—	—	—
Joaquim Gonçalves	—	»	—	—	—	—	»	—	—	—	—
Julio Martins da Fonseca	—	»	—	»	—	»	»	—	—	—	—
José João Joaquim	—	»	—	»	—	»	»	—	—	—	—
José Ferreira Gomes	—	»	—	»	—	»	»	—	—	—	—
Manuel Villão	—	»	—	—	—	—	»	—	—	—	»

Mappa n.º 4

Relação das educandas premiadas pelo seu comportamento e aproveitamento durante o anno de 1891-1892 em instrucção primaria, lavores e costura, etc., com a designação dos seus estudos

Nomes	Estudam instrucção primaria		Obtiveram premio
	Elementar	Complementar	
Thereza da Encarnação e Silva	—	»	»
Carolina Augusta	—	»	»
Adelaide da Conceição	—	»	»
Josephina da Costa e Brito	—	»	»
Palmira Martins	»	—	»
Maria das Dores	»	—	»
Paula Augusta	»	—	»
Amelia Alves	»	—	»
Emilia Pinto de Magalhães	»	—	»

BOLETIM

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

DE LISBOA

FUNDADA EM 1875

17.ª SERIE — 1898-1899 — N.os 3 E 4

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1900

AVIS

Les ouvrages et les cartes géographiques importantes, dont deux exemplaires auront été envoyés au Directeur Bibliothécaire de la Société de Géographie de Lisbonne, seront le sujet soit d'un compte rendu, soit d'une mention spéciale dans son Bulletin, selon l'opportunité reconnue par la direction de la Société de Géographie.

BOLETIM

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

DE LISBOA

FUNDADA EM 1875

17.ª SERIE — 1898-1899 — N.º 3 E 4

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1900

DIRECÇÃO DA SOCIEDADE

ANNO DE 1899

A Sociedade não toma sob a sua responsabilidade as opiniões dos auctores dos artigos publicados no «Boletim»

CASA DA SOCIEDADE

Rua das Portas de Santo Antão

LISBOA

BRAGANÇA

e

BEMQUERENÇA

POR

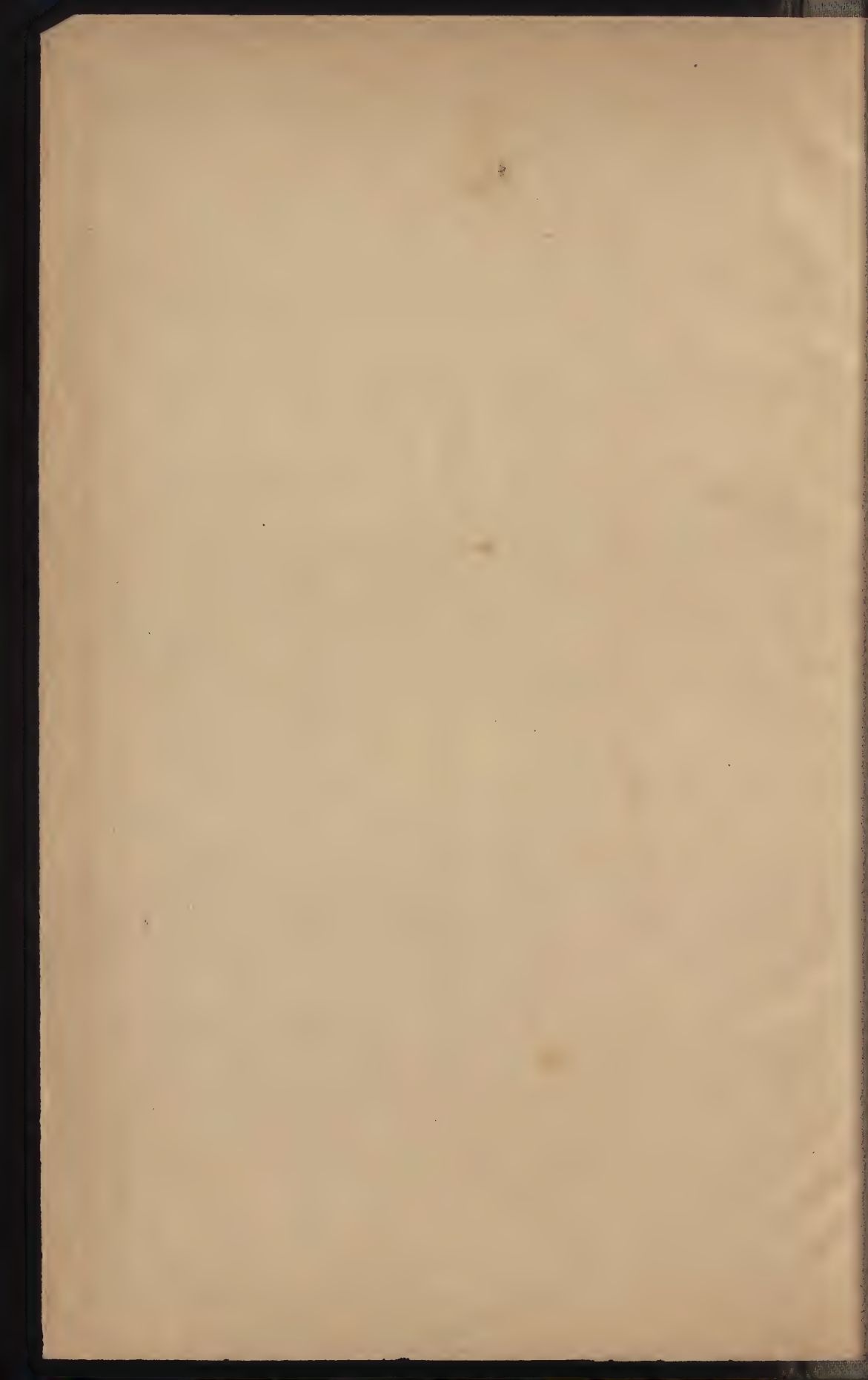
ALBINO DOS SANTOS PEREIRA LOPO

Tenente de Infanteria do Exercito,
Sub-director da Carreira de Tiro da Guarnição de Bragança,
Vogal correspondente
da Commissão dos Monumentos Nacionaes, Director do Museu Nacional de Bragança,
Socio da Sociedade de Geographia de Lisboa, etc.

Ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Conselheiro Luciano Cordeiro

O. D. e C.

O auctor.

Vista geral da cidade de Bragança

A QUEM LER

A **Bragança e Bemquerença** [1] pouco mais é do que a reunião de alguns factos, de que vim no conhecimento quando procurei saber o passado de Bragança, especialmente o das suas fortificações.

Não tem esta cidade uma historia, e ahi ficam alguns materiaes, que pouco a pouco fui descobrindo e ajuntando para ella; e agora só desejo que alguns dos seus filhos os aproveitem para formar uma obra condigna d'ella, pondo em evidencia as suas gloriosas tradições, já que a mim me escasseou a competencia, os meios e o tempo para a fazer.

Longe estava ao organisar estes apontamentos que elles chegassem a ver a luz da publicidade, quando alguns amigos, que os leram, me incitaram a que o fizesse. Accedendo ás suas instancias, deixando-me levar pela maneira como a sua benevolencia os avaliou, tratei de os publicar, do que logo desisti por a sua publicação demandar dispendio superior aos meus recursos pecuniarios. E continuavam a ficar no esquecimento quando, de regresso de Lisboa, do centenario da India, o meu camarada e amigo major Luiz Ferreira Real, presidente da camara, me informou que, conversando a respeito d'elles com o ex.^mo^ sr. conselheiro Luciano Cordeiro, gloria scientifica da actual geração trasmontana, nato e estrenuo protector de todos os investigadores de antiguidades, ainda dos mais obscuros como eu, o encarregou de me dizer que lh'os mandasse, porque faria da sua parte com que fossem publicados no *Boletim* da benemerita e patriotica Sociedade de Geographia; o que depois ainda me confirmou em carta e em recommendação que me trouxe o meu ex.^mo^ coronel A. J. de Sousa Machado, que pela sua parte renovou a sua insistencia.

---

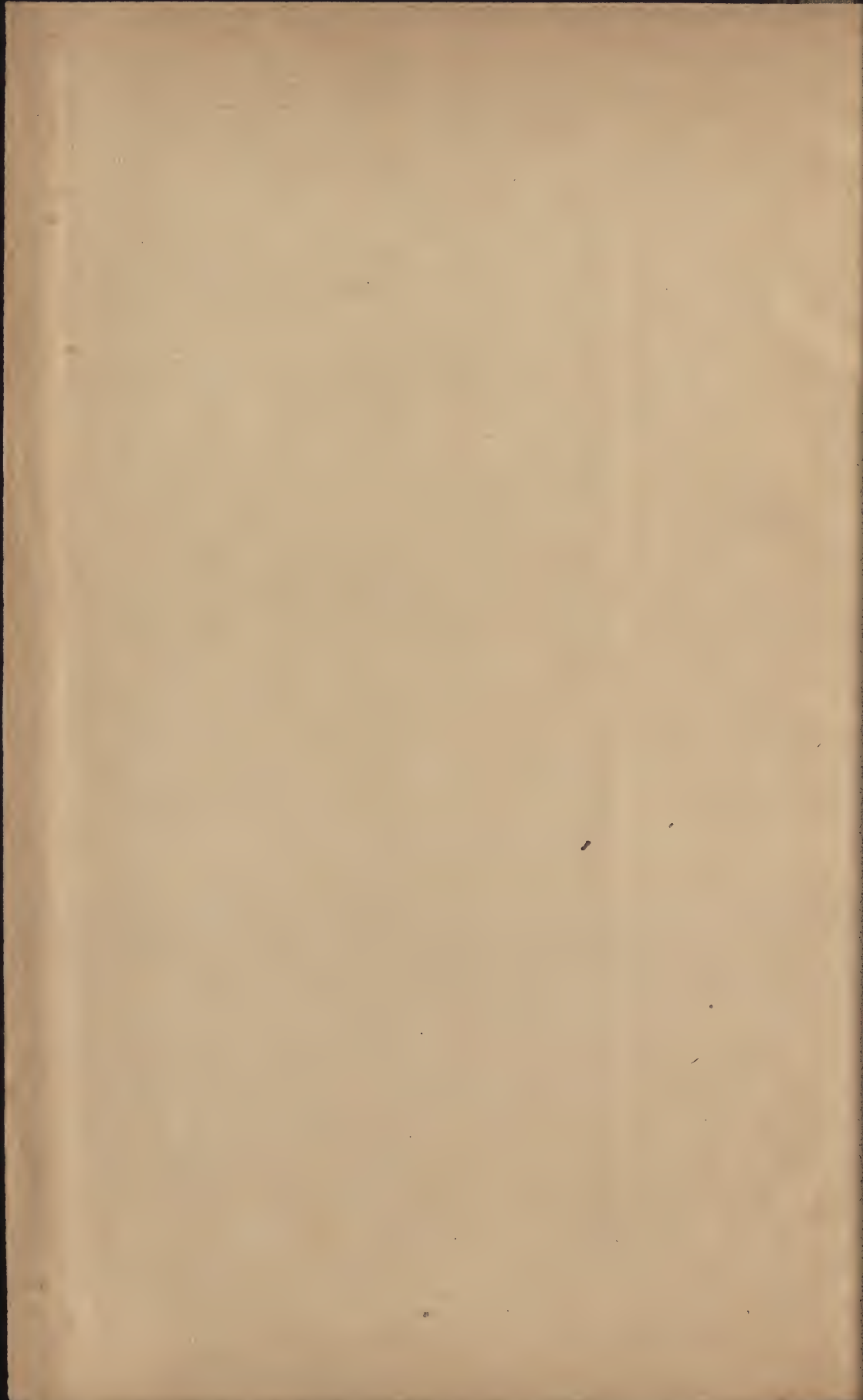
[1] Tambem estive para intitular este trabalho: **A Quinta da Bemquerença.**

Ainda assim não me decidiria a acceitar tão magnanimo offerecimento, por estar com receio de que a minha obra não estivesse na altura de figurar n'um *boletim* aonde collaboram os homens mais illustres nas letras e sciencias, se não fosse a circumstancia de parte de alguns dos seus artigos terem já sido publicados no *Archeologo Português,* dirigido pelo sabio e meu illustre mestre e amigo dr. José Leite de Vasconcellos, a quem n'este logar não posso deixar de me confessar grato e reconhecido pelas subidas provas de estima e consideração que me tem dado, e por me ter guiado n'este labor de investigações archeologicas, sendo devido uma grande parte do accentuado movimento archeologico que agora se nota n'este districto ao seu incitamento e á influencia, veneração e respeitabilidade do seu nome.

Não omittirei tambem aqui o meu amigo dr. Manuel Ferreira Deusdado, a quem agradeço a sua boa vontade para que a publicação se fizesse; bem como grato me confesso para com todos os que me forneceram livros e outros documentos de onde colhi estas informações, que reuni e resolvi publicar para as tornar conhecidas, especialmente dos brigantinos, por estar convicto de que muito engrandecem e ennobrecem a sua cidade, arrancando-a do esquecimento para vir occupar o logar que lhe marca a grandeza da sua historia.

Bragança, novembro de 1898.

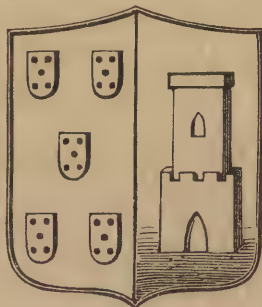
ALBINO DOS SANTOS PEREIRA LOPO.

1898 Lithographia da Imprensa Nacional

PRIMEIRA PARTE

BRAGANÇA E BEMQUERENÇA

I

Situação

Ao lermos as chronicas dos primeiros tempos da nossa monarchia encontramos que el-rei D. Sancho I mandou para a Quinta da Bemquerença uma colonia, a que deu privilegios especiaes, com o fim de a desenvolver e tornar importante, como de facto succedeu, tornando-se, com o andar do tempo, n'uma cidade geographicamente denominada Bragança, que nós agora ahi vemos no extremo nordeste da antiga provincia de Trás-os-Montes, na altura de 41°,49′ de latitude e 2°,20′ de longitude oriental, contada ao meridiano de Lisboa, cercada de alterosas montanhas e alevantados montes, e fertilisada pelas aguas dos rios Sabor e Fervença.

Escudo existente no pelourinho

(Antigas armas de Bragança)

As suas condições topographicas e militares foram as que levaram, por certo, o rei povoador a escolher e a engrandecer esta Quinta, para servir de Cabeça de um grande termo povoado e de atalaia ou forte baluarte na fronteira nordeste do nascente reino. Assim, a sua posição a cavalleiro de uma espaçosa, alegre e ondulada planicie, limitada em parte pelas encostas dos montes e em parte pelos dois

rios, permittia-lhe o desenvolvimento da povoação e assegurava-lhe umas boas garantias de defeza pela protecção natural que lhe advinha da configuração e disposição do terreno em que estava situada. Ao mesmo tempo a abastança da nova colonia estava garantida pela fertilidade do solo, para o que concorriam o Sabor e o Fervença. Pois que o Sabor, que bem se póde chamar *rio aurifero,* vem, como que de proposito[1], de 4 leguas a noroeste, da serra de Montesinho, onde tem a sua origem já em terreno estranho, trazer-lhe os seus dons e antepôr-se-lhe pelo nascente, como quem a quer guardar por este lado, para depois ir levar ao Douro, proximo de Moncorvo, as suas aguas, com o percurso de mais de 20 leguas. Mais pobre e mesquinho o Fervença, vem do poente, da serra de Nogueira, onde nasce a pouco mais de 1 legua, banhal-a pelo sul, e correndo quasi sempre entre declives escarpados, vae ter confluencia com aquelle outro rio, depois de ter percorrido uma extensão de 6 leguas approximadamente.

A cidade de Bragança estende-se ao sul da planicie entre duas collinas da margem esquerda do Fervença, que lhe servem de abrigo, hoje só ás correntezas das brisas; mas n'outros tempos serviram tambem para conter os impetos guerreiros, a avaliar pelos restos de antigas fortalezas, que ainda se vêem n'ellas. A sua situação punha-a a coberto de uma surpreza ou de qualquer golpe de mão do vizinho reino, pela protecção natural que lhe davam pelo norte a serra da Senabria, a 6 leguas de distancia; pelo poente a de Nogueira, a pouco mais de 1 legua; pelo noroeste a de Montesinho, a 3 leguas; e pelo nascente as fortalezas raianas de Outeiro e Miranda; estando desprotegida apenas pelo sul, por onde não tinha nada a recear das entradas fronteiriças.

II

Planta e sua população

A configuração da cidade é como se vê da sua planta, e póde ser representada por um X, tendo a abertura dos angulos menores voltada a éste e oeste. Na abertura oette fica uma collina denominada o Forte de Cavallaria, por n'ella haver um quartel d'esta arma, e aonde se vêem ainda restos de um forte de traçado abaluartado, tendo as suas cortinas orientadas pelos pontos cardiaes. Era seu patrono

---

[1] N'este rio dá-se a singularidade de ter primeiro o seu curso na direcção de oeste-éste, tomando depois accentuadamente a de norte-sul.

S. João de Deus, que tinha a sua capellinha no meio d'elle. Foi destruido pelos hespanhoes em 1762.

Na abertura éste fica outra collina denominada a Villa, onde os vestigios de fortificação antiga são muito distinctos, e no ambito da qual se agglomeram umas pequenas casas, um quartel de infanteria e a igreja matriz d'esta freguezia. A fortaleza tinha ultimamente por patrono a Santo Antonio, cuja imagem se venera ainda n'um dos arcos da entrada.

No cruzamento das pernas do X fica uma das praças principaes, chamada da Sé, por estar n'ella edificada a Sé, pobre e acanhado templo, que foi capella dos jesuitas, pois a primeira cathedral do bispado, incontestavelmente um dos melhores templos da provincia, existe na triste e desolada cidade de Miranda do Douro.

D'esta praça, correspondendo aos lados do angulo voltado a oeste partem duas ruas principaes: a dos Oleiros, que em 1895 se passou a denominar de Santo Antonio, em commemoração do centenario d'este santo, e que, subindo a encosta com direcção noroeste, é continuada pela do Conde Ferreira; e a de Fóra de Portas, que, contornando a collina pelo sudeste, é continuada pela do Loreto.

Estas duas ruas são ligadas entre si por uma outra denominada do Conselheiro Eduardo Coelho, que fica proxima da encosta éste da collina e tem a direcção norte-sul. Era conhecida pela rua do Tombeirinho, e antigamente pela rua de Santo Antonio, como se vê de uma carta existente na camara, pela qual D. Maria I concedeu, em 27 de agosto de 1779, ao padre José Vaz dos Santos, de Fontes Barrosas, o aforamento de um campo para construir uma casa; e por uma outra carta do mesmo anno e da mesma rainha, pela qual concede o aforamento de um terreno a um individuo de Villa Nova «para construir uma casa na rua de Santo Antonio, aonde estão principiadas outras para a roda dos engeitados. Da parte do nascente o terreno entesta com a rua do Paço, pelo norte com o terreno para outra casa, pelo poente com a rua de Santo Antonio, e pelo sul faz frente a mais terreno».

Da mesma praça, e correspondendo aos lados do angulo, voltado a éste, partem outras duas ruas principaes: a de Trás[1], que antigamente se chamava da «Carreira», como se vê n'uma provisão de 11 de agosto de 1694, existente na camara, pela qual se concede a Domingos de Moraes Madureira licença para fazer uma abobada de ar-

---

[1] É assim denominada vulgarmente; officialmente chama-se do «Espirito Santo».

cos n'umas casas que tem n'esta rua e que désse passagem para a rua Direita, devendo ter a largura de 12 palmos e altura de 18, para poderem passar por baixo carros carregados. A rua de Trás é continuada pelas da Alfandega e S. Francisco, que vão contornar a Collina da Villa pelo norte. A outra rua é a Direita, que seguindo a direcção proximamente oeste-éste termina na praça de Baixo, no sopé da collina. Limitam esta praça a cadeia militar pelo éste, a civil pelo sul, e a igreja de S. Vicente pelo norte; e partem d'ella duas ruas principaes, a da Costa Grande e Pequena [1], que vão dar á fortaleza. Entre esta ultima rua e a da Alfandega ha a rua da Amargura [2], que é da tradição ter-se chamado n'outro tempo de Roncesvales.

Do lado sul da Sé, e fazendo corpo com esta, fica o seminario de S. José, e em frente d'este, do lado éste, o largo de Camões, vulgarmente conhecido pelas Eiras, e n'outros tempos chamado Praça do Collegio.

Da parte norte da rua do Conde Ferreira fica o largo de Santo Antonio, onde se vê uma capellinha da invocação d'este santo. Do lado nordeste d'este largo está o cemiterio publico.

Communicam estas ruas, praças e largos entre si e com mais algumas outras de somenos importancia e com os arrabaldes, por meio de outras ruas e travessas, formando o todo a rede da cidade, como se vê na sua planta geral.

Á parte debaixo da rua do Loreto ha uma ponte moderna de granito, sobre o Fervença, que substituiu uma outra denominada de Quintella, como se vê de uma auctorisação do primeiro Duque de Bragança, feita em 1454, e das «Ferrarias», como se lê n'uma outra auctorisação feita em Villa Viçosa, em 24 de outubro de 1587 [3]. Este rio, depois de banhar a cidade pelo sul, com direcção oeste-éste, tem a jusante d'esta ponte uma outra antiquissima de alvenaria, chamada dos Açougues, que fica abaixo e em frente da cadeia civil [4] e que põe em communicação a cidade com o seu pobre e mesquinho bairro de Alem do Rio. Este bairro fica no começo da encosta do Cabeço de S. Bartholomeu, denominado assim por ter no ponto mais elevado

---

[1] Ultimamente a Costa Grande passou a denominar-se de D. Luiz, e a Costa Pequena de Serpa Pinto.

[2] Foi ultimamente denominada de S. João, assim como a rua do Jardim passou a chamar-se do Duque de Bragança.

[3] Manuscripto existente no archivo da camara.

[4] Diz-se que esta cadeia era onde residiam os administradores dos Duques, e que servia tambem de celeiro para recolher as rendas.

N
S
PLANTA GERAL DE BRAGANÇA, 1897
Escala 1/10:000
Designação
Forte de São João de Deus
Capella de S.ta Apolonia
Estrada de Macedo
Estrada da Mogadouro
Caminho de Samil
Ponte do Loreto
Senhor dos Afflictos
Estrada de Vinhaes
Igreja do Loreto (Beatas)
Boa Vista
Capella e Largo de S.to Antonio
Rua do Conde Ferreira
Cemiterio
Escola do Conde Ferreira
Rua do Conselheiro F. Coelho (Tomb.º)
R. de S.to Antonio (Oleiros)
R. Cons.º Eng.º Navarro (R. Nova)
Praça em construção
Igreja de S.ta Clara
Escola Industrial
Estrada de Sabor
R. Marquez de Pombal (Estacada)
Hospital e Igreja da Misericordia
R. Espirito Santo (de Traz)
Praça e igreja da Sé
R. Fóra de Portas
R. da Ponte do Loreto
Calçada
Largo de Camões (Eiras)
R. Direita
Batocos
32 Paço do Bispo
Praça de baixo e igreja S. Vicente
Ponte dos Açougues
Bairro d'Alem do Rio
Costa Grande
Costa Pequena
R. d'Amargura
R. Alfandega
Governo Civil
Igreja de S. Bento
Largo e Capella de S. João
R. do Jardim
44 Largo do batalhão expedicionario
Fosso da Cidadella
S.ra da Saude
Igreja de S. Francisco
Estrada de Alfaião
49 Calvario
Capella de S. Sebastião
R. da Cidadella
Igreja de S.ta Maria
Largo de S. Thiago
Parada do Quartel de Caçadores
Poço do Rei
Valle de S. Francisco
Cerca de S. Francisco
Cerca de S. Bento
Caminho do Sapato
60 Estrada do Moimenta
61 S.ra da Piedade
Ponte e Fonte do Jorge
Rio Fervença
64 Caminho de Vinhaes
Caminho de S. Bartholomeu
Designação das cores
Vestigios de fortificações
Linhas d'agua, rios, fontes, marcos fontenarios, mães d'agua e tanques
Terreno cultivado
Igrejas, capellas e ermidas
Edificios publicos e casas
Cemiterio

uma ermida d'este santo, de onde se divisa um horizonte admiravel em todas as direcções[1].

Ainda o Fervença tem a jusante da ponte dos Açougues uma outra ponte de alvenaria, tambem antiquissima, a que dão o nome do Jorge, que liga a Collina da Villa com o Cabeço. O rio corre, como que sumido e encolhido, entre estas duas elevações, que vão terminar n'elle as suas encostas de declives escarpadissimos.

Duas estradas, a da Moimenta, que a pequena distancia, em Valle de Alvaro, encontra a de Calabor, e a de Alcaniças, partem da cidade e põem-na em communicação com a fronteira. As de Macedo, Vinhaes e Mogadouro ligam-na ao districto.

A sua altitude referida á praça da Sé é de 650 metros; a da Collina da Villa é de 695; a do Forte de Cavallaria é de 717; e a do Cabeço de S. Bartholomeu é de 833.

Compõe-se a cidade de duas freguezias: da Villa, que tem por orago Santa Maria; e a da Sé, que tem por orago S. João Baptista. Segundo o censo feito no dia 1.º de dezembro de 1890, a freguezia de Santa Maria tinha 595 fogos, e uma população de 3:111 almas, sendo 1:772 varões e 1:339 femeas. E a freguezia de S. João Baptista tinha 439 fogos, representando uma população de 2:728 almas, das quaes 1:404 eram varões e 1:324 eram femeas.

Vê-se n'um pergaminho existente na camara a confirmação feita por el-rei D. Filippe, em 3 de março de 1636, de um privilegio que D. Affonso V tinha concedido a Bragança, a pedido de seu tio D. Affonso, primeiro Duque de Bragança, qual era de instituir na villa de Bragança uma feira franca, em attenção aos serviços do referido Duque e a estar Bragança muito despovoada e ser preciso augmental-a e engrandecel-a por estar na fronteira de Castella, e todos os dias exposta ás suas correrias: «e ordenamos que pera sempre em cada hũ anno se faça na ditta Villa hũa feira franqueada a qual se começará a vinte e sinco dias de janeiro primeiro que vem de quatro centos e seis annos, e se acabará aos nove dias de fevereiro per noite, que sam assy dezaseis dias, e assy será em diante em cada hũ, anno».

Com respeito ainda á sua população é muito curiosa e interessante a noticia de que faz menção uma carta datada em Lisboa, a 28

---

[1] Junto d'ella, em varias explorações que fiz, afigurou-se-me ver ainda restos de um muro de um castro do typo do de Samil, Maquieiros, etc.; o que se torna hoje difficil de precisar por a cultura ter alterado bastante e desde ha muito a configuração do terreno.

de fevereiro de 1710, que tratando de alojamento das tropas diz: «que como essa cidade está despovoada de moradores, por todos a irem desertando com todo o excesso, que se não achava pelos livros das sizas mais que coatro centos e tantos moradores, constando pelos que estão feitos dez annos, excederam o numero 1500, cuja falta foi motivo para se lançarem a cada patrão tres e quatro soldados...; demais que estando n'essa cidade onde chamam a Villa mais de duzentas moradas de casas despresadas sem terem pessoa alguma que as acceite, n'ellas poderão os ditos moradores fazerem alojar os soldados [1]».

No Rol dos Confessados da Collegiada da igreja de Santa Maria, de 1737, existente no archivo d'esta freguezia, vê-se que n'este anno esta parte da cidade contava 703 fogos com 2:369 habitantes adultos, constituindo tantas familias como fogos, que se achavam distribuidos do seguinte modo:

Villa, dentro dos muros, 92; Costa Grande, 27; Costa Pequena, 15; rua dos Prateiros, 6; rua da Margura, 12; rua de Alfandega, 12; rua de S. Francisco, 5; Eiras de S. Bento, 23; rua do Espirito Santo, 60; rua de Santa Clara, 16; rua Nova, 26; rua dos Oleiros, 41; rua do Cabo, 13; rua do Paço, 18; rua Direita (parte do sol), 57; rua Direita (parte da sombra), 52; rua dos Quarteis, 23; rua de Fóra de Portas do Cabo, 80; Batocos, 22; Moreirinhas, 40; Alem da Ponte das Sinarias (Bairro de alem do rio), 45; Forte de S. João de Deus, 3. E os restantes existiam nos moinhos do Alcaide-mór, Quintas de S. Lazaro, de Santa Apolonia, das Carvas e outras que havia nas immediações da cidade, que tomavam o nome dos seus possuidores. Devendo-se descontar, na distribuição do numero dos habitantes pelo numero de fogos, o numero de 380 individuos que eram militares.

III

Caracter e costumes dos habitantes

Os seus habitantes são de caracter docil, bondoso e hospitaleiro, tendo ainda muito inveterados os usos e costumes do antigo transmontano. Ainda não vae muito longe o tempo em que as mulheres se escondiam dos homens, não fallando senão com as pessoas muito chegadas em parentesco, e que não appareciam ás janellas, escondendo-se muito detrás de rotulas apertadissimas, que, no dizer de José

---

[1] Manuscripto existente no archivo da camara.

Antonio de Sá, no seu livro inedito «abrem para olhar muito pouco, e com muita cautella, e se os homens, vendo-as, não se retiram, são reputadas inhonestas».

É curiosa a maneira como o Duque de Bragança se refere aos seus habitantes, n'uma carta que lhes escreveu em 1452, com respeito aos abusos que com elles praticavam os frades do convento do Castro de Avellans, em que diz: «E os de Bragança como gente simpres, e do extremo, convinhão n'este abuso do mosteiro do Castro d'Avellãs» (que era de levar a terça parte dos bens de qualquer defunto contra as ordenações do reino [1]).

Não se fazem hoje em Bragança divertimentos publicos dignos de se mencionarem, e como consta que os houve n'outros tempos. Assim, por uma carta do Duque de Bragança, escripta em Villa Viçosa, em 15 de fevereiro de 1549, vimos no conhecimento de que uma das distracções mais predilectas dos brigantinos era a corrida dos touros: «e o em q̃ me parece que ha a maior (a desordem) agoora he nos touros, que se correm á custa d'esta cidade porque se guasta nisso muyto. E nisto me parece que se pode poupar muito desta maneira. Porque eu não quero que se deixem de correr touros, mas seja com esta ordem que á cidade nas rrendas d'ella quando se arrendare metam tantos joguos de touros que lhe am de dar. s. tal dia tãtos e tal tamtos. E quando não bastassem as rrendas pera em cada hũa se meterem estes joguos de touros podesse a cidade concertar pollos joguos delles com quem hos dê. E qua por hum joguo de touro se dá mil reis, até tres cruzados. E desta maneira fiquava poupando a cidade hum bom guollpe de dinheiro poys que he vergonhosa a despeza que á custa da cidade se faz nos touros q̃ se correm q̃ nem he proveito nem nobrecimento seu. E cuido eu que já isto provei quando lá fuy como aguora aqui diguo, nãm sei como se nam fez, porem aguora quero e mando que se cumpra assi [2]».

Sobre este mesmo assumpto existe na camara uma carta de D. Pedro II, feita em 12 de setembro de 1685, em que faz ao Juiz de fóra varias recommendações sobre as corridas dos touros, por lhe constar que morria muita gente n'estas festas que por aqui faziam e por isso que nunca se corressem sem primeiro lhe cortarem as pontas.

---

[1] Vide Viterbo no *Elucidario*.
[2] Manuscripto existente na camara.

IV

Natureza do solo, sua producção e clima

O terreno do concelho de Bragança, orographicamente considerado, é muito accidentado, sobresaíndo entre os massiços mais importantes a serra de Nogueira, de 1:321 metros de altitude, que separa as aguas do Sabor e do Tuella, e a de Montesinho de 1:376 metros, que se destaca da serra hespanhola da Senabria.

Geologicamente é schistoso, apresentando umas pequenas nodoas de natureza granitica e calcarea. Tem muitas fontes de excellentes aguas, tanto no seu termo como na cidade, e n'esta torna-se notavel a de Affonso Jorge, que é recommendada para as doenças da bexiga. Alem das aguas das fontes, a cidade é abastecida por muitos marcos fontenarios, que ha em differentes ruas e largos, pertencentes a uma canalisação que ha pouco tempo se fez.

Ha no concelho uma grande quantidade de minas, umas já exploradas e outras em via de exploração. Entre as mais conhecidas mencionaremos as de chumbo, estanho, ferro, oiro e prata da serra de Montesinho, monte que pela sua riqueza mineria é considerado *metallico,* já desde os tempos antigos em que n'elle houve grande exploração de metaes, como o confirmam a firme tradição e os vestigios encontrados em partes diversas; as areias de oiro deixadas pelo Sabor na povoação de França; a mina de prata, que no anno de 1628 se descobriu no Parameo, 3 leguas ao norte de Bragança, que era tão abundante e tão fina que se diz que de 8 arrobas de piçarra ficavam na fundição 6 de prata, e promettia o superintendente 8 arrobas cada dia livres para el-rei; as minas de estanho de Paredes, que se conjectura que começaram a ser exploradas pelos romanos; as de ferro de ologisto, hematites vermelhos, heradites cinzentos e os oxydos hydratados, que formam o notavel deposito de Guadramil, de uma extensão de 6 a 8 kilometros, e finalmente muitos jazigos de amianto e marmores.

Em 19 de janeiro de 1453, el-rei D. Affonso V fez mercê ao Duque de Bragança da *fabrica de ferraria,* que tinha no termo de Bragança, com o privilegio de não pagar siza ou tributo algum o ferro que n'ella se vendesse [1].

---

[1] *Historia genealogica da casa real portugueza.*

Fr. Bernardo de Brito[1], fallando das minas em Portugal, diz: que parecer-lhe-íam fabulas as turquezas de Bragança de que ha tanta copia, entre as quaes se acham ás vezes pedaços tão verdes e transparentes, que bem se podem trazer por esmeraldas, e eu vi já enganarem-se os lapidarios com ellas, tendo-as por pedras vindas do Perú».

É fertil em cereaes, principalmente centeio e trigo. Tem pastagens naturaes, *lameiros,* em que se criam grande quantidade de gados de todas as especies. Produz em muita abundancia batatas, castanhas e legumes. A colheita de vinho, antes da destruição das vinhas pelo phylloxera, era extraordinaria, e como vinho de pasto era dos de primeira qualidade.

Entre os varios e curiosos pedidos que os de Bragança fizeram aos seus procuradores ás côrtes que el-rei devia fazer em Elvas, em 1531, encontram-se os seguintes:

«Que por esta terra ser fria e de ruins mantimentos para cavallos, trabalhando-os muito, se pedem que V.ª Magestade aja por bem que os moradores d'ella possam andar a cavallo em bestas muares de sela. Que não aja eguas n'esta terra por ser muito pobre e esteril e os logares mui conjuntos e as eguas serem mui damninhas, do que tem em muito prejuizo da terra, e por assim o ser ellas não dão crias que possam servir de cavallos. Que as terras que n'esta comarca forem para dar pão se não ponham de vinhas[2]».

O seu clima é frigidissimo no inverno devido á sua altitude e á proximidade de alterosas serras, quasi todo o anno cobertas de neve, principalmente a da Senabria. O contrario se dá no verão, que é excessivamente quente, devido a ser uma terra cercada de altas montanhas e aonde não chegam as brisas refrescantes do oceano, e á falta de arborisação, que é muito sensivel; do que provém o conhecido ditado dos naturaes: *que Bragança tem nove mezes de inverno e tres de inferno.* O outomno é a estação mais agradavel e amena de todo o anno.

V

Industrias. — O fabrico da seda

Não ha industria de qualidade alguma em Bragança, não se podendo explicar esta falta senão pela incuria e desmazelo dos seus ha-

---

[1] Pinheiro Chagas chama a este escriptor «mestre de patranhas».
[2] Documentos existentes no archivo da camara.

bitantes. Por quanto, criando-se bastante gado lanigero no Concelho e Districto, não ha uma só fabrica de pannos ou chapéus, ainda que favoreçam a sua installação as quédas de agua e a abundancia de carvão; assim como não ha de louça, não obstante haver excellentes argillas e barros, que podiam facilital-a. Da mesma maneira não existe uma só fabrica de ferro, apesar de haver abundantes minas; nem de atanados, posto que esta região seja abundante de cascas de carvalho e sobro, e como consta que já houve, pois um dos *acordaons* municipaes de 1682 era «que todo o cortidor, que não despejar a surrada das pelles no rio e não deitar fóra das portas de seus enoques ao rio as misturas que n'estes se fazem incorrerá na pena de 6$000 réis, pelo damno que causará á cidade do mau cheiro [1]».

Se nos guiarmos tambem por alguns nomes que davam a certas ruas e sitios da cidade taes como: rua dos Prateiros e dos Oleiros, local das Ferrarias e das Sinarias, devemos concluir que em tempo houve em Bragança as industrias de ceramica, de fundição de ferro e de sinos, que originaram aquellas denominações.

São muito contumazes em acceitar toda a qualidade de inventos, e não se querem apartar dos costumes dos seus maiores. As artes que usam são muito imperfeitas ainda por falta de instrumentos e methodos.

Como terra commercial não tem actualmente importancia alguma. N'outro tempo foi notavel pelas suas afamadas manufacturas de velludos e sedas, chegando a ter centenares de teares. Lê-se no *Portugal antigo e moderno,* de Pinho Leal, que já em 1846 exportava 41:500$000 réis de belbutinas; 42:000$000 réis de chitas; 45:000$000 réis de lenços de algodão; 80:000$000 réis de pannos de algodão e linho; e 11:000$000 réis de lã em bruto e em chapéus; alem de outros muitos artefactos; ao passo que a sua importação foi apenas de 13:000$000 réis; que era a mais importante alfandega secca de todo o reino.

Todo este commercio desappareceu, e não resta mais do que a memoria d'essa grandeza passada.

A manufactura das sedas em Bragança data desde ha muito tempo, pois já em 1531 [2] se pedia ás côrtes que as sedas que se creassem e obrassem em velludos, tafetás, retrozes e outras obras, assim na cidade, como na terra, pudessem ir livremente pelo reino vender-se, sem

---

[1] Manuscripto existente na camara.

[2] Como se lê n'um documento existente na camara.

pagarem nenhuns direitos de alfandega, levando certidão do escrivão da camara. E em 2 de agosto de 1516, o Duque de Bragança, tendo em consideração a sua diminuição por se não cumprirem as leis que tinham *firme* em côrtes, recommendava aos habitantes que as cumprissem.

Do mesmo modo, por carta de 19 de julho de 1549, determina ao juiz e justiças d'esta cidade que: «toda a seda fiada ou em capellos que na cidade ou seu termo houver querendo-a os officiaes que theares n'ella tiverem pelo tanto que os de fora derem lh'a deem [1]».

Depois caíu em decadencia, até que em 1773 se tornou a levantar e a ter grande importancia. Ouçâmos o que nos diz sobre este assumpto José Antonio de Sá [2], na já citada *Memoria:*

«... Eixaqui o estado em que se achava a Fabrica de Bragança, quando em 1773 e 1774 o grande Negociante João Antonio Loppez Fernandez pôs n'ella os olhos com a maior efficaz... Ainda que desde o tempo do Terremoto teve sempre alguns theares por sua conta, cujas manufacturas sempre se destinguiram das outras, contudo só entrou a fazer-se mais conhecer em 1773 e 1774. N'este tempo fez levantar todos quantos Theares se achavam decaidos, e mandou fazer por sua conta muitos de novo, pondo em acção aos Fabricantes abandonados, e instigando outros a que aprendessem o officio, ensinando-lhes o modo de fabricar, em Tafetás, que thé então lhes hera desconhecido. Faz conduzir da Real Fabrica d'esta Corte hum perito, e experiente Tintureiro: edefica dois tintos, hum só de preto, e outro das mais cores, em que se destingue perfeitamente. Faz trabalhar Peluças da melhor qualidade, e de um grande consumo, muitos Tafetás, e algumas Nobrezas, Setins excellentes, que muitos os querem com preferencia aos de Italia... Substenta João Antonio Loppez Fernandez cento e outo theares sendo o maior numero de Tafetás, em que consume todos os annos outo mil arrateis de seda a qual é de Italia, quasi toda, por ser a da Provincia muito mal fiada, e por isso se subjeita ao risco toda esta quantia. Isto sendo a Provincia tão abundante de seda, que colhe regularmente vinte mil arrateis de seda fina, e outros tantos de seda macha, e redonda... Actualmente se queixam os Fabricantes da carestia de viveres, de lenhas e carvão, sem o que senão pode trabalhar n'aquelle clima e da falta de cazas, o que d'antes não hera, e imputam isto á

[1] Manuscripto existente no archivo da camara.

[2] Era natural de Bragança. A *Memoria* é em 4.º, tem 67 folhas e está ainda inedita. Não tem data, mas foi escripta pouco depois de 1773. Agradecemos ao ex.^mo sr. dr. Joaquim de Sá, seu descendente, o favor que fez em nos facilitar a sua consulta.

vinda de hum Regimento d'Infanteria, que de Miranda se mudou para Bragança ha tres annos».

Como o concelho cria muitos gados, as suas feiras, que são nos dias 3 e 21 de cada mez, são ás vezes importantissimas, principalmente as de inverno, pelas numerosas e importantes transacções que n'ellas se fazem.

VI

Brazão de armas.—Monumentos e edificios notaveis

Brazão de armas

Parece que as armas que primeiro teve a cidade, foi um escudo com um castello de prata, em campo azul sobre prado verde. Todavia, Pinho Leal no seu *Portugal* diz que na chorographia portugueza veem representadas por um escudo em pala, tendo do lado direito uma aguia parda, com as azas estendidas, mettidas entre duas meias luas, e duas estrellas postas em haspa, e do lado esquerdo a esphera armilar, tendo no centro o escudo das quinas portuguezas; e que o livro da *Armaria de Alcobaça* as traz figurando um pato de prata, em pé, dentro de agua, e em campo verde, tendo de angulo a angulo duas estrellas de oito raios e dois crescentes com as pontas para baixo.

Armas actuaes de Bragança

Nenhumas d'estas armas se encontram em monumento algum da cidade. As que se vêem, ou são como as que tem o pelourinho na sua parte superior, que vem a ser um escudo em pala, tendo da parte direita um castello e da esquerda as quinas, com a corôa ducal ás vezes por timbre; ou então como as que actualmente usa o municipio, que são representadas por um escudo em pala, tendo do lado direito, em campo azul, um castello de prata sobre prado verde, e na parte superior quatro estrellas de prata de seis raios, formando um quadrado, e na esquerda as quinas, tendo superiormente tres estrellas de oiro com seis raios, dispostas em triangulo, encimado pela corôa real.

O escudo que está no pelourinho começou a usal-o, sem duvida, com a sua elevação a ducado, e o que hoje tem é de presumir que só o tomasse depois da acclamação de D. João IV, seu oitavo Duque. E assim se foram modificando as armas de Bragança, á medida que crescia a sua importancia politica ou a do seu Duque.

Mal imaginam muitos ao ver este Brazão, como a maioria das vezes se encontra, trabalhado em pedra tosca, collocado em cima de velhos e arruinados muros, coberto de musgo e escondido pela hera, como que abandonado e desprezado, sem merecer a menor consideração de quem passa, que é o Padrão que figura em todas as Casas Reinantes da Europa, como symbolo da sua origem, da sua nobreza e das suas tradições gloriosas.

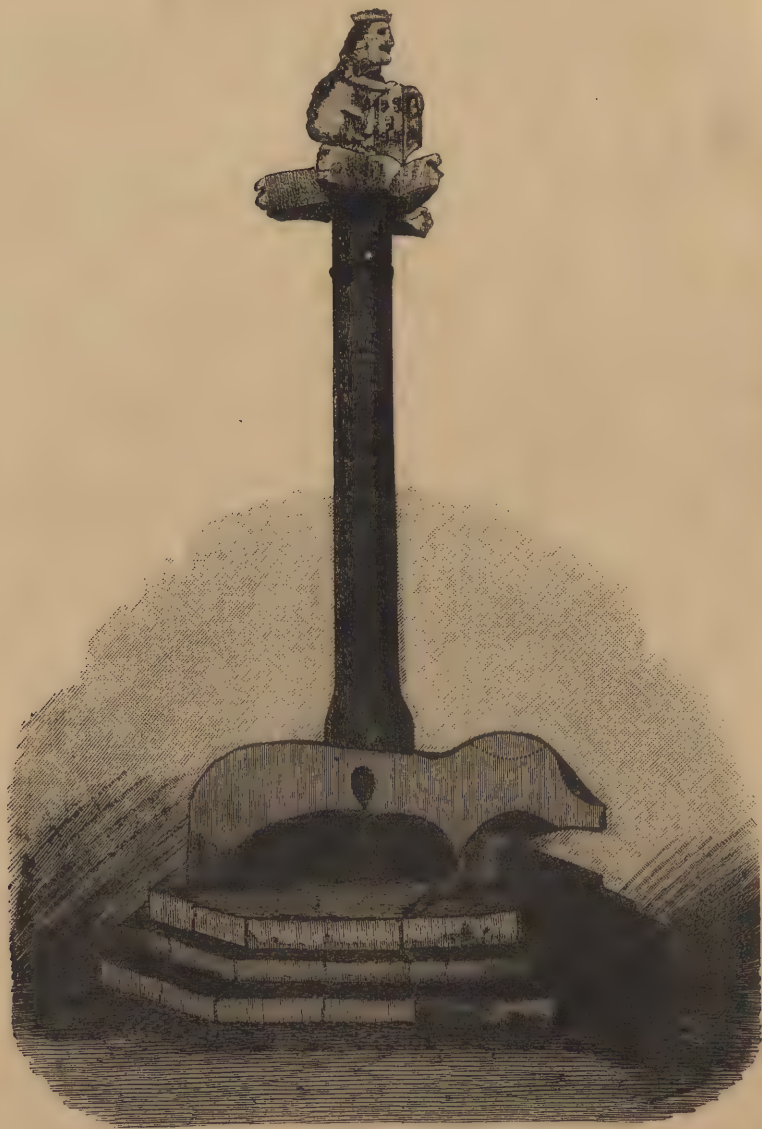
E por isso devemos saudal-o como reliquia sagrada pela historia, que passou há muitos seculos a ser não só o emblema da nossa modesta cidade, mas tambem o de uma das grandes partes do mundo, a que mais tem influido na civilisação e nos destinos da humanidade.

Picota ou pelourinho

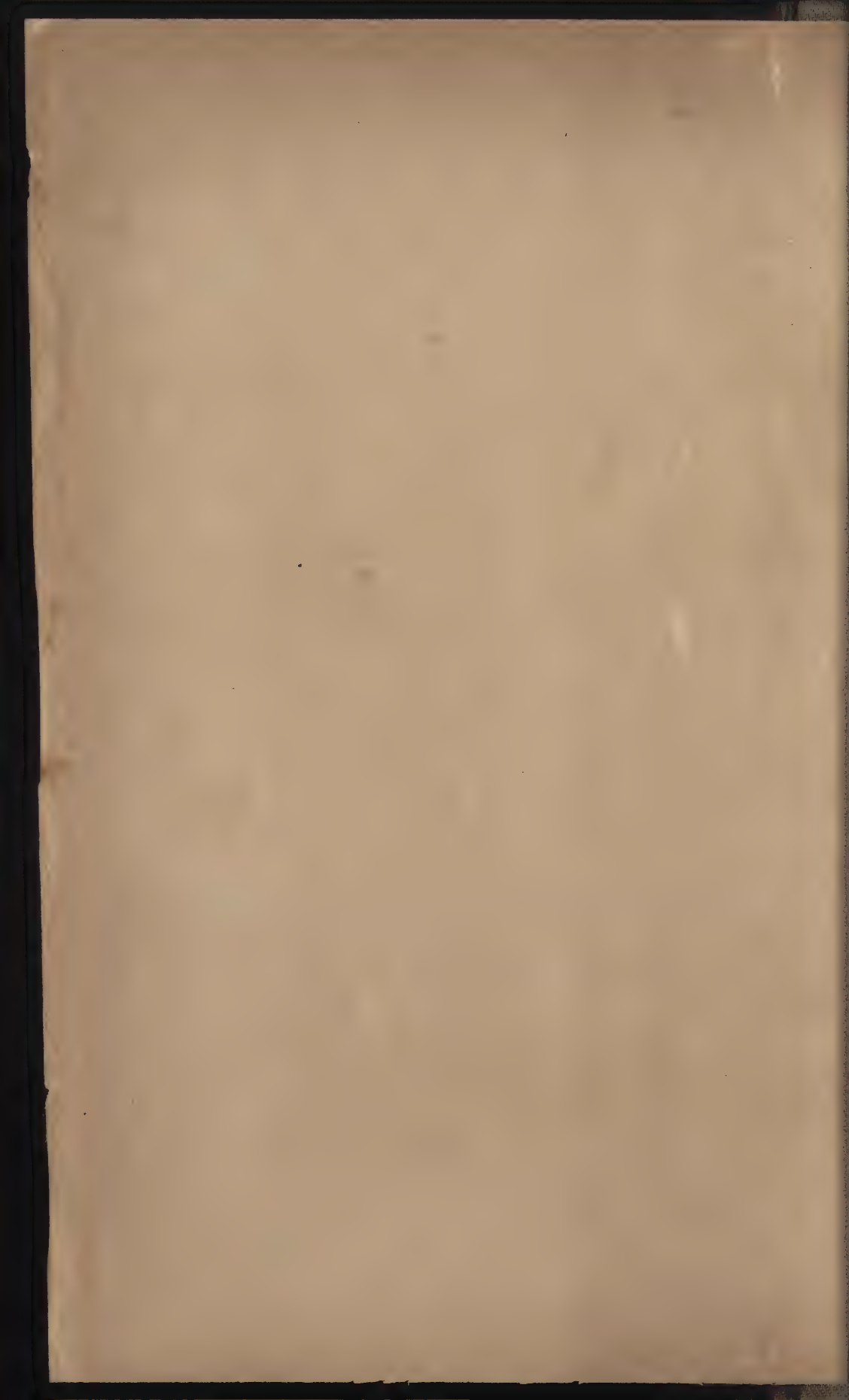
Entre os monumentos que se vêem em Bragança, mais interessantes pela sua antiguidade e pela epocha historica que representam,

Vista planificada da parte superior do pelourinho

é um d'elles a sua Picota ou Pelourinho que se distingue dos congeneres que se encontram no paiz pela sua architectura e constituição.

É todo de granito grosseiro, e constituido por uma columna redonda de proximamente 5 metros de altura e 30 centimetros de diametro. Serve-lhe de base uma grande pedra toscamente trabalhada, que ap-

Vista geral do pelourinho

parentemente parece representar uma *porca*, nome por que é conhecida vulgarmente; e tem, como que por capitel, uma outra pedra arredondada de que sáem quatro modilhões com carrancas, tendo nos

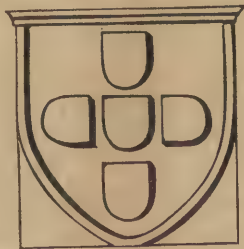
VISTA DA ANTICA CASA DA CAMARA (lado sul)

intervallos algumas figuras em relevo, que parecem representar scenas de castigo, ou são allusivas, de certo, a algum facto importante. N'esta pedra assenta outra de fórma hexagonal em cujas faces se vêem rosetas, uma figura alada (talvez indique o timbre dos primeiros Duques), e um escudo com as armas da cidade, que o busto de um *sileno*, que sobresáe por cima d'elle, parece querer segurar com as garras.

N'esta Picota divisa-se a tradição romana no *sileno* que a encima; a idade media, no *escudo* das armas de Bragança e nos *ornatos e figuras;* e ainda a idade pre-historica na sua base de granito, que na opinião de illustres archeologos e segundo as recentes investigações induzem a que era um idolo.

O primitivo logar, segundo as informações que colhemos, onde foi erguida, foi em frente da porta da entrada da antiga casa da camara, sendo ha cousa de quarenta annos mudada para a praça de S. Thiago, onde se vê hoje.

Teem os brigantinos na sua Picota uma reliquia de um alto valor historico que devem estimar como encarnação de passados muito distantes, e que devem conservar como cinzas historicas, que as inclemencias dos tempos ainda até hoje não puderam destruir.

Antiga casa da camara

É um monumento todo de granito muito notavel o que existe na Cidadella da Villa e contiguo á parte sul da igreja de Santa Maria, conhecido pela antiga casa da camara.

Modilhão interior na antiga casa da camara

Pertence ao seculo XII [1], a esse periodo de architectura denominada roman secundaria, como se vê pelas arcaduras assentes em pi-

---

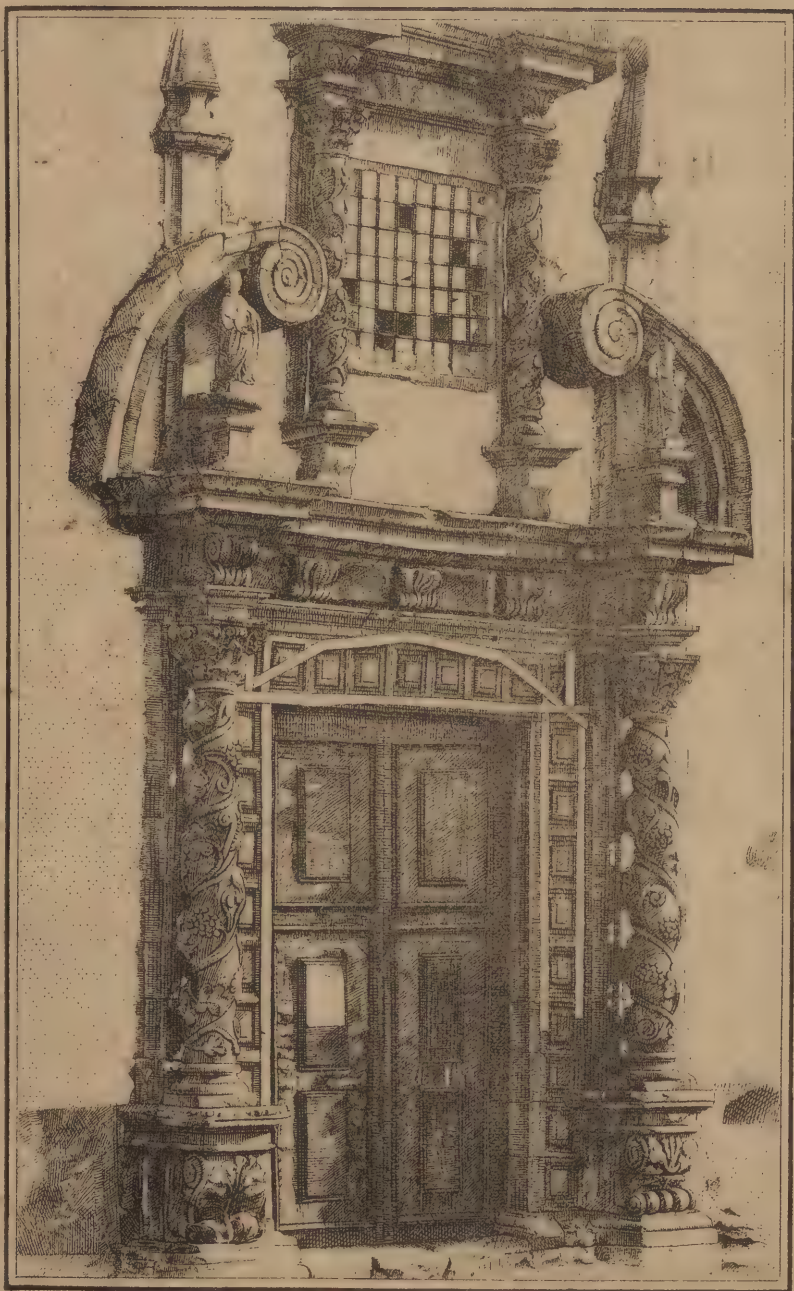
[1] Alguns escriptores que até hoje teem fallado d'ella tem-a infundadamente considerado do tempo da republica romana.

lastras que guarnecem as suas paredes, pelo seu entablamento que assenta sobre modilhões tanto interiores como exteriores, figurando cabeças grotescas, carrancas, estrellas, e outras figuras de feitios variados, e pela ornamentação da parte interior da volta de alguns dos seus arcos.

O seu traçado é um pentagono irregular cujo perimetro mede $45^{m},71$. A altura das paredes é de $4^{m},48$, e tem um só pavimento que fica $1^{m},56$ acima do terreno, cujo piso é de granito e firma-se na abobada de uma cisterna que apanha toda a amplitude da casa, motivo por que se chama *sala de agua*. Está dividida, como se vê da planta, em dois compartimentos desiguaes por um muro de pedra solta e argamassa que communicam entre si por meio de uma porta de estylo ogival, junto da qual ha uma abertura na abobada que facilita a tiragem da agua da cisterna.

Planta da antiga casa da Camara — E $\frac{1}{200}$

Ao meio da face sul fica a entrada principal para a qual se sobe por uma escada exterior; e em frente, na face norte, ha outra porta que tem a soleira assente no terreno e para onde se desce do pavimento por uma escada interior. Em volta de toda ella, interiormente, ha assentos de granito saíndo das paredes. Foi com certeza mandada fazer por D. Sancho I, quando mandou povoar a Bemquerença e construir os seus muros, pois o escudo das suas armas lá está bem gravado n'um dos modilhões internos que ficam em frente da porta da entrada.

Como se vê da estampa, foi em tempo mutilada esta reliquia, abrindo-se-lhe umas portas modernas com prejuizo da sua primitiva architectura. E talvez essa modificação lhe fosse feita ahi por 1520, pois que n'esse anno o Duque dizia aos de Bragança n'uma carta

VISTA DA PORTA PRINCIPAL DA EGREJA DE S.TA MARIA

que[1]: — «emquanto á casa do concelho que está na cisterna parece-me que se não póde fazer boa obra. Cobrir as paredes que estão para ficar seguras e começar de fazermo-la uma casa por esquadria dando-lhe o comprimento e largura o mais que poder ser e ouver aquelle chão e poder derrubar para isso as duas ou tres paredes até ao alargamento que não se despende com isso mais do que feitio, pois que a cantaria ahi fica e a altura das paredes do alargamento até á armação deve ser de 4 varas e meia e a armação deve ser feita de boa madeira e bem lavrada e devendo-lhe de fazer algumas janellas de modo que agora se acostuma; e n'isso devereis praticar com Lopo de Sousa[2] que saberá dar para isso bom conselho».

Esta casa tão veneranda e que está em via de desapparecer, tal é o seu estado de ruina, serviu durante muitos seculos de *Forum* ou de logar aonde os habitantes d'esta cidade vinham resolver os seus pleitos, e de onde ouviram proclamar seus fóros e a palavra de seu Rei e Senhor.

Igreja de Santa Maria

Ao espirito guerreiro e povoador que mandou construir a fortaleza da Cidadella da Villa deve-se sem duvida a fundação da igreja de Santa Maria, vindo a ser o primeiro templo que houve n'esta cidade.

Santa Maria foi a Padroeira escolhida pela devoção dos primeiros povoadores que lançaram os alicerces das muralhas da Villa e que formaram o nucleo da nossa cidade. Fallam d'ella as Inquirições mandadas fazer por D. Affonso III; a obra de Duarte d'Armas do seculo XVI; as cartas do Duque de Bragança do mesmo seculo, em que devido ao seu estado de ruina a manda «debuxar para a accrescentar, derrubando para isso algumas casas[3]»; uma provisão regia dos principios do seculo XVIII que a considera matriz da cidade «em que se faziam todas as funcções assim reaes como as que era obrigada a fazer a camara, que por ser padroeira dava para ella cada anno 50 arrateis de cera[4]»; e finalmente as noticias dos chorographos que dizem que fôra a unica Collegiada que houve no Bispado, de que tivera um rendimento com que sustentava um prior e quatro economos.

Da sua primitiva origem n'ella hoje pouco se divisa e mal se poderá ajuizar da sua antiguidade pela architectura e ornamentação que

---

[1] Documento existente na camara.
[2] Era alcaide mór de Bragança.
[3] Documento existente na camara.
[4] Documento existente na camara.

tem actualmente, que a avaliar pela construcção do portico da entrada principal parece obra dos fins da renascença.

Em todo o caso, se o seu aspecto não produz no espirito do observador a impressão que costumam deixar os monumentos revestidos com as cans dos seculos e santificados pela antiguidade da sua origem, ella faz-nos recordar a historia d'esse longo periodo de seculos em que n'este local habitou um Deus, que guiou incolume as populações que viveram em volta d'esses muros que ahi vemos, e que lhe imploraram protecção, desde o dia em que surgiu para a historia a actual cidade de Bragança.

Convento de Santa Clara

O convento de freiras franciscanas da invocação de Nossa Senhora da Conceição [1] foi fundado em 1570 por D. Catharina mulher de D. João III, segundo uns, e por D. Catharina Duqueza de Bragança, segundo outros.

Mas parece que não deve restar duvida de que foi obra da Casa de Bragança, porquanto n'uma carta de el-rei D. Affonso VI, escripta em 1685 lê-se o seguinte:.... «havendo respeito ao que me representaram a abbadessa e religiosas do convento de Santa Clara da cidade de Bragança, que os Serenissimos Duques do dito estado, meus antecessores, mandaram fundar aquelle convento, e o dotaram com cem mil réis de renda cada anno pagos pela camara d'aquella cidade, com condição de entrarem n'ella sómente quarenta e cinco freiras de veu preto, filhas e netas dos cidadãos d'ella, na fórma da carta de el-rei meu senhor e pae, de 29 de agosto de 1648, sómente com o dote de cento e quarenta mil réis, que como era tão limitado não podiam acudir ás ruinas em que se achava o dito convento por se lhe tomar um dormitorio e muita parte da cerca para as muralhas e trincheiras no tempo da guerra com Castella, que não podem reedificar e levantar o côro»... [2]

Foi sua primeira abbadessa sor Filippa de Assumpção e vigaria sor Paula das Chagas, naturaes de Braga que foram coadjuvadas pelas duas irmãs sor Izabel do Espirito Santo e sor Brites de Assumpção naturaes do Porto.

D'esta casa religiosa, a primeira que houve de freiras em Bragança, não obtivemos noticia mais alguma, a não ser que, em todo o

[1] O padre Carvalho diz de Nossa Senhora da Assumpção.

[2] Documento existente na camara.

Vista da porta principal da egreja de S.ta Clara.

tempo que existiu, se observáram n'ella as regras da clausura com tanta preseverança que muitas das reclusas morreram com opinião de santas, a começar na sua primeira abbadessa sor Filippa, que fallecendo no convento da mesma ordem no Porto se diz «que na morte appareceu o seu rosto vestido de formosura estranha [1].»

D'elle hoje nada mais resta que a sua igreja, pobre de ornamentação e de alfaias, não chamando a attenção senão pela sua historia que está cheia de exemplos de virtudes e de abnegação christã.

Collegio de Jesus dos padres da companhia

Corria o anno de 1561 quando os padres da companhia de Jesus resolveram fundar n'esta cidade um collegio destinado á educação da mocidade. Correspondendo a tão nobres intuitos a cidade de Bragança e principalmente a sua nobreza, com auctorisação do bispo de Miranda D. Antonio Pinheiro, pressurosamente concorreu para a sua fundação.

O seu Duque, em carta de 10 de julho de 1562, referindo-se á doação que os de Bragança fizeram do mosteiro que estava para freiras aos padres da companhia para a fundação de um collegio, exprime-se d'este modo... «que tem muito contentamento na fundação do collegio. Que acha melhor que agora comecem duas classes de latim e uma lição de casos de consciencia e ao diante se irá accrescentando o que virmos que é mais necessario. E os mestres para estas lições irão a tempo que possam começar a ler no principio de outubro que é em que ordinariamente se começam as lições dos collegios da companhia e mais conveniente para os estudantes.» N'outra carta diz-lhe ter folgado de saber da obrigação dos de Bragança darem cem mil réis cada anno ao collegio da companhia [2].

O mosteiro de S. Bento

De entre as casas religiosas mais importantes pela grandeza do seu edificio e tradições de virtudes monasticas, que havia em Bragança, destacava-se o mosteiro de S. Bento, de que hoje apenas existe a sua igreja, onde o visitante póde ainda agora vêr os restos de um passado cheio de crença, em que se ía procurar na clausura o meio para fugir ás miserias da vida, e obter pela prece e oração as bençãos celestiaes.

---

[1] *Historia Serafica da ordem dos frades de S. Francisco na provincia de Portugal*, por fr. Manuel da Esperança, I, pag. 599.

[2] Documentos existentes na camara.

Foi mandado fazer a expensas de uma Dona viuva chamada Maria Teixeira em 1590, que quiz fazer herdeira de seus bens a Santa Escolastica, irmã do padre S. Bento.

Foram escolhidas para o dirigir, no seu principio, duas damas da nossa primeira fidalguia, que eram reclusas do convento Benedictino de Vaião; sendo uma a abbadessa, D. Hieronyma de Vilhena, e outra a prioreza, D. Luiza de Noronha, que souberam de tal maneira implantar n'esta casa um regimen de virtude e castidade que, no andar dos tempos, nunca desmereceu do fim para que fôra creada, merecendo por isso que se dissesse d'ella e de uma outra da mesma regra que havia em Murça o seguinte:

Transmontana micant Benedicti pignora sacra
Scintillant veluti sidera nata procul [1].

Mas não é só pelas suas tradições religiosas que a igreja d'este mosteiro prende a nossa attenção, é tambem pelas pinturas do seu tecto, pela belleza de algumas das suas imagens, e pelas sepulturas brazonadas que n'ella se vêem, que mostra ter sido escolhida para pantheon da nobreza da cidade.

A nossa igreja é uma reliquia, e como tal deve ser respeitada e venerada por todos os que têem amor pelas obras dos seus antepassados, que a construiram cheios de fé e de enthusiasmo para n'ella ouvirem os córos das virgens entoarem canticos divinos repassados de uma unção angelical, fazendo da terra um céu e do amor uma virtude.

O convento de S. Francisco

Começava o anno de 1214 e reinava em Portugal D. Affonso II, quando o grande padre S. Francisco entrou em Bragança, então villa, vindo de regresso da sua devota romaria ao apostolo S. Thiago. Muito foi o enthusiasmo e contentamento com que o receberam os de Bragança, offerecendo-lhe logo os seus serviços e dadivas para a fundação de um convento, a que elle deu começo principiando a formar a planta e «*a dar traça*»[2] para lançar os alicerces do edificio, que havia de receber os primeiros religiosos e do que se lavrou um instrumento com os vereadores, que se diz que ainda ha pouco existia na camara, contendo a assignatura do proprio santo. E depois de tudo preparado para dar inicio aos trabalhos encarregou da sua execução

---

[1] *Benedictina Lusitana*, por fr. Leão de Santo Thomás, t. II, pag. 395.
[2] Vide H. Serafica da ordem de S. Francisco, já citada.

um seu companheiro, que trazia de S. Thiago, e continuou a seguir a sua viagem para a Italia.

Pertencia o terreno, aonde está o convento, á nobre familia dos Moraes, que espontaneamente o cedeu, e onde havia uma ermida de Santa Catharina que serviu de igreja, ficando depois encorporada na casa que se transformou em capella do capitulo, onde por memoria muitos annos os seculares tiveram confraria em louvor da Cruz de Christo.

Formado só pelas parcas rendas publicas e pelas esmolas particulares, foi no seu principio de umas proporções modestas, até que no anno de 1271 D. Affonso III lhe começou a fazer mercês, que continuaram no reinado de D. Diniz em que sua esposa a rainha Santa Isabel o teve sempre em grande conta por ser o primeiro convento que visitou ao entrar em Portugal vinda de Aragão, em memoria do que, por muito tempo, no forro da capella mór que elles haviam mandado reedificar, se viram os seus retratos, que mais tarde desappareceram por motivo das ruinas a que a mesma capella chegou. E a Serenissima Casa de Bragança, tendo sempre em vista o engrandecimento d'esta cidade, o tomou tambem sob a sua protecção, de onde lhe proveiu uma grande parte do seu esplendor.

Mas não foram só os favores regios os que concorreram para o augmento d'esta santa casa, pois de entre os particulares houve alguns a quem ella deve muitas obras dignas de se mencionarem. Entre elles sobresáe o dr. Paschoal de Frias, abbade de Carrazedo, homem notavel pelo seu saber e pelas suas virtudes, que regressando de Roma mandou fazer uma capella do lado direito do altar mór, da invocação de Nossa Senhora da Conceição, que adornou com muitas alfaias, quadros e reliquias que expressamente havia trazido. Entre essas reliquias tornava-se notavel um Crucifixo de ebano, pouco maior que um palmo, em que se via representada toda a vida de Christo em figuras de relevo «tão subtis e tão miudas, que a vista mais aguda não lhes póde dar alcance, e por grande maravilha se vinha ver de muito longe».

Dorme o fundador d'esta capella o eterno somno junto do seu altar, e para mostrar quão illusoria é a grandeza do homem mandou gravar na campa o seguinte letreiro, que ainda hoje lá se vê, posto que bem apagado:

HIC JACET MORTUUS,
QUI SPERAT SEMPER VIVERE.

Já no arco da mesma capella este douto varão tinha mandado escrever: *In nidulo meo moriar, et sicut phoenix multiplicabo dies.* «Eu morrerei no meu ninho, e como phenix multiplicarei os dias.»

A este modesto convento, que durante muitos annos teve só vinte egressos, é que o papa Bonifacio IX, em 1394, veiu procurar um dos seus guardiões para commissario apostolico «para compor certas contendas». E foi n'elle que se reuniu uma vez uma junta nomeada por Benedicto XII, encarregada da reforma dos conegos regulares das igrejas cathedraes de Portugal e do reino de Leão.

Pertenceu a varias custodias, isto é, fez parte de agrupamentos de conventos que umas vezes pertenceram á custodia antiga chamada de Portugal, outras á da de Samora, outras á de Coimbra e finalmente outras á de Portugal moderna.

Muitos foram os varões que sendo reclusos d'esta casa morreram com a opinião de santos. Entre elles mencionaremos o companheiro do proprio S. Francisco, que deu execução á obra, e de quem se ignora o nome e até o logar do convento onde está enterrado, posto que em 1656, guiados por uma tradição de que elle estava escondido na parede da igreja, entre a porta da sacristia e o pulpito, trataram de o procurar, e diante de muitas pessoas que assistiram e deram fé encontraram na referida parede um arco debaixo do qual estava um tumulo que continha ossos negros, e que na campa tinha uma inscripção apagada em que ainda se podia ler

AQUI JAZ D. JOSEPH, ABBADE DE CASTRO RUPEL,
CONIGO DA SÉ DE BRAGA

Não satisfeitos os assistentes com este achado continuaram as suas investigações, e ao pé d'este tumulo e coberto por um massiço de cal estavam uma caveira e uns poucos de ossos, alvos de neve, e ainda um pedaço de cordão do habito franciscano.

Todos foram concordes em que estes restos eram de quem procuravam, e vinha em auxilio d'este seu parecer o estar pintado na parede um frade em momentos de morte, «com as mãos levantadas ao céu, e logo acima d'elle dois anjos, que nos braços lhe recebiam a alma. Assistiam cinco frades, e não seriam mais n'aquelle tempo, fazendo o officio de encommendação ou de enterro: um d'elles com a cruz alçada; outro revestido em alva e estola, com um livro nas mãos, que continha estas palavras: *Deus Sion recipe animam istam* («Recebei, Deus de Sion, esta alma»).

Parece que no andar dos tempos soffreu importantes modificações, porque da construcção primitiva nada hoje se descobre, e nem mesmo na ornamentação da igreja e nos objectos que contém se vêem signaes que mostrem remontar a uma epocha tão distante. E o motivo de as-

sim succeder seria porque consta que ardeu em 1728, sendo reedificado antes de 1800, em contrario do que dizem alguns que o dão só n'este anno, por isso que, segundo documentos existentes na camara, D. Maria I creou em 6 de novembro de 1779 uma cadeira «de philosophia racional no convento de S. Francisco, dando para ella 60$000 réis annuaes, e sendo nomeado para a reger fr. Gaspar de Santo Antonio; e isto por ter em consideração o zêlo e actividade em que se tem empregado no seu serviço e no de Deus os religiosos de S. Francisco da Provincia de Portugal». E em 18 do mesmo mez e anno creou outra de ler, escrever e contar, com o ordenado de réis 40$000.

Da sua historia nada mais pudémos colher do que o que se lê em duas inscripções que estão nas paredes lateraes do atrio da igreja, que dizem proximamente a mesma cousa.

Eis o que se lê n'uma d'ellas:

«A Ex.ma D. Joanna Corrêa de Castro Benevides Velares natural do Rio de Janeiro, molher do Ex.mo Tenente General e Conselheiro da Guerra Manoel Jorge de Sepulveda, falleceu em junho de 1801, foi sepultada na casa do capitulo deste convento antiquissimo jazigo dos Moraes Castros Pimenteis, sua familia. Agora anno de 1845 trasladados seus ossos, com os de seus filhos e parentes, para a capella mór d'esta egreja por profanação da dita casa pela tropa, quebramento de campas, de brazões d'armas e epitaphios antigos, acontecendo o mesmo com as dos fundadores.»

A parte do edificio destinado ao convento serve hoje de hospital militar, e a igreja é o melhor templo que tem a cidade, não só pela sua capacidade, como tambem pela ornamentação e trabalhos de talha dos seus altares.

Não se sabe explicar como é que, ao entrar n'este templo, se sente um recolhimento de alma, que nos faz como que presenciar o viver d'aquelles, que sob o cilicio e o habito da pobreza, guiaram as gerações passadas indicando-lhes os caminhos que conduzem á bemaventurança, por meio do sacrificio e da humildade. E quando nos lembramos que foi talvez n'elle que se recolheu, a suavisar a dor da sua imaginaria deshonra, Ruy Lourenço de Tavora[1], que sendo alcaide da cidade de Miranda do Douro a entregou aos castelhanos, que a sitiavam, por uma carta falsa de el-rei D. João I, que lh'a mandava «largar» por não a poder soccorrer, então como que sentimos prazer em estar ali, junto das cinzas de um verdadeiro emulo de Martim de Frei-

---

[1] *Nobliarchia*, de Villas Boas.

tas e Fernando Rodrigues Pacheco, que deslumbraram, pela sua fidelidade, os maiores heroes da cavallaria.

Recolhimento do Loreto (Beatas)[1]

Entre as obras piedosas devidas ao grande Bispo de Bragança, D. Antonio Luiz da Veiga Cabral e Camara, ha a mencionar o recolhimento de Nossa Senhora do Loreto, vulgarmente conhecido pelo das Beatas, destinado a receber as donzellas nobres orphãs e desamparadas. Foi inaugurado a 5 de agosto de 1794, ficando sob a direcção da virtuosa Domingas Vaz, que desempenha, pelas suas conhecidas virtudes christãs, um logar importante na vida d'este illustre e sempre notavel bispo, em memoria do qual em 1889 varios homens de letras e entre elles o conego Manuel Antonio Pires escreveram um livro intitulado: *Monumento á memoria de D. Antonio Luiz da Veiga Cabral e Camara, Bispo de Bragança.*

A igreja está quasi que abandonada, e o recolhimento serviu, ainda ha poucos annos, para n'elle se estabelecer uma fabrica de sabão. E d'esta maneira se transformou uma casa que a mais piedosa devoção tinha mandado erguer para amparar as que a sorte tinha desamparado.

Igreja do Senhor Jesus de S. Vicente

Templo modesto este de que não conseguimos obter noticia alguma interessante, que esclarecesse a sua historia, que a seguir a tradição data já de muito longe, não só por n'elle existir uma reliquia, a santa imagem do Senhor Jesus Crucificado, a quem a fé religiosa attribue immensas graças pelo condão especial que o céu lhe concede, e que dizem «que foi obra de certo pio esculptor contemporaneo dos Apostolos»[2]; mas tambem pela tradição, pouco crivel é certo, de n'elle ter tido logar o casamento clandestino de D. Ignez de Castro com D. Pedro I.

O que não admitte duvida é que já existia em 1594, pois que o Duque por uma carta d'esse anno «manda fazer outra cadeia ao meio da cidade e por cima de S. Vicente»[3].

---

[1] Antes do recolhimento existia uma capella mandada fazer no reinado de D. João III pelo franciscano fr. Manuel Corvo.

[2] Opusculo de «Considerações historicas» sobre a cathedral de Bragança, pelo conego Pires.

[3] Documento existente na camara.

Como é devéras curiosa a lenda do casamento de D. Pedro, aqui damos uma resumida noticia tirada da chronica d'este rei, feita pelo padre José Pereira Bayan [1]:

«Passando el-rei D. Pedro no logar de Cantanhede no mez de julho declarou em presença de D. João Affonso, conde de Barcellos, e outros muitos fidalgos, depois de ter jurado aos Santos Evangelhos que sendo elle Infante, vivendo ainda El-rey seu pay, que estando elle em Bragança, podia haver huns sete annos, pouco mais ou menos, não se acordando do dia, e mez, que elle recebera por sua mulher legitima por palavras de presente, como manda a Santa Madre Egreja, Dona Ignez de Castro, filha que foy de D. Pedro Fernandes de Castro, e que essa D. Ignez recebera a elle por seu marido por semelhantes palavras, e que depois do dito recebimento a tivera sempre por sua mulher até ao tempo da sua morte, vivendo ambos de commum, e de consuum, fazendo-se maridança qual deviam.»

Este facto é confirmado pelos juramentos que tres dias depois fizeram em Coimbra o bispo da Guarda D. Gil e Estevão Lobato, criado de el-rei. No juramento o bispo diz:

«Que andando elle com o dito Senhor, e sendo então Dayão da Guarda, que em aquelle tempo sendo El-rey Infante, e Dona Ignez com elle, pousavam na Villa de Bragança, e que elle Senhor o mandára chamar hum dia á sua Camara, sendo Dona Ignez presente, e que lhe dissera, que a queria receber por sua mulher, e que logo sem mais detença o dito Senhor pusera a mão nas suas mãos d'elle, e isso mesmo a Dona Ignez, e que os recebera a ambos por palavras de presente, como manda a Santa Madre Igreja, e que os vira viver de consuum até a morte de D. Ignez; e que isto podia haver sete annos, pouco mais ou menos; mas que se não acordava do dia e mez em que fôra.»

O juramento de Estevão Lobato nada mais acrescenta senão que o casamento se realisou no primeiro dia de janeiro.

Sobeja rasão tem o auctor da chronica para duvidar da veracidade de taes juramentos, pois entre outras cousas, é preciso admittir grande desmemoria da parte dos individuos que os fizeram para se não recordarem do anno, mez e dia em que o casamento se effectuou. A querer-lhes dar, todavia, algum credito ficamos sabendo que o casamento teve logar, não na nossa igreja, mas na propria camara do infante.

---

[1] Vide *Chronica de el-rei D. Pedro I*, pelo padre José Pereira Bayan, presbytero do habito de S. Pedro, 1760.

Se não pudémos obter noticias positivas que chamassem a attenção d'esta igreja pelo interesse que despertassem, ahi fica referida a lenda que diz respeito á vida de duas individualidades cuja celebridade é tão grande, que basta só a supposição de que ellas estiveram

Vista do portico principal da igreja do Senhor Jesus de S. Vicente

em qualquer local para tornar este venerado e respeitado; porque elle faz lembrar um quadro verdadeiramente real e commovente: o amor mais sublime terminado pela tragedia mais cruel.

Santa Casa da Misericordia

É um estabelecimento este de caridade que data de ha muitos annos, mas a epocha exacta da sua fundação não tivemos ensejo de a precisar, posto que seja muito de presumir que fosse fundado no reinado de D. Manuel e pouco depois de 1516, que se generalisou por todo o paiz a obra santa do apostolo da caridade, padre trino fr. Mi-

guel de Contreiras, fundador n'aquelle anno da Misericordia de Lisboa e iniciador em Portugal d'estas casas de amparo e consolação dos desvalidos da fortuna.

Modesto e acanhado edificio, que não corresponde ás necessidades de agora, lá vae todavia satisfazendo, posto que exiguamente, aos fins da sua instituição, devido aos seus poucos rendimentos e ás esmolas de alguns particulares que bem comprehendem a salutar palavra evangelica «de que dar aos pobres é emprestar a Deus.» A sua igreja é das mais proporcionadas, e apesar de ser pobre de architectura e ornamentação, como são todas as da cidade, é das mais frequentadas, devido á imagem do Senhor dos Passos que n'ella se venera, que é uma notavel obra de esculptura que desperta em quem a contempla os sentimentos de respeito e veneração.

Capellas e ermidas da cidade e seu termo

Além dos monumentos religiosos de que fizemos menção existem mais na cidade e seu termo os seguintes:

Capella de S. Sebastião. — Já existia no seculo XV, segundo se vê no desenho de Duarte d'Armas. Soffreu modificação, como se nota na sua architectura actual, que não é da epocha da sua fundação.

Nossa Senhora da Saude. — Foi mudada em 1894 para onde está hoje, que é junto do muro norte que limita os fossos das muralhas, por cima do ponto em que se separa o caminho que vae para o hospital militar da estrada de Alfaião. O seu primitivo local fica perto, pois era uns poucos de passos em frente e para a direita, assentando uma das suas paredes no muro inferior da estrada, que por causa da sua construcção foi preciso compor a rua, e por isso se mudou. Tinha o aspecto de alpendre formado por columnas, e fechado pelo nascente. No meio estava o altar da Senhora da Saude.

Esta capellinha tem uma historia, pois diz-se que a mandou fazer, para ouvir missa, uma princeza que estava presa na torre da cidadella, conhecida hoje pela *torre da princeza.* E por isso ella tinha esta construcção apropriada, e ficava em frente da referida torre.

S. João Baptista. — Parece ter sido uma capella lateral da antiga igreja matriz da freguezia d'este nome, e que foi mandada derrubar em 1592, como se deprehende de uma carta do Duque escripta em 15 de agosto d'este anno, em que diz estar informado «de que por visitação se mandou derrubar a igreja de S. João d'esta cidade [1].»

---

[1] Documento existente na camara.

Santo Antonio. — Foi edificada ahi por 1700, como se vê pela architectura da sua entrada e pelas inscripções que tem um tumulo em fórma de caixão que está em frente d'ella e da parte de fóra. Uma das inscripções, a que está na face norte, diz:

FALLECEU O INSTITUIDOR ANNO DE 1713

A outra que está na face poente diz:

AQUI JAZ O PECADOR DE ANTONIO FIGUEIREDO SARMENTO
PROFESSO NA ORDEM DE CHRISTO
GOVERNADOR QUE FOI D'ESTA CIDADE

«Aqui jaz o pecador de Antonio Figueiredo Sarmento professo na ordem de Christo Governador que foi d'esta cidade.»

Ainda tem outra inscripção na face nascente, em que pede um Padre Nosso e uma Ave Maria por sua alma.

Senhor dos Afflictos. — É de todas as capellas a mais elegante pela sua construcção. Está á entrada da cidade a quem vem de Macedo ou Mogadouro, e junto da ponte do Loreto, que foi provavelmente feita quando ella, ahi por 1804[1].

S. Lazaro. — É tido como o mais antigo monumento religioso que ha em Bragança, pois diz-se que já fez parte da cidade que existiu anteriormente a esta.

S. Bartholomeu, Santa Apolonia e Senhor dos Perdidos. — São muito antigas estas ermidas e tidas em grande veneração. Não se obteve noticia alguma que esclarecesse a sua fundação.

De outras capellas e ermidas que já não existem

S. Caetano. — Presume-se que ficava para os lados de Valle de Alvaro, caminho de Donae, e que ainda existia em 1789, como dá a perceber uma carta de D. Maria I existente na camara, em que concede o aforamento de um terreno n'aquelle sitio que «pelo sul confronta com terra da capella de S. Caetano.»

Nossa Senhora dos Prazeres. — Vê-se ainda hoje na Sé a sua imagem, que se venerava primitivamente n'uma capellinha que ficava na planicie de Trás-do-Forte.

---

[1] É da tradição ter n'este anno havido uma memoravel cheia no dia de S. Bartholomeu, que levou a ponte antiga bem como todas as que havia sobre o Fervença.

S. Thiago. — Ainda no anno de 1676 foram eleitos para capellão d'esta confraria Balthar de Moraes Sarmento e para mordomo Francisco Ferreira Moraes [1]. Ficava dentro da cidadella, mas já se não sabe o sitio em que estava situada. Presume-se que ficasse em frente da igreja de Santa Maria, pois ainda agora ao espaço que ali ha se chama largo de S. Thiago, que alguns querem que assim se denomine aquelle em que se ergue o pelourinho, que foi mandado arranjar em 1862.

Já existia no tempo do primeiro Duque D. Affonso ou foi obra sua, pois a elle se deve a creação em Bragança da confraria da nobre cavallaria de S. Thiago, que tinha estatutos iguaes á de uma identica confraria, que mais tarde se organisou em Chaves, denominada de S. João [2].

Da de Chaves conhece-se uma determinação, e é de presumir que a houvesse igual na de Bragança; e como ella dá uma idéa dos costumes d'esse tempo por isso a transcrevemos da chronica da Provincia da Piedade. D'esta confraria só faziam parte homens de conhecida nobreza e com capacidade para montar a cavallo, e tinham entre outras obrigações a seguinte:

«Que no dia de S. João o capitão cavalgará com todos os cavalleiros e pessoas de qualidade, e todos seguirão a bandeira até ao mosteiro de S. Francisco muito quietos, sem correrem, nem escaramuçarem até ouvirem ahi missa na capella de S. João, e saíndo da missa no campo de S. Francisco, e dentro da villa, e em qualquer parte, assim pela manhã, como á tarde, segundo o capitão ordenar, serão obrigados os cavalleiros a fazerem escaramuças, e correrem, jogar cannas, e outra qualquer cousa, que pelo capitão lhes for ordenado, etc.»

Outros edificios publicos e particulares

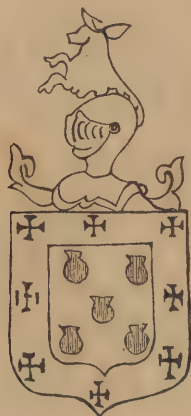
Os edificios publicos são geralmente pouco recommendaveis pela sua architectura, tendo sido na maior parte casas particulares.

Mencionaremos os seguintes: paço episcopal, que pelo brazão que tem indica ter sido construido por um bispo de appellido Carvalho; governo civil, edificado nas ruinas do convento de S. Bento, é o melhor edificio publico que possue a cidade, principalmente a parte que foi feita ha tres annos; seminario de S. José, que era o antigo collegio

---

[1] Documento existente na camara.

[2] O padre Carvalho diz que ficava dentro da muralha a ermida de S. Thiago, que era commenda da ordem de Christo e que rendia duzentos mil réis.

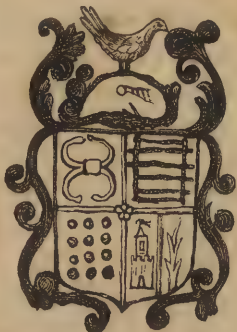
dos jesuitas, e que foi ultimamente augmentado e recebeu grandes melhoramentos devido aos esforços do actual Bispo D. José Alves de Mariz; casa da camara, casa do correio, lyceu, asylo Duque de Bragança, escola industrial e escola do conde Ferreira. Ainda como estabelecimento de instrucção temos a mencionar o museu municipal, que a camara, tomando em consideração as justas razões apresentadas pelo auctor d'este escripto nos jornaes locaes, creou em sessão de 4 de novembro de 1896 e inaugurou solemnemente n'uma sala do edificio da mesma camara em 14 de março de 1897 [1], o qual, apesar de ser unicamente formado de offertas, tornou-se em pouco digno de attenção dos sabios e instruidos pela quantidade, variedade e raridade de objectos que contém, vindo a ser não só o primeiro estabelecimento publico d'este genero que se organisou em toda a provincia transmontana, mas um dos mais curiosos do paiz.

Armas dos Pimenteis

A cidade possue algumas casas de particulares notaveis pela sua grandeza e pela sua construcção, que denotam terem pertencido a antigas familias abastadas, taes como a conhecida casa das Saldanhas, que pelo brazão indica ter pertencido á familia dos Ferreiras; a do Arco, pertencente á dos Pimenteis [2], e a do Vargas. Outras, que pelos seus brazões mostram haver pertencido a familias da mais alta fidalguia da provincia, como são a dos Figueiredos, Sarmentos, Sepulvedas, Mirandas, Moraes, Teixeiras e Bravo Frias. Vae em via de trans-

---

[1] Sobre a historia da fundação, creação e inauguração do museu veja-se o *Archeologo Português,* vol. III, pag. 48, e vol. IV, pag. 153.

[2] Foi feita em 1694, como já se disse.

formação com respeito ás suas habitações, fazendo-se n'estes ultimos annos muitos melhoramentos, quer construindo quer reedificando muitos predios, entre os quaes é digno de menção, pela sua grandeza e luxo com que está feito, o da familia dos Pimenteis.

Escudo da antiga casa das Saldanhas

Como casas de recreio tem o theatro de Camões, club brigantino, assembléa brigantina e a associação artistica.

VII

Patrono e santos que se dizem nascidos ou mortos em Bragança

Quem quizer saber o motivo por que no pendão da camara de Bragança se vê a imagem de S. Jorge, vae encontrar, no *Agiologio Lusitano,* a noticia de que este santo fôra escolhido pelos brigantinos em 879 para seu patrono, em virtude de um voto que lhe fizeram; e de que d'essa data provém tambem a origem da romaria que elle todos os annos faz, no dia 23 de abril, em cima de ataviado cavallo, acompanhado da camara, guardado por um esquadrão de cavallaria e ao som de tambores e clarins, á sua capellinha que tem no valle de Villa Nova, suburbios da cidade. A circumstancia de se desconhecer em que consistiu esse voto tem dado ensejo a fazer-se um grande numero de conjecturas, e entre ellas a de que este santo substituiu um deus peninsular chamado *Brigo,* a quem a povoação morta que está em frente da capella, no sitio da Devesa, prestou culto e tomou do seu nome o nome de *Briga,* que depois transmittiu á nossa cidade que vinha a ser, portanto, a herdeira das suas tradições.

Como quer que seja, o que se não póde pôr em duvida é de que este facto se prende com um acontecimento importante e antiquissimo succedido por estes logares, em que foi manifesta a intervenção so-

brenatural de S. Jorge, e que foi esquecido na memoria dos homens, mas que o reconhecimento da geração que o presenciou levou a patentear a imagem do seu protector na bandeira do seu municipio para o tornar lembrado em todos os tempos.

Não falta na historia dos brigantinos quem a torne notavel e interessante por ter soffrido glorioso martyrio em defeza da religião christã, e que a igreja tem no numero dos seus santos; e quem, apesar de não soffrer martyrio, seja tido em grande veneração pelas suas virtudes e perseverança na fé religiosa.

Mencionaremos:

Santo Arcadio, bispo d'esta cidade, discipulo de S. Thiago, que foi aqui martyrisado a 4 de março do anno 60, imperando Nero.

Santa Aquilea ou *Aquila* e seus companheiros *Domicio* e *Eparchio,* que foram martyrisados a 23 de março do anno 300 com outros martyres.

João e *Paulo,* irmãos, que foram com Gallaciano para Roma, onde João foi mordomo mór de Constancia, filha do imperador Constantino, e Paulo seu secretario; foram mandados degolar em 26 de junho de 372 pelo apostata Juliano por serem christãos.

Santa Pelagia ou *Pelaya,* que com outros companheiros morreu desprezando os idolos [1].

Fr. Filippe Dias, da ordem dos menores de S. Francisco, grande lustre da religião e honra da sua patria. Tinha singular persuasão no pulpito e exemplar vida. Morreu no famoso convento de Salamanca com fama de santidade, em 9 de abril de 1600.

Fr. Hieronymo, castelhano, egresso do convento de S. Francisco, onde morreu, tornando-se notavel pelas muitas virtudes que o ornavam e entre ellas a da pobreza e humildade.

Fr. Francisco de Santa Barbara, natural de Coimbra, egresso Franciscano, morreu no convento de S. Francisco com cheiro de santidade.

Fr. Luiz da Cruz, frade de S. Francisco, «cujas letras, virtudes e escriptos alcançaram em Roma grande nome na estimação do Papa e cardeaes». Professou na provincia de S. Gabriel, em Castella, foi ministro na terra de Lavor, reino de Napoles, e vindo ao capitulo que tivemos em Toledo no anno de 1663 acclamado por Geral, em Saragoça de Aragão, lhe atalharam os passos [2].

Bispo D. Antonio Luiz da Veiga Cabral e Camara — Nasceu em Vianna do Castello, em 10 de novembro de 1758 e era filho legitimo

---

[1] Consideram os auctores estes martyres dos tempos romanos oriundos de Bragança na persuasão de que ella fosse a Britonia romana.

[2] Vide *Historia Serafica*, já citada.

do tenente general, governador das armas nas provincias do Minho e Trás-os-Montes, Francisco da Veiga Cabral e Camara.

Foi abbade da Mofreita e elevado á dignidade episcopal nos fins do seculo passado. Teve grandes conhecimentos e foi dotado de uma felicissima memoria «que lhe conservava presentes idéas claras de tudo o que havia lido e ouvido desde menino até aos sessenta annos em que falleceu.» Morreu em S. Salvados, no dia 13 de junho de 1819, e é tido na conta de um dos mais preclaros e venerandos Bispos que tem tido esta diocese.

VIII

Varões notaveis nas sciencias, letras e armas

Não fica atrás Bragança, antes excede muitas cidades, no numero de varões que a ennobrecem por notaveis que se tornaram no caminho das letras, sciencias e armas.

Sente-se prazer em se saber que os nomes que se vão ler pertencem a individuos que, ou são oriundos d'esta cidade, ou viveram n'ella, porque tão notaveis e immorredouros se tornaram para a historia pelas suas luzes e feitos, que é motivo de orgulho para a terra que lhes deu o ser ou hospitalidade.

Eil-os:

Fr. Filippe Dias. — de que já se fallou como exemplar na virtude e na constancia da fé christã. Teve especial talento para o pulpito, no qual conseguiu admiravelmente os effeitos de orador sagrado. A historia tem-o na conta de douto, pio e virtuoso. Diz-se que na universidade de Salamanca adquiriu tal fama e respeito, que por algumas vezes foi encarregado pelo Bispo D. Maurique Lara da *reformação dos costumes academicos,* que só á sua voz *tremiam como do trovão.* Que á efficacia da sua palavra para com os academicos allude um epigramma que anda no principio do tomo II dos seus sermões, que diz assim: «Laeta Brigantinos, Salamantina, suscipe fructus, quos hæc terra suo lacte rigata tulit [1].»

Falleceu, como já se disse em Salamanca a 9 de abril de 1600, fazendo menção d'elle muitos auctores, taes como Timotheo de Ceabra e outros.

Francisco de Moraes. — É o auctor do celebre *Palmeirim de Inglaterra,* obra de quem disse o padre Telles «que o auctor com a amenidade do seu eloquente estylo só pretendeu recrear os leitores com fabulas doutas e com engenhosas ficções.»

---

[1] *Mappa de Portugal antigo e moderno,* de J. B. Castro, t. I, vol. II, 3.ª ed.

Antonio Pires da Silva. — Notavel medico que viveu na villa de Alafões, de cujas caldas compoz um tratado muito estimado pelos conhecimentos que mostrou como medico e como philosopho.

Antonio de Pereira e Pona.— Grande escriptor e jurisconsulto que escreveu varias obras sobre jurisprudencia. Terminados os seus estudos foi nomeado provedor para Miranda, e pouco depois transferido para corregedor de Evora, morrendo desembargador do Paço.

José de Barros Moraes e Pona. — Filho do antecedente, foi mestre de equitação de D. José I: auctor da *Arte real da cavallaria;* monteiro-mór de Villa Real, e professo da Ordem de Christo. Era formado em direito pela universidade de Coimbra. Morreu em Bragança.

Lazaro Jorge de Figueiredo Sarmento. — Homem notavel que teve Bragança. Foi feito seu alcaide-mór, por carta de 14 de junho de 1714, em attenção aos notorios e relevantes serviços que sua familia e elle tinham prestado a esta cidade, que ainda na vida de seu pae, que tambem fôra alcaide, a livrou do cêrco que lhe poz o duque de Hijar em 1710, fazendo-lhe durante onze dias varios assaltos, que elle repelliu com o maior valor, animando sempre as suas tropas, rondando as muralhas com incessante cuidado, e attendendo a todos os serviços, de modo que obrigou o inimigo a retirar-se e a levantar o campo [1].

Manuel Jorge Gomes de Sepulveda. — É um varão que ennobrece esta cidade e toda a nação. Tem o seu nome ligado não só á historia da guerra mais notavel que teve a Peninsula durante este seculo, pois que em 11 de julho de 1808 proclamou a revolução contra o exercito francez e fez hastear nos baluartes da velha cidade transmontana a bandeira portugueza; mas tambem á do Brazil, para onde foi com o nome supposto de José de Marcellino Figueiredo, e onde prestou importantissimos serviços como commandante das tropas, e como governador e administrador das cousas publicas. A elle deve a Provincia do Rio Grande do Sul, melhoramentos importantes, taes como a fundação de sete freguezias, a creação de dois collegios para educação dos indios, e aformoseamento da villa, hoje cidade, de Portalegre, que bem se póde considerar como seu fundador. O valor militar d'este heroe transmontano patenteou-o no combate de Santa Barbara e na defeza dos fortes de S. Martinho e Santa Tecla do rio Pardo, em que repelliu valorosamente o general hespanhol D. Jorge Vertize, que ameaçava invadir toda a provincia.

Morreu em Lisboa, em 18 de abril de 1814, de idade de setenta e nove annos e um dia no exercicio de conselheiro de guerra, tendo

---

[1] Documento existente na camara.

obtido durante a vida as considerações de ser do «conselho de Sua Alteza Real e do de guerra, gran cruz da Torre e Espada, commendador da Ordem de Christo, alcaide mór de Trancoso, tenente general dos reaes exercitos, governador do Rio Grande do Sul, e tambem por varias vezes da provincia de Trás-os-Montes.»

Para se ver a consideração em que no seu tempo era tido este heroe transmontano basta ler o seguinte acrostico, feito em sua memoria «por uma testemunha do referido[1].

Acrostico

M agestoso Padrão, soberbo Busto,
A Gratidão da Patria alçar-te deve
N o Pantheon dos Heroes, ó Grão Sepulveda.
O teu Nome immortal brilhar merece
E ntre os Grandes Varões, que a Lysia honrarão.
L er devem com assombro Eras vindouras

I mmortaes Feitos do teu braço Forte.
O Grão Libertador da oppressa Lysia
R econheção em Ti. Sõ tu rompeste
G rilhões pesados, que a Traição mais impia
E m seus pulsos lançou. Em vão pretende

G loria tanta roubar-te a iniqua inveja.
O bra foi tua a Redempção da Patria.
M otor foste o primeiro, origem d'esta
E mpreza portentosa. Aos teus Clamores
S acudio Lusitania o jugo infame;

D espertou do lethargo em que jazia:
E dormira talvez ainda em seus ferros

S e qual Trovão, tua voz não a accordára.
E sta sublime acção de Patriotismo,
P rincipiada por Ti, podem, sim, outros
U ltimal-a, mas toda he tua a Gloria.
L ouros te enramem, pois, a Heroica Fronte,
V aloroso Guerreiro: os teus Triunfos
E screva em letras d'ouro a sabia Historia,
D ando-te o alto logar, que te compete,
A par dos Gamas, Albuquerques, Castros.

(Por uma testemunha do referido[2].)

---

[1] É tão raro o acrostico que talvez só exista o exemplar que um nosso amigo obsequiosamento nos deu.

[2] Quando estava já preparado este escripto, para ir para a imprensa, deunos conhecimento o nosso amigo dr. Manuel Ferreira Deusdado de ser digno tambem de ser enumerado João Brito de Lemos, natural de Bragança, que em 1631 escreveu o *Abecedario militar*.

IX

Erecção do bispado de Bragança

Tinha chegado o momento de terminar a sua importancia historica ao secular convento de Castro d'Avellãs, acabando de um modo pouco digno para a historia quem a tinha tido tão gloriosa, pois o Pontifice Paulo III, em 1545, na bulla *pro excellentia* que o supprimiu diz: «Monachi jam diu a Regularibus dicti Ordinis (Sancti Benedicti) Institutis declinarunt, ac cum magna offensione, et indignatione circircumvicinorum populorum, inhoneste et dissolute vivunt, ita ut nulla, quod reformari debeant, spes supersit[1]».

A extincção d'este mosteiro trouxe comsigo à creação de um bispado, que se não fôra a promessa de D. Catharina, mulher de D. João III, que ao entrar em Miranda prometteu aos mirandezes de engrandecer a sua cidade, a cathedral do novo bispado seria a egreja do extincto convento, templo ao tempo o mais importante que havia por estes sitios pela sua grandeza, pois tinha tres naves, e pela riqueza das suas alfaias.

Escolhida a cidade de Miranda para cabeça da nova diocese, para lá foram todas as riquezas de Castro d'Avellãs, engrandecendo-se d'este modo á custa da adversidade alheia. E por isso se dizia:

Gaudet abellinis auro Miranda
refertis
Et cortex saltèm nec Benedicte tibi[2]

Mas as condições de Miranda, a sua situação com relação á area do bispado, eram causas importantissimas que com o tempo haviam de influir para tornar pouco duradoura a sua importancia, filha só de um regio capricho. E assim succedeu, pois em 1764 o seu Antiste D. Aleixo, transferiu a Sé para Bragança dando motivo a que, em 1770, a instancias de D. José, Clemente XIV na Bulla *Pastoris Æterni,* desenvolvesse o bispado em dois, que depois, em 1780, no reinado de D. Maria I, Pio VI, pela bulla *Romanus Pontifex,* tornou a unir, ficando definitivamente a séde em Bragança, tendo por cathedral o pequeno templo, que ainda tem hoje, que era a igreja do collegio dos Padres da companhia de Jesus.

---

[1] Vide Viterbo no seu *Elucidario. S. v.* Estremo.
[2] Vide *Benedictina Lusitana.*

E assim Bragança voltou a ter a supremacia ecclesiastica, que os auctores, que pretendem que ella herdou as tradições da romana «Britonia», dizem que tivera, sendo seu Bispo «Arcadio» um dos primeiros martyres do christianismo.

X

A sua historia

Origem do seu nome

Poucos nomes de terras, em Portugal, terão sido objecto de tanta discussão como o de Bragança, com a mira de ver se se colhem na sua constituição elementos que attestem a sua origem e antiguidade.

A nossa «Quinta de Bemquerença», pouco tempo depois de receber a colonia, passou a chamar-se Bragança, denominação esta, que tem dado motivo a grandes discussões entre os chorographos de se sim ou não teria existido n'estes sitios alguma cidade ou «oppidum» denominado «Brigantia» ou «Brigantium.»

Alguns escriptores presumem que de «Bemquerença» derivou o nome de «Bragança»; mas outros dizem que provém de «Brigo», 4.º rei de Hespanha, que a fundou, assim como a muitas outras cidades, em memoria do que adoptaram o seu nome.

Outros querem que provenha effectivamente do nome «Brigo», mas como sendo o de um deus peninsular, a quem os povos d'estes sitios prestaram culto.

Encontra-se este parecer um pouco com o dos que dizem derivar Bragança, de «Brigantia» e este de «Brigantes», que William Stokes conjectura ser a antiga denominação ethnica dos celtas «cuja raiz «brig» corresponde phoneticamente á raiz sanscrita «brah», connexa de brahma, significando «brigantes» os que oram, os que adoram a divindade, os crentes por excellencia.

Todavia Zeuss deriva «brigantis» do celtico «briga», que diz significar «monte, collina, altura»; indo de encontro aos que lhe dão a significação de cidade, e do archeologo hespanhol, D. Aureliano Fernández Guerra y Orbe, que diz significar «ponte», fazendo corresponder «briga» ao escocez «brig», ao gothico «brygga»—«y haciendo consonancia el anglosajón «brig», alemán «brücke», holandez «brug», el inglés «bridge», y el galo «briva»; palabras todas que significan puente».

Seja qual for a significação da palavra «briga», o que está assente é que ella é de origem celtica bem como é, segundo o parecer do il-

lustre sabio portuguez dr. José Leite de Vasconcellos, o nome de «Brigantia» em que ella entra, que se formou na epocha luso-romana, e do qual derivou o nome de Bragança, tendo tido primeiramente a fórma intermedia de «Brègança» como ainda hoje dizem nas aldeias do seu concelho [1].

Epocha pre-romana e o Sagrado de Donae

Nada de positivo se sabe com respeito á origem e antiguidade da nossa cidade nos tempos pre-romanos. As informações dadas pelos chorographos são bastante contradictorias. Ao tempo de Moysés querem alguns levar a sua origem, mas não apresentam facto que o justifique; é apenas uma vontade caprichosa de querer revestir a nossa cidade com as cans da mais remota antiguidade. E o mesmo succede com os que a fazem remontar ao tempo de um rei Brigo, que se diz que governou a Hespanha 1900 annos antes de Christo, pois ainda não está bem averiguada a existencia de tal rei, que parece que o inventou a phantasia de alguns escriptores para explicar, á falta de outras rasões, a fundação e origem das cidades peninsulares em cujo nome entra a radical «brig.»

Alem da origem do seu nome ha mais vestigios, apesar de serem ainda em pequeno numero, como o monumento megalithico da «porca» da Villa, os machados e facas de silex encontrados em Donae, Avelleda e n'outros pontos, e alguns «castros» ou «circos» que ha por estes logares, que attestam que desde os tempos primitivos, o local aonde assenta hoje a cidade ou as suas proximidades, bem como as immediações da planicie, principalmente as vertentes da serra de Nogueira, que para ella olham, foram habitadas. A disposição topographica do solo, a sua riqueza mineria, e a protecção natural que davam os accidentes do terreno concorreram para que a população se desenvolvesse e se continuasse com a successão dos povos.

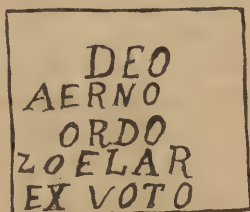
Qual foi, porém, a sua importancia, o nome que teve, o logar onde ficava a povoação que lhe serviu de Cabeça e como foi designada, são pontos que ainda não estão resolvidos. Mas attendendo á origem do nome de Bragança, á existencia da «porca» da sua Villa, e ao facto de que, no local onde hoje está situada ou muito proximo, se presume que ficou a «Brigantia», «oppidum» ou «séde» do territorio que assim se chamou no dominio romano, podemos ter quasi

---

[1] *Archeologo português*, n.^{os} 1 e 2, vol. III, 1897.

como certo de que n'elle existiu um «castro principal» dos povos ou tribus que viveram por estes sitios na epocha pre-romana [1].

Entre esses povos [2] innumeram-se os «**zoellas**», povo mercante, que se diz ter a sua séde perto da costa do mar e perto da raia que dividia a Galliza das Asturias, mas que o seguinte monumento epigraphico, que traz Viterbo no seu *Elucidario* [3], mostra que se esten-

dia até aqui ou tinha n'estes logares alguma colonia: os «**astures**», a quem Silio Italico chama «avaros astures», e Lucano «palidos esquadrinhadores do oiro», que foram notaveis mineiros, e que viveveram em Trás-os-Montes dividindo-se em augustos e trasmontanos; ficando aquelles da parte das montanhas que formam as Asturias e Oviedo, para o meio dia, e estes caindo d'estas montanhas para o lado do mar: os «**nemetates**», que occupavam tambem parte da provincia de Trás-os-Montes, desde Bragança até á serra do Gerez: os «**nerbassos**», vizinhos dos vacceos viviam junto de Freixo de Espada á Cinta: os «**vacceos**», a quem Silio Italico chama «late-vagantes», que ficavam na margem esquerda do Douro e proximo da cidade de Miranda; sendo os que por mais tempo conservaram a vida nomada. Eram guerreiros, pastores e agricultores ao mesmo tempo.

Guardavam os cereaes em adegas subterraneas com o fim de os conservar e de não se estragarem durante o tempo que andavam na guerra. O solo era considerado como propriedade commum, que di-

---

[1] Já depois de estar preparado este trabalho para ir para a imprensa fomos informados pelo sr. Belizario Montanha que ha uns annos, no alto que fica a 150 metros proximamente a éste da cidadella, onde se vê um pequeno pinhal, se encontraram entre as fragas que n'elle ha, um machado e uma faca de silex muito perfeitos e curiosos.

[2] Vide Argote, *Mappa de Portugal antigo e moderno*, de J. B. Castro, *Memorias de Braga*, pelo commendador Senna Freitas, e *Historia de Portagal*, de Stephans, sobre os povos que habitaram o antigo Portugal.

[3] Viterbo no seu *Elucidario* traz em nota uma noticia desenvolvida sobre os zoellas. Esta lapide estava na igreja de Castro d'Avellãs do lado da Epistola do altar mór, e tinha quatro palmos de alto e dois e meio de largo. — Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio traz na sua *Memoria* — ZOELARVM.

vidiam para ser cultivado por todo o anno, repartindo os productos. A pena de morte era applicada ao que occultava a porção dos fructos que colhia.

E como tradição dos «Loca Sacra» dos povos d'esta epocha tem sido considerado o local a que os habitantes de Donae chamam o «Sagrado», que é um pequeno castro de fórma elliptica coberto de frondosos carvalhos e que fica, anda por 1:000 metros, a norte da povoação, no começo de um pequeno valle da margem direita da ribeira de Villa Nova, e entre as ruinas da Devesa e do Lombeiro Branco. Denominam-no tambem, assim como ás suas immediações, por «Igreja Velha», por ser de tradição constante e firme ter existido n'elle a antiga igreja matriz, aonde em certo dia do anno se fazia uma festa a que concorriam por obrigação, os povos vizinhos com os guiões ou estandartes das suas confrarias ou irmandades. Por motivos ignorados a igreja desappareceu, mas o sitio onde ficou lá se conhece ainda hoje formando uma pequena depressão, e é a ella que mais particularmente chamam o «Sagrado», por ter estado ali o templo e conter as ossadas dos que o ergueram e n'elle reverenciaram a Divindade. E emquanto este terreno não passou a ser propriedade particular, o que teve logar ainda ha poucos annos, era costume nas vesperas de Entrudo, quando se iam revistar as «alfas» ou os marcos divisorios das propriedades particulares, ir o homem mais velho de Donae abrir no «Sagrado» uma pequena cova como signal de que o povo estava de posse d'elle. Mas em virtude das investigações que ultimamente fiz, reconheci ter sido uma estação luso-romana como o mostram a quantidade de fragmentos de tijolo, de telha de rebordo, de lousa, de mós de granito e até de lapides funerarias. Em parte de uma lapide luso-romana, que se recolheu no museu, desconhecida até hoje, pude ler a seguinte inscripção:

BALAESO
CAEPALL(I)
..... XIX

O E e o P da 2.ª linha pouco distinctos. Não se conhece a ultima letra da mesma linha mas deve ser um I. Na 3.ª linha as letras que não se distinguem devem ser ANN.

Do templo christão encontrou-se uma pequena cruz de granito. Tambem ha alguns annos, a 100 metros a poente da povoação, foi descoberta uma mamôa ou Tombeirinho aonde appareceram machados de pedra, facas de sillex, um percutor, etc., que foram mandados para a benemerita sociedade de Martins Sarmento, em Guimarães. E crivel é que a simples e rustica fonte do «Sino» situada a 200 metros a poente do «Sagrado», onde inda hoje, na manhã de S. João, se ouve

tocar um sino, servisse n'aquellas eras primitivas os que, no dizer de alguns escriptores da antiguidade, procuravam ao romper da manhã, as aguas das fontes, dos rios e ribeiras para fazer as suas lustrações. Na verdade, caminhar por estes sitios é pôrmo-nos em contacto com um passado muito distante, cuja historia ainda ignorada, está encerrada n'esses fragmentos que o homem despreza e abandona, mas que o carvalho protege, como cinzas dos primeiros companheiros que lhe confiaram os seus gemidos e os seus segredos, que elle agora conta n'uma linguagem para nós imcomprehensivel, quando no seu ramalhar entoa o hymno das montanhas!

É um vasto campo que ainda ha a explorar por todos os que sentem prazer em saber o que succedeu por estes sitios n'esta epocha; e mesmo porque talvez ainda por ahi se encontrem alguns «dolmens» ou «mamôas», que encerrem as cinzas dos primitivos habitantes; algum «loca sacra, ou carvalho ou azinheira sagrada» que guarde os segredos intimos, os votos, os gemidos, as preces e as orações dos que viveram identificados com a rudez e simplicidade da natureza; alguns «cromlecks», «peulvans» ou «menhirs», que testemunharam o viver d'esses povos, como monumentos sagrados, aonde a superstição os levava a crer que estava escondido o sobrenatural, o mysterioso, o deus do bem e do mal; talvez ainda nas margens do Sabor, do Fervença, do Vacceiro, emfim, de todos esses rios, possamos encontrar as pègadas, os signaes, os indicios dos que ao nascer do sol iam purificar-se nas aguas das fontes, dos rios e ribeiros.

Quantas vezes, sem darmos por isso, teremos pisado o local onde se deu algum facto importante do viver d'essas raças guerreiras, tal como um combate, uma arremetida, seguida de hecatombe em que eram sacrificados os primeiros que tinham escapado aos golpes das armas de silex, osso, punhaes, frechas, pontas de lança, martellos, machados de bronze, etc. Ao caminharmos, portanto, através d'esses campos, não temos só que observar a sua natureza, constituição, fórma e vegetação, devemos tambem procurar os altares, os vestigios, as necropoles, emfim, as cinzas das gerações, que as habitaram desde os tempos mais remotos.

Epocha luso-romana ou a Brigantia

Quem percorrer as immediações de Bragança encontra uma grande quantidade de «castros», na maior parte restos de povoações mortas, que pertencem á epocha luso-romana, como se vê pelos vestigios que

n'elles se teem achado, taes como moedas, telha de rebordo, lapides e varios outros objectos. O que mostra que no tempo do dominio romano a população por estes sitios foi muito densa, chegando até algumas povoações parece que a terem uma certa importancia, como se conclue das informações historicas, dos fragmentos que teem apparecido e dos indicios ainda existentes.

É hoje opinião acceite pela maioria dos auctores que todas essas povoações extinctas fizeram parte de um territorio ou «civitas» denominado «Brigantia» de que a nossa cidade tomou o nome; mas entre alguns chorographos tem sido ponto controverso se ella se denominou sempre n'esta epocha «Brigantia» ou se chamou tambem «Juliobriga, Coeliobriga e Britonia».

O judicioso contador de Argote, nas suas memorias do arcebispado de Braga, tratando d'este assumpto, refuta o parecer que vem no *Agiologio lusitano* que, nos commentarios ao dia 4 de março, diz que a cidade de «Juliobriga» ficava onde hoje vemos a cidade de Bragança em Trás-os-Montes, fundamentado nas auctoridades de Abrahão Ortelio no seu *Thesouro geographico,* na de Pancirolo na *Noticia de um e outro imperio,* e no mappa de fr. Joseph Teixeira impresso em Paris no anno de 1592; e alem d'isso nas seguintes inscripções:

SEMPRON.TUDIT
NUMORUM. IXM

ÆMILIANO FLACO
LÆLIUS·FLACUS.SIGNIFER
LEG. T T. AUG. CURAVIT INSTRUEN:
DUM.VIVOLENTE.ET.PRESENTE
SACRATISSIMO SVO PATRI
DE HOC IULIOBICA.

A primeira foi encontrada em 1591 na povoação de Castrellos, 3 leguas a oeste de Bragança, achando-se junto d'ella uma pia de pedra com nove mil moedas de oiro do tempo do imperador Antonino; a segunda dizem-na referida pelo dr. João de Barros nas suas *Antiguidades de entre Douro e Minho*, e que fôra encontrada na povoação de Nogueira, a meia legua de Chaves.

Argote, porém, acha frivolos estes argumentos, começando por negar a estes escriptores, «só por si», auctoridade bastante em materia tão antiga. E declara que nem Ortellio e Pancirolo fallam de Bragança, mas da Corunha que se chamava tambem Brigantia. Que a *Noticia do imperio* dizia só «que uma cohorte que primeiro estava de presidio na Corunha se passára depois para Juliobriga». Com respeito ás inscripções entende que nada esclarecem.

A primeira porque diz apenas «aqui estão nove mil moedas de Sempronio Tuditano»; a segunda considera-a viciada, porque na copia que possuia do dr. João de Barros não existiam as palavras «hoc Julia».

Alem d'isso, argumenta, de que se não deve tomar o Sempronio de que falla a primeira inscripção pelo Sempronio que foi proconsul em Hespanha de que tratava o Epitome de Tito Livio e o mesmo Livio na decada terceira; porque este foi só proconsul da Hespanha citirior, e muitos annos antes de haver imperadores em Roma, morrendo das feridas recebidas pelejando n'aquella provincia, não estando ainda n'este tempo o districto de Bragança «penetrado dos romanos», e quando o estivesse não ficava n'aquella provincia, mas na ulterior; emquanto que o mencionado na lapide era posterior a Antonino, como se via das moedas encontradas.

Que a Juliobriga, accrescenta, era uma cidade celebre da Cantabria, pois assim o referiam Plinio e Ptolomeu, e se deprehendia de uma inscripção que trazia Morales na *Antiguidade de Hespanha* no titulo Tarragona, onda se diz «que Caio Annio Flavio era natural de Juliobriga e Cantabro de nação» ; que não tem valor o argumento d'aquelles que pretendem que os antigos geographos estendessem o nome de Cantabros e Cantabria aos povos Asturianos aonde ficava Bragança, porque o mesmo Plinio e Ptolomeu dizem que «Juliobriga» ficava não só na Cantabria mas tambem fóra das Asturias, perto da origem do rio Ebro; e finalmente de que nem se devia suppor que houvesse outra «Juliobriga», e que ficasse onde agora se vê Bragança por isso que as razões apresentadas no *Agiologio* não davam motivo a uma tal presumpção.

As considerações de Argote não teem o valor que á primeira vista parecem ter, pois que n'esta epocha na Peninsula havia muitas povoações homonymas, e por isso podia haver alem da indicada por este auctor outras com o mesmo nome que ficassem por esta região. A differença está só em ter sido mais importante a que elle menciona, e referirem-se a ella os acontecimentos que alguns auctores attribuem á que por aqui existia.

Emquanto ao facto de ter havido no local onde está a nossa cidade, ou muito proximo, uma povoação romana chamada «Bri-

gantia[1]» creio haver razões para assim o acreditar, logo que se tenham em consideração o «escambo» feito entre D. Sancho I e o convento de Castro de Avelãs, em que se diz:

«In nomine Domini, etc. Ego Sancius Dei gratia Rex Portugalensium cũ uxore mea Regina Dulcia, et filii mei Dominus Alphonsus Rex, et alii, et filii et filios facio cambio firmitudinis cum Monasterio de Crastro Avellanorum et cum Abbate Menendo, et ejus Conventu de hereditate, quum accepi ab eis de bem querentia quod vocitant civitatem Bragantiae, propter istam haereditatem de eis et concedo Villam quae dicitur S. Juliani, et Eclesiam quae dicitur S. Mametis[2]»; a circumstancia de no foral que este Rei deu á colonia da Bemquerença passar logo a denominal-a por «Bregãça»... «Damos Auos e outorgamos por fforo q̃ todo o morador da cibidade de Bregãça... Seruos e homiziaes e adulteros q̃ anossa uilla uierẽ...; e finalmente pelo que se encontra nas inquirições mandadas fazer por El-Rei D. Affonso III nas freguezias de S. Vicente do Vimioso e Santa Maria de Bragança em que se lê... «et quod levabant inde paradam ad Hominem Domini Regis, qui stabat Alvelina, antequam Villa de Bragança esset populata[3]».

São informações estas que não deixam duvida no espirito de que ao começar a nossa monarchia o local aonde estava a Bemquerença era conhecido por «cibidade de Bregãça»; prova irrefutavel de que n'elle ou proximo havia existido uma povoação importante romana assim denominada, talvez algum «oppidum», que se tinha extinguido, apparecendo com o tempo nas suas ruinas a nossa Quinta que foi o nucleo da cidade actual.

Pena é que as tentativas de investigações archeologicas que se teem feito[4] para ver se se descobriam vestigios sufficientes que viessem em confirmação d'este parecer não correspondessem aos desejos de quem as fez.

Pois no local aonde está a nossa cidade nem nos seus suburbios se encontram restos importantes de povoação romana; apenas alguns indicios teem apparecido na cidadella, taes como telha de rebordo e

---

1 Argote diz que Brigantia era uma cidade famosa na Galliza denominada tambem Juliobriga, e que teve o pronome de Flavia que alguns querem que estivesse onde hoje se vê Betanços.

2 Vide *Benedictina Lusitana*.

3 Vide *Elucidario* de Viterbo.

4 Foram feitas pelo professor J. Henriques Pinheiro e pelo auctor d'estas linhas.

moedas, das quaes um bronze, que parece pelo seu cunho e parte da legenda legivel ser identico ao encontrado nas ruinas da Devesa de Villa Nova; e um meio bronze, que está no Museu, foi ha pouco achado n'uma quinta que lhe fica proximo e a nascente no sitio do Vaso de Oiro.

E talvez que a esta epocha pertençam as sepulturas que se teem encontrado na propriedade contigua a ella do lado sudeste.

A circumstancia, pois, de se não encontrarem abundantes e importantes restos romanos, por um lado, tem sua explicação attendendo ás diversas phases de destruição e á successão de povos que por ella tem passado. E mesmo porque pertencendo por muito tempo as suas ruinas ao secular convento do Castro de Avellãs, unico, que conste, elemento de civilisação que nos principios christãos por aqui houve, é muito natural que alguns vestigios que existissem fossem recolhidos pelos frades a fim de não chegarem a desapparecer de todo as cinzas das gerações passadas. E quem sabe mesmo se a estela dos Zoelas pertencia a essas ruinas, pois o que é certo é que na *Memoria*[1] que sobre o Castro fez Francisco Xavier de Sampaio e que offereceu á academia em 1793 diz ignorar a sua proveniencia assim como a de outras com inscripções quasi similhantes, bem como não sabia explicar a que proposito ella foi recolhida na igreja, a não ser para os monges a terem guardada em maior recato, como se praticava em Braga e n'outras partes d'este reino, como sagradas reliquias dos povos a que pertenciam.

Vindo assim em auxilio dos que presumem que a nossa cidade fosse a «Zelobriga», apesar do que diz Argote[2], que não conhecia a inscripção pois não a menciona nas suas memorias, e de ahi provenha o nome de «Caeliobriga, Celiobriga[3], Coeliobriga, ou Caliobriga porque ainda é costume ser designada nos documentos da curia romana[4]. A não ser que tambem tivesse este nome pelos mesmos motivos por que dizem que usou do de «Britonia» que era com o fim de no principio do christianismo «illudir a sanha dos tyranos no caso de alguma assignatura ou titulo datado lhes cair nas mãos; á imitação

---

[1] Copia d'ella em resumo existe no livro dos assentos dos baptisados da freguezia de S. Bento do Castro de Avellãs do anno de 1801.

[2] Este auctor dá os Zoelas existindo só junto da costa do mar.

[3] Argote diz que Celiobriga era uma cidade que foi cabeça dos povos Celinos, que no dizer de outros auctores ficava onde hoje se vê Barcellos ou Celorico de Bastos.

[4] Não se conformam os philologos com este parecer de Viterbo, mas é o que mais se acommoda aos factos conhecidos.

do que S. Pedro fez em Roma, datando de Babylonia a sua primeira carta aos fieis dispersos pelo Ponto e outras regiões [1].»

A Brigantia e os Castros de Sacoias, da Devesa e de Avellãs

O motivo de se não conhecerem, até agora, vestigios concludentes da epocha luso-romana encontrados na area da nossa cidade tem levado alguns archeologos a formar varias conjecturas presuppondo uns que a Cabeça da Brigantia ficava no Castro de Sacoias; outros nas ruinas da Deveza de Villa Nova; e ainda outros em Castro de Avellãs; logares aonde teem apparecido abundantes signaes da passagem do povo romano. E por isso vamos dar uma noticia d'elles, apesar das considerações expostas e outras de natureza militar, de que se fará menção no decurso d'este trabalho, nos levarem a crer que essa Cabeça ficava no sitio e em volta da Cidadella da Villa; e mesmo porque a razão apresentada em contrario tanto serve para aquelles Castros, como para outros da mesma epocha que ha por aqui.

O «**Castro de Sacoias**» fica a norte d'esta povoação, á 10 kilometros de Bragança, n'uma pequena collina da margem direita do rio de Igrejas, afluente do Sabor. Como todas as estações archaicas d'essa epocha a sua situação satisfazia em grande parte ao principio tactico de difficultar, pela configuração do terreno, o accesso ao atacante; e estava protegida por duas ordens de fortificações formadas, como parece, por um fosso e por uma cintura de muralhas de pedra solta.

Alem d'estes restos de obras de defeza, encontram-se signaes de alicerces de casas, abundantes fragmentos de tijolo, de louça, de mós de granito e de louza. E tem apparecido lapides funerarias romanas que existem no museu; moedas e um bezerrinho de bronze, que se diz ser um ex-voto, que está no museu da sociedade de Martins Sarmento em Guimarães.

É notavel a impressão que se sente ao percorrer este local aonde jaz um ARRUS CLAUTIVS, um FLAVS FESTUS, e um BAVIVS TALOCIUS, que foram, sem duvida, homens principaes que presidiram ás gerações que viveram por aquelles sitios, e de quem a unica memoria que nos resta é o seu nome esculpido toscamente n'um pedaço de granito que a natureza, no seu labor de transformação, e o homem na sua insania de destruição ainda não poderam apagar.

[1] Vide opusculo do conego Pires, já citado.

Estas cinzas do passado e a situação topographica do sitio, que está como que escondido e assombrado pelas elevações que o cercam, convidam á meditação e elevam o espirito a converter em realidade o que a imaginação architecta n'um momento de mysticismo, que toca a alma ao contemplar a realidade da pequenez das grandezas humanas. E d'ahi provém, talvez, a crença viva dos sacoienses, que bem se revela na maneira encantadora como narram os milagres de Nossa Senhora da Assumpção, cuja imagem está agora na sacristia da igreja do povo, mas que em 1640 tinha a sua morada junto das ruinas, e de que os sinos, segundo a tradição, tocaram «só por si», em signal de regozijo, por occasião da fausta acclamação de João IV. E que ao principio que a mudaram para a sua nova habitação, Ella, á primeira badalada das «Aves-Marias», fugia para a sua antiga residencia, d'onde tinha assistido aos folgares das populações circumvizinhas, que no dia da sua romaria, que era em 15 de agosto, dia em que se fazia tambem uma grande feira, lhe iam levar as suas offertas em testemunho de gratidão pelos beneficios que tinham recebido. E por ella tinham passado seculos e em roda de si se tinha formado uma longa historia, de que a unica pagina que existe são essas ruinas, que não queria abandonar por conterem as jazidas dos que cheios de fé lhe imploraram protecção desde que os deuses do paganismo se transformaram em divindades lendarias, e foram a occupar os bosques e as solidões das montanhas.

Tal é o Castro que uma vaga tradição dos naturaes diz ter sido a «Villa de Crodia», que fica junto e em frente de Sacoias, que é um logarejo pobre e triste de pouco mais de trinta mesquinhas casas de pedra solta e cobertas de louza, situado entre duas pequenas linhas de agua affluentes da margem direita do rio de Igrejas.

«**As ruinas da Devesa de Villa Nova**» ficam proximamente a 4 kilometros a noroeste de Bragança, e 1 a sul da pequena povoação de Villa Nova de S. Jorge, em um dos taboleiros de uma das alturas que dominam os valles formados pela ribeira d'este nome e pelas linhas de agua confluentes.

Notam-se n'ellas distinctamente alicerces de muros, fragmentos de telha, tijolo, argamassa e de ceramica romana; fragmentos de lousa furada, de mós de granito e pezos de pedra. Apparecem tambem algumas moedas, e uma de bronze ha pouco achada e que dei ao museu, é de Tiberio de que traz a effigie, e foi cunhada em «Turiaso» (na Hespanha), sendo duumviros «Manlio Sulpicio Lucano» e «Marco Simpronio Frontão». Ha mesmo nas ruinas uma pequena escavação conhecida pela «cova do thesouro», em que se diz haverem-se encontrado muitas moedas de oiro.

A sua posição fica na juncção dos dois valles mais importantes, e enfia perfeitamente todos os outros que a ella vão ter. As suas encostas são muito ingremes, principalmente a do lado do norte, que até á infanteria é de difficil accesso. Todavia, apesar do seu desenfiamento natural e de outras condições tacticas que apresenta, não é uma posição militar, nem podia ser escolhida para esse fim, porque, logo a algumas dezenas de metros para oeste e sudeste, o seu horizonte é limitado por elevações do terreno que a dominam completamente. Effectivamente nos varios reconhecimentos que fiz, não encontrei vestigios que denotassem ter havido grandes obras defensivas, antes averiguei que a povoação tinha sido muito pequena, por ser limitadissima a area em que elles se encontram e portanto nunca podia ter tido a consideração de um «oppidum», ou outra de alguma importancia como parece que devia ter a «Brigantia».

O **«Castro de Avellãs»** é uma pobre e humilde povoação que está situada entre a vertente oriental da serra de Nogueira e o Monte do Cabeço do Castro, na margem direita da pequena linha de agua, que, tendo recebido outros affluentes de somenos importancia, passa em Bragança com o nome de rio Fervença, depois de um percurso de 5 kilometros proximamente.

Mas se ella hoje só apresenta á observação do visitante pobreza, ruinas e cinzas, não lhe succedeu assim n'outro tempo, quando no grandioso mosteiro que S. Fructuoso edificou no seculo VII, se iam a alojar os principes e outras grandezas do mundo; e quando no seu vasto templo de tres naves se faziam com toda a solemnidade as festas religiosas com a assistencia do D. Abbade, que tinha poderes Prelaticios. N'este mosteiro estão as cinzas do nobre conde de Ariães ou Arias Annes, guardadas n'um curioso e interessante tumulo de granito da era de 1300; e n'elle segundo a tradição que lemos em Francisco Ribeiro de Sampaio, D. Allam hospedou generosamente a filha do rei da Armenia, que ía em romaria a S. Thiago; e tambem estiveram alojados, no dizer das chronicas, em 1387, D. João I e o seu condestavel Nun'Alvares, um dos vultos mais salientes da nossa epopeia militar.

E não são só estes factos que occorrem á memoria do visitante ao atravessar aquelle sitio, agora tão envolvido no esquecimento, são tambem os que se prendem com os abundantes restos, que por ali se encontram de uma estação luso-romana, que serviu de *étape* á estrada militar de Astorga, como o provam os marcos milliarios n'ella encontrados, e em que viveu um PROCVLEIO GRACILI, e outros sobre a protecção do DEO AERNO, a quem a tribu celtica dos ZOELAS

tributava culto, como o comprovava a já mencionada inscripção de uma lapide quadrada de jaspe, que ainda ha cincoenta annos lá se via, que era um precioso e unico monumento epigraphico peninsular, que foi mutilada pela mão criminosa de um selvagem! Ainda como vestigios principaes d'essa epocha, encontram-se alem de lapides funerarias, moedas, mós de granito, ceramica, etc.; e vêem-se tambem os signaes de uma fortificação no sitio chamado a Torre Velha, e de um amplo castro no alto do Cabeço do Castro, que pelos indicios que apresenta parece ter sido uma obra importante, e que foi sem duvida quem deu o actual nome á povoação.

Tumulo do Conde de Ariães

E de aqui provém o estar este logar cheio de um grande numero de tradições taes como a da estada ali aquartelada de uma fracção da legião «galbiana»; a de um combate dado no sitio contiguo de Grandaes (grandes ais); e as historias que se contam das grandezas do conde de Ariães e do mosteiro beneditino.

Impoitancia da Brigantia e os vestigios archeologicos de Rebordãos e Babe

Emquanto á importancia da nossa «Brigantia» pouco podemos dizer porque escasseiam as provas e não temos mais do que as informações duvidosas que dão os auctores e a que se refere Argote, e mais as que dizem que no tempo de Nero fôra um bispado que deu á igreja muitos martyres dos quaes já fizemos menção.

Este territorio entrava nos limites orientaes do convento juridico de Braga, e era sem duvida um dos mais importantes pela sua população como ainda se nota hoje n'esses restos de Castros que por ahi abundam n'essas collinas e outeiros, e de alguns dos quaes já se tratou mais particularmente. E basta a sua noticia e as informações archeologicas que nos fornecem as povoações de Rebordãos e Babe para isso se affirmar.

«Robordãos» fica a 10 kilometros a sudoeste de Bragança proximo da estrada que conduz a Mirandella. Antigamente foi villa a que deu foral em Coimbra D. Sancho em 1208 e que D. Diniz confirmou em 1285, augmentando-lhe os seus privilegios. Ainda hoje se vêem n'ella vestigios da sua grandeza passada, mas as ruinas que mais prendem a nossa attenção são as que ficam no seu termo, pois que a meia encosta da vertente éste da serra de Nogueira e a 2 kilometros a noroeste da povoação, vê-se uma elevação, apparentemente conica, formada por um enorme rochedo que sobremodo impressiona a quem d'elle se approxima, enchendo-o de temor e receio. Sómente é accessivel, e a muito custo pelo nascente e sul; da parte do poente é cortado a pique, e para norte prolonga-se em declive escarpadissimo n'uma extensão de mais de 400 metros. No ponto mais elevado tem proximamente a fórma elliptica, em que o eixo maior é de 24 metros de comprimento, e segue a direcção norte-sul, e o menor é de 13 metros e está orientado de éste a oeste. Contornando, vêem-se uns restos de muro, que, n'alguns sitios, apresenta ainda 3 metros de altura, e metro e meio de espessura, formado de pedra solta e argamassa de tal consistencia que é difficil desaggregal-o. No interior ha umas pequenas divisões feitas por paredes da mesma natureza, destinguindo-se vestigios de haverem sido caiadas e pintadas com tinta vermelha tendo inferiormente uma faxa preta. N'estes compartimentos encontram-se restos de louça, de telha, fragmentos de pequenas mós de granito, e principalmente de ossos em tanta quantidade que causa admiração, pois que mal se explica como se fizesse cemiterio no cume de uma penedia e n'um espaço já em si limitado para offe-

recer as regulares commodidades de uma habitação. Taes são as ruinas a que chamam «Castello de Rebordãos» no qual se tem tambem encontrado algumas pontas de settas, esporas e outros objectos que costumam existir em obras d'esta natureza. Não se percebe já bem de que parte ficava a entrada, mas devia de ser de um dos lados accessiveis, e de que a approximação era vedada pelo fosso de que ainda se notam alguns indicios.

Diz a tradição que este castello fôra mansão de um regulo mouro a quem as povoações pagavam de tributo certo numero de donzellas; e aponta-se em confirmação para o lameiro da «penha véla» ou da «véla accesa», que fica perto, ao lado, porque foi n'elle que uma serva collocou, altas horas da noite, uma véla accesa, signal da traição para com seu amo e de aviso, para avançar aos inimigos, que queriam dar morte, como deram, ao exactor de tão negro tributo. Os habitantes da serra, d'essa epocha, são pois dignos de figurar nas chronicas a par dos que na planicie de Chacim se bateram, por causa identica, dando motivo ao milagre de Nossa Senhora de Balsemão. Notavel é que, para perpetuar o facto, não se haja erguido sobre essas ruinas uma capella ou ermida dedicada á Virgem, por intervenção da qual os guerreiros resuscitavam para continuarem a lucta em defeza da virgindade offendida.

N'estas ruinas, no meio do silencio que as envolve, quebrado apenas pelo rugido da pequena corrente que do lado do poente se precipita dos rochedos, similhando uma cataracta, sente-se a impressão do immenso, do indefinido, no vasto horizonte que se descortina entre o norte e o nascente, a do bello horrivel no abysmo que as cerca; e finalmente a do desconhecido, a do mysterioso, nas trevas que cobrem a historia d'esses restos de muros, d'esses fragmentos de ossadas e outros vestigios da passagem do homem. Sitio admiravel onde se reunem as grandes impressões da natureza aos mysterios da historia: dois elementos poderosos para levarem a alma genial á concepção das cousas sublimes. E se o nosso castello não figura n'uma d'essas obras que dão a immortalidade, é porque está para ahi ignorado, escondido nas dobras da montanha, fóra da via luminosa que só é dado percorrer aos espiritos superiores.

«Babe» é outra povoação que n'estes ultimos tempos se tem tornado notavel pelas importantes descobertas archeologicas que n'ella se tem feito. Fica anda por 12 kilometros a nordeste e a cavalleiro de Bragança, e vista d'esta cidade faz lembrar o acampamento de um posto destacado, destinado a vigiar a raia, que corre para norte a pouco mais de uma legua. Foi caminho seguido nas diversas entradas que se fizeram por este lado durante as guerras com o vizinho

reino; e a sua situação e posição dominante prestam-se á observação de um vastissimo horizonte, dando a este ponto condições excepcionaes de exploração longinqua.

Figura já na nossa historia, pelo tratado que n'ella fez em 26 de março de 1387 D. João I com o duque de Alencastre pelo qual este cedia todos os direitos eventuaes que tinha sobre Portugal. Parece mesmo que, durante o dominio romano, foi uma estação importante, segundo se deprehende dos vestigios que n'ella se vêem e se teem encontrado. D'ella o visitante avista um pouco a sodoeste e a 2:500 metros o alto da Sapeira de 900 metros de altitude, onde ha ainda restos de muro de pedra solta de um amplo castro, e onde é da tradição conhecerem-se em tempo, do lado do norte, uns buracos ou «forjocos» por baixo de enormes fragas que por esta parte serviam de muralha. Pela sua grandeza e pelo seu aspecto dá muitas similhanças ao castro de Fromil, mais conhecido pelo «Toural dos Mouros», que d'elle se avista para poente na vertente da serra de Nogueira, a uma distancia, talvez, superior a 18 kilometros, pois que, para este lado o horizonte que se descortina d'este ponto é verdadeiramente admiravel. Ainda da povoação, olhando para sudeste e a uma distancia proximamente de 2:000 metros vê-se, no alto de uma collina, outro castro a que chamam o Cercado, que domina para norte o valle em existiu a igreja de S. Pedro Velho, cujas ruinas ainda ha pouco desappareceram de todo. Em volta d'esta igreja encontraram-se sepulturas e outros signaes de habitação; e aqui presumem os de Babe que fosse a primitiva povoação e de onde fossem encontrados estes interessantes monumentos que eu fui o primeiro a tornar conhecidos:

A lapide funeraria é de marmore manchado, e tem de altura 0^m,84, de largura 0^m,38 e de espessura 0^m,06. O corpo das letras é de 0^m,03; e distinguem-se perfeitamente as indicadas na inscripção. Na 4.ª linha ha vestigios de AL depois de EQVITI, as duas ultimas lettras d'esta linha parecem ser II·PP; temos pois EQVITI AL (*ae*) II PP[1]. Na parte inferior do monumento vê-se um baixo relevo com vestigios de tres figuras. Foi offerecida ao museu por um operario. O marco milliario é de granito grosseiro, serviu de sepultura e está muito fragmentado: tem 1^m,70 de alto, 0^m,45 de diametro, e o

---

[1] Fica assim corrigida esta inscripção já publicada n'*O Archeologo português*, vol. III, pag. 224, pois que posteriormente á sua publicação viemos na certeza de que existia outro P já muito apagado seguidamente ao P da 4.ª linha, vindo esta portanto a terminar em PP.

corpo das letras, que estão muito apagadas, regula por 0^{m},095. Na parte que se vê da inscripção lê-se: IM(perat)... DIVI. TRAIA (ni) F(ilio). DIVI.NE (rv)... [tribunicia potestate] XIIX, CO(nsuli III... M(ilia) P(assum). XX... Isto é: «Ao imperador Trajano Adriano... filho de Divo Trajano, no 18.º anno do seu poder tribunicio, consul pela 3.ª vez... Dista tantos mil passos de...»

Quando o descobri estava junto da porta lateral da igreja, e logo que o publiquei nos jornaes locaes varios epigraphistas [1] trataram da sua decifração, considerando um problema intrincado a leitura da quinta linha, pois que sendo este milliario do imperador Hadriano nunca ella poderá dizer CAES (ar), antes se deve ler na referida linha o nome da localidade de onde distava. Baseado no que se acabou de dizer

---

[1] Entre elles o ex.^{mo} sr. Albano Bellino que escreveu um folheto com o titulo *Carta sobre epigraphia romana*.

sobre a ZELIOBRIGA e as formas presumiveis que este nome podia ter tomado, taes como de CAELIOBRIGA etc. [1], quer-nos parecer que talvez tambem tivesse passado pela de CAESEOBRIGA, ou por outra em que entrem as referidas letras; considerando que a ultima letra visivel no marco mais parece um E do que um F.

Se se conhecesse a largura da inscripção, e se se tivesse a certeza de que o numero de passos, que o marco distanciava, era exactamente o que n'ella vem indicado, estava o problema resolvido; assim, ahi deixamos essa conjectura que nos parece muito acceitavel, e caso um dia se confirme, a historia de Bragança n'esta epocha e na anterior fica bastante esclarecida.

A lapide votiva é de granito grosseiro e tem $0^{m},90$ de alto, $0^{m},25$ de largura, e de corpo de letras $0^{m},05$. A sua inscripção é interpretada d'este modo: IQ(vi) M(aximo) T(itus), D(aphus) L(ibertus) ET. P(er) P(ena) EX VOTO [2].

Tem duas inscripções identicas em faces oppostas com as letras mais legiveis uma do que a outra, e encontrei-a quando o milliario, mettida na parede do adro da igreja á direita de quem entra.

Se a estes vestigios accrescentarmos a tradição popular de ter por ali passado uma grande estrada chamada das «Dueñas» de que ainda se vêem signaes nos sitios de S. Pedro Velho, Porto Calçado etc., que foi, dizem, mandada fazer de proposito para vir por ella a Rainha Santa Izabel, quando entrou em Portugal, ficamos possuindo

[1] Como já dissemos não se conformam com este parecer os philologos, mas é o que mais se accommoda aos factos conhecidos.

[2] Dr. Pereira Caldas, professor do lyceu de Braga.

sobejas provas de que Babe tem uma longa historia realmente importante como o mostram os seus monumentos e as suas tradições.

Provavel é, pois, que a nossa Brigantia, sendo Cabeça ou «oppidum» de uma região tão populosa, fosse tambem importante e mais do que as outras povoações, e como deixa ver que o fôra o nome de «cidade» que ficou ligado ao sitio onde existiu. E provavelmente é a esta epocha que se refere a seguinte tradição:

«A tradição oral d'estes povos, e os restos de antigas ruinas, que em suas cercanias e suburbios abundam confirmam estas opiniões (antiguidade e grandeza da cidade). Ao passar pelos sitios hoje denominados campos de S. Francisco, valles de S. Lazaro, Traginha, Sapato, Alcaide, e Valle de Alvaro, posições todas a nordeste e ao norte da actual Bragança, os mais velhos dizem que ouviram aos seus maiores, que por aquelles campos hoje fertilissimos de saborosos fructos nos seculos antigos florecera uma opulenta cidade, cuja origem data dos seculos mais remotos: e em prova d'esta tradição apontam para aquellas soterradas fontes e outros vetustos restos de antigas ruinas que por aquelles sitios a cada passo se encontram [1]».

Taes são as razões que me levam a considerar que a nossa Bragança foi n'este periodo da sua historia muito importante, por entender que assenta nas ruinas da romana «Brigantia» de que guarda as suas tradições, como esta provavelmente as guardou de uma celtica, talvez de origem zoelica.

Completa luz sobre este assumpto, deveras interessante e importante, só se poderá fazer depois de aturadas investigações archeologicas, isto é, depois de «veterum volvens monumenta virorum».

Desde a invasão dos barbaros até á fundação da nossa monarchia

Escassas e incertas são ainda as noticias que nos dão os auctores da nossa cidade durante o periodo que vae desde a invasão dos barbaros até á fundação da nossa monarchia. E não admira que assim succeda porque este espaço de tempo faz parte de uma epocha calamitosa para a Peninsula, em que tudo foi destruido e confundido. Quem n'essa occasião atravessasse estes logares receberia na sua alma a impressão que lhe deixaria o ver uma immensa necropole de povoados que foram abandonados pelos seus moradores, por não poderem resistir ao impeto guerreiro dos invasores e á sua marcha do exter-

[1] Vide opusculo do conego Pires, já citado.

minio, que por onde quer que passavam deixavam os campos coalhados de cadaveres, e cobertos de ruinas.

Essas estações archaicas que nós agora ahi vemos cobertas de matto ou revolvidas pelo arado, e que, com tanta anciedade exploramos para ver se encontramos algum indicio do passado da sua historia, eram outros tantos pontos aonde residia a vida, aonde houve alegria e dor, e aonde houve deuses e lares, que se sumiram nas trevas da historia arrastando comsigo as suas tradições e as suas grandezas.

Não surprehende, pois, que durante este periodo sejam ainda incompletas as noticias da historia da nossa cidade, que devia participar da adversidade com que foram feridas todas as outras, mas que parece teve a dita de não desapparecer por completo, porquanto uma escriptura do seculo IX, que traz Morales, nos diz que no tempo dos Suevos foi um *pagus* denominado «Vergança» ou «Bergança» que por determinação de el-rei Theodomiro no concilio lucense ficou pertencendo á diocese de Braga [1].

Aos Suevos succederam os Godos em 585 e o seu dominio marca um periodo de repouso relativo em que começou a augmentar a população, a engrandecerem-se as cidades, e a manifestar-se a vida em todos os ramos da actividade humana. E a nossa «Vergança» cresceu de importancia, pois assim o referem os auctores que dizem que n'este tempo n'ella houve uma casa de moeda e teve sempre condes e senhores principaes que a governavam, deixando de pertencer á diocese de Braga, para fazer parte da de Astorga conjunctamente com a Senabria e outras igrejas, por assim se haver resolvido em côrtes celebradas por el-rei D. Ramiro, a instancias de Salomão Bispo de Astorga.

Novas calamidades estavam reservadas á «Vergança» com a invasão dos arabes, que segundo rezam as chronicas, foi por elles destruida; e nunca mais o seu nome apparece senão no governo dos reis de Leão, em que, no dizer das mesmas chronicas, tornou a rehaver a sua importancia a ponto de ter sempre condes que a governaram, sendo um d'elles D. Pelayo, illustre cavalleiro, que a governou no anno de 825 por lh'a haver dado D. Affonso III de Leão. Mas ainda no governo d'estes foi ferida pela adversidade, sumindo-se de todo na historia do esquecimento, perdendo até o proprio nome, pois que ao nascer a nossa monarchia vemos no local, que occupava, uma simples Quinta denominada da Bemquerença, pertencente ao mosteiro do Castro de Avelãs.

---

[1] Vide Argote nas *Memorias do arcebispado de Braga*, t. II, pag. 697.

Monarchia portugueza

As luctas e correrias porque se assignalaram na Peninsula os seculos XII e os immediatos, trouxeram comsigo a diminuição da população e a reducção a ruinas de muitos povoados que possuiam já uma longa e importante vida historica. E D. Sancho I, ao partir para a conquista do Algarve em 1188, lançou a vista para o norte do seu nascente reino e viu-o convertido n'um deserto aonde a população escasseava, e a pouca que havia tinha-se refugiado nos visos das montanhas, abandonando os lares destruidos pela guerra. N'esse tempo, ao atravessarmos esses campos que agora ahi vemos cobertos de alegres povoações aonde a vida sorri no meio da abundancia que a natureza lhes prodigalisa, auxiliada pelo trabalho do homem, não se viam mais do que escombros, cinzas, porque por elles haviam passado o silencio e a morte! Ainda fumegavam, talvez, os restos das habitações da «Vergança»; ainda se poderia avaliar da grandeza e importancia da «Bricantia» pelos vestigios encontrados nos valles de S. Francisco e valle de Alvaro, quando o filho de D. Affonso Henriques mandou edificar os muros da Quinta de Bemquerença, «vocitant, civitatem Brigantiae».

Assim se conclue não só da doação do Couto que el-rei D. Affonso Henriques fez ao mosteiro do Castro de Avelãs em 1144, e que possuia na villa de S. Jorge abaixo do monte Togia, conjunctamente com a metade da villa de Riofrio do Monte, situada entre os rios Maçane e Salavor, doando-lhes estas cousas pelo amor de Deus. — «propter quae a vobis nullum accepi pretium, nisi amore Dei, et pro remissione omnium pecatorum meorum [1]» — em que se não faz menção alguma de Bragança que, diz Viterbo, hoje ficava entre o dito rio Sabor e o referido monte Togia; e da já mencionada troca ou «escambo» feito entre el-rei D. Sancho I e o mosteiro do Castro na era de MCCXXV (1187) confirmado e assignado por Mendo Gonçalves, Sousão mordomo mór da casa real, D. Godinho Arcebispo de Braga e outros, pelo qual o convento «demittiu» a sua herdade que tinha em Bragança chamada da Bemquerença, «Benequerentia», que era para a fundação de uma povoação e realenga na terra de Bragança, recebendo do rei as villas de S. Gião (Santulhão?) e S. Mamede; mas tambem do codicillo que o mesmo rei fizera em 1188 ao partir para a conquista do Algarve em que se encontra a ordem de mandar construir os muros da mesma Quinta:

---

[1] Vide *Benedictina lusitana*, t. I.

«Et in muros de Couviliana, et de Bemquerentia, et de Cauna, et de Cluche LXXXXV milia, et triginta quinque solidos, et pipiones... Adjicio preterea, ut totum illud habere de Vimaranes (quod tenent Priores, et Villanus, et Gondisalvus de Rochella de milililus, qui mihi non serverunt), et de Castello de Vermuy, et de Penafiel, et de Benviver, et de Laioso, expendatur in constructione murorum, et munitionem de Bemquerentia et de Coviliana, et de Coluche et de Cauna»[1].

Vindo ainda reforçar estas razões a informação a que já nos referimos, constante das inquirições feitas em tempo de D. Affonso III, que diz aonde estava o «Homem do Rei antequam Villa de Bragança esset populata».

Teve, pois, a actual cidade de Bragança origem na colonia que el-rei D. Sancho I estabeleceu na Quinta de Bemquerença.

E a sua historia póde-se bem dizer que está comprehendida na da sua fortaleza e nas suas cartas de fôro.

Foraes teve dois: um dado pelo rei fundador em 1187, que foi soffrendo modificações até ao reinado de D. Manuel, que lhe deu outro em 1514.

No primeiro apparecem as designações de «termo» que, diz Viterbo, foram os antigos limites da terra de Bragança, em que havia differentes julgados ou concelhos; de «cidade» que comprehendia os pequenos povos e logares que pertenciam á nova camara de Bemquerença; de «villa» que se compunha dos que moravam na cêrca do castello, ou nos seus arrabaldes fóra da dita cêrca.

Tambem se faz notar n'este foral a circumstancia de se darem mais privilegios aos moradores da villa que aos da cidade, o que seria talvez por os d'aquella terem a seu cargo, mais principalmente, a guarda e a defeza da sua fortaleza.

De todos os reis recebeu muitos privilegios e immunidades, e conservou-se sempre na corôa até ao reinado de D. Fernando, em que, sendo do conde de Gijon e tendo-se este revoltado, a deu com a villa de Outeiro a seu cunhado João Affonso Pimentel, casado com D. Joanna Telles, irmã bastarda da rainha D. Leonor, «commendadeira que tinha sido do Convento de Santos da Ordem de S. Thiago». Este fidalgo a conservou até que, depois de ter seguido a parcialidade de D. João I, se passou a Castella perdendo por isso estas terras. D. Henrique III, rei de Castella, lhe deu em satisfação a villa de Benavente com o titulo de conde, ficando ainda assim os reis de Portugal, como duques e senhores de Bragança, a pagar-lhe todos os annos

---

1 Vide Viterbo no seu *Elucidario*.

dois açores de Irlanda, que corresponde a 24$000 réis, «muito bem pagos no cabeção das sizas da comarca de Miranda [1].»

Dizem alguns, mas não se sabe com que fundamento, que as armas que estão n'um dos miradouros do castello são as d'este conde, posto que pouca ou nenhuma similhança tenham com as dos Pimenteis.

D. Affonso V a pedido do Duque de Bragança seu primo, Fernando I, deu-lhe, pelo alvará feito em Ceuta a 20 de fevereiro de 1464, o fôro de cidade: «ouvemos certa informaçam que antigamente ella era cidade: e assim no Foral que tem ella hé nomeada por cidade: e depois se despovoou: e quando se tornou a reedificar ficou villa»[2]. Este documento vem ainda confirmar a firme tradição que havia de que anteriormente á Quinta da Bemquerença tinha existido n'este local uma povoação que teve os fóros de cidade, pois não consta nem era muito provavel que os tivesse tido desde que recebeu a colonia até á data do alvará de D. Affonso V, por isso que bem se póde considerar para ella este espaço de tempo como um periodo de renascimento, e ainda muito attribulado, porque logo em 1199, a seguir á sua fundação, D. Sancho I teve que a vir livrar em pessoa de um cêrco, e mais tarde ella estava tão abatida, que, como já dissemos, para a engrandecer, D. João I teve que estabelecer uma feira franqueada de dezeseis dias de duração. Tambem não é de crer que esta tradição se refira aos tempos leonezes e das invasões, porque esses tempos foram antes de ruinas do que engrandecimentos. A tradição deve-se, pois, considerar referida á epocha luso-romana, vindo assim a corroborar o parecer que sobre este assumpto já expuzemos.

Anteriormente á sua elevação a ducado e em seguida ao conde de Benavente foram seus senhores, D. Fernando filho bastardo do infante D. João e neto de el-rei D. Pedro, casado com D. Leonor Coutinho, filha de Vasco Fernandes Coutinho, que por sua morte a deixou a seu filho D. Duarte. E como este morresse sem successão, o infante regente D. Pedro a deu com o titulo de ducado a seu meio irmão D. Affonso, conde de Barcellos, que foi o primeiro Duque de Bragança, mantendo-se desde então a cidade no morgadio da actual Casa Reinante.

Sob o governo dos Duques de Bragança recebeu muitos melhoramentos e é sem duvida a elles que deve uma grande parte do seu engrandecimento e da sua importancia, que tem variado conforme as differentes crises por que Portugal tem atravessado.

---

[1] Vide *Chorographia* do padre Carvalho.

[2] Pergaminho existente na camara.

É hoje séde de um bispado e de um districto do mesmo nome; vindo, portanto, a ter actualmente a importancia que dizem alguns auctores que tivera a «Brigantia» que tambem fôra bispado e «cabeça de um territorio.

O ducado

Vangloria-se, e com razão, Bragança em ter como um dos titulos de sua principal nobreza o facto de haver dado o nome ao ducado de onde saíu a actual Casa Reinante, e de onde tiveram origem outras que occuparam varios thronos da Europa. E o tronco d'essa descendencia tão privilegiada e tão notavel foi D. Affonso, filho bastardo de D. João I, a quem este ligava toda a affeição, diz-se pelo muito que se lhe parecia, pois assim o mostrava tratando-o com todas as honras e distincções como se legitimo fosse; e quando o perfilhou foram repassadas do maior sentimento paternal as palavras que empregou ao referir-se a elle, deixando ver o amor e a amizade que lhe dedicava, como se vê pelo instrumento publico que n'essa occasião se fez.

Ainda D. João era mestre de Aviz quando houve este filho de D. Ignez Pires, que nasceu, segundo a opinião mais seguida, no castello de Veiros, provincia do Alemtejo, em 1370, e fôra educado em Leiria, tendo como aio Gomes Martins de Lemos. E emquanto regente teve-o occulto e fóra do reino, não se sabendo onde, com o fim, no dizer de um chronista, de mostrar que era indifferente na successão [1].

A amizade e dedicação merecida que D. João tinha pelo condestavel fez com que casasse este filho, aos trinta annos, com D. Brites Pereira, filha de D. Nuno Alvares Pereira; e, nos termos de doação que se fizeram, é designado D. Affonso por conde. E como o condestavel lhe doasse o condado de Barcellos, pediu ao rei para que désse este titulo a seu genro, ficando desde então a intitular-se por conde de Barcellos.

D'este matrimonio teve os filhos seguintes: D. Affonso que foi conde de Ourem; D. Fernando que lhe succedeu no Ducado; e D. Izabel, infanta de Portugal, que casou com seu tio o infante D. João, filho legitimo de el-rei D. João I.

D'este casamento nasceu D. Izabel que casou com D. João II, rei de Castella, que foram os paes de Izabel a «Catholica» rainha de Castella, que casou com D. Fernando, rei de Aragão, e foram os paes de Joanna a Doida que lhes succedeu no throno de Hespanha e que

---

[1] Vide *Historia genealogica da casa real portugueza.*

casou com Filippe I, archiduque da Austria, paes de Carlos I de Hespanha, que cingiu a corôa da Allemanha com o nome de Carlos V.

Tendo enviuvado passou a segundas nupcias com D. Constança, filha de D. Affonso, conde de Gijon, e D. Izabel, sobrinha de D. João I, de quem não houve filhos.

Conde de Barcellos

(Primeiro Duque de Bragança)

Distinguiu-se nas guerras e combates a que assistiu, como na tomada de Tuy em 26 de julho de 1418 onde dizem que fôra feito cavalleiro por seu pae, em contrario dos que affirmam que só o fôra conjunctamente com seus irmãos em seguida á tomada de Ceuta [1], de cuja expedição fez parte, mostrando grande valor e dedicação, sendo o primeiro a entrar na cidade, e não querendo receber outros despojos mais do que uma mesa de marmore onde comia Callabenzala, governador d'esta praça, e que collocou no altar da antiquissima ermida de Nossa Senhora da Franqueira termo de Barcellos, e umas columnas de alabastro que poz no seu palacio d'esta villa.

Exerceu grande influencia nos negocios publicos do seu tempo, desempenhando elevados cargos e missões que bem patenteiam a alta consideração em que foi tido. Taes como a de conduzir, em 1405, sua

---

[1] Assim se lê no t. IX do *Archivo pittoresco*.

irmã D. Brites n'uma armada para Inglaterra, e a de ser, como alguns pretendem, regente do reino durante o tempo que D. Affonso V, de quem foi sempre muito da intimidade, se demorou na conquista de Alcacer Ceguer, em Africa.

A elle e a seu filho conde de Ourem se attribue tambem o serem os principaes auctores que prepararam a tragedia de Alfarrobeira, a 20 de maio de 1449. Começando a inimizade contra o infante regente D. Pedro com a promessa que D. Leonor, viuva de D. Duarte, fizera a este de casar seu filho, depois Affonso V, com sua filha D. Izabel; emquanto que o Duque queria que o casamento se fizesse com D. Izabel filha do infante D. João seu genro.

Augmentando ainda mais tarde estas malquerenças as circumstancias do infante regente D. Pedro não nomear condestavel o conde de Ourem, cargo a que julgava ter direito por ser neto de D. Nuno Alvares; e por lhe não dar o senhorio do Porto e Guimarães, como muito pretendia.

Teve amor e dedicação pelo estudo fundando uma bibliotheca e um museu, o primeiro que houve em Portugal; e com o intuito de se illustrar, projectou uma viagem aos Logares Santos, não havendo a certeza se a chegou a realisar. O que se sabe é que o devia acompanhar um numeroso sequito e que alcançou licença de varios reis e potentados para poder passar livremente nos seus dominios.

Construiu e reedificou muitas fortalezas nas terras dos seus dominios, e mandou edificar palacios em Guimarães, Chaves e Barcellos, e fazer muitas obras de interesse e utilidade publica; merecendo-lhe sempre especial attenção o bem estar de seus povos, acabando com muitos abusos que os vexavam e opprimiam, como se vê de uma carta que escreveu á camara de Bragança, aos seus termos e concelho em 1452, ordenando-lhes — «que mais não guardassem o depravado costume que o Mosteiro do Castro d'Avelãs tinha introduzido de levar a terça parte dos bens de qualquer defunto contra a ordenação do reino, e toda a bôa razão, e que ordena: fiquem as duas partes aos filhos do defunto; e que do terço disponha livremente a beneficio da alma. Outrosim ordena: que não sejam evitados, nem penhorado, os que o Abbade d'aquelle Mosteiro excommungar por esta causa [1].»

Foi, como já n'outra parte se disse, elevado a Duque de Bragança em 1442, pouco depois da morte de el-rei D. Duarte, por D. Pedro regente, e feito senhor de Bragança e do castello de Ou-

---

[1] Vide Viterbo no seu *Elucidario*.

teiro, Miranda e Nosellos [1], com seus termos, rendas e padroados de juro e herdade. Em 19 de janeiro de 1453 el-rei D. Affonso V lhe fez mercê, como já se referiu, da fabrica de ferraria que tinha no termo de Bragança com os privilegios mencionados.

O escudo das suas armas era, em campo de prata, uma aspa de vermelho com os cinco escudos das armas reaes, sem orladura, tendo por timbre um meio cavallo branco com tres lançadas e redeas vermelhas; formando-o assim em memoria do perigo em que esteve na tomada de Ceuta.

O timbre era o antigo dos Pereiras que usou por ser casado com D. Brites, cujos ascendentes o trouxeram em memoria do feito praticado nos campos de Santarem por D. Rodrigo Forjaz, o Bom, quando ao serviço de el-rei D. Garcia de Portugal e Galliza prendeu a seu irmão el-rei D. Sancho, que ía em um cavallo branco, o qual recebendo na batalha tres lançadas no pescoço que chegaram até ao peito deram com elle em terra morto.

Este timbre foi depois substituido por um «dragão alado» ficando o escudo o mesmo, que trazia inclinado em signal de bastardia, e que continuaram a usar os seus successores até á acclamação de el-rei D. João IV, 8.º Duque, que não modificou o seu brazão, passou apenas a fazer uso do dos seus predecessores.

O poeta João Rodrigues de Sá descreve as armas do Duque de Bragança do seguinte modo [2]:

Sobre aspas fazem mostrança
as quinas d'esta feição,
cruzes com ellas estão:
armas são dos de Bragança,
que vem d'el rey D. João.
Debaixo d'estas se entendem
tres titulos que descendem,
Mira, Tentugal, Vimioso
que todos juntos comprehendem

Desde o seu principio a casa dos Duques de Bragança foi uma das mais poderosas da Europa, tratando-se os seus membros como principes e com toda a grandeza real.

Seu pae, seus irmãos D. Duarte e D. Pedro, e seu sobrinho D. Affonso V, concederam-lhe, alem do senhorio de muitas terras, outros

---

[1] Esta villa, no dizer de Carvalho, tinha 17 vizinhos e os logares de Villarinho de Agorchão, Arcas e Villarinho do Monte.

[2] *Historia genealogica da casa real portugueza*, t. v.

privilegios importantes, como foram a de seus membros precederem em todos os actos da côrte os filhos dos infantes; o de lhes não ser applicavel a «Lei mental» e a de, até então sem exemplo, logo que morresse o Duque de Bragança, o seu successor ou herdeiro, sem outra cerimonia ou alvará, usar d'este titulo e dos que o fallecido tivesse.

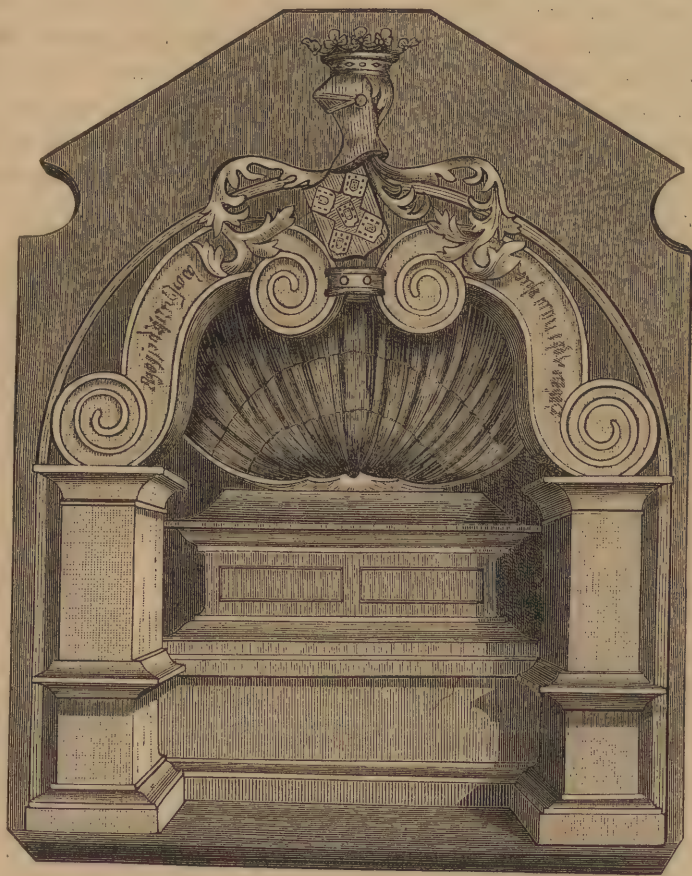
Em Chaves, no meio d'aquella Veiga feracissima e tão risonha e alegre, tão bella e encantadora, aonde a natureza foi prodiga em espalhar tudo quanto possue de mais admiravel que possa deleitar o homem; ali aonde o Tamega deslisa suave e brandamente, como que custando-lhe a abandonar aquellas margens tão aprazíveis e feiticeiras, aonde cada ponto de observação é um novo panorama que surprehende, aonde finalmente, o espectaculo que a cada passo se descortina enebria a alma arrastando-a ás maravilhosas concepções do ideal e do bello, é que o nosso Duque foi escolher a sua mansão, habitando nos paços que tinha junto do castello e que ainda hoje são conhecidos pelo «Albergue do Duque de Bragança». E quantas vezes do eirado da sua torre de menagem, que sobranceira domina toda a Veiga, a figura athletica e magestosa do nosso Duque, n'aquelles momentos de mysticismo que invadem só as grandes almas, não veria o grandioso futuro que o destino havia marcado á sua descendencia, vendo-a occupar os primeiros thronos da Europa, conduzir as gerações através dos seculos; e em que veria gravado o seu escudo nas bandeiras que flutuavam do cimo de milhares de baluartes pertencentes a povos de religiões, leis e costumes diversos, abraçado por todos elles como symbolo augusto da ordem e da civilisação?! E foi por isso, talvez, que elle quiz ficar aqui, no meio d'este Eden terreal onde tinha recebido visões tão saudosas, que lhe haviam permittido ler o immenso e mysterioso livro do desconhecido!...

Dorme o eterno somno na igreja de S. Francisco d'esta Villa de Chaves, aonde falleceu no mez de dezembro de 1461, dizendo-se que tinha mais de noventa annos. Foi enterrado em sepultura rasa primeiramente, na capella mór da igreja matriz aonde lhe pozeram o seguinte epitaphio:

AQUI FOI SEPULTADO O DUQUE D. AFFONSO
FILHO DE EL-REI D. JOÃO DE BOA MEMORIA

D. Catharina Duqueza de Bragança, filha do infante D. Duarte e mulher do Duque D. João I, mandou trasladar os seus restos mortaes para um mausoleu que lhe erigiu na capella mór da igreja do convento de S. Francisco, então situado na Veiga, e que depois foi mudado para

onde hoje está, tendo começado as obras em 1637; trasladando-se n'essa occasião, por ordem de el-rei D. João IV seu 8.º neto, os seus restos mortaes para o jazigo que se vê na actual igreja, e que tem na orla em letra gothica o seguinte epitaphio:

AQUI JAZ D. AFFONSO FILHO DE D. JOÃO PRIMEIRO
DE GLORIOSA MEMORIA PRIMEIRO DUQUE DE BRAGANÇA

Tumulo do primeiro Duque de Bragança

(existente na egreja de S. Francisco em Chaves)

D'elle descendem os seguintes Duques de Bragança: D. Fernando I, D. Fernando II, D. Jayme, D. Theodosio I, D. João I, D. Theodosio II, e D. João II, que em 1640 foi aclamado rei de Portugal com o nome de D. João IV. E desde então se intitulam Duques de Bragança os Primogenitos dos nossos Reis.

A vida do primeiro Duque de Bragança mostra-nos que a descendencia de D. João I, ainda pelo lado da bastardia, foi uma descendencia privilegiada; pois o Duque é, por todos os motivos, um homem notavel do seu tempo, quer considerado como homem de armas, quer como protector das lettras, como o confirmam o modo como procedeu nos combates em que entrou, e a bibliotheca e museu que formou no seu palacio.

Estes factos e os melhoramentos que fez nas terras dos seus dominios attenuam um pouco o procedimento que teve com seu irmão, o principe regente D. Pedro, e que deslustrou bastante a sua memoria.

O espirito cavalleiresco, em que foi educado, tratou de o desenvolver entre os seus povos, como se vê pela creação das confrarias de S. João em Chaves e S. Thiago em Bragança, preparando assim a geração, a que presidiu, a continuar as emprezas de alem mar iniciadas por seu pae.

II

Vista da torre de Menagem — Lado sul

SEGUNDA PARTE

BRAGANÇA E BEMQUERENÇA MILITAR

I

Considerações

Das fortificações que se vêem em Bragança as que mais prendem a nossa attenção e despertam a curiosidade pela sua forma, constituição e antiguidade são as que coroam a Collina da Villa, vulgarmente conhecidas pela cidadella. E d'ellas são tão vagas, incompletas e dispersas as informações que nos dão os auctores, que para reconstituir a sua historia temos que lançar mão não só d'essas informações, mas tambem ir indagar quaes foram os meios de defeza e protecção empregados pelos diversos povos que estacionaram n'esta região.

Ainda até agora se não fizeram n'estes logares investigações bastantes que possam levar-nos a dizer a ultima palavra sobre este assumpto; todavia das pesquizas que se teem feito podemos concluir que por estes sitios a fortificação que se empregou foi a do «castro» e a do «castello».

Archeologicamente, entre nós, o «castro» ou o local aonde habitava uma familia, é classificado em «pre-romano» e «luso-romano» comprehendendo aquelle os «neolithicos, mixtos e protohistoricos [1]». E por estas partes ha alguns que se presume pertencerem aos pre-romanos [2]; havendo-os até que não são considerados como havendo sido logares habitados ou tendo servido de obras de defeza, e que os teem na conta de templos chamados «circulos» ou «circuitos», em que os povos d'essa epocha faziam as suas reuniões religiosas. Pois que é

---

[1] *Archeologo Português*, vol. I, n.º 1, 1895.

[2] Os castros da Sapeira em Babe, Samil e Fromil são evidentemente do typo do de Maquieiros em Gondezende, e n'este, que descobri durante a impressão d'este trabalho, encontrei n'uma fraga molar uma curiosa e linda inscripção que mandei, para ser publicada no *Archeologo portuguez*, ao illustrado sabio dr. José Leite de Vasconcellos, que me disse que a considerava «uma esculptura pre-historica».

opinião de certos escriptores que muitos d'esses «circos» a que geralmente chamam «castros», tinham destino religioso e que eram templos dedicados ao culto pagão das suas divindades. Tacito e outros escriptores antigos dizem que os «galloceltas» adoravam o seu deus «Tent» nos bosques, nos lagos e no campo aberto em certos «recintos» ou «circuitos» debaixo do carvalho ou azinheira sagrados. Estes «circuitos druidicos» ou «recintos», em que podiam caber duzentas a trezentas pessoas, eram geralmente de forma circular, limitados por grossas lages ou por parede de pedra insonsa, ou finalmente por um pequeno parapeito de terra de uma vara de altura. Não tinham fosso nem outro vestigio de obra militar. Apresentavam apenas uma pequena abertura que servia de porta e dava communicação com o exterior. Encontram-se ordinariamente em logares afastados das serras e montanhas, em terrenos elevados e nos quasi planos. Na Escocia chamam-lhe tambem castros na lingua celtica «carn». Taes são os encontrados em Leboção, Monforte, e Tinhella no termo de Chaves. As «mamôas» ou «modorras», que algumas vezes existem no seu interior, eram no dizer dos mesmos escriptores as sepulturas dos magnates ou dos heroes do tempo.

Mas o que abunda mais é o «castro luso-romano» quer como povoação extincta, quer como «castrum», «arraial» ou «acampamento» das tropas. A fórma e organisação defensiva de uns e outros é proximamente a mesma, variando apenas segundo a configuração do terreno. Mas em regra approximam-se muito do typo normal qual era ordinariamente de forma quadrada ou rectangular formado por um parapeito (agger), coroado de palissadas ou palancas defensivas ou de vedação, e flanqueado de espaço a espaço por meio de torres onde se collocavam machinas de guerra. O recinto communicava com o exterior por meio de quatro portas correspondentes ao centro de cada lado. Da parte de fóra e em volta de toda a obra havia um fosso (vallum), obstaculo, que conjunctamente com as outras defezas accessorias difficultavam a approximação do atacante. Havia-os de duas especies: «passageiros» de uma constituição mais ligeira, e permanentes (castra stativa) de construcção mais solida e duradoura. Estes dividiam-se ainda em castros de verão (castra æstiva), e de inverno (castra hiberna). Eram construidos nos logares que melhor satisfizessem á segurança, commodidade e hygiene das tropas. Póde-se dizer que os romanos não empregavam outra especie de fortificação, e que aquella que era formada por um conjuncto de muralhas e torres destinada a uma duração e resistencia prolongada só foi usada na protecção das cidades mais importantes que denominavam por «urbs», e nos «oppidum».

Não devemos, pois, considerar a nossa fortaleza como pertencente a esses tempos, porque não ha nada que tal confirme, apesar de que, se repararmos na sua planta e situação topographica, vemos n'ella a tradição das povoações fortificadas que os carthaginezes e romanos encontraram em tão elevado numero quando se estabeleceram na Peninsula e cuja origem, no dizer dos auctores, se deve ir procurar aos Etruscos.

Foi o feudalismo que trouxe comsigo o «Castello, «castellum», castriellum», que se generalisou extraordinariamente nos paizes onde predominou esse estado social. Na Peninsula começaram a apparecer nos fins do seculo VIII e principios do seculo IX. A lucta christã-arabe concorreu para a sua multiplicidade.

E foi tão grande a quantidade de torres e castellos que povoaram a Hespanha christã no seculo XII, que Castella tirou d'elles o seu nome, e nas provincias de Galliza e de entre Douro e Minho faziam-se transações com elles como se se tratasse de uma casa, casal ou outra propriedade qualquer.

Alexandre Herculano referindo-se a esta epocha, diz:

«Defesas e commettimentos, eis o que se repetia, a bem dizer, diariamente; porque em cada montanha, quasi em cada outeiro, surgia uma fortaleza, ás vezes uma simples torre, cuja comquista importava a sujeição do territorio circumvizinho, e que eram sustentadas com tanta firmeza pelos que as defendiam, como combatidas com tenacidade pelos que as atacavam.»

O seu systema de fortificação é identico ao usado em todas as epochas da historia, e muito principalmente da medieval, em que os povos cercavam a collina ou o cerro aonde residia a resistencia principal da defeza por uma cintura de muralhas e torres fechando um recinto dentro do qual havia os quarteis da guarnição, o templo, capella ou mesquita e outros edificios. Ainda uma outra cintura interior a esta envolvia a morada ou residencia do senhor do castello, no meio da qual ficava a «torre de menagem, alcaçar, alcaçova» ou «castello» propriamente dito de fórma quadrada, que dominava toda a fortaleza, e servia como hoje diriamos, de «réduit» ou reducto de segurança. Quando a povoação era toda fortificada, destacava-se d'esta fortaleza ou envolvia-a uma outra cintura de muralhas e torres dentro da qual ficavam as habitações dos moradores da cidade ou villa, formando toda a fortaleza um campo entrincheirado de tres linhas de resistencia e um reducto de segurança. A protecção aos defensores collocados no cimo das muralhas e das torres era dada pelas ameias e o flanqueamento era ordinariamente feito das torres que de onde em onde excediam as quadrellas dos muros tanto em altura como

para o exterior. O accesso era difficultado por um fosso ou cárcova que envolvia a fortaleza.

Se repararmos na sua architectura divisâmos que fôra feita, ou pelo menos reedificada pelos hebreus ou arabes, ou sob a influencia dos principios das construcções militares trazidos por elles do Oriente. Pois que lá se vêem ainda altas torres semicirculares formadas de pedra solta e argamassa e algumas vezes de ladrilhos, que entre outros foram melhoramentos que os persas introduziram na sua fortificação permanente, e que estes povos trouxeram para a Peninsula. E assim devia ser porque sendo elles os primeiros que usaram da arcobalista ou da balista de muro deviam tambem modificar a sua fortificação de modo a offerecer maior resistencia e permittir o flanqueamento, como n'este caso succedia.

Devemos portanto considerar a nossa fortaleza pertencendo a epocha medieval por a sua construcção e constituição obedecer aos principios e regras então seguidas pela architectura militar na organisação defensiva de uma posição de caracter permanente.

II

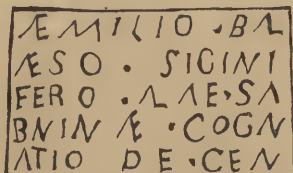
A situação da Bemquerença como ponto estrategico

A situação da Bemquerença ou de Bragança n'outro tempo teve alguma importancia estrategica. Se olharmos para uma carta da Peninsula vemos que ella fica no vertice de um triangulo isosceles de que os outros dois pontos são as importantes e antiquissimas cidades de Astorga e Zamora, e cujos lados iguaes são a sua distancia a estas duas cidades, que em projecção, em algumas cartas, mede 90 kilometros. O outro lado é formado pela distancia entre as duas mesmas cidades que mede 105 kilometros.

O caminho mais curto entre Astorga e a nossa fronteira é a direcção de Bragança; e o mesmo succede vindo de Zamora, por isso que, para a atravessar precisa-se de ir dar volta ao norte de Miranda, por não permittir a passagem em ponto algum o rio Douro, e não ter ponte alguma desde Freixo de Espada á Cinta a Paradella, onde elle começa a servir de raia.

Em Bragança ou proximo, desde a epocha luso-romana, se devia bifurcar uma estrada, que partindo de Braga se dirigisse por este lado para aquellas duas cidades, porque facilitava muito as suas communicações com o norte e o meio dia da Hespanha. E d'essa epocha ha informações e vestigios que nos levam a concluir que assim fôra. Porquanto a presumpção de que no Castro de Avelãs estivera aquarte-

lada uma fracção da legião «septimagemina», organisada por Galba, que trabalhou na estrada militar de Braga a Astorga; a existencia de dois marcos miliarios descobertos n'esta povoação, e a circumstancia de se ter encontrado em Babe, estação sempre seguida nas marchas para Castella, o já referido marco miliario de Hadriano e a lapide que já tambem mencionámos que dá a desconfiar de ali ter estado uma fracção da 2.ª ala de cavallaria, são factos que mostram que n'estes sitios não só passou aquella via militar de Braga a Astorga, mas até que houve uma estação militar importante [1]. E um outro ponto, que tambem parece ter sido importante da etape a Zamora, foi Aldeia Nova, proximo de Miranda, aonde se teem encontrado abundantes vestigios

ÆMILIO·BA
ÆSO · SICINI
FERO ·ALAESA
BNINÆ ·COGN
ATIO DE·CEN

romanos e de entre elles uma lapide que existe no museu que mostra igualmente ter ali estacionado um destacamento da ala «Sabanina».

---

[1] Durante a impressão d'este trabalho tive a satisfação de encontrar mais um monumento que, conjunctamente com os mencionados, confirma a passagem por aqui de uma estrada militar de Chaves a Astorga no tempo romano. É um cippo cylindrico de cantaria grosseira de 1,47 de alto e 0,39 de diametro, que descobri na povoação de Gimonde, a 6 kilometros a nordeste de Bragança, por informação do meu illustrado amigo padre Francisco Manuel Alves, abbade de Baçal, que francamente m'o indigitou, sem ainda o conhecer. Foi achado ha mais de vinte annos enterrado n'uma terra no sitio da Cruz do Marrão, a 300 metros a nordeste da povoação, junto do caminho velho, que é de tradição ter sido a antiga estrada real, que vae para Babe. Sobre este monumento diz-me o sabio berlinez dr. E. Hübner, a quem mandei a sua inscripção — «O miliario de Gimonde diz, sem duvida, IMP(eratore) MAR(co) AVRELIO CARO

CAES(ar) — IMP. MAR
AVRELIO
CARO CAES

Milliarios do imperador CARO, de cerca de 282 e 283 p. C, não são raros nas provincias do norte da Peninsula, como os dos seus filhos Carino e Namariano. Pertence, como V. advertiu muito bem, a uma das estradas de Chaves a Astorga».

Na mesma povoação de Gimonde descobri abundantes vestigios de uma estação romana no sitio a que chamam o «Arrabalde» comprehendido pela volta que faz o rio Sabor que a defendia por todos os lados, excepto pelo sul em que havia uma «cortadura». O cippo já está no museu.

Com a fundação da nossa monarchia a sua importancia não decaíu, por ficar sendo uma povoação da fronteira e a sua fortaleza fazendo parte da linha de fortes que a guarneciam ao norte da provincia de Trás-os-Montes.

Accresce ainda mais a circumstancia de estar situada proximamente ao meio das, então, importantes praças fortificadas de Chaves e Miranda do Douro, condição que a tornava favoravel para servir de ponto de concentração. Demais os accidentes do terreno que a cercam, e a que já nos referimos, protegiam-na muito favoravelmente, pondo-a a coberto de surprezas. Apenas pela abertura que ha entre o rio Douro e o Maçans o inimigo podia fazer as suas entradas, mas ainda com difficuldade por causa das fortalezas raianas e dos accidentes variados que o terreno apresenta. E na verdade foi só por este intervallo que consta que os nossos reis e os de Castella fizeram as suas invasões.

Das considerações expostas devemos concluir que Bragança nos passados tempos foi uma praça de guerra importante, que serviu de base de operações nas guerras offensivas e de ponto principal de resistencia e concentração nas defensivas.

O modo de fazer hoje a guerra e outras causas anniquilaram toda a sua importancia militar, podendo servir actualmente, quando muito, de ponto de observação n'esta parte da fronteira.

III

A Collina da Villa como ponto tactico

Se considerarmos que os pontos onde se construiam as fortalezas destinadas a servir de abrigo ás povoações deviam possuir, alem de outras condições tacticas, a de difficultar o accesso pela configuração do terreno, permittindo ao mesmo tempo o desenvolvimento da população em volta d'elles; e se reflectirmos sobre a topographia da planicie aonde está situada a cidade de Bragança, concluiremos, que entre as collinas que n'ella se vêem talvez nenhuma satisfizesse melhor a estas condições, no tempo da arma branca, do que a da nossa cidadella, não podendo, pois, deixar de ser escolhida para servir de ponto de protecção da colonia que el-rei D. Sancho aqui estabeleceu.

Fica sobranceira e a éste da cidade, que domina completamente, bem como uma grande parte da planicie. A sua altitude é de 695 metros, e o seu ponto mais elevado fica 45 metros acima da Praça da Sé. As suas encostas são bastante inclinadas principalmente pelo lado do sul, que desce em declive escarpado até ao rio Fervença, que bem se póde considerar um fosso da fortaleza.

PLANTA GERAL DA CIDADELLA DA VILLA DE BRAGANÇA, 1897.

Escala $\frac{1}{1:000}$

O desenvolvimento de sua crista militar póde regular por 660 metros; e o seu perfil seguindo a direcção éste-oeste é uma curva convexa que supporemos dividida em dois ramos pelo ponto culminante aonde está a torre de menagem: o ramo éste é mais curto que o oeste e o seu declive é mais aspero.

O perfil, seguindo a direcção norte-sul, é tambem uma curva convexa, que igualmente supporemos dividida em dois ramos pelo mesmo ponto: o ramo norte é mais curto e de difficil accesso, e a linha que por este lado limita o planalto confunde-se, em parte, com a crista militar: o ramo sul é na parte comprehendida entre o planalto e esta crista de um declive muito suave, mas a partir d'ella até ao Fervença torna-se de uma grande inclinação. A não ser por este lado o accesso á collina hoje é facil por causa das construcções e obras que teem alterado bastante a configuração do terreno.

Das alturas vizinhas que a dominam nada tinha a recear por ficarem muito fóra do alcance das armas empregadas no tempo; o que não succede hoje, motivo por que perdeu toda a sua importancia tactica.

IV

A fortificação medieval

Traçado e constituição

Para conhecermos o traçado e a constituição da nossa fortaleza da Collina da Villa basta-nos olhar para a sua planta e vermos que, seguindo proximamente a crista militar, corre a cintura exterior da muralha, alta e de espessura bastante para resistir ás armas do tempo, como se vê ainda hoje pela espessura dos muros e pela largura dos seus adarves; sendo flanqueada de espaço a espaço por baluartes e torres ameiadas e assetteiradas.

Esta cintura fecha um recinto em que a sua maior grandeza, na direcção éste-oeste, é de 200 metros, e na de norte sul é de 195 metros. Vista a distancia parece ter a fórma circular, mas o seu traçado é polygonal e irregular, pois segue, como já se disse, a configuração do terreno.

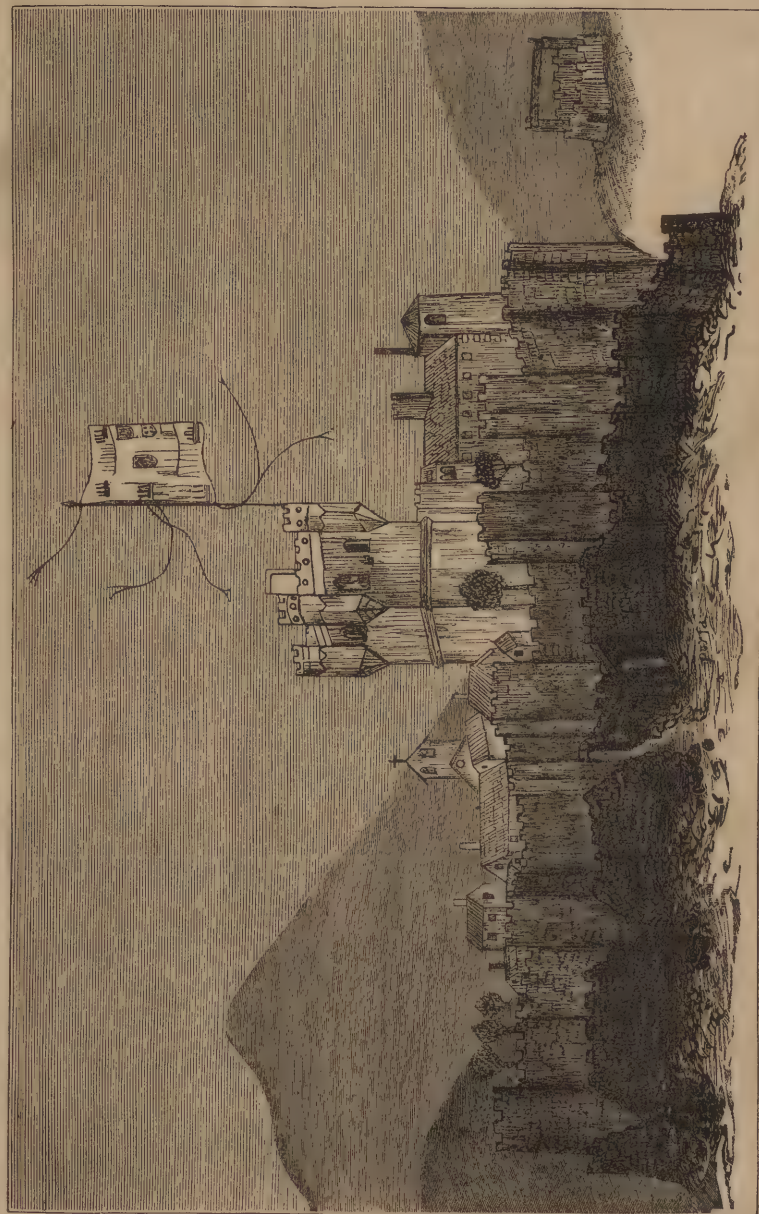
A entrada fica a oeste voltada para a cidade, e é constituida por uma porta em arco, estylo ogival, na muralha, e por uma outra tambem em arco do mesmo estylo e em correspondencia, que ha n'um muro parallelo e distanciado para o lado exterior 15 metros. É flanqueada pela disposição da propria muralha, por dois baluartes collocados aos lados, e por uma alta torre que fica á direita de quem entra, conhecida pela «torre da camara».

A partir da entrada, imaginando o perimetro da cintura dividido em duas partes pela linha éste-oeste, ficando uma voltada a norte e outra a sul, e seguindo a do lado norte encontram-se ora em correspondencia aos salientes do polygono, ora ao meio dos lados, uns poucos de baluartes, excedendo alguns em altura a propria muralha, e salientando se todos para o exterior em fórmas polygonaes. Ao meio proximamente ergue-se uma torre semicircular de grande altura, e a 20 metros adiante encontra-se outra rectangular conhecida pela torre da Princeza. Depois seguem-se as casernas de um quartel de infanteria assentes em restos de muros.

Se seguirmos tambem a partir da entrada a parte sul começamos por encontrar a torre semi-circular da camara, bastante elevada, e alguns baluartes quasi nas mesmas condições que os da parte norte. Tambem ao meio, proximamente, faz para o exterior uma grande saliencia ou tambor, que tinha disposições de permittir fogos em andares, e em que havia uma descida subterranea que dava para uma cisterna chamada Poço do Rei. D'ahi em diante a muralha vae desapparecendo custando quasi a distinguir quando encontra o quartel de infanteria.

A partir da muralha, lado norte, a 5 metros a oeste da torre semicircular, que já mencionámos, começa tomando a direcção sul, a segunda cintura, tambem alta, ameiada e de resistencia bastante para as armas do tempo; flanqueada por torreões abobadados, semi-circulares e mais elevados do que ella, em que as partes superiores formavam eirados espaçosos e ameiados, e nas inferiores havia setteiras destinadas a impedir a approximação do inimigo. Contorna o planalto da Collina, terminando pelo encontro do quartel de infanteria que fecha pelo lado éste este recinto.

Á distancia parece tambem circular mas o seu traçado e polygonal e irregular seguindo a fórma do terreno. A extensão do recinto na direcção norte-sul é de 55 metros, e na éste-oeste é de 40 metros. A entrada fica voltada a oeste e é protegida por dois torreões, por uma torre quadrada, e pela torre de menagem, que fica no interior do recinto, em frente e a 33 metros a sul da torre da Princeza.

A torre de menagem distingue-se de todos os monumentos congeneres existentes no reino e talvez em toda a Peninsula pela sua elegancia, traçado e solidez. De fórma quadrangular tem as suas faces orientadas pelos quatro pontos cardeaes e é formada de pedra solta e argamassa á excepção da base, angulos, ameias, miradouros e uma cintura que tem a meia altura, que são de granito grosseiro. Tem 17 metros de lado e 33 de altura proximamente, o que lhe permitte não só ter muitos compartimentos interiores e um vasto eirado aonde

Bragança no seculo XVI. – Vista de leste

(Segundo o desenho de Duarte d'Armas)

se acommodava um grande numero de combatentes e machinas de guerra, mas tambem alargar o horizonte dos defensores favorecendo-lhes a observação, quer de toda a planicie que se lhe estende em derredor, quer das imminencias que a contornam. Os seus miradoiros saem-lhe naturalmente dos flancos tão elegantes e proporcionados, que mais parece terem sido feitos para a adornar e tornar bem parecida do que para a guardar e defender.

As suas janellas, principalmente as que olham a sul e nascente, são de grande lavor artistico e de uma bella apparencia, condizendo perfeitamente com toda a obra. Correspondendo á porta, que fica ao meio da face norte e alguns metros acima do terreno, ha uma balesteira, besteira ou «machicoulis», especie de varanda de granito com setteiras verticaes que impediam que o atacante se approximasse d'ella. Tem dois pavimentos que communicam por meio de uma escada de granito que corre em zig-zag ao longo da parte interior das faces, e que são divididos em muitos compartimentos mais ou menos espaçosos, com portas e janellas ogivaes.

Á entrada do primeiro pavimento ha, do lado direito, um compartimento em que se vê uma abertura por onde se desce por meio de uma escada de granito e em caracol para a base da torre. No angulo formado pelas faces norte e éste vê-se uma cisterna onde se reuniam as aguas pluviaes. As abobadas são de tijolo, e a separação dos compartimentos de pedra solta e argamassa.

Entrando no recinto interior, cuja porta fica quasi em frente do angulo sul da face oeste da torre de menagem, 7 metros distante d'ella, ha do lado esquerdo e a 12 metros de distancia uma porta em arco, que dá para um recinto quasi rectangular; e junto do angulo norte da mesma face vê-se uma outra porta em arco que dá para um outro recinto rectangular que fica em frente da face norte. E ao meio do muro que limita este recinto pelo norte ha outra porta que dá communicação com o largo do Gymnasio, que era onde estava construida a Casa dos alcaides ou senhores ou dos governadores do castello; casa que ainda ha poucos annos fôra demolida.

Tomando á direita da porta do recinto interior existe um muro de construcção recente que vae terminar no angulo da torre de menagem e no qual ha uma porta que dá serventia para um recinto apertado que ha entre a dita torre e a muralha.

A 7 metros de distancia da face éste da torre de menagem e parallela a ella corre uma das faces do quartel de infanteria, que partindo da muralha norte do recinto exterior corta a do recinto interior e prolonga-se para fóra com direcção norte-sul. Do extremo d'esta face e quasi prependicular a ella corre uma outra em direcção oeste-

éste, que vae encontrar as outras partes do mesmo quartel construidas sobre a muralha norte do recinto exterior, fechando assim um polygono pentagonal e irregular cujo o perimetro é proximamente de 315 metros.

Se reflectirmos sobre todo o conjunto da fortaleza veremos que se attenderam e se seguiram, na sua disposição e construcção, todos os principios da arte da guerra, em harmonia com o modo de combater e com as armas empregadas durante a idade media. Os muros, torres e torreões que constituem a muralha do recinto exterior offereciam uma linha de resistencia difficil de transpor, não só pelo seu valor passivo, mas tambem pela boa disposição e combinação, prestando-se um mutuo auxilio quer fossem atacados isoladamente quer simultaneamente.

A sua defesa era ainda reforçada por um forte muro ameiado e mais baixo que os envolvia formando a falsa braga da fortaleza, e de que hoje só se vêem uns pequenos vestigios. A falsa braga communicava com o recinto por algumas portas como se vê no desenho de Duarte de Armas.

A entrada tinha, como já vimos, duas portas em correspondencia, difficeis de transpor, não só pela sua disposição e obras que a protegiam, mas tambem porque eram enfiadas pelos defensores da cintura interior e da torre de menagem.

Do lado éste e na direcção proximamente da entrada do quartel de infanteria ficava a porta falsa ou da traição, que era por onde os defensores saíam no caso de não poderem prolongar a resistencia, ou por onde faziam as sortidas.

Os torreões da cintura interior são ligados por muros ameiados e tendo ao meio das ameias, feitas em tijolo e terminadas em fórma triangular, umas «frestas ou fieiras» destinadas só para observação do campo exterior. Na base dos torreões, e correspondendo á linha media e aos lados, ha setteiras do feitio das chamadas «buitreiras», por se dizer que serviam para matar, a coberto, os abutres que vinham pousar sobre os cadaveres. Esta disposição permittia o fogo em andares e o flanqueamento alto e baixo; no emtanto que a construcção abobadada dos torreões permittia que elles servissem para se guardarem os aprovisionamentos e o alojamento da guarnição. A porta d'esta muralha era muito difficil de transpor por causa das obras que a protegiam. E da mesma muralha batia-se todo o recinto exterior de maneira que o inimigo tendo atravessado a primeira cintura, era sempre repellido em todo o espaço que ha entre ellas.

A torre de menagem constituia só por si uma fortaleza, e difficil seria o inimigo apoderar-se d'ella, embora conseguisse approximar-se

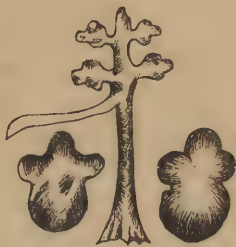
dos seus muros. Alem de obra defensiva servia tambem de residencia aos senhores do castello.

Não se vê em volta das muralhas «cárcova» ou fosso, ou vestigios d'elle. E talvez não existisse, o que costumava succeder n'estas construcções quando feitas nas condições d'esta.

O recinto da fortaleza é como já vimos muito espaçoso, e vêem-se n'elle, alem das dependencias do quartel, uma porção de pequenas casas formando varias travessas, a igreja de Santa Maria, a antiga casa da camara, e dois pequenos largos.

Tinha, portanto, a fortaleza capacidade bastante para conter e exercitar a guarnição, e abrigar a população que estacionava em volta d'ella, satisfazendo d'este modo a todas as exigencias requeridas na epocha medieval n'uma obra d'esta natureza.

A sua historia

Tal é a fortaleza cuja historia anteriormente á fundação da nossa monarchia está envolvida na mesma obscuridade que a da nossa cidade.

Armas existentes no miradoiro nordeste do Castello

Todavia, se repararmos bem nas considerações que a respeito d'esta se fizeram, somos forçados a acreditar que antes de D. Sancho I já deviam ter existido n'este cerro ou collina algumas fortificações que as contingencias do tempo por mais de uma vez tinham derrubado para de novo serem erguidas, até que finalmente ao começar a nossa nacionalidade estavam em completa ruina. Aqui, por certo, devia ter existido um recinto ou castro, porque lançando a vista pela planicie e pelas suas immediações, e vendo a quantidade de povoações mortas que n'ella ha e as condições da sua situação, necessariamente concluiremos que este local tambem devia ser povoado, porque é de todos, como se disse, o que melhor satisfazia ás exigencias de uma posição habitada n'essa epocha. E depois, passou de modesta defesa formada só por um «agger» e por um «vallum», a ser consti-

tuida por cinturas de muros mais ou menos resistentes, pois assim o pedia a condição de ser Cabeça de um vasto territorio que teve por senhores tão nobres personagens, como já vimos que os teve durante o dominio godo e dos reis de Leão. E se a capital do territorio do conde Pelayo e de outros fidalgos illustres não foi na nossa collina, então ignora-se aonde fôra, porque, percorrendo estes logares mais proximos, não se encontra signal ou indicio de fortaleza, com os requisitos que exigiam na epocha medieval os baluartes dos grandes senhores.

O que é certo é que pelo «Codicillo» que o rei povoador fez no anno de 1188 ao partir para a guerra do Algarve, a que já nos referimos, mandou erguer esses muros, e que no anno de 1199 os veio livrar em pessoa do cêrco que lhe poz el-rei de Leão [1]. O seu desenvolvimento não foi obra de um só reinado, como se deprehende não só das informações historicas mas tambem dos vestigios que n'elles se divisam.

Grande foi o cuidado que mereceu a quasi todos os nossos primeiros monarchas o fortalecimento d'este ponto fronteiriço, pois que a historia em seguida a D. Sancho diz-nos que el-rei D. Diniz prestou séria attenção ás fortificações transmontanas, e que a elle se devem as torres de menagem de Chaves, Miranda do Douro e até a de Bragança, o que não é crivel por os signaes que n'ella ha indicarem que a sua construcção pertence a outro reinado; mas ainda assim esta noticia deixa presuppor que alguns melhoramentos lhe fez, e póde ser tambem que a informação se refira a uma outra torre que desappareceu, construindo-se nas suas ruinas a actual. Este rei esteve effectivamente n'estes sitios, e até no Azinhoso aonde creou uma feira, e decerto que a sua passagem devia ser assignalada por obras proveitosas para os povos, e n'essa epocha as que mais os preoccupavam eram as suas torres ou castellos aonde fossem buscar guarida das correrias que então se faziam a bem dizer todos os dias.

Em seguida foi D. Affonso IV de quem ha muitas noticias relativas ás fortificações de Trás-os-Montes. Assim por um alvará concede ao concelho de Bragança as terças das igrejas do seu territorio para «repairamento dos muros». E nos documentos da Villa de Moz se vê uma carta datada da Guarda XIX dias de agosto da era CCCLXXIII em que ordena a Pedro Dias seu procurador em terras de Bragança:

«Tenho por bem que se o muro do dito Logar de Móos he acabado: que el tenha de mim a dita terça da dita Egreja de Móos; e

[1] Vide *Chronica* de Duarte Nunes de Leão.

que haja esta guisa: que quando comprir de se adubar esse muro en alguma cousa que el o adube pela renda da dita Egreja [1]».

Do tempo de D. Fernando ha tambem muitas informações relativas á defesa d'estes sitios. Mencionaremos entre ellas a do anno de 1376 que diz respeito á fortificação da Villa do Moncorvo, que é muito interessante por indicar o modo como devia ser feita:

«E que elles farião a dita Fortaleza de pedra, e de call, ou de canto talhado, á bem vista de qualquer, que nossa Mercê fosse de o mandarmos vêr... E que aquello que alló avião de despender, que o despendessem nos ditos cubos a redor da dita cerca [2]».

Foi n'este reinado que as obras da nossa fortaleza tiveram maior desenvolvimento que lh'o deu João Affonso Pimentel, porque havendo-se rebellado o Conde de Gijon Senhor das terras de Bragança os povos se queixaram dos damnos que recebiam dos seus, pelo que D. Fernando deu a nossa villa ao referido Pimentel, Senhor de Vinhaes, que a ganhou deitando fóra as gentes do conde, e a fortificou. Sabe-se que este fidalgo continuou a ser Senhor de Bragança ainda durante os primeiros annos do reinado de D. João I, e a existencia das armas d'este rei na torre de menagem, e de umas outras, que ha [3] quem supponha sejam as d'este fidalgo, mais tarde conde de Benavente, n'um dos miradoiros da mesma torre, mostram que ella fôra construida ou concluida n'este tempo.

E D. João I esteve em Bragança e não só mandou fazer obras na fortaleza, como se vê nos privilegios que deu á Quinta de Bouzende comarca da cidade de Bragança no anno de 1424 em que determina: «que todo aquelle que duvidar e for contra o privilegio pagará seis mil reis para a fonte do castello» [4]; mas tambem por carta de 24 de janeiro de 1396 tomou medidas para fazer «cessar os muitos damnos e malfeitorias que os cavalleiros e escudeiros faziam na comarca d'Aquem dos Montes, sem que fossem refreados e escarmentados pelos Meirinhos de El-Rei» [5].

O primeiro Duque de Bragança mandou construir e reedificar nas terras dos seus dominios muitas fortalèzas, e portanto é de suppor

---

[1] Vide Viterbo no seu *Elucidario*.

[2] Idem.

[3] Mais parecem ser as de S. Thiago, pelo relevo que representa um bordão com duas cabacinhas ao lado. Todavia Carvalho diz que «ainda hoje (os Condes de Benevente) teem as suas armas no castello».

[4] Documentos existentes na camara.

[5] Idem.

que algum beneficio fizesse á da Villa que dava o nome ao seu titulo principal de nobliarchia.

O que não admitte duvida é que foi concluida de todo antes do reinado de D. Manuel, porque o desenho de Duarte d'Armas[1] tirado por ordem d'este rei, apresenta-a completa, e até parte d'ella em ruinas, o que deixa ver que havia sido acabada muitos annos antes, visto não constar que por esse tempo tivesse sido cercada. Este desenho apesar de ter muitos erros de prespectiva que se notam logo á simples inspecção, permitte-nos fazer uma ideia exacta do que foi a antiga fortaleza. E se o confrontarmos com as ruinas actualmente existentes encontramos que muitas das partes que a constituiam desappareceram de todo. Assim já não existem nem a falsa braga, nem a porta falsa, nem outras que davam communicação com o exterior, nem a residencia dos Alcaides nem outros muros e torres de que se compunha.

A torre de menagem hoje mostra bem que a sua divisão interior não é a primitiva, e que foi modificada como se vê pelo traçado da escada que põe em communicação os pavimentos que em partes vae cortar as entradas que dão para alguns compartimentos. Talvez esta modificação fosse feita em 1671 em que o principe regente por carta datada de Lisboa de 11 de janeiro, e sendo alcaide-mór Pedro de Mariz Sarmento, manda recolher no castello os presos por a cadeia estar em mau estado. Em 1690 tambem foi reconstruida a torre da Camara pois assim consta de uma arrematação que para esse fim a camara fez em 17 de agosto com Martinho da Veiga, devendo este fazer a obra por 100$000 réis [2].

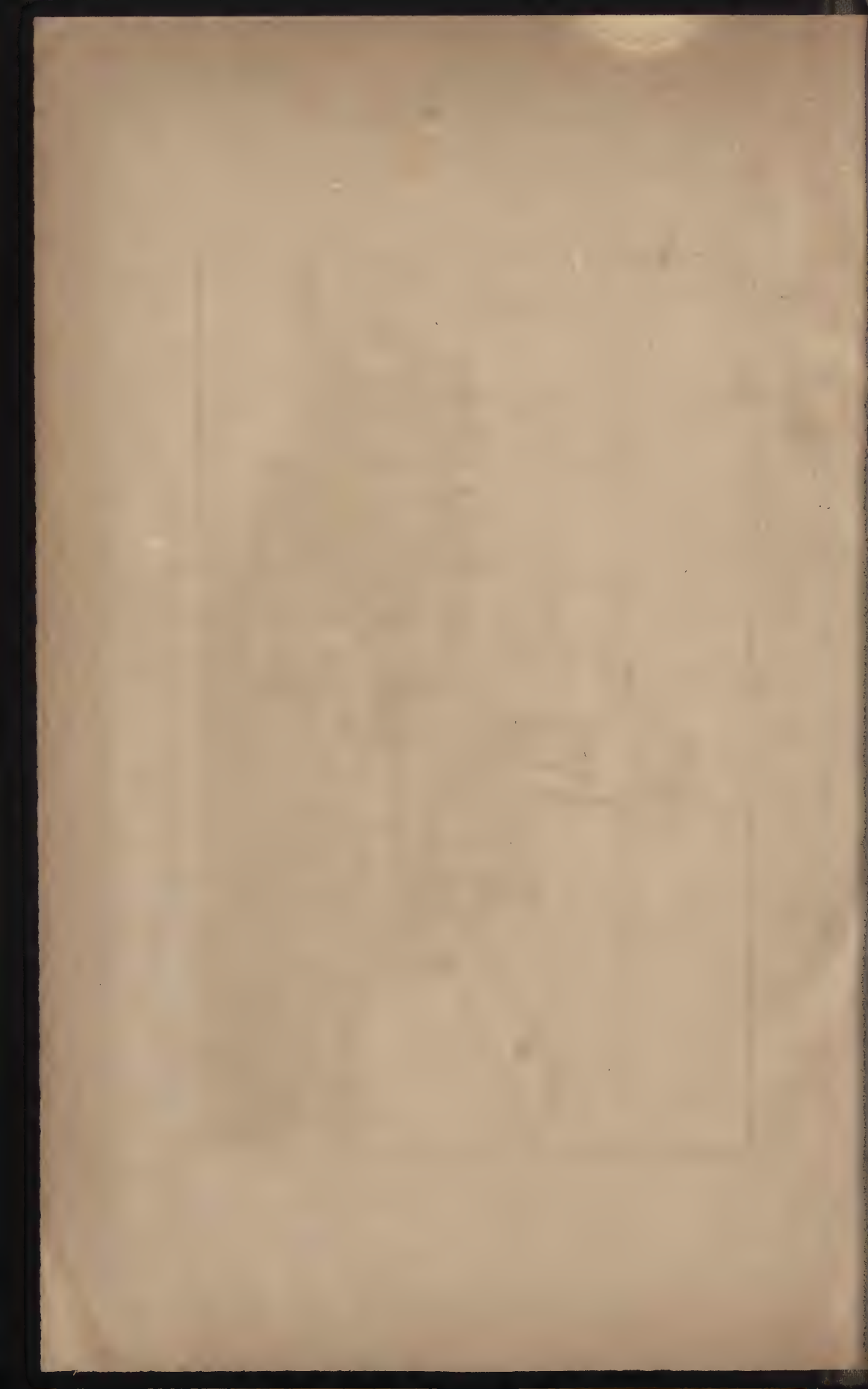
E a torre chamada da Princeza não era uma obra militar, mas unicamente uma dependencia da casa dos governadores ou alcaides. A circumstancia de não se saber a origem da sua denominação tem dado ensejo a formarem-se varias lendas, sendo a que tem mais voga a de ter estado n'ella presa uma princeza, ignorando-se o motivo, a epocha e o nome; a qual mandara construir, para ouvir missa, a capella de Nossa Senhora da Saude que ficava, como já dissemos, em frente e em baixo, no sopé da collina, lado norte. Terá esta lenda alguma relação com o governo de João Affonso Pimentel cunhado da rainha D. Leonor Telles, que por muitos annos viveu em Bragança e cuja filha D. Bri-

---

[1] As duas estampas das vistas de Bragança do seculo XVI são reduzidas de umas outras que nos enviou o ex.^mo^ sr. major de infanteria Henrique Baptista de Andrade, que as tirou por copia da obra de Duarte de Armas existente na Torre do Tombo.

[2] Documento existente na camara.

Bragança no seculo XVI. — Vista de oeste

(Segundo o desenho de Duarte d'Armas)

tes, a alma pura e candida, a bella castellã que enfeitiçava todos os que a viam, foi assassinada injustamente pelo marido Martim Affonso de Mello, alcaide-mór de Evora? Devia a morte tragica d'esta illustre dama impressionar deveras aquelles que tinham admirado a sua formosura, contemplado os seus encantos, e ouvido nas noites phantasticas do luar cantar as suas trovas de amor! E foi d'essa torre, decerto, que nós agora ahi vemos, triste e desmantelada, que ella pediu ás estrellas, que via deslisar na immensidão do espaço que descortinava, a inspiração que a sua voz modulava em estrophes suavissimas, em conversação com os seus sonhos!...

Foi d'ella, sem duvida, que no silencio da noite ouviu as ternas canções do esforçado cavalleiro que vinha ás horas mortas render preito á sua enamorada, e cujas queixas sentidas estão ainda agora guardadas por esses velhos muros que assistiram aos torneios do novel trovador. Que recordação tão poetica e tão sublime nos desperta a vista d'esta torre, aonde se passaram scenas verdadeiramente cavalleirescas, cuja narração seria um dos mais bellos e formosos romances da idade heroica da cavallaria!

A sua architectura mostra que foi feita durante o periodo gothico ou ogival, isto é desde o seculo XII ao seculo XV, vindo a ser portanto esta fortaleza, principalmente a sua torre de menagem, um monumento notavel que a idade media nos legou, tanto pela fabrica da sua construcção como pelas tradições historicas que apresenta. Nascida com Bragança e engrandecida pelo conde Benevente, é a encarnação de todas as vicissitudes e dias de gloria porque esta cidade tem passado durante já um longo periodo de quasi sete seculos. Principal baluarte fronteiriço de toda a corda da raia transmontana desde Monte Alegre á Barca d'Alva, ella, a torre de menagem, destaca-se de entre a planicie revestida de toda a magestade e poderio como quem soube guardar e proteger o vasto termo que lhe foi confiado. E a sua importancia, a sua consagração historica foi tão notavel que mereceu ser escolhida para dar o titulo a um dos principes mais poderosos que houve em Portugal; vindo por este motivo a ter a dita de figurar nos escudos não só da Casa Real portugueza, mas tambem nos das mais poderosas familias reinantes da Europa: Joanna a Louca, Izabel a Catholica, Carlos V, são, entre outras grandezas historicas, os representantes de D. Affonso, primeiro Duque de Bragança, que dorme o eterno somno em Chaves, na igreja de S. Francisco.

É um dever que a cidade de Bragança tem de olhar pela reparação e conservação d'esses muros, especialmente pela torre de menagem, porque, sem duvida a sua existencia e importancia historica deve-a á valorosa protecção que elles lhe teem prestado nos dias de

infortunio, evitando a sua destruição e ruina; e mesmo porque é de presumir, que no dia em que derruirem, fique sepultada nos seus escombros a grandeza da capital transmontana.

V

Outras fortificações

A cintura da cidade

Alem da fortificação medieval havia em Bragança uma outra de que se vêem ainda hoje alguns vestigios, que com aquella constituia um campo entrincheirado, que abrangia proximamente a area occupada agora pela cidade.

Podemos considerar esta linha de defesa como que destacando-se da cintura exterior da cidadella pelo lado norte e descendo a collina por este lado e seguindo a direcção oeste ia até ao campo de Santo Antonio; descendo depois em direcção sul até ao Fervença, de aqui seguindo a crista da margem esquerda d'este rio vinha outra vez encontrar aquella cintura n'um ponto proximo da sua entrada.

Vêem-se ainda alguns restos d'ella nos sitios que vão indicados na planta geral da cidade, e ha nomes que bem indicam ter existido no local, a que se referem, obras de fortificação taes como: Estacada, Fóra de Portas, Postigo etc. A esta linha de defesa se refere Carvalho na sua *Chorographia* quando diz:

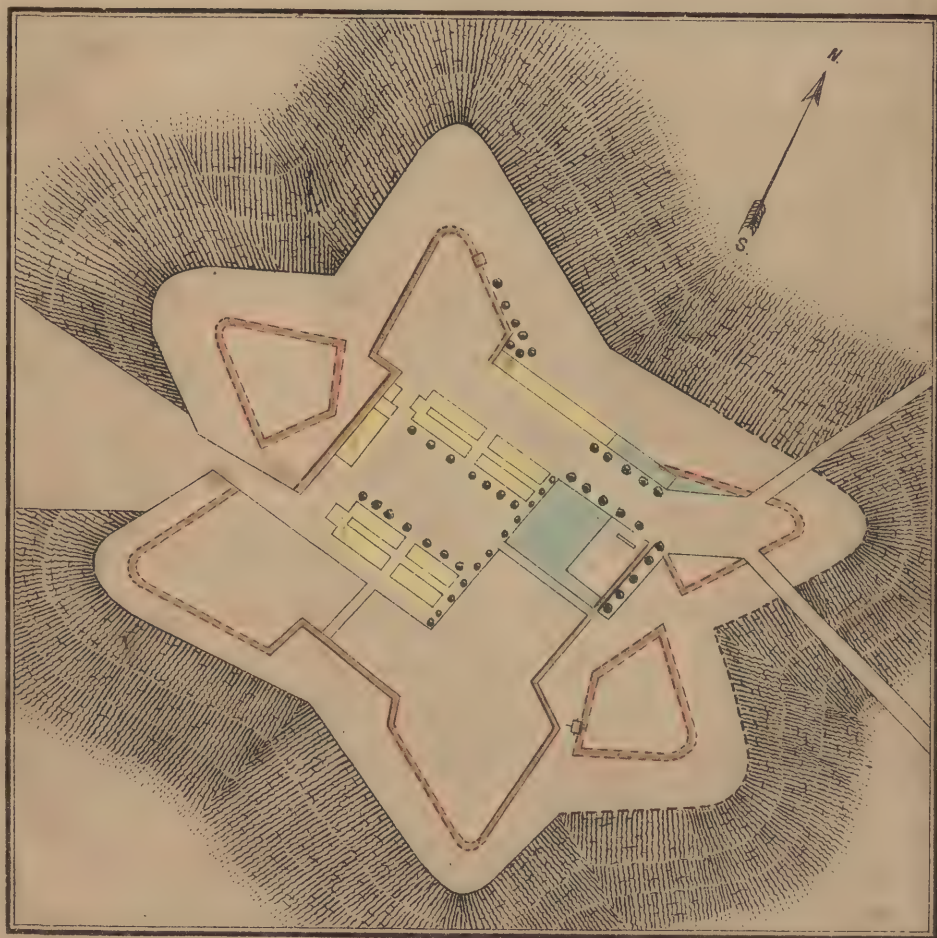
«He praça de armas com seu castello, de que é Alcayde mór Lazaro Jorge de Figueiredo Sarmento, e em logar de muralhas, que não tem, a rodeia uma estacada, que a defende, e a um lado em certa eminencia tem um forte para maior defeza».

O forte a que se refere este auctor é o de S. João de Deus, mais vulgarmente conhecido pelo «forte de cavallaria» por conter os quarteis de um regimento d'esta arma. É de traçado abaluartado como se vê pela planta, e está presentemente, quasi todo arruinado. Era, com relação ao campo entrincheirado, um posto destacado ou avançado que vigiava uma vasta area de terreno do lado occidental da cidade.

Toda esta fortificação devemos consideral-a feita em seguida á acclamação de D. João IV, com o fim de proteger a cidade durante a guerra da «acclamação».

E isso se demonstra já porque no desenho de Duarte d'Armas se não vê indicada nenhuma d'essas obras, mas tambem pela sua natureza e seu traçado, e pelas informações historicas. Pois que no *Por-*

PLANTA GERAL DO FORTE DE SÃO JOÃO DE DEUS, 1897

Escala $\frac{1}{5000}$

tugal restaurado do conde da Ericeira se lê que varios governadores da provincia de Trás-os-Montes, taes como Martim Velho da Fonseca e Rodrigo Figueiredo de Alarcão, que o foram em seguida á acclamação d'aquelle rei, mandaram «levantar trincheiras em Chaves e Bragança, nomeando-lhe capitães e pondo lhe guarnição»; obras que naturalmente se continuaram durante todo o tempo que durou esta guerra. E assim o confirma a provisão regia de 11 de maio de 1685 relativa ás freiras de Santa Clara, em que se lê «... que como era tão limitado não podiam acudir ás ruinas em que se achava o dito convento por se lhe tomar um dormitorio e muita parte da cerca para as muralhas e trincheiras no tempo da guerra com Castella, que não podiam reedificar nem levantar o côro[1]».

D'esta fortificação do tempo da arma de fogo já existem poucos indicios, e até custa a distinguir a do forte de S. João de Deus, que foi destruido, como dissemos, pelos hespanhoes em 1762.

Atalaia da Candaira

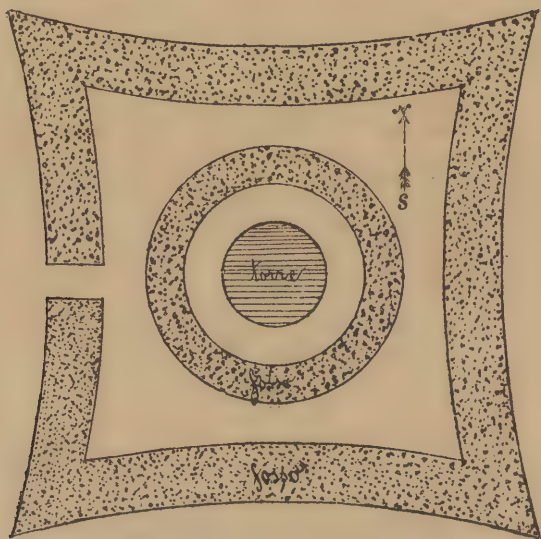
Como parte integrante das fortificações de Bragança, havia no ponto culminante da elevação da Candaira, que o Sabor em parte torneia, e a 3 kilometros a norte da torre de menagem, uma pequena fortaleza ou atalaia que pelos restos que ainda se vêem mostra que era composta de um fosso quadrangular de lados curvilineos, que tinha 144 metros de perimetro, e que envolvia outro circular, no recinto do qual se eleva uma torre, que pelos vestigios existentes, parece ter tido a fórma arredondada, e ser feita de pedra sem cimento.

Era destinada a vigiar e a observar toda a vasta area da planicie, os seus caminhos, e os que das alturas que a cercam a ella vem ter. E na verdade, quem já tivesse estado n'este ponto, devia ter notado como d'elle se descobre um horizonte admiravel, que limita a curva sinuosa das cristas das alturas, que, lá ao longe, se projectam no céu, e teria o prazer de disfructar uma paizagem bella e surprehendente ao ver tantas povoações revestidas de uma simplicidade quasi primitiva, situadas ora no meio das planuras, ora nas encostas dos montes e collinas, ora, finalmente, na concavidade dos valles; destacando-se de entre ellas, dando um notavel realce ao panorama, a cidade de Bragança, pela sua grandeza, pelo aspecto alegre que lhe imprimem as suas habitações caiadas, e, principalmente, pela sua torre

---

[1] Documento existente na camara.

de menagem, que, sobresaíndo magestosa por cima das velhas cinturas de muralhas, lhe dá uns ares de antiguidade, de soberania e de poder.

Quem quizer, portanto, fazer idéa exacta da grandeza e topographia d'este vasto trato de terreno tem que ir á Atalaia, de onde ao mesmo tempo que contempla as maravilhas e os encantos da natureza, que observa os effeitos de perspectiva provenientes da combinação de uma multiplicidade de cousas tão diversas e variadas, sente nascer e recrudescer em si o desejo de querer saber a historia das gerações que por aqui passaram, cujas cinzas estão n'esses innumeros castros, que d'ella se divisam. Resultando d'ahi gosarem-se simultaneamente dois quadros verdadeiramente interessantes e admiraveis: o do passado envolvido ainda nas trevas do desconhecido, mas cheio de lendas e de tradições, e o do presente todo alegre e cheio de vida.

Esta pequena fortaleza fazia parte de uma linha de torres em que entrava a de Rabal e outras, de que já desappareceram os vestigios, que envolvia a cidadella de Bragança, constituindo assim toda esta defensa uma especie de «campo de manobra» ou uma grande «testa de ponte», seguindo a technologia da fortificação moderna. Pois estas torres eram de ordinario, organisadas não só para alargar o campo de observação, mas tambem para offerecer a primeira resistencia ao atacante; de modo que este na sua avançada tinha que subdividir as su s forças em tantas partes quantas ellas eram, originando d'ahi o seu enfraquecimento pela quantidade de combates parciaes que era obrigado a sustentar simultaneamente.

Os restos, pois, que nós agora vemos na Candaira pertencem a uma obra destacada que protegia os «pobladores de Bregâça»; era uma das almenaras que, ao longe, vigiava pela segurança dos que habitavam dentro do recinto dos seus muros e torres, e de onde, mais de uma vez, foram chamados pelo «appellido» para repellir as azarias ou fossadeiras do inimigo, ao grito ou ao signal de alarme, então diariamente repetido de «Mouros na terra! Mouros na terra! Moradores ás armas!!»

VI

Factos militares mais notaveis succedidos em Bragança

Com o que dissemos procurámos dar uma idéa das fortificações que houve na nossa cidade de Bragança.

Em volta d'ellas deram-se combates importantes, tanto nas luctas da independencia como nas civis e de invasão.

Os seus muros assistiram a mais de um d'esses feitos em que a humanidade procura no azar da guerra o arbitro das suas contendas, e por mais de uma vez impediram o impeto de uns e cederam aos esforços de outros.

Na mudez e no silencio d'esses muros e torres ha uma longa historia a ler cheia de passagens de actos de valor e heroismo, e repassada de scenas de dor e tristeza como as que costumam ser as da humanidade quando envolvida pelas calamidades da guerra. Mais de um heroe os escalou e defendeu, e mais de um fez echoar os seus recintos com gritos de desesperação ao ver-se despenhado das suas alturas, perdida emfim a esperança de continuar a existencia!

Muitas e diversas flamulas tremularam do seu cimo, que viram passar, como encarnação de outras tantas sociedades, que vencedoras hoje, eram as vencidas de ámanhã; succedendo-se umas após outras como ondas do mar indefinido do tempo!

D'essas luctas e d'esses feitos heroicos vamos mencionar os que nas nossas investigações pudémos encontrar, e por ellas se verá que esta fortaleza é um dos baluartes que mais concorreu para o engrandecimento da nossa historia nacional.

*

Não levou a bem D. Sancho I que D. Affonso IX de Leão repudiasse sua irmã D. Thereza, accedendo ás instancias do Pontifice que assim o exigia pelo grande parentesco que havia entre ambos. Houve

guerra entre elles e um dos seus episodios foi o cêrco de Bragança em maio de 1199 que D. Sancho veiu livrar em pessoa.

*

D. Affonso IV mandou desterrar e confiscar os bens a seu irmão Affonso Sanches. Este que residia em Castella reuniu muita gente e entrou em Portugal por terras de Bragança, queimando e destruindo tudo. Esta guerra terminou a contento dos dois contendores pela intervenção da rainha Santa Izabel.

*

D. Fernando, levado da ambição de possuir Castella, deu apoio a muitos fidalgos castelhanos que se haviam revoltado contra o seu rei D. Henrique II, e lhe vieram pedir auxilio.

Entre os varios acontecimentos que se deram durante esta guerra foi o cêrco de Guimarães em 1371. Como este cêrco promettesse prolongar-se, D. Henrique levantou-o e dirigiu-se a Castella pelo norte de Trás-os-Montes, tomando a cidade de Bragança onde deixou guarnição, Vinhaes, Cedauim, Outeiro e Miranda, que tomou por estratagema «engano». «Porque, diz Duarte Nunes de Leão, fingindo certos castelhanos, em habitos desmudados, que eram almocreves portuguezes que haviam mister de comer por seu dinheiro, os da villa como mal attentados, lhes deram logar que entrassem. E entretanto tiveram logo a porta até chegarem os que detrás vinham para lhes accorrer. E d'esta maneira a ganharam».

Senhor d'estas praças, D. Henrique entrou em Castella não se importando com o «desafio» que lhe havia feito D. Fernando. A facilidade com que o rei de Castella se assenhoreou d'estas praças deu motivo a severas queixas de D. Fernando contra estes povos, e em castigo dava os seus bens «a quem lh'os pedia».

*

Ainda no reinado de D. Fernando se deu o acontecimento, por mais de uma vez referido, de se haver rebellado o conde de Gijon, que era senhor de Bragança, e este rei a haver dado a João Affonso Pimentel, senhor de Vinhaes, «para que a ganhasse e deitasse fóra d'ella as gentes que n'ella tinha o conde e que causavam

muitos damnos[1]». Pimentel assim o fez e depois de a tomar a «fortificou» e residiu n'ella.

*

Depois da morte de D. Fernando houve varios pretendentes ao throno, e entre elles D. João, mestre de Aviz, depois D. João I, e o rei de Castella.

Conhece-se da lucta que o mestre de Aviz teve de sustentar com este rei para alcançar a corôa. Muitas villas e cidades tomaram o partido de Castella, taes como Chaves e Bragança.

Submettida Chaves, o condestavel Nun'Alvares partiu para Castellões com o fim de ir tomar Bragança e seguir para o reino de Leão.

A pouca distancia d'esta praça, governada na «devoção» de Castella, por Affonso Pimentel, fez alto.

«Tocou-se, diz fr. Domingos Teixeira na sua *Vida de Nun'Alvares,* dentro a rebate, cobriu-se o muro de soldados, acudiu o povo tumultuario a olhar-nos com temor, e todos com espanto á vista das nossas armas victoriosas. O condestavel que não queria gastar tempo nem perder gente em empreza que não podia tirar honra, enviou a dizer ao governador que vinha vel-o, não a pelejar. Com este aviso mais grato aos ouvidos do inimigo, do que aos olhos nossa vista, cessou não só a perturbação e estrondo dos instrumentos marciaes, não que João Affonso Pimentel, querendo satisfazer á cortezia do condestavel com igual urbanidade, mandou abrir as portas e saíndo a recebel-o nos braços, lhe offereceu para quartel sua casa, agasalho a que se recusou, por lh'o defenderem as instrucções e o cargo.»

Não tendo o governador cedido ás seducções do condestavel este partiu em direcção á Villariça, ao encontro de D. João I, que regressava de Chaves.

Reunidas as forças que montavam a 20:000 homens, o rei passou revista ou «fez alardo[2]» a este exercito dos maiores que até então se tinham reunido em Portugal. No entanto, Affonso Pimentel receoso que tamanha hoste fosse ter com elle, e de que não fosse soccorrido pelo rei de Castella, como succedeu a Chaves, pactuou a 9 de maio de 1386 com D. João I «de estar por elle comtanto que lhe ficasse a cidade com tudo que n'ella tinha. E levantando bandeira por Portugal, se veiu por el-rei[3]».

---

[1] Vide *Chronica* de Duarte Nunes de Leão.
[2] *Vida de Nun'Alvares,* por Oliveira Martins.
[3] *Chronica* de Duarte Nunes de Leão.

Um dos acontecimentos que mais influiu no resultado d'esta guerra foi a alliança de D. João I com o duque inglez de Lencastre, ou de Alencastro, que tinha guerra com o rei de Castella por se julgar com direitos á esta corôa.

Para fazer a juncção das forças, o duque avançou para Bragança com 3:000 homens, indo esperar no Castro de Avellãs que o rei chegasse do Porto com o seu exercito, que se compunha de 9:000 combatentes.

Depois da vinda do rei e da rainha D. Filippa, filha do duque, marcharam commandando o condestavel a vanguarda para a fronteira até Babe. N'esta povoação o duque assignou, em 26 de março de 1387, «o termo de desistencia dos seus direitos eventuaes sobre Portugal». D'aqui a rainha retirou-se para Coimbra, e o exercito alliado transpoz a fronteira em Alcaniças em 2 de abril do mesmo anno [1].

*

Não durou por muitos annos a harmonia entre D. João I e João Affonso Pimentel, que como vimos continuou a ser alcaide ou governador de Bragança. Queixava-se este do rei que lhe não fazia as mercês a que tinha direito, e que não castigava o alcaide mór de Evora Martim Affonso de Mello, que havia assassinado sua filha D. Brites que tinha casado com elle por determinação sua. Estas rasões o levaram a entregar Vinhaes e Bragança a D. Henrique III de Castella, «desnaturando-se primeiro[2]». Em compensação, D. Henrique o fez senhor de Benavente, dando-lhe o titulo de conde.

Guerra da acclamação

Não coube menos gloria ao povo transmontano de haver contribuido pelas suas luctas com os hespanhoes para forçar estes a reconhecer a nossa independencia.

Logo em seguida á acclamação de el-rei D. João IV veiu governador das armas d'esta provincia Martim Velho da Fonseca, que começou a organisar as suas forças e todos os meios de resistencia, «levantando-lhe trincheiras, nomeando-lhe capitães e mettendo-lhe guarnições nos pontos principaes como Chaves, Bragança e Miranda»[3].

---

1 *Vida de Nun'Alvares*, por Oliveira Martins e fr. Teixeira.

2 *Chronica* de Duarte Nunes de Leão.

3 *Portugal restaurado*, do conde da Ericeira.

Succedeu-lhe no governo Rodrigo Figueiredo de Alarcão, que continuou a desenvolver os trabalhos do seu antecessor, mandando fazer trincheiras em Chaves e Bragança e em todos os pontos da raia em que reconheceu serem precisas.

Andava elle em Montalegre tratando da sua defesa quando recebeu ordem para entrar em Hespanha. Dividiu para esse fim a força em quatro troços; ficando com o commando de um e os outros tres entregou-os a pessoas experimentadas, sendo uma seu irmão Henrique de Figueiredo, governador de Bragança, a quem incumbiu de fazer a guerra por este lado, emquanto elle a fazia por Chaves, dirigindo-se a Monte-Rei.

Davam-se estes acontecimentos em 1641. O governador de Bragança fez a sua entrada por Calabor, que tomou, saqueou, incendiou e fez grandes presas de gado. E vendo-se ameaçado pelas numerosas forças do marquez de Alcaniças e do conde de Alva de Liste, chamou apressadamente seu irmão Rodrigo.

Tinham os dois commandantes hespanhoes sido prevenidos da passagem de um comboio em Duas Igrejas de seis peças e outras munições de guerra que de Lisboa ía para Miranda; e com o intuito de o tomarem atravessaram a raia e chegaram áquella povoação, que destruiram, não conseguindo apoderarem-se do comboio por se saber a tempo das suas intenções. Para o repellir, o governador das armas reuniu todas as forças, ordenando aos capitães móres que se encontrassem em Argozello, e ao capitão de Miranda, Pedro de Mello, que fosse para a Especiosa. Retiraram-se os hespanhoes e foram perseguidos até Brandilhães aonde foram derrotados depois de rijo combate.

Em 1643 sendo governador das armas de Trás-os-Montes o alcaide mór de Thomar, D. João de Sousa, fizeram-se por este sitio tres entradas, que vamos transcrever na integra, da *Restauração de Portugal prodigiosa*[1], para fazermos idéa do modo como ellas se faziam e para vermós o ardor patriotico do auctor d'esta obra.

«Em hum domingo nove d'agosto d'este anno de 1643 mandou ajuntar (o governador) todas as companhias, que na cidade, e seu termo avia. Expose o Sanctissimo Sacramento no Collegio da Companhia de Jesus. Cõfessaram-se, e comũgarão muitos soldados, e feita oração ao Senhor, marcharão as companhias para fora da cidade a Valdalvaro, onde ordenou que o seguissem, sem dar conta de seus

[1] Obra do dr. Gregorio de Almeida, correcta e emendada por Manuel Antonio Martins de Campos.— Lisboa, MDCCLIII.

intentos: e caminharão até Aveleda duas horas de noite, onde os soldados descansarão hum pouco. Aqui se proverão de polvora, morrão, e ballas.

«Depois de descansar por espaço de duas horas continuaram o caminho: hia diante a cavallaria com nove batedores, por causa das altas matas, e urzedas, em que podia haver alguma cilada; e nesta forma forão quatro legoas em grande silencio. Ao romper da alva chegarão a hum alto á vista do inimigo (era para a Puebla da Senabria que se dirigiam): logo se deu signal de guerra. E deixadas neste logar duas companhias de Ordenança, marcharão as mais até arrostarem com o reducto, do qual tomou logo posse a nossa cavallaria; e vendo que os inimigos lhe hião fugindo: lhe foram no alcance até huma trincheira. Poz-se fogo ao reducto, que era de madeira, e torrão, em quanto ardia caminharão com grande diligencia, e acordo para se apossarem de outro reducto posto em hum alto. Para este effeito ficou a cavalaria em o valle, para impedir, que não viesse soccorro aos inimigos. A infanteria cometeo as trincheiras por huma parte forão os capitaens Francisco de Moraes, Antonio d'Almeida, e o capitão Pacheco, chovendo sobre elles as balas dos inimigos, e caindo aos pés dos nossos, sem lhe fazerem damno algum. Chegarão; e com grande esforço entrarão a trincheira o capitão Francisco de Moraes, e sete mais dos seus; e o capitão Almeida, e Pacheco hião continuamente atirando. Foi grande mercê de Deus não matarem com as ballas muitos dos nossos, os quaes andavão já as cutiladas com os inimigos. O capitão mór Salvador de Mello da Silva pela outra parte cometeo, e entrou a trincheira e assim ás cutiladas, e lançadas foi obrigado o inimigo a se recolher na Igreja, junto da qual estava feito o reducto. Pôz os hombros á porta Francisco de Moraes, dizendo, que se entregassem, senão que os avia de queimar. E logo o Capitão Castelhano, aberta uma das portas, entregou a espada e adaga, e todos os mais se renderão a partido das vidas.

«No conflito morrerão dos Castelhanos quarenta, e dez, ou doze ficarão feridos: cativos 180. O despojo foi dos soldados. A Igreja ficou intacta: poz-se fogo ao logar todo, e ao mais, que os soldados não poderão trazer consigo. Muita mercê foi o Senhor servido fazer aos Portuguezes n'este dia, pois, se bem cansados de caminharem toda a noite, ás oito da manhã já a vitoria era sua com morte de hum nosso, e dois feridos. Logo com gentil ordem voltaram, e se recolheram á Velleda, onde jantaram, e descansaram, e dahi se tornaram para a Cidade de Bragança, aonde foram recebidos com mostra de grande aplauso e alegria.

....

«Aos oito de Outubro sahio de Bragança o Governador das armas, Dom João de Souza acompanhado de cento, e sessenta cavaleiros, e bom numero de infanteria, e mandou marchar sem se saber de certo o termo que de mandava, e para que o inimigo não tivesse nem vista dos nossos, entrou por Castella de noite, com tudo quando ao amanhecer deram sobre Rio de Maçans, hum dos melhores logares da aquella arraya, já o inimigo pela meya noite começára a despejar o milhor, ficando alguns cavaleiros, e gente, os quaes tendo vista da nossa, se sahiram a muyta pressa, dando lugar aos novos hospedes, elles lho pagaram a hospedagem com fogo, que o General mandou por ás casas, e com saco, que deram a quanto os moradores deixarão. Deste lugar se passarão os nossos a outro vizinho, com cujo despojo de alfayas, e gado em quantidade consideravel se volverão alegres e contentes á Cidade.

....

«Aos 17 do mesmo mez sahio de Bragança o General com 17 companhias entre volantes e da Ordenança, logo se ajuntarão mais outras, que inteirarão hum lustroso exercito. Começarão a marchar em muy bôa ordem, e com tanta alegria, e prazer de todos, que bem pronosticava as singulares vitorias, que os esperavão. No mesmo dia avistarão a praça de Lobião, sobre que hião, passarão a noite alojados em huma eminencia, donde se descobria a campanha. Lobião he o melhor logar de toda aquella arraya Castelhana, assas defensavel por sitio natural e arte: tinha tres ordens de trincheiras, fora cavas, e outras industrias militares. Presidiavão-no cinco companhias, as quaes sahirão a campo a esperar as nossas, com que pelejarão n'este dia com tal brio, e valor, que á primeira vista parecião todos Portuguezes: porem logo os nossos se estremarão, e avantajarão tanto, que os fizeram recolher ás trincheiras, e largalas com vergonhosa fugida; meteo-se a saco o lugar, e pozse-lhe o fogo com tão espantoso incendio, e fumaça, que de muito longe se deixava bem ver. Na volta que os nossos fizerão, levarão a cinco lugares pela sorte do mal afortunado Lobião».

Em 1646 o governador da provincia Rodrigo Figueiredo de Alarcão teve que repellir a entrada que o mestre de campo, D. Francisco de Castro e o corregedor da Puebla da Senabria, D. Francisco Geraldes fizeram por Outeiro, que destruiram, bem como as povoações de Paçó e Riofrio; dirigindo-se em seguida para Bragança, tentando passar o rio Sabor na ponte de Parada e no Porto das Areias, o que não conseguiram.

Acampava o inimigo a 2 leguas de Bragança, e inquieto estava Rodrigo Figueiredo pela sua approximação e muito mais pelo

diminuto numero de forças de que dispunha para o repellir. Só a surpreza reunida á audacia o podia salvar, e foi este o plano que adoptou, e em que fundou as suas esperanças. Dispunha de forças intrepidas e valorosas e de chefes experimentados e aguerridos, sendo um o francez Achin de Tamaricurt, commissario geral e o outro Manuel de Miranda Henriques. Chamou-os, expoz-lhe o seu plano e encarregou-os de levar a cabo esta empreza mostrando-lhes os perigos do insuccesso. Marcharam; a noite pela sua escuridão favorecia-os; e foram-se estabelecer nas proximidades do acampamento esperando que as horas da manhã fizessem adormecer os vigias.

Era quasi ao romper da alva. De longe mal distinguiam já os clarões das fogueiras do acampamento, signal de que todo elle estava mergulhado no mais profundo silencio. Tamaricurt e Miranda Henriques animam os seus soldados e mostram-lhe que o seu logar de honra estava em morrer ou derrotar o inimigo. Partem á desfilada como quem sabe que no impeto estava o bom exito do successo. Derrubam e matam as primeiras sentinellas, e invadem todo o acampamento produzindo a maior confusão; matam o mestre de campo e põem todo o inimigo em debandada pagando assim todo o exercito a pouca vigilancia das suas avançadas.

Á luz da manhã os hespanhoes vendo os destroços da surpreza, retiraram-se desmoralisados e seguiram o caminho da fronteira perseguidos pelo governador Rodrigo Figueiredo, que enthusiasmado pelo bom resultado do seu plano, marchou em cima d'elles, para lhes não dar tregua nem descanso, obrigando-os a levantar o cêrco que tinham posto a Miranda.

*

Em 1710 o duque de Hijar poz cêrco a Bragança durante onze dias, sendo repellido pelo alcaide mór, Lazaro Jorge de Figueiredo Sarmento, obrigando o inimigo a levantal-o depois de ver que eram infructiferos todos os esforços [1].

*

Apesar de Portugal não secundar os planos de Pitt, inimigo da alliança franco-hespanhola, por motivo dos tratados que tinham com a Inglaterra, a Hespanha, conforme o que se estipulára no chamado «pacto de familia», invadiu o nosso reino, fazendo em 1762 um forte reconhecimento em Trás-os-Montes. O coronel O'Reilly, ás ordens do

---

[1] Documento existente na camara.

marquez de Sarria, marchou com 1:800 homens sobre Miranda do Douro, que depois de resistir por tres mezes, foi destruida por um incendio. Em seguida tomou Moncorvo, e Bragança abriu-lhe as portas depois de ser destruido o forte de S. João de Deus, como n'outra parte já se disse.

*

Era governador militar de Bragança, Manuel Jorge Gomes de Sepulveda, quando no dia 12 de junho de 1808, seguindo o exemplo do Porto, levantou o grito contra os francezes, acclamou o principe regente e chamou ás armas os transmontanos. Poz-se em communicação com os generaes hespanhoes da fronteira, empregando todos os esforços para expulsar o inimigo peninsular commandado pelo general Junot.

*

Estava ainda reservada aos transmontanos a gloria de serem os primeiros a apoderarem-se do tropheu que para os francezes symbolisava a segurança da victoria. Pois que na expedição que fizeram á Puebla da Senabria em 1810 tomaram a «aguia» do batalhão suisso, que foi a «primeira que, como librando altiva sobre a raia do nosso Portugal, tocada pelas balas dos soldados da Peninsula, em precipitada quéda adejando afflicta, veiu ao solo e foi segura por mão porgueza».[1]

Eis a noticia que dá d'esta expedição a *Gazeta de Lisboa* nos seus n.os 204 e 205 de 25 e 27 de agosto de 1810 que trazem a parte que d'ella deu o marechal de campo, Francisco da Silveira Pinto da Fonseca ao marechal de Beresford, que é a seguinte:

«No dia 29 de julho, ás seis horas da tarde, tive em Bragança a noticia de que ás onze horas da manhã tinham entrado os inimigos na «Puebla de Sanabria»; tendo sido uma hora antes evacuada pelas tropas «hespanholas» que a guarneciam, commandadas pelo general «D. Francisco Taboada Gil», com o qual eu tinha ajustado de assim o fazer; sendo atacado em força superior.

«Ás sete horas da tarde do mesmo dia fiz saír um esquadrão de cavallaria d'esta praça, a fim de fazer um reconhecimento; com o qual foi o coronel «Wilson»: á meia noite do mesmo dia saí eu com uma brigada de milicias pelo caminho da «Avelleda» seguindo a mesma marcha do esquadrão.

---

[1] *Excerptos historicos*, de Claudio Chaby, t. i, pag. 153.

«No dia 30 de manhã se approximou o coronel Wilson da Puebla de Sanabria e reconheceu que a força que existia dentro da praça era pequena; porque já parte da que tinha baixado sobre ella, se tinha retirado para «Momboy»: e não tendo noticia para onde se tinha retirado a tropa «hespanhola», me veiu dar parte, e nos recolhemos n'esse dia para esta praça, deixando partidas sobre o caminho, que da «Puebla» se dirige a ella.

«No dia 31 tive noticia que o general «Taboada» se tinha retirado sobre as «Portillas de Galliza», aonde existia com parte da sua tropa.

«No dia 1.º de agosto participei áquelle general, que no dia 2 marchava sobre a «Puebla da Sanabria»: que quizesse baixar com a sua tropa, ao que elle assentiu; pois taes eram as suas idéas. No dia 2 ás cinco horas da tarde fiz marchar um esquadrão para o povo de «França«, e que descansando ahi algum tempo, se dirigisse de noite para «Pedralva», onde receberia as minhas ordens; e que a 2.ª brigada de milicias seguisse o mesmo caminho, que o 4.º esquadrão, e a 1.ª brigada fossem descansar ao povo de «Varga», e que ao amanhecer estivessem no de «Lobeissos» adiante de «Pedralva», aonde receberiam as minhas ordens. Eu me dirigi a Pedralva aonde pouco depois chegou o 1.º esquadrão, que n'aquella mesma noite mandei postar adiante de «Lobeissos». Pouco tempo depois veiu ter commigo, mandado pelo general «Taboada», um seu ajudante, e o coronel de «Benaventi», dando-me parte de ter chegado o mesmo general com 800 a 1:000 homens de infanteria e que pensavam que o inimigo estava em força em «Momboy»: conviemos em que ao amanhecer do dia 3 nos adiantassemos sobre a «Puebla» da Sanabria», fazendo a minha esquerda a tropa hespanhola. No dia 3 ao amanhecer estavamos immediatos a «Puebla» e então se veiu unir commigo o general «Taboada»; immediatamente mandei entrar alguns caçadores no forte em frente da «Puebla», que estava evacuado, de onde principiaram a fazer fogo de mosquetaria sobre a praça, a que esta respondeu com fogo de mosquetaria, e artilheria; mandei passar a cavallaria a outra parte do rio «Fera» e que postasse avançadas sobre o caminho, que se dirige a «Momboy»: no mesmo instante entraram tropas hespanholas e portuguezas dentro da praça ao primeiro recinto, debaixo do fogo inimigo o qual se recolheu ao segundo recinto, e castello. Todo o dia se passou em se fazer fogo de parte a parte; mandei um parlamentario á praça, intimando ao governador que se rendesse, ao que respondeu que tinha gente e munições para se defender até á ultima extremidade, e que esperava muito cedo ser soccorrido por tropas do marechal «Massena.»

«No dia 4 ás dez horas da manhã, foi a avançada de cavallaria atacada por um esquadrão de cavallaria inimiga da força de 65 a 70

cavallos. O esquadrão que commandava o capitão «Teixeira», seria de igual numero; mas tinha-se-lhe unido uma partida do 4.º esquadrão, que commandava o alferes «Manuel Gonçalves de Miranda»; o resultado d'esta acção o mostra a copia n.º 1, que é a parte que me deu o mencionado capitão «Teixeira»; n.º 2 perda que tivemos n'ella; n.º 3 a perda que teve o inimigo. Continuou-se em todo o dia o fogo sobre a praça, e se tomou uma casa pegada ás portas, de onde se intentou abrir uma passagem para a praça; mas o inimigo a pôde abater, sendo morto um soldado do regimento de «Villa Real». As portas da praça foram queimadas; mas o inimigo as tinha por dentro tapado de pedras fortemente.

«No dia 5 estabelecemos uma bateria de onde lhe demos alguns tiros com uma peça de 3 e um obuz; mas este se impossibilitou aos primeiros tiros. No dia 6 tinha mandado ir de Bragança uma peça de calibre 6; mas por ser de ferro, e arruinada, pouco effeito fazia. Ás nove horas da manhã me deu parte a avançada, com a qual se tinham já unido 100 homens de infanteria hespanhola commandados por «D. João de Ugartemendia», e trinta e tantos cavallos de uma guerrilha commandada por «D. João de Agirre», que o inimigo se adiantava em força: mandei que a cavallaria se postasse atrás do povo de «Oiteiro», e eu metti em batalha a mais tropa sobre o «rio Fera», e fiz adiantar pela minha direita um corpo de caçadores do monte a uma imminencia da direita do rio. A tropa hespanhola vigiava sobre a praça, e o resto postada sobre o meu flanco esquerdo. O inimigo vinha na força de 400 cavallos, e de 3 a 3:500 infantes: fez alto immediatamente ao povo do «Outeiro», menos de um tiro de bala da nossa avançada; logo que o general «Serras» reconheceu a nossa tropa, se poz em retirada para «Momboy» o que fez precipitadamente. A nossa vanguarda tornou a adiantar-se adiante de «Outeiro» e as suas avançadas ao pé de Asturianos á vista das do inimigo, que n'essa noite se retirou para diante de «Momboy».

«No dia 7 continuou a fazer fogo sobre a praça a que esta respondia com bastante de mosquetaria, e poucos tiros de peça. No dia 8 chegou uma peça de 12, que mandei ir de Bragança, que principiou a fazer fogo; mas por ser de ferro e arruinada pouco effeito causou. Tive noticia que o general «Serras» tinha sido reforçado com dois batalhões «italianos», vindos de «Benavente», «Leão» e «Astorga», e com 600 cavallos, que no dia 5 tinham passado em «Zamora.»

«No dia 9 arrebentou uma mina que se tinha feito junto ás portas da praça, mas com muito pequeno effeito; pois botou a baixo só a face da cortina, depois d'isto o general «Taboada» fez uma intimação á praça, e o governador pediu uma conferencia, que se fez com elle no

arrabalde da mesma praça n'aquella noite, e para responder ás ultimas proposições pediu uma hora de tempo, que se lhe concedeu, findo o qual deu a sua resposta; e afinal se concluiu a capitulação á uma hora da noite, conforme a copia do n.º 4; a relação n.º 5 mostra a perda que tivemos até áquelle dia de mortos e feridos, e a n.º 6, é a que tiveram os inimigos de mortos e feridos dentro na praça.

«Na manhã do dia 10 saíu a guarnição «franceza», e depoz as armas na explanada defronte da nossa tropa; 417 homens perderam os inimigos na «Puebla de Sanabria» entre mortos, prisioneiros, e alguns que passaram para o nosso exercito no tempo do assedio; perderam 60 dragões e igual numero de cavallos, contando os mortos e prisioneiros, como mostra a relação n.º 3. Todas as armas as poucas munições que tinham, e uma aguia, estandarte do batalhão. A «Puebla de Sanabria» estava guarnecida com nove peças de bronze de grande calibre. Nada quiz do tomado na dita praça; tudo cedi em favor da tropa hespanhola, á excepção da aguia, por pensar que esta seria a vontade do ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. marechal «Beresford.»

«O valor, sangue frio, zêlo, e actividade que em toda esta expedição mostrou o general «D. Francisco Taboada Gil», me serviu de exemplo; igualmente o seu estado maior, e o coronel de «Benavente»; os mais officiaes que vi e a tropa me mostraram o zelo, com que se empregam na causa commum. Toda a cavallaria e tropa de milicias se portou muito bem; entre estes tiveram occasião de se distinguir na cavallaria o capitão «Francisco Teixeira Lobo», os alferes «Manuel Gonçalves de Miranda», «Alvaro de Moraes Soares», que servia de ajudante, «Manuel Machado Falcão», que ficou levemente ferido, e «Antonio Caetano Pavão»; distinguindo-se muito o sargento da 5.ª companhia «Domingos José», e o da 1.ª «Manuel Borges», e o soldado da 8.ª companhia «Manuel Antonio Marcelino», que me seguram matara cinco francezes. Nas milicias teve occasião de se distinguir o major de «Villa Real» «Antonio da Motta», que foi dos primeiros que entrou na praça na frente de duas companhias do seu regimento mostrando muito valor; pelo que o recommendo a v. ex.ª como dignos de recompensa. O meu estado maior, e officiaes a elle unidos me satisfizeram, cumprindo com os seus deveres. Logo depois da saída dos prisioneiros da praça, dei ordem á minha vanguarda se retirasse, o que ella principiou a executar a tempo que o general «Serras» nos vinha atacar na força de 700 a 800 cavallos, e de 4 a 5:000 infantes e duas peças de artilheria, conforme as partes que na noite antecedente me tinham dado; n'este tempo chegou á Lamego o coronel «Wilson», a quem encarreguei a retirada da cavallaria sobre o caminho da «Campissa», e eu me retirei com a infanteria sobre as alturas

de «Callabor», com a intenção de ahi esperar o inimigo se me seguisse, por ser terreno aonde a cavallaria era quasi inutil. O general «Taboada» com a tropa «hespanhola» se retirava para as «Portillas;» o inimigo nos seguiu em grande força de cavallaria até «Pedralva», e d'ahi se adiantou um piquete de 50 cavallos sobre a estrada da «Campissa», a alguns caçadores sobre a retaguarda da infanteria. Verificou-se a nossa retirada sem nenhuma perda de bagagens, munições ou homens, mais do que dois soldados de cavallaria, que ficaram extraviados, foram mortos pelo inimigo, o qual immediatamente se retirou sobre a «Puebla de Sanabria», e seguidamente sobre «Momboy.» Tal foi o detalhe da operação sobre a «Puebla de Sanabria,» á excepção de pequenos acontecimentos, e das operações da tropa hespanhola, que portando-se muito bem no todo, só podem ser annunciados em detalhe pelo general «Taboada», que a commandava e fazia obrar. Espero merecer a approvação do ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. marechal «Beresford»; pois os meus fins forão sempre não ser batido por força superior, e pouco a pouco costumar ao fogo as tropas que tenho a honra de commandar, e que são poucas as que tem entrado n'elle.— Quartel general em Bragança, 14 de agosto de 1810. = *Francisco da Silveira Pinto da Fonseca.*»

No numero 205 d'este jornal se encontra o seguinte officio:

«Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Tendo noticia ás oito horas da manhã do dia de hoje, que um corpo de cavallaria inimigo se approximava, naturalmente com o designio de me surprehender, ou atacar; vendo a disposição dos meus officiaes e soldados resolvi-me a prevenil-o eu mesmo, marchando com o meu esquadrão pela estrada real que se dirige a «Momboy;» e ordenando ao alferes «Manuel Gonçalves de Miranda», marchasse pela direita torneando uns tapados, e atacasse o inimigo pela retaguarda. Encontrei o inimigo pouco adiante de «Outeiro» junto a um prado, que fica á direita da estrada, e sem perder tempo me arrojei sobre elle com a espada na mão, ao mesmo tempo que o alferes «Miranda», lhe cáe sobre a retaguarda: o inimigo carregado com tanto vigor desconcerta-se, perde a ordem em que vinha, e toda a acção se torna em uma escaramuça individual, que se decidiu em um momento toda a nosso favor. O inimigo vendo o vigor com que era atacado, quer fugir, mas já era tarde, e ou mortos ou prisioneiros todos ficaram no campo, á excepção do commandante e cinco ou seis soldados, que cuidando logo em salvar-se puderam escapar-se. Não posso assaz encarecer o valor dos officiaes e soldados n'esta acção, todos se comportaram de um modo que não é facil distinguil-os, sem embargo o meu dever, e a minha honra me obrigam a

fazer especial menção do alferes «Manuel Gonçalves de Miranda», que com 30 cavallos do 4.º esquadrão, com que se me tinha unido, se arrojou vigorosamente sobre o inimigo; do alferes «Alvaro de Moraes» que servia de ajudante, e dos alferes «Antonio Caetano Pavão» e «Manuel Machado Talião», que combateram valorosamente, ficando este levemente ferido em uma mão. Entre os officiaes inferiores, o sargento «Domingos» da 5.ª companhia, e «Manuel Borges» da 1.ª, mereceram grande louvor, assim como alguns soldados que mostraram o mais extraordinario valor, de que darei parte a v. ex.ª

«O inimigo vinha atacar-me com um pequeno esquadrão de 70 cavallos: ficaram mortos no campo 2 officiaes e 28 soldados, e vão apparecendo mais por entre as searas: tomaram-se 40 cavallos, alguns bastante feridos, e 30 prisioneiros que remetto a v. ex.ª Da nossa parte não houve senão um alferes e um soldado feridos. Esta acção em que tambem tiveram parte dois filhos meus, em que não fallo por serem filhos, deve dar ao inimigo uma boa idéa dos nossos soldados.

«Deus guarde a v. ex.ª Outeiro, 4 de agosto de 1810.—Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. Francisco da Silveira Pinto da Fonseca.=*Francisco Teixeira Lobo,* capitão.»

Reparavel é o facto de que tendo os francezes estado na Puebla de Sanabria e passado por terras de Miranda e outros pontos proximos de Bragança não tivessem nunca entrado n'esta cidade que pela sua maior importancia lhes devia chamar a attenção. Indagando a sua razão averiguei que era tradição constante e sabida que elle se devia á protecção generosa de um filho de Bragança, conhecido pelo Rabbas (que tem ainda parentes em Bragança e que na França os seus descendentes são titulares conhecidos pelos barões de Pereira), que não querendo cumprir um castigo, que lhe impoz a inquisição, se expatriou, indo para Bordéus, aonde a fortuna lhe sorriu de tal modo que, passados annos, foi residir para Paris como opulento banqueiro; e ao emprestar os seus milhões a Napoleão para a guerra Peninsular lhe solicitou a graça de poupar a sua terra natal aos horrores de uma invasão. Procedimento este tão nobre que não póde passar esquecido, e só digno de uma grande alma que, na opulencia, nunca esqueceu o solo que o viu nascer, e cuja imagem tinha sempre presente que lhe estava avivando as saudades da patria e dos entes queridos que n'ella tinha deixado.

É uma bella acção civica!

*

Em 1826 o general Silveira, então marquez de Chaves, estrenuo defensor da causa de D. Miguel, entrou em Bragança que poz a sa-

que durante tres dias; sendo esta uma data de dolorosa recordação para os brigantinos pelos actos deshumanos que então se praticaram.

Foi na manhã do dia 23 de novembro que o inimigo, vindo de Hespanha, se apresentou em frente da cidade defendida por um pequeno esquadrão de cavallaria n.º 12 e pelos regimentos de infanteria n.ºs 3 e 21.

Era commandante militar o coronel José Lucio Travassos Valdez, depois conde do Bomfim, que não podendo acceitar o combate extramuros por o inimigo ser maior em força se recolheu á cidadella aonde resistiu até dia 26, que se rendeu por falta de viveres e munições.

VII

Da indole guerreira dos transmontanos

A dança dos paulitos — Typo mirandez — Miranda archeologica

Ao vermos essas ruinas da nossa fortaleza e de outros castellos que ha n'esta provincia não podemos deixar de nos transportar á epocha em que foram construidos, que a avaliar por ellas o seu viver não consistia em mais do que n'uma lucta constante em que o homem poderia deixar de saber tudo menos o uso das armas. A guerra era o seu modo de viver, e mal iria para a cidade, villa ou povoado, que não tivesse uma muralha, um castello, uma simples torre ou atalaya, que a não puzésse ao abrigo das correrias ou incursões de seus vizinhos, instigados ou pelo odio da raça ou de religião, ou finalmente pela rivalidade dos senhores que as governavam.

Fazem-nos recordar a idade da cavallaria, que é no dizer de Ampère o romance do feudalismo, mas o romance historico, que surgiu d'estas luctas, e que preparou o espirito das gerações posteriores, que não tendo já em volta de si campo onde exercer a sua actividade guerreira, foram procural-o alem mar nas descobertas e conquistas.

Os escriptores fallando da gente d'esta provincia dizem que ella é pela maior parte robusta e corpulenta; as pessoas nobres muito honradas, valentes e dotadas de grande brio e primor; eram aptos para a guerra e com muitos exercicios da brida e da gineta, em que faziam sumptuosas festas. São muito devotos e conservam as amizades, sendo com os estranhos attenciosos.

As mulheres nobres teem grande recolhimento; e as outras ajudam a cultivar as terras a seus maridos, trabalhando ás vezes mais do que elles.

Ao espirito guerreiro dos transmontanos allude o poeta hespanhol nas duas seguintes oitavas [1]:

Es Tras los Montes la porcion segunda
De heroicas poblaciones adornada
Donde Miranda Episcopal se funda
Sobre peñascos bien encastillada,
Del Rey Brigo Bragança hija segunda,
De la Inés bella, como desdichada,
Tálamo, en llano delicioso brilla
De esclarecídos Duques alta silla.

Entre otras villas sale floreciente
La Torre de Moncorvo; la apacible
Villa Flor, Mirandella com gran puente
Bélica Chaves, Villa Real plausible,
Freixo de Espada á Cinta, mui valiente,
Alfándega da Fé apetecible,
Mascareñas en frutos deliciosa
Fertil Chacim y en trato generosa.

Devemos considerar como restos d'essas festas guerreiras feitas pelos brigantinos, a ida todos os annos, no dia 23 de abril, de S. Jorge a Villa Nova, suburbios da cidade. A confraria da nobre cavallaria de S. Thiago era outra festa guerreira instituida em Bragança pelo seu primeiro Duque.

Mas se olharmos para o passado e tivermos em consideração os costumes dos «primevos» povos que se dizem que habitaram estas região, talvez possamos ainda hoje vêr na dança mirandeza «dos paulitos» a tradição guerreira d'essas raças para quem o viver era uma lucta continua.

Talvez n'essa dança haja o quer que seja de originario dos Vasseos que como vimos viveram proximo d'estes sitios e conservaram por mais tempo os usos primitivos. Assimilha-se á dança pyrrica, em que se simulava o combate e as evoluções da phalange macedonica. É executada ao som da gaita de folles e do tamboril, e as «figuras» cantam uma canção guerreira. Os seus «laços e passos» constam dos «cumprimentos» no começo da dança, da dissimulação de combates, da passagem de obstaculos, e do escalonamento de torres e muros.

O mirandez fórma um typo caracterisco dos habitantes do districto de Bragança. Em geral é baixo, bem construido, cabeça regular,

---

[1] Vide *Mappa de Portugal antigo e moderno*, de J. B. de Castro, t. I, vol. I, 3.ª ed.

de fronte e cara larga, tendendo para a fórma arredondada; olhos azul pardo, bôcca regular e labios delgados; nariz regular e afilado, cabello liso de côr castanho claro ou preto. Em geral não usa barba nem bigode e veste calção de alçapão, meia e uma vestia curta, trazendo na cabeça uma gorra de burel. O calçado não tem nada de original.

Distingue-se pelos seus costumes e trato simples, pela agudeza do seu espirito e muito principalmente pelo seu vestuario e modos de fallar. A capa de honras e o dialecto mirandez são cousas demasiadamente conhecidas, que bem distinguem e separam este povo dos restantes não só do reino mas até da Peninsula.

Tal é o habitante das «terras mirandezas» cuja cabeça é essa triste e desolada cidade de Miranda do Douro, que vive mergulhada no mais profundo silencio historico na margem direita d'este rio, no extremo nordeste da antiga provincia transmontana. A epocha actual esqueceu por completo um dos mais fortes baluartes fronteiriços que durante a idade media, e já nas epochas da nossa historia moderna, serviu de barreira ás incursões dos povos vizinhos. Esqueceu esse marco milliario, que tem visto passar tantas gerações, quer nos tempos em que o seu solo foi habitado por uma d'essas tribus guerreiras, cujos vestigios chegaram até hoje, quer na sua celebre dança chamada dos «paulitos», e nos machados e martellos de pedra e n'outros do periodo pre-romano, que ainda por aquelles logares abundam, quer no dominio do povo rei.

O territorio mirandez é uma mina de grande merecimento archeologico, que ainda está por acabar de explorar, tanto na parte dos monumentos e outros vestigios historicos, como no que diz respeito á linguagem, usos e costumes. A cada passo se encontra uma povoação morta, um fragmento de uma civilisação que passou, uma recordação, um signal, um indicio de um povo que para nós ainda não é conhecido, que se sumiu nas trevas do esquecimento, arrastando comsigo as suas tradições e as suas glorias. É uma vasta necropole de que fazem parte os castros de Duas Igrejas, S. Martinho, Angueira, Picotte, Aldeia Nova e muitos outros, que está para ali abandonada á espera que os obreiros da civilisação vão decifrar esses caracteres que traduzem a alma, o sentimento, a vida dos que ergueram esses monumentos para a eternidade!

Assim se induz das informações e dos objectos existentes no nosso museu. Foi sempre a nossa cidade de Miranda cabeça d'esse territorio em volta da qual se passaram verdadeiras scenas heroicas.

Essa fortaleza desmantelada, prestes a desapparecer, foi, ainda não ha muito, uma valorosa couraça aonde se vieram quebrar os im-

petos das aguerridas hostes castelhanas. Do seu cimo, por mais de uma vez o troar da artilheria deu o grito de alarme de que a patria estava em perigo, que o Douro levava ao coração do paiz chamando ás armas todos os seus defensores.

Nas suas ruinas, nos seus destroços, ao revolvermos cada pedra, lá vamos encontrar a ossada de um heroe que, impavido qual outro espartano, ficou sepultado no desmoronamento da sua torre de menagem, produzido por uma explosão em 1762.

E assim caíu esta secular sentinella da fronteira, que D. Diniz havia mandado erguer, e que tinha uma existencia de mais de quatro seculos.

Caíu como um gigante e como um heroe: abalada pelo raio da guerra, e abraçada á bandeira das quinas, que sempre defendeu.

Miranda é uma grandeza caída, e do seu poderio restam-lhe hoje ruinas, cinzas, o esquecimento...

Se não fosse esse monumento grandioso que serviu de Sé ao bispado que a vontade de D. Catharina creou em 1545, e que é tido como um dos edificios religiosos mais notaveis do reino, e a protecção official tornando-a séde de um concelho e de uma comarca, ella já teria deixado de existir, porque a sua importancia, que era militar, perdeu-a desde o dia em que derruiu a sua torre de menagem.

Mas embora um dia a sua adversidade a leve ao desapparecimento de povo geographico; embora venha a tornar-se, como o territorio que a rodeia, um verdadeiro cemiterio ou um campo habitado pelas feras e pelas aguias ou revolvido pelo arado: o seu nome brilhará nas paginas da nossa historia, recordando feitos verdadeiramente gloriosos!

E ao passar por este local o viandante, dominado pela lembrança de uma grandeza extincta, exclamará: «Aqui jaz quem morreu pela patria!».

A geração actual não póde desamparar quem tem tão grandes tradições; e por isso a benemerita e patriotica commissão dos monumentos nacionaes deve, sem demora, declarar nacional o edificio da Sé para ser reparado, conservado, e salvo como merece.

VIII

Da guarnição de Bragança

A noticia mais antiga que sobre o aquartelamento das tropas em Bragança encontrámos, foi a carta feita por el-rei em 16 de outubro de 1719, dirigida ao conde de Alvor, em que lhe diz:

«Se os moradores da cidade de Bragança se quizerem livrar do encargo de dar alojamento em suas casas devem dar os quarteis que nas primeiras guerras antecedentes mandaram fazer á sua custa para se aquartelarem as tropas de que tanto que se fez a paz da dita primeira guerra fizeram doação a uma confraria das almas; estes quarteis ou outros devem andar preparados e conservados á sua custa[1].»

No rol já referido de Santa Maria, de 1737, encontra-se que havia n'esse anno em Bragança, na area d'esta freguezia, a seguinte guarnição: companhia de granadeiros do 1.º batalhão com 29 homens, companhia do brigadeiro Domingos Teixeira de Andrade com 41, companhia do tenente coronel com 50, companhia do sargento mór com 51, companhia de João Ribeiro com 58, companhia de Manuel de Moraes com 48, companhia do capitão Antonio Nogueira com 58, e companhia do capitão de cavallos Francisco Leite Correia com 48. Perfazendo ao todo 380 homens.

Era alcaide mór Antonio Gomes Mena, e governador Manuel Homem, que viviam dentro dos muros da villa, bem como os capitães Antonio Nogueiro, João Ribeiro, Gonçalo de Sá, e o tenente de cavallos Sebastião de Figueiredo.

O brigadeiro Domingos Teixeira de Andrade morava na Costa Grande, provavelmente na casa que é hoje do cirurgião de divisão dr. Annibal, pois as armas que tem são dos Teixeiras.

É curioso que entre os seus creados e servos, que o rol enumera, apparecem um pagem, tres escravas e quatro escravos.

*

D. José I em 7 de janeiro de 1772 ordenou a Francisco de Barros de Moraes Araujo Teixeira Homem, coronel em chefe do 2.º regimento de infanteria de Bragança, de guarnição na cidade de Miranda, para poder ter açougue seu particular em qualquer parte que estiver de guarnição. Este regimento encontrava-se já em Bragança em 1773[2].

*

Fizeram tambem a guarnição d'esta cidade o regimento de cavallaria n.º 12, que teve o seu quartel aonde é hoje o theatro e a

---

[1] Documento existente na camara.
[2] Idem.

associação artistica, e o regimento de infanteria n.º 24, que ainda cá existia em 1826.

*

Actualmente estão aquartelados n'esta cidade os regimentos de cavallaria n.º 7 e o de caçadores n.º 3. Este regimento tem a sua séde em Bragança desde 1839. Ao seu 2.º batalhão pertenceu em 1895 expedicionar para a Africa oriental a fazer a guerra contra o regulo Gungunhana; e a fortuna que nunca abandonou nos differentes combates este regimento, acompanhou-o mais esta vez nas paragens de alem mar, fazendo com que este batalhão, depois do combate de Coolella e entrada de Manjacaze, regressasse coberto de gloria, honrando a patria e os seus.

FIM

SUMMARIO

SEPARATA DO BOLETIM
DA
Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes
Quarta série, Tomo XI, n.os 3 a 8

MONUMENTOS EGYPCIOS

NOTICIA SOBRE A SUA CONSERVAÇÃO

POR

João Verissimo Mendes Guerreiro

Engenheiro Inspector geral das obras publicas,
socio honorario da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

(TEXTO)

Proprietaria e editora, a Real Associação

LISBOA
Typ. da Casa da Moeda e Papel Sellado
1909

SEPARATA DO BOLETIM

DA

Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

Quarta série, Tomo XI, n.os 3 a 8

MONUMENTOS EGYPCIOS

NOTICIA SOBRE A SUA CONSERVAÇÃO

POR

João Verissimo Mendes Guerreiro

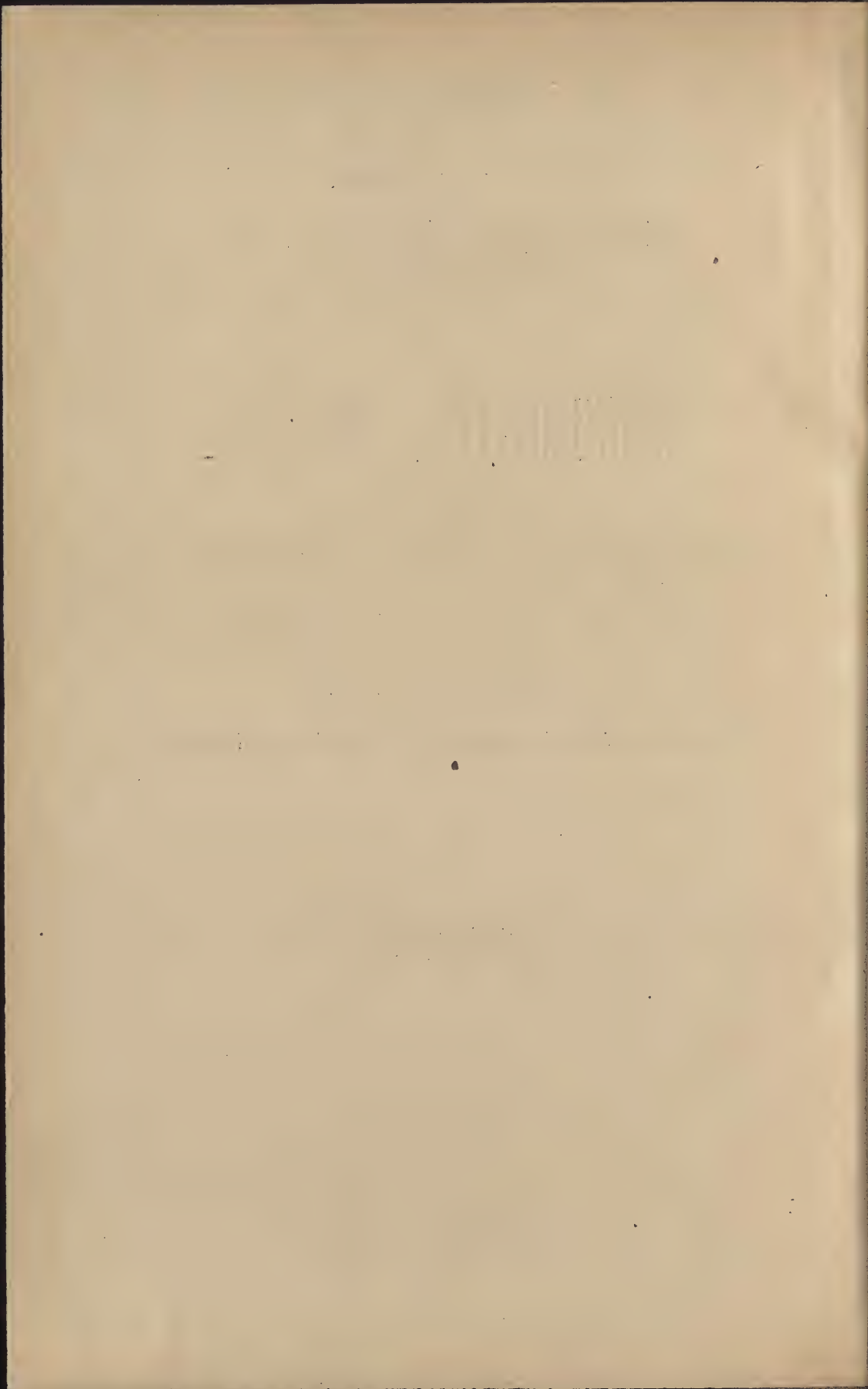
Engenheiro Inspector geral das obras publicas,

socio honorario da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

Proprietaria e editora, a Real Associação

LISBOA

Typ. da Casa da Moeda e Papel Sellado

1909

Noticia sobre a conservação dos monumentos egypcios

dada em sessão d'assembleia geral de 6 de junho de 1900

Senhor Presidente e meus senhores.—Primeiro que tudo agradeço a vossa excellencia o amavel convite para vir ao seio da nossa Associação, contar em agradavel convivio e sem a menor pretensão, quaes as impressões que recebi ao contemplar os grandes edificios egypcios, e descrever-lhes as medidas que se tomaram pela administração superior daquelle paiz para os conservar da degradação do tempo, que é constante, e preservar das delapidações dos homens, que foram as que mais os damnificaram.

Antes, porém, não posso deixar de explicar por que trouxe estes mappas, livros, estampas e photographias.

A grande carta chorographica do Baixo Egypto foi-me offerecida pelo Sr. Bouteron, presidente da commissão administradora das propriedades do Estado egypcio, e como não chegava até o alto Egypto e a Nubia, onde estão situados os monumentos mais notaveis, pedi aos Srs. Engenheiros Conceição Parreira e D. Vasco da Camara que ampliassem as cartas do Baedecker cinco vezes, e daqui resultou esta especie de papagaio do ar, em que a parte clara é a facha culturavel, que orla o Nilo, que lhe dá vida com a sua agua fertilisante.

E é ella tão pequena, que o Egypto com os desertos Lybico e Arabico, que lhe pertencem, tem 1 milhão de kilometros quadrados, emquanto que a parte cultivavel tem apenas 29:117 kilometros quadrados, que ainda hoje alimenta 10 milhões d'habitantes, e outróra muitos

mais, sem que se possa dizer de memoria d'homem de 80 seculos passados, que a sua feracidade tenha diminuido sensivelmente, tendo em conta a media dos periodos das vaccas gordas e das magras.

Os nateiros do Nilo supprem toda a exhaustão d'uma cultura intensiva tão remota.

Tendo presente este mappa (1) saberemos por onde marchamos, e onde demoram os sitios que produziram o *lotus*, o *papyrus* e a *euphorbia*, plantas que inspiraram a forma das columnas e da ornamentação mais monumentaes do mundo, como veremos nestes 12 volumes de desenhos, de que 6 são exclusivamente dos antigos monumentos, estudados pelos artistas e sabios que em 1798 acompanharam o general Bonaparte, e montados em burros o seguiam mettendo-se na batalha das Pyramides no meio dos quadrados, para continuarem immediatamente para a ilha de Philea com os generaes Desaix e Kleber, no anhelo de verem quanto antes os celebres templos de Isis e não da perseguição dos mamelukos.

A' sua frente ia o grande *Monge*, creador da geometria descriptiva, e tantos outros que produziram o trabalho mais grandioso que commissão alguma tenha produzido, entregando ao governo francez 200 volumes de manuscriptos e desenhos, que estão religiosamente guardados na bibliotheca nacional de Paris, e cuja 2.ª edição publicada em 1820 consta dos 12 volumes aqui presentes e de 24 volumes de memorias e descripções do Egypto.

Posteriormente tem-se descoberto muito, mas estas restaurações, póde dizer-se que foram feitas por videntes.

A descoberta dos papyros no tumulo de *Ani*, intendente dos reis da XVIII dynastia, existentes no museu britannico, deu logar á publicação deste livro em 2 volumes, chamado *Livro da Morte*, com as numerosas estampas a côres, mostrando as praticas religiosas, e os sentimentos tradicionaes sobre a existencia da alma, a vida futura, o inferno, os campos elysios, com as lithanias do sol que desce ás cavernas, descripção dos eclypses, quasi sempre visiveis num ponto do paiz, que tem ao longo do Nilo um arco de meridiano de mais de 3:000 kilometros d'extensão.

---

(1) Por causa da sua reproducção se demorou a publicação deste trabalho, até que se resolveu o embaraço com a photogravura dos mappas dos caminhos de ferro egypcios, que vae junta, e que dá indicações sufficientes.—

Nos ultimos papyros descobertos encontra-se a explicação do sol alado, quer negro, quer vermelho ou amarello, e do abutre alado que nem sempre era malefico, pois muitas vezes o protegia contra o eclypse, fazendo com que apenas fosse parcial.

Para lhes provar os novos estudos, que se fazem actualmente para mostrar a marcha da migração do homem sobre a terra, e das differentes étapes correspondentes ao seu estado de civilisação, estão estes dois volumes do meu condiscipulo e camarada Sr. Choisy, em que se vê que a architectura é o melhor guia para taes descobertas, e ao mesmo tempo poderão os meus collegas ver a maneira engenhosa de desenhar grandes edificios com perspectivas inferiores.

Estes desenhos precisam habito para se entenderem facilmente, mas aqui estão jornaes illustrados deste anno, por onde se vê que o Egypto se torna actualmente uma questão internacional, como motivo de *sport*, de arte, de instrucção, de civilisação emfim.

A abertura do caminho de ferro do *Soldão* até Kartum; o acabamento da obra gigantesca do açude em Assuan; a grande distribuição de tantas centenas de milhares de metros cubicos d'agua ás terras cultivadas nos mezes de Março a Junho, epoca das grandes seccas, que comprometten as culturas do algodão, da canna do assucar, do trigo, do arroz e de tantas outras que abastecem os mercados inglezes; a substituição do açude distribuidor em Assiout ao antigo do celebre *José*, que ainda hoje se chama o Canal de Iussuf; a suggestão emfim de uma viagem que por toda a parte via recommendada, em Chicago, em Astrakan, em Tiflis, em Constantinopla, em Napoles levou-me a emprehendel-a e a estudal-a nestes 3 guias.

A minha intenção primeira foi logo ir até Kartum directamente para aproveitar o primeiro comboio que transportava passageiros pagantes.

Ao chegar ao Cairo informaram-me que tinha que esperar pelo menos 7 dias, pois estavam a assentar a linha ferrea entre Atbara e Kartum.

Não faltava em que empregar o tempo, tanto mais que o Sr. Sande e Castro me tomou bondosamente sob a sua protecção de cicerone.

Devo confessar que chegava á noute estonteado com a novidade de tudo o que via.

A parte antiga da cidade com o seu cunho oriental; o jardim—

el Ezbekiyeh,—lindissimo; a parte nova d'ali até ao Nilo com ruas largas, extensas e bem traçadas, tendo edificios particulares muito bem construidos á europeia; emfim hoteis de 1.ª ordem, tudo era inesperado.

Só lhes direi que as novas mesquitas do tempo dos arabes e mamelukos são duma elegancia nos minaretes e na decoração interior, que difficilmente se podem descrever.

Visitei as pyramides de Sakkará e de Gizéh, e o grande museu de antiguidades.

Estas 3 visitas levaram-me cada uma seu dia e posso dizer que não foi muito, pois são das mais interessantes e o museu prepara para a visita dos monumentos, apezar de conter poucos modelos.

As ultimas descobertas de Dáchur são preciosas em artefactos de ouro, pedras preciosas, esmalte de todos os generos com as mais vivas cores; emfim as mumias são muitas.

O deposito das vendas dos duplicados é duma grande vantagem.

Fui em seguida para Luqsor, Karnak e Thebas onde passei tres dias, cheios de impressões grandiosas, tendo o engenheiro, Sr. Legran, sido duma extrema amabilidade, mostrando-me Karnak em todos os seus detalhes, e interessando-me vivamente os tumulos dos reis com os desenhos muraes de côres tão vivas.

A viagem de Luqsor a Syéne ou Assuan foi no vapor *Nefertari*, visitando os templos de Esné e de Edfu, o *speos* de Gébel-Silsilé, localidade onde se pretendeu de principio fazer o açude do Nilo, a que se prestava a montanha, mas sobre a primeira cataracta, technicamente, é melhor por se aproveitar a queda natural, e se fazerem as reprezas na margem esquerda para a passagem dos barcos.—

A primeira visita a Philea, positivamente, me encantou.

Entre a 1.ª e a 2.ª cataracta fiz viagem no vapor *Tewfik*, com numerosa companhia, entre a qual estavam pessoas da familia *Vandervilt*.

A visita aos templos nubios, principalmente ao de Abu-Simbel, foi muito interessante.

Chegado a *Wadi-Halfa* parti nessa noute para Kartum, assistindo no dia seguinte durante o almoço ao brilhante phenomeno da miragem, sobre a toalha da meza, com os camellos a passarem junto ao rio umas vezes; outras vezes via-se o mar Roxo agitado, e quebrando a vaga na praia.—Perto as antilopes fugiam do comboio pelo deserto dentro.

Espectaculo novo e deslumbrante, que não deixa de impressionar quem pela primeira vez o contempla.

Chegado a Kartum pude assistir á collocação do ultimo par de carris do Caminho de ferro militar de Wadi-Halfa a Kartum; construido para base d'operações, para a tomada de Omdurman, que foi effectuada, quando a estação terminus era ainda em Berber, quer dizer, 364 kilometros antes da que hoje existe junto ao Nilo azul.

A alegria e enthusiasmo das tropas inglezas foram indescriptiveis.

O capitão Hobs levou-me a Omdurman para entregar pessoalmente a carta do Sirdar, Sir Uingate, ao Major Maxwell, que me recebeu muito cordealmente no antigo castello do Mahdi, e que deu ordens para que no dia seguinte me mostrassem Kartum e o Nilo azul, e nos dois dias posteriores me levassem na canhoneira *Kaibar* que ia buscar madeira a Kataira, 60 milhas a montante de Omdurman, no meio do paiz dos derviches, onde estavam cortando uma floresta de acassias farnezianas, para combustivel das canhoneiras.

Que duas noutes de luar, que lindo Cruzeiro do Sul!

De dia viam-se os rebanhos dos zebús, dos avestruzes, dos pelicanos, dos marabús, dos patos mandarins, e por fim o caimão esverdeado.

Estava a 2:500 kilometros do mar Mediterraneo, proximamente debaixo do 12.º parallelo Norte e a meia distancia do tropico de Cancer (que atravessei ao sair da garganta de Kalabeché) e do Equador.

Não era muito que tudo me parecesse novidade, e tanta que na noute de 7 de janeiro de 1900 eu proprio enrolei o colchão com a roupa da cama e deitei-me no tombadilho superior a contemplar as myriades de estrellas que divisava, á simples vista, emergir da *via lactea*, enchendo a atmosphera de uma claridade diffusa e phosphorescente!

A's 11 horas da noute os meus olhos fitavam-se no Cruzeiro do Sul até que o somno os vencesse e os viesse cerrar!

Era uma especie de hypnotismo.

No entanto a canhoneira descia rio abaixo, caminhando rapidamente para o Norte, que era marcado por uma estrella pequenita, que luzia perto do horisonte.

Pela madrugada o ceu apresentou-se-me com um colorido de que esta estampa [1] pode dar ideia; ao occidente a mais aberta côr de

---

[1] E' o frontespicio da collecção publicada pela commissão franceza (2.ª Edição, 1820).

anil, ao nascente uma viva côr violacea, que pouco a pouco se foi tornando de purpura e finalmente d'um amarello d'açafrão.

A aurora levantava-se na atmosphera mais limpida, que tenho visto.

Chegado a Omdurman pedia para voltar a ver Kartum, onde se tinha passado a tragedia de Gordon, e o meu espirito evocava as diligencias por elle feitas em Jerusalem para encontrar o verdadeiro sitio do Calvario, (1) e os esforços empregados para aceitar o governo do Soldão, para onde foi como um crente fervoroso, acompanhado dos frades do Espirito Santo, que tinham fundado egreja e escola, cujos escombros pizei parecendo terem seculos, não obstante serem recentes, pois datam de 26 de Janeiro de 1885.

A morte destes valentes benemeritos, quando os soccorros já estavam tão perto, fez a pungente tristeza da Inglaterra e o desespero de Lord Wolseley.

Este passeio ultimo por meio das ruinas ainda quentes, apezar da actividade vertiginosa que os inglezes empregavam em todas as obras de reconstrucção, deu-me ideia clara da devastação que sempre acompanhou a guerra por motivos de religião.

Destruir tudo, apagar os vestigios da civilisação anterior são as razões de um grande numero de ruinas que em pouco estudaremos.

O comboio que me trazia ao Egypto estava prompto para partir, e foi meu companheiro o Capitão Kenna, a quem muita gente fazia as continencias mais respeitosas, o que me despertou interesse.

Ao despedir-me do Sr. Hobs, perguntei-lhe quem era, respondeu-me apenas que era quem tinha decapitado o *Khalifa*, (2) e que por isso acabava de ser agraciado com a medalha especial da Rainha Victoria.

Tinha diante de mim o vingador de Gordon, e pelas impressões do passeio, que acabava de fazer, foi-me agradavel o seu convivio, que era o de um timido nas relações sociaes.

(1) Excavações recentes descobriram a muralha antiga e as 3 implantações das cruzes junto ao local actualmente consagrado.

(2) Abdullah-el-Taaichi, que foi morto na batalha, ganha por Sir Wingate em 25 de Novembro de 1899. Tinha succedido ao *Mahdi*, quando este morreu em Ondurman a 22 de Junho de 1885, sendo as suas cinzas lançadas ao Nilo a 4 de Setembro de 1898 antes de se fazerem as exequias solemnes a *Gordon* em Kartum.

Mostrou-me 3 espadas que tinha trazido como despojos da batalha, tendo uma dellas em caracteres gothicos—*Johannes me fecit.*— De facto parecia de Toledo e dobrava ponta com copos.—

Contou-me a necessidade politica que havia em ser barbaro na guerra dos *derviches,* pois, se não se cortasse a cabeça ao chefe morto, supporiam que ainda incutia respeito ao inimigo, como Christo a Omar.

Era chamado por Lord Kitchner para seu ajudante, na guerra com as republicas do Sul d'Africa: perguntando-me informações sobre a região de que nada conhecia, o caminho pareceu-me curto até Wadi-Halfa e depois até Philea, a bordo do vapor *Ibis.*

Mas agora vejo quanto os tenho demorado a ouvir episodios que nem os interessam, nem para aqui deviam talvez ter vindo.

Desculpem-me que estamos novamente chegados ao ponto onde começam os templos a apparecer sobre as duas margens do Nilo, accusando civilisações extinctas; feitos guerreiros e vaidades megalithicas; invasões successivas de povos que pretendiam auferir as vantagens do solo fertil e do clima benigno do Egypto.

Para dar uma certa ordem trataremos primeiro dos templos, depois dos tumulos e finalmente dos museus, jardins e construcções modernas, relativamente, pois ainda o são as que tem mais de 4 seculos.—

Meus senhores, não venho fazer-lhes a descripção desta viagem, que fiz nos mezes de Dezembro de 1899 a Fevereiro de 1900, sob todos os numerosos pontos de vista de estudo e d'observação pessoal, que para outros viajantes terão sido mais proficuos pela rapidez de percepção; nem inicial-os na apreciação complexa dos antigos monumentos, que, depois de descoberta por *Champollion Jeune* na *Stella de Rozetta* a chave da leitura dos hieroglyphos, perdida durante 14 seculos, contam e attestam á humanidade factos que se passaram á superficie da terra, ha mais de 6.000 annos.

«Defronte dos monumentos egypcios, diz Mariette-Bey, não se aprecia só a fórma exterior como diante do edificio grego ou romano: os textos que os cobrem, perfeitamente legiveis hoje, lançam a arte para o segundo plano e explicam-nos as relações que cada um tem com a historia, com a philosophia e com a religião daquelles tempos».

Apezar de sobre tudo isto se ter escripto muito, e ser facil a recopilação, não me chegaria o tempo para o fazer sem grande cançasso para os meus ouvintes.

Venho rapidamente dizer-lhes quaes os monumentos mais notaveis

que vi, em que estado achei alguns e que trabalhos se executam para os preservarem da completa ruina, que os ameaçava. Só a esthetica e arte das construcções poderão preoccuppar-nos por instantes, quanto aos principaes edificios; tantos elles são ao longo do Nilo.

Nem posso seguir a ordem chronologica ou historica da sua execução, pois á parte a descripção dos templos da Nubia, vou apenas servir de indice, epitome ou resumido texto a estes 6 volumes d'estampas gravadas pertencentes á grande obra, que de principio lhes citei, e que a Bibliotheca Nacional poz benevolamente á nossa disposição para esse fim.

Pela grande quantidade devem suppor desde já a despeza consideravel annual que fará a guarda e conservação de tantos edificios.

É de um modo simples que se lhe faz face, e para isso o Estado não concorre com um vintem, e apenas os viajantes são tributados.

Desde muitos annos que a media dos forasteiros durante o inverno (de Novembro a Março) é de quarenta mil, com tendencia para augmentar. Muitos ficam no Cairo e seus arredores até Fayum. A maior parte sobe até Assuan, e bastantes vão a Wadi-Halfa, mas ainda poucos chegam a Kartum, por ser caro. Todos teem de comprar o *cartão vermelho*, aqui presente, que lhes dá ingresso nos recintos dos monumentos. É um salvo conducto, que serve junto da policia como bilhete de identidade. Cada um custa uma libra por pessoa, não pagando as crianças até 7 annos. [1] São portanto 40 mil libras ou um milhão de francos, afóra os bilhetes especiaes no Cairo e seus arredores. Faz-se o calculo para duzentos contos de réis de receitas, provenientes das antiguidades e sobre elle distribuem-se as despezas a fazer com os differentes trabalhos.

Como sabem, para muitos serviços publicos, ha no Egypto uma especie do *condominium* internacional para os administrar por meio de commissões que têem um delegado francez, outro inglez e um terceiro egypcio, que de ordinario é o presidente, mas é o que tem menos importancia.

Por uma excepção o serviço das bellas artes está entregue quasi exclusivamente á França, sendo o seu director geral o sr. Masperó.

A restauração dos monumentos está entregue a engenheiros ou architectos francezes; as excavações a delegados internacionaes, havendo

---

[1] Hoje paga-se 31 francos, por isso o rendimento cresceu muito.

concessões particulares com um fiscal da administração, que toma nota de todos os objectos encontrados; e os guardas dos recintos são sempre egypcios com funcções de policia. Tudo é feito com a maxima ordem, no que a intendencia ingleza é d'um rigor extraordinario.

Desde a minha visita a mesma ordem se tem conservado, como adiante veremos.

Os dois templos-cavernas, Spéos de Abu-Simbel

(Figuras I a IV)

Estando em Wadi-Halfa como lhes disse, vamos descer o Nilo, até aos primeiros templos *spéos*, ou cavernas, construidos em galeria n'um contraforte de grés resistente, que faz esporão sobre o rio, abrupto e destacando-se entre dois valleiros. Sente-se ainda pela inspecção, como o Nilo, em trabalho grandioso nas remotas epocas geologicas, fez cabeça atravez dos dois morros.

No de Oeste e na parte mais proeminente, que para o Nascente olha em face, resolveu o grande Ramsés II construir um templo dedicado aos deuses, seus protectores, pelas victorias alcançadas sobre os povos do Norte e do Sul.

Rasgada na montanha, que n'aquelle ponto tem 110 metros acima do rio, uma larga excavação tendo 80 metros á entrada, 100 metros de profundidade e na parede do fundo 30,34 da comprido e 32 metros de altura, estava feito um terreiro de mais de meio hectare, que se ligou ao rio por larga escadaria.

No animo do grande Rei parece ter germinado esta ideia genial: fazer um templo com o eixo na direcção E. O., onde o sol entrasse até ao altar dos deuses, entre os quaes elle estaria sentado, e d'esse modo elle poderia dizer-lhe durante as manhãs do solsticio: — pódes subir e illuminar os meus estados —.

Á lua todas as noutes elle permittiria que se espelhasse no seu Nilo, e projectasse ao longe as sombras dos seus grandes palacios e templos, construidos em todas as provincias do seu vasto imperio —.

Os 3.600 annos, decorridos desde então, teem modificado tudo desde a Armenia até ao Saharà, e da Ethiopia até ao Mediterraneo, mas o templo d'Abu-Simbel lá existe, quasi o mesmo como seu author o concebeu, attestando ás gerações a grandiosidade da epoca aurea

da civilisação egypcia nos XVI e XV seculos antes da nossa era christã.

Os desenhos presentes dão uma remota ideia da impressão que senti ao contemplar esta frontaria aberta numa rocha siliciosa, que esboroou com as chuvas, como se vê nas partes escuras do desenho, caindo o tronco e cabeça d'um dos colossos que jazem no chão, enchendo-o d'escombros, onde eu medi a orelha que tem 1 metro d'altura, da parte superior do pavilhão ao fundo do lobulo, o que corresponde á figura d'um homem, que tivesse 30 metros d'altura.

Quando de bordo dos barcos se depára com a fachada deste templo, fica-se completamente satisfeito de ter emprehendido a viagem entre a 1.ª e a 2.ª cataracta.

Posto que o tempo não seja muito, para mostrar apenas alguns desenhos sobre cada um dos templos em que se tem feito trabalhos de conservação, comtudo faremos excepção para estes pela sua originalidade na concepção, e grandiosa execução dos trabalhos de decoração, que internamente não foram de todo acabados, e onde se pódem estudar os processos e methodos empregados na construcção.

A figura I dá o estado da frontaria do grande templo no anno em que o visitei (janeiro de 1900). Os quatro colossos representam Ramsés II sentado e rodeado dos membros de sua familia, mulheres, filhos e ascendentes, aos lados e entre os joelhos. Para se poder fazer ideia da grandeza, o photographo mandou collocar um *fellah* sentado sobre um dos pés da estatua mais conservada. É difficil vel-o sem lente.

Estes colossos são uma imitação dos de *Memnon* de Thebas, mandados fazer pelo rei Amenophis III, que tambem foi muito notavel nos meiados da XVIII dynastia, e que pelas placas cuneiformes, encontradas em Tell-el-'Amarna, se descobriu que teve muitas relações com os reis da Babylonia, d'Assyria e do alto Euphrates. Viveu talvez dois seculos antes de Ramsés, cujos colossos têem 20 metros d'altura, correspondentes a 30 metros pelo menos, se estivessem em pé.

Parecem fazer a guarda do templo, e foram cortados e destacados no vivo da rocha.

Talvez pensem que são uns monos; pelo contrario têem uma grande expressão de bondade digna e graciosa.

Da rocha fez-se saltar igualmente um entablamento simples, com a larga moldura de meia canna ou golla e cimalha typica da archite-

ctura egypcia, que se póde dizer a cornija debaixo da qual ha inscripções numa parte lisa, que corresponderá ao *frizo* e, sobre tudo isto uma série de 22 macacos que se póde considerar ser a platibanda.

Por detraz ha uma larga caleira que vem levar as aguas ás que se veem contra os muros d'ala.

Esta grandiosa construcção (parece impossivel) já esteve toda completamente soterrada pelas areias do deserto, que impellidas pelo vento que se enfunava pelos dois valleiros adjacentes, encheram a grande praça e cobriram os colossos.

O viajante *Burckhart* foi o primeiro que no seculo XIX assignalou a existencia do templo pelas figuras dos macacos da cornija, e em 1817 *Belzoni* começou as escavações na areia.

Em 1844 Lepsius, viajante, archeologo e geologo bem conhecido, continuou as escavações e refez o desenho da enorme fachada, que é reproduzida na figura II, e que se considera a mais exacta. Já nesse tempo tinha caido a cabeça e o torso do colosso á esquerda da porta, e posteriormente outras degradações têem sido produzidas pelo tempo.

A figura III dá um corte longitudinal pelo eixo do templo, que foi tirado d'um jornal allemão. Não é elle completamente conforme ao esboço, muito incompleto, que fiz em 1900; mas dá ideia approximada e está sensivelmente na mesma escala que a planta. Emfim a figura IV dá a planta exacta na escala em metros de 1:653.

Antes de se entrar, chama a attenção o ver dum lado e outro dois Nilos enlaçados, tendo as plantas hieraldicas do Egypto entre os dois, d'um lado papyrus e lyz, do outro lotus e euphorbia. Os rios estendem-se ao longo dos tronos dos colossos centraes.

Já aqui n'um plano inferior se veem grupos de prisioneiros acorrentados e de joelhos uns atraz outros, sendo do lado sul pretos, representando os ethyopes, e do lado norte syrios, povos que o Rei tinha subjugado.

A verga e hombreiras da porta são decoradas com baixos relevos (tão grandes ellas são) representando Ramsés II, fazendo ceremonias religiosas diante de differentes deusas.

Da entrada ao fundo tem o templo 55 metros de comprido, e logo depois da porta existe um grande *vestibulo* com $17^{m},70$ de comprido por $16^{m},43$ de largo com 8 metros de alto sustentado por 8 pilares, contra os quaes estão figuras osiricas do Rei em pé com uma barretina (semelhante á da guarda imperial allemã) que é a corôa dos dois

imperios. São imponentes estes 8 granadeiros de seis metros d'altura, com as suas insignias nas mãos, cruzados sobre o peito os braços (fig. III).

Todo o vestibulo tem uma decoração grandiosa, recordando os grandes feitos militares de Ramsés; sendo as paredes do sul dedicadas ás guerras com os negros e as do norte ás guerras com os assyrios, principalmente os Hethitos, que elle bateu junto á fortaleza de Quadech sobre o Oronte.

Em ambas as scenas o rei agarra os inimigos pelos cabellos e flagella-os com um bastão, assistindo as filhas com os seus sistres ou as harpas e um deus, que lhe offerece um talabarte falciforme para acabar com elles; e os filhos vêem os prisioneiros do sul ser ameaçados pelo pae com aquella arma em presença do deus Amon. O tecto é ornamentado com abutres de grandes azas abertas com o monogramma *(cartouche)* do rei. Toda a decoração é *polychromica* de côres vivas e as figuras dos baixos relevos muito expressivas.

Ao vestibulo têem accesso oito grandes compartimentos, salas ou quartos, como se vê da planta (fig. IV), que eram destinadas ao deposito das offerendas, mobiliario, utensilios e paramentos do culto.

As decorações destas salas não estão completas e vê-se claramente que se trabalhava nellas quando o filho do monarcha morreu e seu neto teve d'interromper todos os trabalhos pelas guerras civis.

O methodo de trabalho póde estudar-se claramente, pois se encontram lanços de parede trabalhados apenas á picola, depois uma parte escodada, em seguida desenhos a traço correctissimo, que faz lembrar os cartões de Puvis de Chabannes, ou dos grandes pintores flamengos, mais adiante figuras delineadas por buril que profundou o grés, onde existia o traço a pincel. O sulco dava a altura que deviam attingir os differentes relevos, que ficavam para dentro do plano geral da parede, em que se fazia o desbaste.

Ha muitas figuras que têem apenas a modelação dum braço, duma perna ou do tronco, com a cabeça na maior parte feita. A pintura só vinha quando estivesse completo o baixo relevo, e tinha tonalidades sempre vivas e que se resentiam da coloração geral do plano da parede.

Nos tempos do velho imperio ou das dynastias de Memphis (IV.ª, V.ª e VI.ª), os relevos eram salientes sobre a parede em que eram desbastados.

Estas figuras em alto relevo não eram pintadas, e correspondem aos monumentos dos seculos XXXVI a XXII antes de J.-C.

Nos tempos do medio imperio (annos 2.200 a 1.600 antes de J.-C.) os altos relevos eram feitos muitas vezes sobre uma parede que tinha côres passando do azul vivo ao violete ou amarello.

No novo imperio (1.600 a 950 annos antes de J.-C.) as figuras começaram a ser todas em baixo relevo; porque os reis das XIII.ª e XIV.ª dynastias, assim como na epoca dos Hyksos (XV.ª e XVI.ª dynastias) tinham mandado picar muitos altos relevos. Suppunha-se que a figura estava mais protegida e que a coloração geral da parede accusaria sempre a fórma, que incontestavelmente era sempre esbelta e donairoso o movimento.

Voltemos ao *vestibulo* e continuemos a nossa visita ao templo, que começava propriamente no *hypostylo*. A porta que o separava do vestibulo era ricamente decorada, e a fórma desta parte do edificio era d'ordinario quadrada, mas aqui tinha $7^{m},56$ de comprido por 11^{m} de largo. O tecto era sustentado por 4 pilares, havendo uma stella carregada de inscripções, adiante do ultimo do lado direito. A stella do vestibulo do lado esquerdo é tambem muito curiosa.

No fundo do hypostylo ha 3 portas, que dão ingresso numa salinha oblonga que precede a capella *(sanctus sanctorum)* que tem lateralmente duas pequenas sacristias. Na capella estão sentados os deuses—Ptah (de Memphis); Amon-Ré (de Thebas); Ramsés II deificado; em Ré-Harmakhis (de Helliopolis); os dois ultimos pintados d'encarnado, o que parece indicar, que o rei se queria pôr principalmente sob a protecção do deus de Helliopolis. Ora sobre a porta exterior ha um nicho em que se acha este deus com o disco solar sobre a cabeça, que é a d'um milhafre, como a de Horus (hieracocephalo).

Todos recommendam que, havendo occasião, não se deixe de assistir ao nascer do sol junto ao altar: e de facto é um espectaculo assombroso, mas que dura muito pouco, por causa das areias, que ainda existem para o lado do rio, como indica a fig. I, á direita. Alta madrugada vae-se com uma lanterna até o pé do altar, e fica-se completamente ás escuras para que os olhos possam depois perceber a minima claridade e julgar das côres. A aurora começa a dar ao templo um tom violaceo, que depois se vae esbatendo para amarello até que o sol nasce, e inunda todos os recantos de luz viva, e divisa-se por segundos, a perspectiva de todo o templo para diminuir pouco a pouco a claridade, que não obstante é sufficiente para se verem as figuras e os hieroglyphos dos muros.

É um espectaculo inverso d'um eclipse total, mas sem se passar pela impressão de tristeza, que este phenomeno incute.

Como lhes disse, este espectaculo dura muito mais tempo no solsticio do verão; e vejam quão grandiosa era a concepção de Ramsés II, que ainda hoje nos assoberba. Pódem os filhos d'Israel execral-o, por lhes ter imposto o captiveiro (Exodo I. 11), mas foi comparavel a Alexandre, a Cezar e a Napoleão. Este ultimo nome faz-me lembrar do que ainda lhes tenho a dizer sobre a conservação de Abu-Simbel, feita durante tres milhares d'annos por essas mesmas areias, que agora pretendemos pertinazmente remover.

De facto a impressão, que se sente ao sair do templo, chega a ser penosa, em face desse cone d'areia fina, que augmenta e diminue segundo os caprichos do vento.

A desobstrucção de Lepsius estava quasi perdida em 1869, epoca em que, com o acabamento do Canal de Suez, o Egypto se preparou condignamente para receber os estrangeiros, e entre elles a imperatriz Eugenia. Mariette-Bey foi authorisado por Ismaïl a dispender o que fosse necessario para que Abu-Simbel fosse facilmente visitavel.

O celebre egyptologo fez então o seu *Itinerario do Alto Egypto*, que comprehende Thebas a os monumentos até Philéa inclusivè. Não obstante a Imperatriz e os demais principes foram até o grande *spéos* que os assombrou a todos. D'então para cá as visitas foram muito mais frequentes, as pesquizas continuaram e em 1874 foi encontrado ao S. do rochedo, onde existem tantas inscripções e stellas curiosas, um pequeno *spéos*, que tem 12 metros de profundidade, e foi construido por Ramsés II no anno 34.º do seu longo reinado, que durou 67 annos; e portanto um anno antes de se começarem os trabalhos do grande templo.

Os trabalhos de descoberta daquelle ediculo foram pagos por Mac — Callum e Miss Amelia Edwards principalmente. As figuras das paredes internas, com as suas côres, estão perfeitamente conservadas. A areia tapando a entrada conservou ainda este pequeno e interessante monumento.

Em 1892 o capitão Johnstone, do corpo inglez d'engenheiros, que permaneceu ali muito tempo para preparar a desforra da tentativa mallograda de libertar Gordon em 1885, projectou e construiu dois muros nos valleiros por onde as areias vinham do deserto em maior quantidade. Baldado intento, pois ellas voltam mais finas e quando os ventos so-

pram rijos. Não obstante melhorou-se muito a situação e pequenas escavações são necessarias annualmente para conservar o *statu-quo* de 1869.

É interessante tambem ao Norte do grande templo e um pouco mais abaixo e perto do rio, o pequeno templo de Hathor e da rainha Nefret-ére, que foi a primeira mulher de Ramsés II, e lhe deu uma grande progenitura como veremos em Sebúa, emquanto que das duas outras mulheres teve pequena descendencia.

O grande rei não quiz deixar no esquecimento a sua companheira de tantos annos e num sitio mais ameno e pictoresco, onde as acacias lebek e as figueiras sycomoros o encobrem e enchem de sombra, mandou cortar o grés num plano de 12 metros d'alto por 28 metros de comprido.

Na parte superior fez a cimalha egypcia com o canal posterior para defender a fachada das aguas da encosta, como no templo grande. Cortaram-se então 6 nichos rectangulares de 11 metros d'alto por 2 de largo, que eram separados por 4 pilares entre os quaes se vasaram 6 estatuas-colossos do Rei e da Rainha, tendo proximamente 10 metros d'altura.

Nefret-ère está no meio de 2 estatuas de Ramsés; de cada lado da porta ha pois 3 colossos e aos lados de cada um estatuas dos principes mais graduados da familia (varões e mulheres).

Todas estas figuras estão muito bem conservadas e se esta frontaria não tem a imponencia da do grande templo, é comtudo graciosa e de grande belleza de proporções.

A porta central, com as hombreiras e verga largamente decoradas, dá accesso ao grande vestibulo, que está sustentado por 6 pilares, ornamentados por cabeças de Hathor com sistros, e nas faces lateraes por figuras do rei, rainha e differentes divindades. A tonalidade das pinturas é rosea nesta sala, que dá passagem por tres portas para uma pequena sala, que tem dois quartos aos lados e precede o *sanctus sanctorum*.

Nesta capella está a deusa Hathor em fórma de vacca e tendo entre as patas dianteiras a estatua do rei em pé, que lhe chega até ao peitoril ou barbella.

A ante-camara e a capella são pintadas de verde muito claro. A viveza das côres dão ao templo uma apparencia interna muito alegre.

Muitas inscripções commemorativas rodeiam os templos, escriptas em hieroglypho, demotico ou egypcio vulgar, persa, grego, copte, ethyope e romano.

Todos os conquistadores deixavam traço da sua passagem, mas sem destruirem, o que me parece não succeder em outro monumento egypcio.

Estes a todos se impuzeram e são tão attrahentes, que, quando se acaba de ver um, deseja-se voltar a visitar o outro: a mim fascinaram-me.

A um portuguez, que compára datas e epocas, não podia ser doutro modo, como disse ao coronel Grove e capitão Kenna, meus companheiros de viagem.

Estas construcções datam dos principios do seculo XV ou fins do seculo XVI antes de J.-C., e nos fins do seculo XV e principios do seculo XVI da nossa *era* os portuguezes, dobrando o Cabo da Boa Esperança, tomaram Aden (para dominar no mar vermelho), Ormuz (para fechar o golfo persico), e Malaca (para terem o commercio exclusivo do Oriente).

A republica de Veneza intrigou com El-Ghûri, ultimo rei de raça egypcia para nos atacar com uma forte esquadra, que ganhou a batalha de Chaúl contra o filho de Francisco d'Almeida, mas sabeis o que o pae fez ao egypcio, que, destroçado, fugiu com o resto da gente atravez da Arabia, sendo por fim morto na batalha de Dabik, ao Norte d'Alepo, por Selim I, que se apoderou do Egypto.

Estes factos narrados nos guias e que eu apontava aos meus companheiros, evocavam no meu espirito o nosso grandioso templo dos Jeronymos, erigido para commemorar taes feitos e por um rei que como Ramsés II tinha a paixão das numerosas e originaes construcções desde Caminha até Faro. Não foi sem um certo entono de voz que lhes traduzi os dois celebres versos:

Albuquerque terrivel, Castro forte
E outros em quem poder não teve a morte.

A tal respeito contei-lhes a passagem de Estevam da Gama pela Ethyopia, onde introduzimos certa civilisação, e algumas façanhas dos Pachecos, Silveiras e Almeidas.

Era desculpavel a minha exaltação, debaixo do tropico de Cancer; e voltemos a navegar no *Ibis*, embalados pela poesia do patriotismo, que em viagem é ainda a melhor companheira.

O Nilo corre para o Norte em curvas muito apertadas, ás vezes; e nos pontos altos das margens, todos os conquistadores puzeram fortes, como o de *Kasr-Ibrim*, que se encontra a 25 kilometros de Simbel, e depois veem-se os templos *Spéos* de *Derr* e *Amãda*, que datam de

Ramsés e dos reis Thutmósis e Aménophis da dynastia anterior, a XVIII, tambem muito notaveis, como veremos.

Nestas paragens encontram-se trajes como nos desenhos do *Livro da morte* ou nas stellas dos tumulos das primeiras dynastias. Aqui não póde dizer-se *le monde marche*. Chegados a *Korusko*, que foi ponto muito importante para o commercio, antes da abertura do caminho de ferro do Soldão, ali passámos a noute para no dia seguinte ir ver nascer o sol sobre os desertos adustos da Lybia e da Arabia, subindo á montanha de Auás-el-Guarani.

Bem depressa se chega ao templo de *Sebuá* construido pelo mesmo Ramsés em *hemi-spéos* como o de *Gerf-Husein*, quer dizer, parte dentro da montanha e outra parte ao ar livre, com pylones e columnas (fig. V).

Em *Sebuá* encontra-se uma avenida de sphynges com corpo de leão e a cabeça do Rei, e no embasamento do muro do pateo o cortejo dos filhos do mesmo rei. Os rapazes levam leques encabados, e as princezas sistros, tendo todos sobre si os respectivos monogrammas *(cartouches)*. São 111 filhos e 56 filhas. As figuras estão um pouco estragadas e as areias têem encoberto bastantes partes do templo, onde os coptes, christãos dissidentes (arianos), se installaram e pintaram sobre estuque as figuras de S. Pedro e outros santos.

Debaixo do estuque encontram-se as antigas decorações perfeitamente conservadas.

Na parte da margem oriental do Nilo destas regiões o vestuario das mulheres recorda perfeitamente os da Palestina antiga, provavelmente trazidos pelos coptes, quando emigraram da Asia menor. A côr azul das tunicas compridas ainda é geral; e o porte tradicional das israelitas, indo á fonte, é o usual com o cantaro ou amphora sobre a cabeça ou na ilharga (fig. VII).

O templo de *Dakké* está muito arruinado, e posto que date de Thutmósis III foi comtudo muito modificado pelos seus successores e pelos reis ethyopes e ptolomaicos. A porta era linda e voltada ao N. (fig. VI).

Chegados ás *Portas* de Kalabeché, o Nilo aperta demasiadamente as margens, que parecem cortadas a pique n'um granito negro e polido. Pois aqui mesmo se encontram quatro templos muito notaveis: Dandúr, Kalabeché, Beit-el-Uali e Taffé.

Dandúr tem uma disposição muito semelhante a Dakké, sendo a entrada formada por duas columnas com ricos capiteis representando

açafates com flôres, de côres muito vivas, (euphorbias, etc.), e tendo o abbaco, no meio, os olhos de Horus, signal da felicidade. Veremos adiante uma disposição correspondente.

O grande templo de *Kalabeché* é notavel por ter inscripções que contam a historia da conversão dos Nobados e dos Blemyos ao christianismo, instigados primeiro por *Theodora*, a celebre mulher do imperador bysantino Justiniano (heroina do drama de Sardou), e depois pelo principe Silko dos Nobados. Está entre palmeiras (fig. VIII).

O templo de *Beit-el-Uali* é um hemi-spéos como os de Sebúa e o de Gerf-Hussein, construido igualmente por Ramsés II e em que relata a historia das suas victorias sobre os Semitas, que tiveram a imprudencia de o vir atacar na Nubia, atravessando o mar vermelho junto ao porto de Suakim. Está muito damnificado e o vestibulo aberto na rocha foi coberto pelos christãos com abobodas, que cairam posteriormente por occasião das invasões musulmanas.

Taffé é de construcção semelhante a Dandur e Dakké, mas a entrada está voltada para o Sul, o que mostra logo que foi de construcção grecoromana, pois as de Ramsés têem a porta ou para E. ou para O.

Entre Taffé e Dandúr é que são os celebres rapidos do Nilo onde a agua tem grande velocidade, e no meio ilhas e escolhos que tornam a sua passagem perigosa na extensão de cerca de 9 kilometros.

O vapor vence rapidamente o espaço de Taffé até á primeira cataracta, e encontram-se apenas os templos de Kertani e Debot sem grande importancia.

Estamos no alto Egypto tendo deixado a Nubia com os maiores templos cavernas que se conhecem, e que os reis das XVIII.ª, XIX.ª e XX.ª dynastias se esforçaram por tornar celebres.

A vista de montante da ilha del-Hessé para os lados das ilhas de Bigé e de Philéa parece d'um paiz de fadas, tão pictoresca e variada ella é. Póde dizer-se que é a mais movimentada de todo o Nilo, pois o porto de Chéllal é muito importante em barcos de vela e de vapor e tudo se abrange num só olhar para N.E.

As aguas represadas pelos rochedos da 1.ª cataracta formavam um lago d'onde emergiam, ao norte das tres ilhas citadas, dezenas de ilhéus com fórmas variadas e phantasticas. [1]

---

[1] Este panorama mudou muito depois da construcção do açude de Assuan, ocnoluido em 1902, que produziu a submersão constante de quasi tudo.

Philéa

Ilha feliz, ilha encantada, que inspiraste lendas das *Mil e Uma Noites*, que espalhaste o culto de Isis pela Nubia e alto Egypto e o levaste para a culta Grecia, não era sem emoção que, ainda ha pouco tempo, o viajante acostava ás tuas margens!

Que de transformações por que ella passou desde tempos tão remotos, até hoje, que se póde dizer desapparece sob o lençol d'agua, represada pelo grande açude d'Assuan!

Em vão ricos argentarios pretendem transportar columnatas, pylones, templos, kioskes, palacios e conventos em ruinas; o encanto fugiu, o panorama desfez-se, a arte desappareceu.

Tudo fôra construido em relação áquelle meio, á fórma orographica d'aquelle terreno, á belleza d'aquella vegetação virente, d'aquelle reflexo nas aguas e d'aquelles pontos de vista.

A inundação do açude devastou tudo; a civilisação utilitaria rompeu a magia phantastica da lenda! Julgo-me feliz por ter visto a antiga Philéa; a Philéa dos Pharaós, dos Persas, dos Ptolomeus, dos Romanos, dos Bysantinos, dos Mahometanos, dos Mamelucos, dos Turcos e dos Francezes de Bonaparte. É a Philéa descripta em magnificas gravuras neste volume da commissão franceza de 1798, que vamos seguir d'ora ávante para comparar com estas photographias que trouxe, correspondentes ao estado em que se achavam os monumentos por occasião da minha visita.

Quantas mudanças politicas, religiosas, de costumes, de habitantes não tem visto este palmo de terra! (fig. IX).

Era aqui a fronteira tradicional entre a Nubia e o Egypto; e os coptes chamaram-lhe a «*fronteira*».

Ainda se encontram, nas rochas syeniticas, inscripções do tempo de Amenophis II (1500 A. C.) dizendo que ali houve um templo egypcio, e algumas das suas pedras se encontram mettidas nas paredes do templo pequeno de Isis, que foi sempre a deusa tutelar da ilha.

A sua divindade foi sempre reconhecida pelos habitantes das margens do Nilo a montante da ilha. Os *Nubados* da direita e os *Blemyos* da esquerda vinham buscar alternadamente a imagem da deusa e levavam-a em *cyrio* para as suas terras durante um certo tempo. Sobre estas bases fez-se um tratado de paz por Diocleciano para ser válido

durante 100 annos. Como já lhes disse, Theodora e Justiniano acabaram á força com o culto de Isis.

Alguns auctores põem aqui o local do fallecimento de Osiris, o bom deus que foi casado com Isis, de quem teve Horus, o bom filho, que vingou a morte de seu pae, perpetrada por seu tio Set.

Seja como for, a ilha tem tido a historia mais phantastica que é possivel, sendo nella que figuram os contos 371 a 380 das *Mil e uma Noites*, e muitas outras que os fellahs recitam e que formam um volume *in-fol.* de 34 paginas.

Os coptes byzantinos vieram e edificaram ahi convento e egreja.

De sorte que a ilha poderia dizer como o nosso grande lyrico Almeida Garret na *D. Branca:*

Aureos numes d'Ascreu, ficções risonhas
Da culta Grecia amavel, crença linda
De Venus bella, Venus mãe d'Amores
Brincões, travessos;—do magano Jove,
Que do septimo ceo atraz das môças
Vem andar a correr por este mundo,
Já niveo touro, já dourada chuva,
Já quanto mais lhe apraz;—de Baccho alegre,
Do louro Apollo, e das formosas nove
Castas irmans que nos vergeis do Pindo
Tecem aos sons da lyra eternos carmes;
Gentil religião, teu culto abjuro,
Tuas aras profanas renuncio:
Professei outra fé, sigo outro rito,
E para novo altar meus hymnos canto.

Prefiro citar-lhes este trecho do nosso incomparavel estylista a um dos contos phantasticos em que se mostra o respeito da tradição religiosa pelos gregos, que chegados ao Egypto com os Ptolomeus, reconheceram desde logo a superioridade da *Thriade* dos deuses terrestres do Nilo, correspondentes ao seo Orpheo e Eurydice.

Quando se chega a Chellal quer pelo caminho de ferro de Assuan, quer descendo o rio do lado do Equador, depára-se com a margem oriental da ilha de Philéa, que é representada na fig. x, como era em 1900, sobresaindo o Kioske, com a sua elegante columnata, dominado pela esbelta collina, cheia de vegetação equatorial de palmeiras, eu-

phorbias e flôres de lyz, tendo na parte superior as ruinas da fortaleza, destruida por Diocleciano.

Depois divisam-se o kioske, os muros de caes, o templo da deusa Hathor, a rampa com a porta da cidade e o templo d'Augusto.

Dando volta no barco á ilha vê-se a parte occidental, fig. XI, toda rodeada de caes e muros de protecção, dominando-os as ruinas do templo de Harendotes, a porta de Hadriano, os pilares e paredes dos templos de Isis, o *nilometro*, e a muralha de fundo da columnata oeste da grande praça. Continuando a dar volta á ilha tem-se a vista do lado sul (fig. XII) com as columnatas d'O. e de Leste, o primeiro pylone, o obelisco, o portico do templo de Nektanébos, por detraz o templo de Ar-hes-nofer, e contra o rio a grande escadaria d'accesso junto á collina. *A fig.* XIII *mostra esta vista depois que o açude funcciona.*

O desembarque effectua-se junto á porta oriental da cidade e proximo do templo d'Augusto, bastante arruinado e que pouco tem de notavel ao pé dos templos de Isis. Seguindo o caminho passa-se pela egreja copte, e depois entra-se no templo de Hathor, muito arruinado, mas onde desde logo as inscripções das columnatas attraem a attenção.

Passando perto d'uma capellinha de estylo mais recente, e pela porta do Ptolomeu, cognominado o Philadelpho, que já tem dimensões gigantescas, admira-se o templo de Esculapio, pela simplicidade elegante, e entra-se na grande praça, irregular, com as columnatas e o grande pylone tendo ao centro o portão monumental de Nektanébos.

A fig. XIV dá remota idéa da impressão que se sente ao deparar com a harmonia da decoração d'um tal recinto tão irregular, e onde havia que attender a não prejudicar as antigas construcções, que se queriam resalvar. Delle fallaremos mais de vagar. Subindo a escadaria depara-se com a grande portada, em verdadeiro estylo egypcio, com hieroglyphos por toda a parte, mas uma grande lapide com letras romanas faz dissonancia no meio de tal conjuncto. Sente-se desejos de a mandar arrancar e comtudo é a commemoração das façanhas de *Bonaparte* na sua immortal campanha do Egypto. Entre os generaes de brigada que foram com o divisionario Desaix encontra-se inscripto Kleber, que bivacou em Philéa.

No grande pateo, em que se entra, passado o primeiro pylone, encontra-se á direita uma columnata lindissima e á esquerda o portico com columnas do pequeno templo de Isis Uosret, tendo entre duas

columnas uma *stella* com a celebre inscripção de Rosetta, mas só com os textos hieroglypho e o demotico sem o texto grego; o que fez com que os sabios da commissão de 1798 não chegassem a decifral-a, pois grego muitos sabiam. Demoremo-nos neste pateo, em que as columnas são variadissimas nos capiteis, nas inscripções do fuste, no corte das bases.

Pintores artistas e amadores, homens e senhoras desenhavam e pintavam á porfia os recantos que mais lhes agradavam. Parecia uma feira com as suas barracas de pintura, os seus guarda-soes de panno verde, azul, vermelho e amarello, e os assentos que saiam d'uma grossa bengalla, outros de *pliants* mais ou menos confortaveis davam commodo a muitos dos desenhadores, servidos por creados de libré, outros pelos maridos, irmãos e amigos; era uma faina para colligir recordações d'uma cousa veneranda que d'um momento para o outro ia desapparecer.

O portico do pequeno templo de Isis Uosret é d'uma grande elegancia, com muita variedade de decorações nas columnas, que são todas *lotiformes*.

Para nos entendermos vou fazer o estudo da columna egypcia, ao nosso conhecimento a mais antiga que existe, como já fizemos do entablamento, cornija e cimalha.

Como vimos, nos *spéos* da Nubia os supportes eram todos pilares quadrados ou rectangulares, que em Abu-Simbel eram imponentes pelas suas dimensões, e davam plena confiança na construcção. Pois foi um spéos ou antes mais propriamente um hypogeo que nos deu a primeira manifestação da transformação da columna no Egypto, e portanto na arte antiga.

Foi durante o imperio antigo (3.000 annos antes de Christo) que se fizeram os hypogeos de Bénihassan. O que tem hoje o numero — 2 — é o tumulo do nomarca *Ameni*. Como se vê pela fig. xv, o vestibulo é supportado por 2 columnas octogonaes; foi um pilar a que se cortaram os quatro cantos. Em seguida veem-se ainda dois pilares rectangulares e depois a sala de tres naves com 4 columnas de dezeseis facetas, finamente canelladas, que se chamam *protodoricas*.

No fundo ha uma especie de sanctuario ou nicho, flanqueado por dois columnellos *lotiformes* com capiteis formados da flôr do *lotus* aberta. *(Nymphea lotus)*.

Estará aqui a transformação do pilar em columna? Parece que

sim. E póde dizer-se que foi seguindo a ordem chronologica dos progressos da arte e do gosto esthetico.

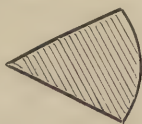
A columna teria a sua patria no Egypto, sob a fórma *protodorica*, donde resultou a ordem dorica de Pestum, verdadeira ordem grega.

Mas não se vê bem o motivo para o emprego nos capiteis da fórma das flores sagradas do *lotus* e do *papyrus*. Talvez se explique do seguinte modo:

Os templos tinham sempre nas visinhanças um lago a que se chamava o *lago sagrado;* e aquellas plantas que eram notaveis por tantas condições de belleza, que as realçava, deram aos artistas a idêa de imaginarem os seus caules cómo supportando pesos, visto que as aves sobre ellas repousavam e aninhavam.

A fig. XVI dá idéa do que assevero, mostrando uma caçada de *Tih*, intendente dos reis das primeiras dynastias, no meio de *lotus* e *papyrus*, sobre que voltejam aves e grimpam lontras, texugos e outros animaes palustres.

Hoje será difficil encontrar no Egypto onde estas plantas cresçam tão largamente, mas póde-se fazer idéa da sua pujança pela fig. XVII [1], que representa um tuffo de *lotus* num jardim japonez. É o paiz onde a cultura destas plantas póde ser feita á espera da florescencia, que tem epocas distantes de muitas dezenas d'annos.

O *papyrus* tem vida mais rustica e em condições de vivacidade mais commum. No jardim da Escola Polytechnica, na parte mais alta da rua das palmeiras, ha um recanto onde se acha um exemplar de *cyperus papyrus*, que tem regular desenvolvimento e por onde se póde ajuizar do que póde ser nos climas quentes o caule d'esta planta, cúja secção transversal é a d'um triangulo com um lado circular, como se vê em frente.

Corte do caule do papyrus.

Juntar 8, 10 ou mais destes caules, lembrou logo, e atal-os foi a consequencia, donde resultou a columna *papyriforme* que differe essencialmente da *lotiforme* pela curva que lhe diminue a base, e lhe dá uma especie de bojo no oitavo inferior. Combinadas estas fórmas essenciaes com ter o capitel com flores fechadas ou abertas, ou em fórma de campanula, ou composito deram as 5 variedades das columnas egypcias das grandes dynastias, que nos tempos ptolomaicos e roma-

---

[1] **Extrahida do livro de Pierre Loti sobre o Japão.**

nos se accresceram de capiteis com ramos de palma, açafates de flôres, pampanos de vinha, cachos, emblemas hathoricos, etc.

Os discipulos do excellente Professor de architectura na Escola das Bellas artes de Lisboa, José da Costa Sequeira, difficilmente poderão comprehender que haja outra esthetica para columnas que não seja a do *Vignola,* e na Escola de Paris se seguem regras muito semelhantes, mas a esthetica dos egypcios não é menos elegante e sem duvida é mais natural.

O galgamento progressivo da columna lotiforme é tão agradavel á vista como o da columna papyriforme, como veremos.

É necessario tambem dizer que a polychromia e depressões das figuras e das inscripções dão ás columnas egypcias um *facies,* que produz sempre a impressão de grandeza para supportarem os pesos, em quanto que os columnellos da architectura arabica e musulmana, que depois passaram á renascença veneziana, parecem sempre delicados e mais um motivo de decoração e ornato que de solida consistencia.

As architecturas gregas e romanas não pódem dizer-se megalithicas, mas os gregos e os romanos quando construiam no Egypto timbravam em fazer monumentos megalithicos de proporções tão correctas como os antigos possuidores do paiz. Quer dizer, a grandiosa arte das aureas eras destes impunha-se aos invasores.

Os templos da ilha de Philéa construidos pela dynastia dos Ptolomeus são os mais cuidados da arte egypcia. Por isso aproveitei a occasião para este estudo sobre as columnas e sua importancia nos porticos, praças e pateos.

Para a decoração não faltavam elementos de coloração variada pela viveza dos matizes das *euphorbias* e da *flôr de lyz* que se encontram no estado bravio sobre as encostas da pequena collina ao sul da ilha, que se diria posta ali de proposito para se gosar um ponto de vista delicioso sobre toda a ilha e arredores.

Pois nas columnas destes edificios encontram-se quasi todas as variedades das chamadas columnas *plantas* e *hathoricas,* que eram empregadas nos templos das deusas, e sendo este consagrado á grande *Isis* ([1]) bem cabidas eram com os capiteis, todos diversos uns de outros, as mais

([1]) Plutarcho diz (no tratado d'Isis e d'Osiris) que as almas dos deuses brilham nos céus ao lado dos astros, e que a alma d'Isis se chamava Sothis, nome egypcio do astro Sirius.

vivas côres, que ainda se conservavam debaixo do estuque feito pelos coptes com o limo do Nilo, para encobrir os hieroglyphos. Ha até uma inscripção que diz ter sido feita *esta sancta obra pelo bispo Theodoro* (na epoca de Justiniano). De facto muitas pinturas se conservaram deste modo, mas os coptes tambem martellavam baixos relevos, quando lhes pareciam indecentes, e picavam as figuras profundas.

A estampa XIV dá idéa clara destas mutilações, que tambem pódem ter sido feitas pelos persas, arabes ou turcos, nas invasões successivas que fizeram no Egypto, depois da epoca de Nektanëbos.

A figura XVIII mostra a disposição das columnas num angulo e póde fazer-se idéa da variedade das côres pelas differenças de tons da photographia.

Nas reconstrucções das partes dos templos de Philéa, que existem nos volumes I e VI das estampas da Commissão de 1798, vê-se que algumas incorrecções e duvidas houve, pois não estavam feitas as excavações e limpezas a que se procedeu em 1895 e 1896 sob as ordens de H. G. Lyons, official da engenharia ingleza, *o que escavou Abu-Simbel*, e do architecto e archeologo allemão L. Borchardt, que permittiram melhor localisar as cousas.

Pouco tempo se poderão gosar os visitantes de trabalhos tão dispendiosos, pois em fins de 1902, o grande açude estará concluido e Philéa innundada. [1]

O interior do grande templo tem o *pronáos* muito bem conservado, assim como as partes principaes até á capella *Sanctus Sanctorum.*

Chama principalmente a attenção, no segundo andar, a capella de *Osiris*, onde se vêem sobre os muros gravadas scenas da sua morte, tendo proximas as figuras de Isis e Nephthys, suas irmãs, e noutros sitios Horus, seu filho, e muitos deuses e personagens que se relacionam com o mytho d'Osiris, lenda antiga, que parece ter sido uma realidade, como veremos mais tarde pela descripção das ultimas descobertas feitas em Abydos.

Aqui encontra-se a magnifica estancia do Zodiaco, sala ampla, tendo no tecto desenhado o celebre emblema ptolomaico, com os signos em amarello sobre um ceu d'um azul verdadeiramente celeste, recamado d'estrellas.

---

[1] A figura XIII representa este estado em Janeiro de 1903—extraido do *Scientific American.*

A quantidade de amadores, desenhistas e pintores mostrava claramente o apreço em que era tido este local e como se queria conservar recordação de tão encantadora visita. Muitas lhe fizeram familias inteiras de *touristas* em dias successivos, tendo presa a sua *dahabieh*, [1] junto á margem, servindo-lhe á tarde para navegar entre as ilhas e gozar um pôr de sol phantastico.

Visitados os templos de Isis, sendo o pequeno chamado *Uosret*, por ser particularmente consagrado á natividade da deusa e de seu filho Horus, a que se referem as figuras e hieroglyphos gravados nos muros; vista a portada de Hadriano, volta-se á grande praça com as suas columnatas, derruidas antes de acabadas.

A de Oeste foi necessario consolidal-a recentemente, como se vê da fig. XIX; e a de Leste tem columnas apenas trabalhadas á picolla, sem que fossem escodadas para depois serem ornamentadas.

O portico de Nektanébos é muito elegante e, apezar da sua ruina póde julgar-se do bello effeito, que devia produzir a mirar-se no rio com os seus dois obeliscos, iguaes aos do primeiro pylone, onde *Champollion* pôde decifrar o nome de Cleopatra, que os tinha mandado ali collocar.

Muito tempo seria necessario gastar para lhes dar idéa das impressões que se sentem no meio deste vasto scenario, que nos retem.

Tomei pelo caminho da collina e fui dar fundo, quasi ás 2 horas da tarde, com o meu guia que apenas me serviu para levar o cestito do lunch, feito de caules dos foliolos das palmas, aqui presente.

O kioske dos Ptolomeus é o *rendez-vous* dos excursionistas desde as 2 ás 4 horas da tarde.

A Kermesse que ha pouco lhes descrevi, tendo logar no grande terreiro do templo de Isis, transporta-se a essa hora para o kioske e é um movimento, um murmurio de vozes, de linguas com timbres differentes, que ferem os ouvidos e desesperam quem ainda póde dar um pouco d'attenção ás bellezas architectonicas do edificio (fig. XX).

Não pensem que exaggero; sobre as bancadas, e ás mesas de pedras differentes, propositadamente feitas para permittir comer, ouve-se inglez, allemão, sueco, russo, americano, hespanhol, italiano, arabe, egypcio nativo ou copte, e só o portuguez conversava com os seus botões.

---

[1] Nome d'um barco á vela que se aluga completamente mobilado para fazer a viagem do Nilo.

Quatro horas da tarde eram passadas metti-me na minha feluca (bote) e fui por entre as ilhas e escolhos do Nilo, costeando terra e a ilha de Chellal até os escriptorios das obras do Açude.

O sol declinava bastante; ao sair de Philéa, pareceu-me ouvir sons no ar, e ao chegar á cataracta imaginei perceber que a ilha, perola do Nilo, repetia: *Ave, Cezar, morituri te salutant*. E com esta obsessão, que foi tambem a do grande artista *Gèrome*, puz pé em terra na ilha mais occidental.

Para se fazer mais completa idéa deste panorama unico que se gosava do ultimo ilhéu a oeste antes da cataracta, vejam esta planta, que está mais exacta que a levantada pela Commissão franceza de 1798, pois é a reducção da que serviu para a implantação do grande açude (fig. XXI).

Quando ali estive, o antigo canal navegavel era ainda praticavel, e viam-se os grandes cachões da queda ou cataracta do Nilo. Era ali que os antigos consideravam serem as fontes do grande rio, cujas aguas elles diziam que vinham do céo.

Pois foi tambem por estes sitios que elles acreditavam que se tinham dado as scenas do mytho d'Osiris, que tem como personagens principaes a thriade, a que já nos referimos, e Nephthys e Set, irmãos d'Osiris e de Isis, de quem nasceu Horus segundo uns e segundo outros foi o proprio Osiris que voltou ao mundo, depois de morto por Set e de ter Isis andado por largo espaço de tempo a procural-o por toda a parte, elle appareceu-lhe como uma criança, que ella amamentou e lhe deu o nome de Horus.

Seja como fôr, e deixo a explicação aos que pretendam profundar estes mythos, assim como os de Eleusis e as origens das religiões; o que é certo é que nestas paragens em torno d'Assuan ha templos e tumulos que datam das primeiras dynastias do antigo imperio egypcio. E tantos foram os indicios de que a thriade poderia ser uma lenda de pessoas que existiram, que este anno mesmo se descobriram os seus tumulos em Abydos, donde eram naturaes os primeiros reis. Deste modo não seria *Menés* o primeiro rei egypcio de raça humana, mas antes disso Horus teria até reunido as duas corôas do alto e do baixo paiz, como parece indicar a legenda do templo de Edfu *(Har-sem-teua, Harsemtus)*.

E se Menés viveu 3.500 annos antes de Jesus Christo, quantos não seriam necessarios para que a raça humana tivesse chegado a ter

arte e produzir obras como os tumulos de Abydos para Osiris, Isis e Horus, existentes em cryptas que mostram uma grande sciencia da construcção! Mas o tumulo de Menés que se encontrou em Nakädé é já uma obra d'arte de grande perfeição onde se leem inscripções em hieroglyphos, que se assemelham, segundo auctoridades competentes, e são a transformação da escriptura cuneiforme dos chaldeus e dos babylonios, a qual é a mais antiga conhecida e se diz datar de eras antes de Christo inferiores a 6.000 annos. Não admira dar aos tumulos 8.000 annos A. C.

Ao meio da estampa vê-se o local d'um antigo colosso de Osiris, no cimo d'um rochedo, d'onde se gosa uma vista esplendida sobre o deserto e as ilhas do Nilo em torno de Philéa. Do outro lado da margem oeste ou esquerda estão os tumulos de personagens das primeiras dynastias. Eis-nos em Assuan ou Syéne.

D'Assuan a Thebas

Kôm Ombo (Ombos)
Gebel-Silsilé
Edfu
El-Kâb e Esné

Na ilha *Elephantina* vê-se um *nilometro* de que Strabão dá uma descripção muito completa, e já os impostos eram cobrados segundo as suas indicações, correspondendo os maiores ás maiores cheias. Por aqui se vê de que longa data fôra construido para se estabelecerem leis de fazenda publica, que entraram no uso geral.

Mas continuemos a nossa visita aos templos mais notaveis.

O primeiro que se encontra digno d'attenção é o de *Kômb Ombo* ou simplesmente *Ombos,* construido n'uma situação admiravel sobre a margem direita e dominando o rio, para o qual communicava por uma escadaria larga, mas que ficava lateral e quasi no prolongamento do pylone principal.

A esplanada onde estavam situados os templos tinha dez hectares de superficie e estava 15 metros acima do nivel das aguas do rio, que corroeu parte da margem, e a isso talvez se deva attribuir a destruição de parte do templo da *Natividade* e o da deusa Hathor, assim como o grande pylone que tinha duas portas.

É a parte curiosa deste templo, o ser gemeo; quer dizer são dois templos acostados um ao outro de modo que os crentes d'um dos deuses *Sobk* (Sonkhos) crocodilocephalo o podessem venerar livremente,

e sem offender os crentes de *Haroïris,* hiéracocephalo. Conjuntamente com o primeiro venerava-se tambem *Hathor* e Khonsu-Hor (pequeno deus lunar) e com o segundo «a boa irmã» T-sent-nofret, (especie de Hathor e provavelmente Nephtys, irmã de Isis) e o senhor dos dois paizes (P-net-teue, provavelmente outro nome do pequeno Horus). Tambem veneravam Isis, léontocephalo, e o Thut, ibiocephalo.

É sempre o mysterio da thriade, que os gregos tornaram tão geral e por todos os modos fizeram entrar na poesia popular, o motivo do culto desde Philéa a Esné durante os tempos ptolomaicos, em quanto que nos antigos tempos das dynastias egypcias eram Osiris, Rá, Amon, Khonsu, etc., os grandes deuses da mythologia.

Em 1893 De Morgam procedeu aos trabalhos d'excavação dos escombros e de consolidação da margem do rio por meio d'um muro de caes, e reparação da escadaria junto ao pylone de Dionysos.

O pylone do templo tinha duas portas, como se vê da planta (fig. XXII), e successivamente eram duplos os portaes nas divisorias parallelas ao pylone, sendo tambem duas as capellas *Sanctus Sanctorum,* circumstancia devéras notavel.

Dos sanctuarios antigos, do tempo do reinado commum de Thutmósis III e sua Irmã Makèré, pouco existe.

O Nilo passa no meio das areias do deserto, formando ilhas, especie de oasis, e a paysagem vae-se estreitando successivamente tendo ao fundo uma montanha com apparencia pardacenta do lado do deserto arabico e amarellada do lado da Lybia.

Gebel-silsilé (montanha da corrente ou da cadeia) é o nome do desfiladeiro ou das portas (como as do Rodão no Tejo), que fazem lembrar um pouco Abu-simbel, por ser calcareo silicioso o terreno que fórma a serrania.

Nas portas de Gebel-silsilé existiram rapidos ou cachões semelhantes aos d'Assuan e por muito tempo os egypcios das dynastias de Memphis e de Thebas suppuzeram que ali eram as nascentes do Nilo; mas quando a The baida se tornou um paiz muito rico e appetecivel, os Nubios vieram rio abaixo em barcos, que deixaram acima do Gebel e fizeram incursão no paiz.

Então os egypcios puzeram na parte mais estreita uma corrente esticada, que impedia que os barcos descessem, e obrigava os nubios a contornarem as margens, onde os egypcios se defendiam e os batiam facilmente.

Nestas montanhas de grés existiram as maiores pedreiras, donde

se extrairam os materiaes para todos os grandes edificios da Thebaida, e onde existem inscripções preciosas, como nas pedreiras d'Assuan, que referem factos notaveis e dão conta da importancia das pedreiras, dizendo que só o empreiteiro das obras do Ramésseum tinha ali 3.000 homens, dos quaes 500 canteiros.

Entre nós as obras de Mafra pódem dar idéa deste labutar nas pedreiras de Pero Pinheiro.

Os reis da XVIII dynastia já tinham muitas vezes vencido os nubios nestas paragens, mas Haremhab, ultimo rei dessa dynastia foi quem os perseguiu até além de Philéa, e para commemorar esse feito mandou fazer o templo spéos da margem esquerda. Olha tambem para Leste, e, se não tem a imponencia grandiosa de Abu-Simbel, tem comtudo uma importancia historica muito grande, pelas inscripções e baixos relevos que os esculptores das pedreiras ali gravaram.

Em todas as partes marcadas na planta com letras e numeros (fig. XXIII) ha textos gravados muito curiosos e na sala ou capella do fundo existiam 7 deuses tendo Amon ao centro, mas hoje muito mutilados, sendo provavelmente os deuses de Heliopolis, Memphis e Thebas. Já aqui apparecem inscripções de Ramsés II. Ao Sul deste monumento estão muitos outros, chamados *meridionaes,* tambem d'um grande valor artistico, e muito pittorescos. Ao centro ha dois nichos contiguos grandes e profundos de 2 metros. A porta ou entrada é formada por duas columnas fasciculadas lotiformes, com uma architrave supportando um *ureus* (1) e uma gola invertida muito vasada.—

Um dos nichos foi construido pelo grande Ramsés II e o outro por seu filho Merneptah, que foi tambem um rei distincto.

Em torno ha muitas stellas e inscripções destes dois e de Sethos I e de Ramsés III.

Nas grandes pedreiras ainda se vêem inscripções d'Aménophis III e *demoticas* do tempo dos romanos. Ha uma *sphinge,* que não está acabada, junto ao rio; ha dois pilares do templo de Sethos I e ainda uma inscripção que diz ter o rei Aménophis IV mandado extrair ali um obelisco para o templo do Sol em Karnak. De sorte que, se os monumentos thebaicos não existissem, as pedreiras bastariam para dar idéa da actividade e da arte dos architectos.

Entrados na região dependente directamente de Thebas, os monu-

---

(1) Serpente real com diademas e disco solar.

mentos tomam proporções muito maiores que as d'aquelles, que temos estudado até agora, e em geral acham-se num estado de conservação mais cuidada.

Edfu

É o templo que mais resistiu ás degradações do tempo e ao desmoronamento, produzido pelas invasões, por não ser situado em ponto estrategico.

Em 1860 foi desaterrado e limpo completamente por Mariette, por ordem de Ismail-Pachá, que já se preparava para receber os extrangeiros, quando se abrisse o Canal de Suez.

Foi necessario demolir muitas casas que encostavam ao muro de vedação, e outras sobre o proprio terraço superior.

Em Edfu é que, segundo o mytho de Osiris, teve logar o combate de Horus com Set que terminou com a derrota deste e sua morte.

Horus, deus do Sol, mas do Sol diurno, emquanto que Osiris é deus do Sol nocturno, venera-se em Edfu por excellencia e na capella *Sanctus Sanctorum* não ha representado outro deus.—

O templo d'Edfu tem hoje mais de 2.000 annos, pois foi começado em 237 antes de J.-C., e póde considerar-se o edificio antigo mais bem conservado no mundo: infelizmente os rostos dos deuses e do rei foram martellados em alguns sitios pelos coptes christãos, que aproveitaram algumas partes do templo para egreja ou capellas.

Não obstante, por estas lindas gravuras da Commissão franceza e pelas photographias, que trouxe, poderão ver quanto é grandioso o aspecto e que impressão profunda deve produzir.

Dos Guias tirei a planta (fig. XXIV) que dá perfeita idéa da distribuição do edificio.—

A fig. XXV, photographia da vista do interior do atrio para o exterior, mostra perfeitamente o pylone com a sua grande portada, e no fundo uma especie d'ediculo, que é o templo da natividade. Em torno do pateo, que póde chamar-se praça, ha o grande portico com 32 columnas, mais ou menos variadas, mas bastante massiças e menos elegantes que as das columnatas de Philéa; além disso os abbacos que representam os topos das traves da architrave não estão bem ao meio dos capiteis. Devo dizer que no conjuncto estes pequenos defeitos desapparecem e a impressão geral é excellente.

A fig. XXVI mostra a fachada propriamente dita do templo com o

muro d'intercolumnio e a vista interior do templo até á porta do *Sanctus Sanctorum*.

Esta photographia é deveras artistica, pois vê-se claramente a linha de sombra com o reflexo brilhante da luz do sol das 3 horas, dando o claro-escuro.

O grupo de fellahs serve para se avaliar do tamanho e á direita veem-se as cadeiras e *pliants* que acabavam de ser abandonados por um grupo de visitantes que na fig. XXVII se veem entrar para a ultima sala.

Esta estampa é interessantissima a muitos respeitos, mas sobretudo pela decoração faustuosa da portada.

O architecto quiz dar-lhe grande importancia pela especie d'entablamento que a corôa, e os esculptores fizeram della uma pagina de alta philosophia.

Primeiro que tudo o emblema de Horus (o sol alado com os dois *urœus*) é d'uma grande magnificencia de execução e de colorido; mas sobre a verga privativa da porta está um baixo relevo, digno da maxima attenção.

O disco solar com o escarabelho de azas abertas apparece no horisonte proximo de uma barca (náos) conduzida por dois Horus hiéracocephalos, um á prôa e outro á pôpa.

Ao lado do disco solar estão á direita Neith e á esquerda Thut e outros deuses.

Proximo estão os *quatro sentidos;* á direita a vista e o ouvir, e á esquerda o gosto (symbolisado pela lingua) e a intelligencia; diante desta está Ptolomeu Philipator.

A ligação da intelligencia com os tres sentidos corporaes é uma demonstração de que os gregos já tinham idéas bem claras sobre a Arte; que para mim representa a faculdade de deliciar os sentidos.

Para ter bem presente a nitidez dos desenhos que estão gravados neste templo, trouxe esta photographia (fig. XXVIII) que representa as deusas do Alto e do Baixo Egypto a coroarem Ptolomeu.

As reproducções sobre papel em pasta *(papier maché),* que possuimos no nosso museu, dão idéa dos contornos, mas já estão muito deterioradas para se ajuizar do relevo. O seu exame juntamente com o nosso illustre fundador e antigo presidente Possidonio da Silva, por occasião de fazer parte d'uma commissão nomeada para ajuizar das

condições d'estabilidade desta abside, posso asseverar-lh'o, concorreu muito para que eu fizesse a viagem ao Egypto, de que estou a dar-lhes conta parcial e rapida. Meus senhores, só Edfu daria materia para os entreter muitas horas, se não tivesse um vislumbre de consciencia para não abusar da sua attenção. Tanto os muros do templo, como os de vedação estão cobertos de hieroglyphos em 4 grandes *registos* ou fachas horisontaes sobrepostas, e notem que as humbreiras das portadas têem 6 registos e as columnas muitas vezes 10 fachas. Não sei mesmo se tudo está completamente lido.

Quando se anda entre os dois muros, no que se chama corredor de resguardo ou de contorno, encontra-se no lado leste uma escada que vae ter por um subterraneo a um nilometro, existente a leste e que communicava por uma galeria com o Nilo, onde se veem ainda inscripções demoticas sobre a altura das cheias, como em Elephantina e junto ao templo de Ombos.

Parece que era nestes templos que se arrecadavam os impostos, correspondentes ás indicações dos nilometros.

Na face Norte dos muros de vedação existem 6 relevos gigantescos representando Ptolomeu XI diante dos deuses d'Edfu. No muro de Leste ha longas inscripções contendo os titulos de doação dos terrenos e a descripção exacta de toda a planta do templo; e no muro de Oeste dá-se a historia da construcção do templo.

Estes pylones, fachadas, columnatas e muralhas são uma grande bibliotheca!

Este monumento é hoje conservado com todo o cuidado e tem uma guarda permanente de bastantes homens para evitar as depradações.

Descendo o Nilo, o barco encosta novamente á margem direita (E.), onde passa o caminho de ferro, e encontra-se *El-Kâb,* ponto importante antigamente, por ser fortificado e convergirem ali algumas estradas do deserto.

Pódem visitar-se as ruinas da antiga cidade Nekhab, que teve principes, antigos governadores da Ethiopia, e uma deusa, especial a Nekhbet, deusa protectora dos partos, a que os gregos identificaram com Hithyia e os romanos com Lucina.

Saindo os muros da circumvallação da cidade, encontram-se muitas inscripções na rocha, aqui tambem de grés, onde houve pedreiras. Vê-se depois um templo de Amenophis III com columnas papyrifor-

mes, dedicado a Nekhbet, «a dominadora de Ré-Yant,» o que quer dizer da entrada do valle do deserto.

Os monogrammas, e representações dos deuses foram martellados por Amenophis IV, filho do precedente, mas que tinha abjurado a antiga religião egypcia para abraçar a do Sol, ou a dos povos orientaes da Assyria, Babylonia e Persia.

Quando Sethos I chegou a reinar, restabeleceu a velha religião e mandou reparar as figuras que tinham sido destruidas.

Citei mais este exemplo para se ver o que fazem as guerras das religiões; são as mais devastadoras.

Neste templosinho ha uma curiosa inscripção, que sem duvida é a mais moderna e ultima que se gravou em hieroglyphos:

Anno 13 sob Sua Magestade Napoleão III, imperador do mundo.

Parece corresponder a 1865 e julgo que fosse esta inscripção feita por algum francez, empregado dos monumentos nacionaes egypcios, para celebrar a campanha d'Italia.

Não longe está um *hemispéos* dos tempos dos ultimos Ptolomeus, e uns *hypogeos* que tinham muitos poços com *mumias*, de que fallaremos. Voltando á margem esquerda do rio chega-se a

Esné

O templo é um dos mais modernos construidos no Egypto pelos gregos e romanos.

Nas inscripções figuram os nomes dos imperadores: Tito, Domiciano, Nerva, Trajano, Hadriano, Antonino o piedoso, Marco Aurelio, Commodo, Septimo Severo, Caracalla, Géta, Julio Philippe e Décio que é o ultimo imperador, cujo nome se encontra em hieroglyphos.

Este templo é em grande o da natividade de Philéa. A fig. XXIX dá idéa da distribuição do templo e mostra a importancia que se deu ao grande vestibulo que corresponde ao pronáos do templo de Dendara, e cujo tecto é supportado por 24 grossas columnas com ricos capiteis de flores e cobertas de inscripções e relevos.

As 6 columnas da fachada têm muros d'entre-columnio e deixam passar uma boa claridade até ao fundo da sala que tem $16^{m},50\times 33^{m}$. As columnas teem $5^{m},40$ de circumferencia e $11^{m},30$ de altura.

O templo não se acha todo desentulhado, mas o vestibulo, que já está limpo, produz uma bella impressão.

Uma escadaria conduz ao interior do vestibulo, cujos muros estão carregados de representações em 4 registros. O fundo é constituido por um muro que se assemelha a um pylone, que, pelas inscripções, parece ter sido levantado por Ptolomeu VII, o Philométor. Uma das inscripções mais notaveis do muro Norte é a que representa Horus hiéracocephalo, o imperador Commodo e Khonsu a fechar uma rede, cheia de aves aquaticas e peixes; á esquerda está Thut-ibiocephalo, á direita a deusa Sefkhet. Ao que parece, o grande vestibulo foi acrescentado ao templo grego que tinha o pylone e logo depois a sala hypostilo.

A fachada do templo como hoje existe, voltada para leste, tem uma architrave corrida encimada por uma gola profundamente vasada, onde se lêem os nomes de Claudio e Vespasiano. Ao centro o disco solar e aos lados dedicatorias dos dois imperadores, sendo nellas Vespasiano tratado como senhor de «Roma, residencia do mundo».

Já se vê que os bajuladores dos imperadores se servem das mesmas expressões a 20 seculos de distancia.

Thebas

A cidade das 100 portas

Assim lhe chamava Homero na sua *Iliada;* mas Herodoto e Strabão já fallam dessas grandezas, como passadas de ha muito, pois ellas coincidiram com as dynastias propriamente de Thebas, desde a XI á XXVII, que comprehenderam aproximadamente 1.600 annos (seculos XXII ao VI antes de J.-C.) Então houve a primeira invasão dos Persas que não foi das mais destruidoras e depois da sua expulsão pelas dynastias do Delta (de Saïs, de Mendes e de Sebanytos) voltaram ainda por algum tempo os Persas, que dessa vez foram mais crueis, e veio Alexandre o grande com os gregos, que, apezar de mais civilisados que os primeiros, fizeram comtudo, de principio, grandes destroços nos monumentos egypcios para castigar Thebas das revoltas successivas para os expulsar.

Os Ptolomeos governaram neste paiz durante 300 annos, mas consideraram sempre Alexandria como sendo a capital, e os Romanos fizeram o mesmo, apezar dos grandes trabalhos que executaram até Philéa.

Nestas condições Thebas decaío por completo e os seus monu-

mentos ha perto de 2.000 annos que estão derruidos, ficando intactos, por escondidos, apenas os tumulos e sarcophagos dos seus reis e rainhas; dos ministros e dos principaes sacerdotes.

São os mortos que vem fallar actualmente, iniciando-nos nos usos e costumes da vida e da morte dos habitantes d'aquellas paragens, que ha 5.000 ou 6.000 annos estiveram á testa da civilisação do mundo.

A sua evocação parece uma scena fantastica do claustro de S.[ta] Rozalia no *Roberto do Diabo* ou do Val-Purgis no *Fausto*.

Que de riquezas e d'objectos d'arte ali não estão soterrados! Quanto não tem avançado os conhecimentos humanos com a sua descoberta!

As ruinas, porém, espalhadas por differentes partes d'aquella extensa área, nas duas margens do Nilo, são tão grandes que de qualquer lado que se entre na enorme bacia, rodeada de montanhas, se vêem, similando colossaes fantasmas.

Chegando do Sul pelos barcos, são as columnas do templo de Luksor e os colossos de Memnon; vindo do Norte são os pylones do templo de Karnak e os obeliscos com o pyramidion dourado, parecendo querer desafiar o raio.

Estão em ruinas é verdade, mas são tão imponentes, que o espectaculo é empolgante.

A fig. XXX, planta da antiga área da cidade das 100 portas, mostra como são pequenas as superficies actualmente occupadas pelas villas de Luksor e de Karnak, povoações com certa importancia na vida do paiz, em comparação da superficie total da estampa, que ainda não comprehende toda a área que a antiga Thebas occupava n'uma e n'outra margem do Nilo.

A margem direita era a dos templos e dos grandes edificios, a margem esquerda a das necropoles e dos sitios para veranear.

Seriam os suburbios, como desde o monte *Valérien* até *Issy*, em Paris, por Saint-Cloud, Belle-Vue, e Meudon; pois é necessario dizer que a actual capital da França cabia á vontade dentro da antiga Thebas.

Até as tres ilhas, no meio do Nilo, dão certa semelhança com Paris. Da sua historia antiga apenas se conjectura que ella fosse uma colonia de Memphis, que o proprio Menés mandou ali estabelecer, e onde residio nos ultimos annos da sua vida, pois o seu tumulo foi en-

contrado, não ha muito, por Morgan em Nakadé, cidade proxima do lado do norte.

O que é certo é que, desde a V dynastia egypcia, Thebas começou a ter importancia crescente até a XI dynastia, em que os seus principes *(nomes)* passaram a ser reis de todo o Egypto.

A decadencia de Memphis começou então e foi ella tão completa, que, tendo sido pelo menos tão grande como Thebas, d'ella hoje nada existe, a não ser o colosso deitado de Ramsés II e alguns pedaços d'alicerces dos grandes templos, edificios e muralhas, que as cheias do Nilo vão derruindo todos os annos.

Póde-se em boa razão dizer como Virgilio: *Campus amplus ubi Memphis fuit.*

Emquanto que de Thebas os monumentos ainda chamam milhares d'extrangeiros a contemplal-os, desde a deminação romana.

Thebas foi tão grande, que Homero canta as suas bellezas na *Iliada;* e Herodoto, que viveo de 480 a 425 annos antes de J. C. e que, segundo parece, visitou o Egypto até Elephantina, para descrever as guerras dos gregos com Cyro, Cambyses, Dario e Xerxes, e as successivas invasões destes no Egypto, eguaes narrativas reproduz.

Não obstante as descripções de Diodoro, no anno 57 antes de J. C. e de Strabão 24 annos antes da nossa era, já lastimam a sua decadencia, sobretudo o ultimo, que ás delapidações de Cambyses e successores junta a derruição de edificios grandiosos, destruidos pelo grande terremoto do anno 27 antes de J. C. Suetónio isso confirma no II seculo da nossa era, quando Adriano lá foi com a corte romana.

Foi um abalo giratorio d'oriente para o occidente, semelhante nos effeitos a um cyclone, que desenraiza tudo. Veremos os seus manifestos destroços em Karnak.

Passemos, porém, á descripção dos monumentos como elles existem hoje, e dos trabalhos que se executam para a sua conservação.

Luksor

Quer se chegue pela via fluvial, quer pelo caminho de ferro, encontram-se meios de transporte, relativamente baratos, em carruagem e principalmente em burros, que estão na respectiva estação com os seus conductores, como indica a fig. XXXI, e com as suas respectivas tarifas impressas em francez e inglez.

De sorte que não é raro ver uma pequena *Miss* passar em revista

carruagens e burros, cocheiros e burriqueiros, que tudo está perfilado e silencioso, debaixo dos olhos vigilantes da policia, educada e fardada á ingleza, escolher e saltar para cima do animal ou para dentro da carruagem e partir á desfilada.

Cito-lhes esta minucia, por que julgo ser uma amostra d'esthetica social, que infelizmente nós perdemos em Cintra, Cascaes, Cacilhas e Setubal.

Junto ao cáes do Nilo, onde estão os ancoradouros dos vapores das grandes emprezas de navegação fluvial e pequenos barcos de vela e de passagem, existem as ruinas do grande templo de Luksor, cuja planta é representada na fig. XXXII.

Não são iguaes as plantas publicadas deste templo entre si e com a da commissão franceza, pois só depois dos grandes trabalhos de desentulho executados pelo Sr. Masperó, é que se conseguio tirar casas e habitações confortaveis de nacionaes e extrangeiros, restos das egrejas christãas coptes e muitas choupanas de fellahs, ali existentes; mas ainda não se conseguio tudo, pois a mesquita construida junto ao grande pylone do norte, ainda não foi possivel desapparecer e mudar-se o culto para a nova, expressamente construida para a substituir.

Não poderei dar largas explicações sobre as photographias aqui presentes, mas descreverei o que mais me impressionou.

Entrei nas ruinas pela parte S.O. que encosta ao caes, e está desmoronada, de sorte que achei-me na sala *sanctus sanctorum* do templo primitivo, que data provavelmente de algum dos reis da XVII dynastia, pois os hieroglyphos estavam martelados e substituidos por outros do tempo das duas dynastias seguintes. A fig. XXXIII é a vista tirada do caes.

As salas S, V, X, da planta parecem ser da mesma epoca; todas sustentadas por columnas papyriformes fasciculadas, com figuras de desenho muito parecido.

Passa-se depois para uma capella rectangular G, chamada o *sanctuario de Alexandre o Grande,* onde anteriormente esteve o *sanctus sanctorum* do templo d'Amenophis III, que o dedicou a Amon, grande deos de Thebas. O grande Ptolomeo pôz lá a barca sagrada *(náos)* do deos egypcio.

O tecto tem ainda a pintura bem conservada em azul celeste com estrellas, que se vêem pelas paredes lateraes, e no centro abutres com as grandes azas abertas e polychromes. D'ali vae-se á salla da *Natividade,* pois é dedicada a celebrar o nascimento do mesmo rei Ameno-

phis III. São notaveis os baixos relevos, em que se destaca a figura de Met-em-ua sua mãe, cujo estado interessante se reconhece claramente pelas pregas da roupagem. Ella concebe do deos Amon, depois de ter o deos Khnum feito ao *torno de louceiro* duas figuras iguaes; uma do filho, outra do *duplicado* (seu genio protector); e a deusa Thoüt vem annunciar-lhe que ha de ter um filho. Toda esta historia é contada em tres registros, inferior, central e superior, com algumas figuras d'um desenho irreprehensivel.

Ao lado está a sala F tendo 4 columnas a sustentar o tecto e, mais abaixo alguns degráos, a sala E que foi transformada pelos coptes em capella ou egreja christãa, dando-lhe ao centro a apparencia d'abside, como os templos bysantinos ou romanicos.

O grande vestibulo ou *pronáos* era sustentado por 32 columnas papyriformes d'um grande *galbo*, tendo as 8 ultimas, para o lado da praça da columnata aberta (C), encostados os embasamentos apenas das estatuas colossaes do rei sentado.

A columnata aberta vem até ao espesso pylone que fica sobre a parte central d'um hypostylo com 14 columnas campaniformes de 16 metros d'altura tendo abbacos muito altos sobre que assentam architraves bastante fortes, tudo sobre o mesmo eixo do templo (B).

As columnas foram todas postas no seu logar por Amenophis III, mas as architraves e a cobertura foram feitas pelos seus successores.

A fig. XXXIII *(a)* dá uma ideia nitida da vista para o S. de todas estas columnatas em planos differentes até ao Nilo, que se divisa ao longe. A photographia foi tirada ás 9 horas da manhã para as sombras determinarem melhor os planos; mas depois das 3 horas da tarde, quando o sol se espelha na superficie das aguas com as côres vermelhas e alaranjadas, o espectaculo torna-se devéras grandioso, que ninguem se cança de admirar muitas vezes.

A fig. XXXIV dá a impressão da praça (A) rodeada de columnas em duas linhas, que foram levantadas por Ramsés II, e que se acham em completa degradação; como se vê da estampa. Sobre as columnas do angulo N.E. dessa praça está construida a mesquita com o seu minarete a que já nos referimos, e que é de esperar um dia desappareça. O eixo da praça (A) é divergente do templo para fundar o grande pylone PP. A fig. XXXIV *(a)* mostra comtudo um assentamento lateral.

No desenho vê-se o pylone e pela portada o obelisco desapparelhado do que orna actualmente a praça da *Concordia* em Paris. Este

é maior e pesará umas 225 tonelladas. Dos embasamentos para receberem as estatuas do grande rei, existem ainda 20, mas só está intacta a marcada na planta com a letra *a*. O colosso vê-se na figura XXXV.

Posso asseverar-lhes que occupei a situação em que está o fellah da figura, e que encostado á estatua só pude chegar á sua mão, estendendo o braço quanto pude e levantando na minha um lapis.

A figura do rei é sorridente como lhes dice das d'Abu-Simbel e a estatua é de granito ou antes de porphyro verde.

Tudo é grandioso e harmonico neste edificio que tem 260 metros de comprimento. Defronte do pylone fica-se boquiaberto para as suas ranhuras, onde se encaixavam os páos das bandeiras por occasião das festas; para os collossos do rei, mutilados quasi todos; para o embasamento do obelisco mais pequeno, que em barco chato foi rio abaixo para se embarcar em Alexandria para Paris, e para o actual com 25 metros d'altura.

A figura XXXVI representa um pylone embandeirado.

Mas não é só isso; a vista que se disfructa sobre a margem esquerda, a antiga Memnonia, não se esquece mais. De distancia a distancia vêem-se para o norte pela larga rua dos bazares as bases em que estavam collocadas as *sphinges* que faziam bordadura á estrada que levava a

Karnak

Vejam por estas gravuras que grande extensão orlada de figuras, umas com cabeça de mulher, outras de carneiro, outras de leôa! A avenida não era de largura uniforme, mas na media seria de 30 metros; é provavel que tivesse piso de lagedo, e agora é de terra vasosa, que faz uma finissima poeira preta, que penetra por toda a parte.

A extensão a percorrer pouco mais é que tres kilometros até ao primeiro templo de Konsu.

Chegado ali fica-se surprehendido pela imponencia das ruinas, e a vastidão da área, que era destinada aos templos, como se vê da estampa XXXVII. A extensão do N. ao S. era de 1.500 metros e a largura de E. a O. seria de 560 metros, que é o comprimento do grande templo, sem contar o que vae até ao nilometro que fazia parte do Sanctuario de Amon.

Sinto-me embaraçado para lhes descrever estes templos e seria longo o fazel-o, para todos ainda que de leve.

Como dissemos, o primeiro que se encontra é o de Konsu, bastante

bem conservado e que póde dizer-se o typo do templo egypcio durante o novo imperio.

O pylone que tem 32 metros de comprido por 18 d'alto e 10 de largo está bem conservado e com as ranhuras muito visiveis.

Antes do pylone, porém, quando se segue pela avenida occidental dos carneiros, que nos olham com toda a magestade, tendo entre as mãos uma figurinha de Amenophis, encontra-se um *portal* que foi construido por Evergete I; em seguida continua a avenida dos carneiros, tendo entre as patas dianteiras uma figurinha de Ramsés XII, que foi um dos collaboradores, sendo Ramsés III o primeiro constructor deste templo.

Dedicou-o a Konsu (com cabeça de milhafre) filho d'Amon (com cabeça de carneiro) e de Mut (cabeça de deusa), que constituem a triade thebaica; como Osiris, Isis e Horus formam a triade egypcia.

Entrando a portada do pylone, que é d'uma grande belleza de fórmas, encontra-se um atrio com portico de 2 fiadas de columnas que formavam passeio coberto para chegar ao hypostylo.

No muro do lado oriental encontra-se um baixo relevo, representando Hathor a queimar incenso diante d'aquelles deuses e ao lado outro painel, representando o pylone com os mastros embandeirados (vide fig. XXXVI).

Na sala hypostylo encontram-se baixos relevos dos Ramsés IV e XII, e em varios sitios Augusto Cezar em presença dos deuses de Thebas.

Subindo por uma escada junto ao corredor E. do *sanctus sanctorum* chega-se ao terrasso do templo, donde se disfructa uma vista extraordinaria sobre as ruinas de Karnak; destacando-se á direita os obeliscos do templo d'Amon (fig. XXXVIII *a*). Pela planta XXX vê-se que as palmeiras hão de impedir a vista para o lado da avenida oriental das sphinges, assim como para o templo de Mut (fig. XXXVI *a)* mas vêem-se de cima as choupanas dos fellahs, que ao pé constituem verdadeiros logarejos com os seus terraços de adobos do Nilo.

Muito proximo vê-se o pequeno templo de *Osiris* e de sua mãe *Opet.* Foi construido por Evergete II e está em bom estado de conservação.

Vê-se um relevo com o rei em presença da «grande Opet» gravida, a deusa com cabeça de hypopotamo.

Sahindo das ultimas casotas do logar e caminhando para o N. depara-se com uma avenida de sphinges e uma portada que dista, em aguas baixas, 200 metros do Nilo.

Olhando então para E. depara-se com a construcção mais gigantesca que imaginar se possa.

Para lhes dar ideia da impressão que causa o 1.º pylone do grande templo d'Amon em Karnak, imaginemo-nos junto á estatua do Rei D. José I no Terreiro do Paço, olhando para o Arco da rua Augusta.

O espaço entre a rua do Ouro e a rua da Prata corresponde ao pylone que tem 120 metros de comprimento, depois de desaterrado.

O Ministerio da Justiça e o Supremo Tribunal de Justiça são as duas torres, sendo necessario para isso triplicar-lhes a altura, pois em Karnak cada torre tem 44 metros de altura. O arco da rua Augusta seria o *portal* devéras gigantesco, pois lá tem 26 metros d'altura desde a cornija da verga até ao solo.

Ja vêem que o genio e o grupo allegorico superior ficavam mergulhados no meio das torres lateraes. Pois em todo este conjuncto gigantesco ha uma harmonia severa, que não o torna pesado, antes lhe diminue a grandeza, apezar do effeito ser empolgante.

Os oito profundos encaixes na face do pylone com as janellas, que na mesma linha vertical o atravessam de lado a lado, chamam a attenção e lembrando-nos do baixo relevo, encontrado no templo de Konsu, já citado do pylone embandeirado (fig. XXXVI) vemos logo que dimensões seria necessario dar aos mastros, para excederem o pylone, 55 metros pelo menos; quer dizer a extensão da rua do Ouro á rua Augusta para comprimento do madeiro. Depois que braçadeiras a passarem pelas janellas e que pannos de bandeira!

Eis, meus senhores, uma materialisação da imagem da fachada do edificio deante do qual nos achamos. Para vos mostrar a sua extensão dir-vos-hei apenas que terminaria no theatro de D. Maria.

Esta enorme fabrica, porém, não é obra d'um só rei, nem d'uma dynastia, mas de 2 imperios egypcios e de 18 dynastias, que comprehendem 2650 annos, segundo a chronologia de Mariette-bey, cuja descripção vamos seguir mui summariamente.

Ao que parece, foi Usertesen I o segundo rei da XII dynastia, medio imperio, quem primeiro construio, pelo anno 3.000 A. C., um templo consagrado a Amon de Thebas, a 360 metros do local do pylone, e assim se conservou o templo, venerado durante 1.300 annos proximamente, incluindo os Hyksos, quando foi o advento do grande rei Thutmés ou Thutmosis I, XVIII dynastia.

Antes de sua morte ficou regente sua filha Makeré ou Hatasu que

continuou os trabalhos durante a vida de Thutmosis II, que era o successor como varão.

Por morte deste succedeu-lhe seu irmão Thutmosis III, mas a irmã foi sempre regente até uma idade avançada. Os dois irmãos desavieram-se e o verdadeiro rei continuou os trabalhos ainda com maior enthusiasmo, e assim continuaram os Thutmosis e Amenophis desta grande dynastia, que faz parte do novo imperio com a precedente, continuando este com a longa serie dos *Ramsidas* até a XXI dynastia, o que comprehende os annos de 1.600 a 950 antes de Christo. E sempre os trabalhos a fazerem-se com grande desenvolvimento.

Começa depois o periodo saïta e ainda os seus reis trabalham em Karnak. Entre elles o *Sésac* citado na *Biblia* como o devastador de Jerusalem e do templo de Salomão, e o *Taharqa*, tambem citado na *Biblia*, como o protector dos povos da Palestina contra os Assyrios, que por fim o venceram e desthronaram. Este periodo comprehende 5 dynastias e 400 annos. Por fim vem o periodo dos reis extrangeiros entre os quaes sete reis persas desde Cambyses a Artaxerxes III, que combatendo já com os gregos e com os reis egypcios das 4 ultimas dynastias se viram obrigados a deixar o Egypto. Pois ainda assim o ultimo rei, Nektanebos II, antes de se refugiar na ilha de Philéa, como vimos, fez a porta E. do muro que circumdava o templo, em que tinham trabalhado todos os seus predecessores, á excepção dos persas; e todos os Ptolomeos os continuaram, até á sua expulsão pelos romanos, dos quaes só existem alguns vestigios de baixos relevos do tempo de Augusto Cesar, o que coincide com a era christã.

Quer dizer, nos templos de Karnak ou dos deuses de Thebas, duraram os trabalhos 3.000 annos!

Desculpem-me este resumo de historia, mas era indispensavel para intelligencia do que vamos descrever.

Sem tempo nada se faz e tantos trabalhos precisavam de muito tempo e dinheiro, que proveio principalmente dos despojos das victorias sobre o extrangeiro desde a XVII á XXVI dynastia, periodo que comprehende mais de 1.000 annos.—

Como lhes disse, tinha uma carta d'apresentação para o sr. engenheiro Legran, director dos trabalhos de Karnak, mas antes de o procurar quiz divagar por meio d'aquellas gigantescas construcções.

Fui com o guia até á porta O. do templo onde a avenida dos carneiros mandada fazer pelo grande Ramsés II, está para o lado do

Nilo, que dista uns 200 metros, como se vê da planta XXX, havendo antes o canal de Karnak, que desde tempos immemoriaes serve para as irrigações e tambem para a navegação de barquinhos. Antigamente passava pelo meio da cidade, e hoje deixa do lado de O. a parte mais importante de Karnak, formada por choupanas com terraços superiores, mas algumas têem certa importancia e estão rodeadas de hortas muito bem tratadas, com toda a especie de legumes.

A avenida dos carneiros—sphinges era destinada ás procissões, que levavam o andor *(náos)* de Amon até á margem do Nilo, que era limitado por um cáes marginal, que vinha desde a parte montante de Luksor até a jusante de Karnak.

O muro do cáes era bastante alto para defender a cidade das inundações que hoje chegam ao interior do templo e damnificam a construcção. Regressando para E., subjugava-me sempre a enormidade do 1.º pylone construido pela serie dos Ptolomeos, que reinaram no Egypto durante 300 annos, e que não tiveram tempo para o ornamentar de hieroglyphos, o que se fazia sempre depois das faces da obra estarem perfeitamente lisas, como já temos visto.

Chegado junto ao portal, deparei á direita com a grande inscripção da commissão franceza de 1798, dando as latitudes e longitudes dos principaes templos da epoca pharaonica, e mais ao lado outra inscripção feita em 1841 por sabios italianos, que dá a declinação magnetica (10° 56′). Vinte e cinco metros de portal e entra-se na grande praça de 84 metros de profundidade por 103 metros de largo, rodeada de columnas que formaram portico, e hoje estão derruidas.

Á esquerda da entrada está o templo ou antes 3 capellas dedicadas por Sethos II á triade thebaica: Amon, Mut e Konsu.

No meio vêem-se as bases de 10 columnas que formariam uma nave para proteger o templo edificado por Taharqa e provavelmente dedicado a Amon, cujos alicerces emergem do solo por partes.

Mais adiante, á direita, encontra-se um templo dos mais bem conservados e completos do Egypto, construido por Ramsés III.

Seguindo caminho, admiram-se as estatuas de Ramsés II postadas de guarda á entrada do vestibulo do II.º pylone de Ramsés I que foi em grande parte desfeito pelo terremoto do anno 27 antes da era christan.

Transposta a grande portada, de que existem partes das hombreiras, encontra-se o visitante n'um *bosque de 134 columnas*, as quaes em parte estão caidas, assim como os tectos.

Não sei porque me veio á imaginação a vista que na Siberia faziam os troncos das *betulas albas* illuminadas aqui e ali pelos raios do sol claro, que passava pelas clareiras.

Muitos comparam a impressão que se sente á da entrada na cathedral de Cordova, a antiga mesquita; a differença é, porem, grande pelas massas das columnas.

As de Hespanha, são quasi gracis, com os arcos rendilhados, emquanto que em Karnak as columnas centraes têem 23 metros d'alto e de circumferencia 10 metros, e as lateraes 17 metros d'altura.

Os generos e a escalla são completamente differentes.

Podem ajuisar do effeito por esta gravura do corte reconstituido por Masperó *(Archeologie egyptiène)*. Notem, porem, que de cada lado da parte central ha sete intercolumnios, ou naves, de que no desenho apenas estão representados parte de dois (fig.ª XXXIX).

O guia chamou-me a attenção para a *columna inclinada* de que tinha ouvido fallar por toda a parte em Paris, em Roma, no Cairo e que via diante de mim.

Depois apontou-me a claraboia ou uma das frestas (persianas) de pedra, destinadas a allumiar aquelle grande espaço, das quaes existe uma quasi completa no lado S.

A impressão, porem, ainda dominava, e era impossivel discernir, como diz Lépsius, ao descrevel-a.

O guia queria levar-me para o lado do Norte, mas fiz um esforço e disse-lhe que proseguissemos no eixo do templo.

O tecto do hypostylo desappareceo quasi completamente; mas os capiteis das columnas são bastante largos para projectar grandes sombras.

Ao chegar ao fim tinha feito a minha escolha de photographias. [1]

Passei o III.º pylone de Amenophis III e estava no atrio central, em frente d'um dos obeliscos de Thutmosis I; o outro cahio no meiado do seculo XVIII.

Já o conhecia da vista do terraço do templo de Konsu, e o grande da rainha Makeré ou Hatasu impunha-se mais. Para os comparar subi aos escombros do IV.º pylone de Thutmosis I. que os separa. Ambos de syenite; a lasca que um raio tirou ao primeiro desfeia-o bastante. A fig.ª XXXVIII é sobre o eixo do templo; a fig.ª XXXVIII *(a)* é do lado sul.

O grande obelisco de Makeré, que tem ainda o *pyramidion* dou-

---

[1] E' com ellas que se fazem grandes viagens no quarto, sentado á meza.

rado está entre os IV e V pylones construidos ambos por seu pae Thutmosis I, que serviram para se poder levantar com apparelhos tão rudimentares, como os daquelle tempo, um peso de 400 tonelladas! Ella, porem, fez mais: para que entrassem os obeliscos deitou a terra as 8 columnas e o muro do lado do sul do entre-pylone e depois fez-lhes embasamentos em que esta heroina conta parte das suas proezas, cujo longinquo atavismo se manifestou não ha muito na celebre Catharina II da Russia. A seu tempo daremos sobre ella informações mais circumstanciadas.

D'aquelle ponto de vista a perspectiva do hypostylo era imponente, e o I.° pylone parecia estar-lhe encostado apezar de distar 250 metros.

Thutmosis III seu irmão mais novo, não respeitou os seus hieroglyphos, e na segunda sala hypostylo escreve a sua historia em paineis d'um alto valor historico. São conhecidos em archeologia pelo nome de quadros ou *Annaes* de Thutmosis ou de Thutmés. Mariette diz que são inestimaveis, e uma das preciosidades d'archeologia; conta-se ali a campanha que Thutmosis fez na Palestina, na parte N. do VI pylone com todos os nomes biblicos, e na parte sul a campanha na Abyssinia, no paiz dos Somalis e na Libya ethiopica.

Passado o VI pylone que é o mais pequeno do templo, entra-se n'um recinto onde estão dois pilares de granito, que parecem a parte inferior d'obeliscos, tendo o do S. uma grande flor de lyz, planta heraldica do alto Egypto; e a do N. um papyro, symbolo do baixo Egypto.

Este atrio dá entrada para uma capella chamada, mas impropriamente, o *Sanctus sanctorum* do templo; e talvez fosse construida com esse fim por Phillipe, irmão d'Alexandre, que a reconstruiu completamente, toda de granito. Em torno estão os chamados quartos da rainha Makeré, cujos hieroglyphos foram todos martelados e os distinctivos *(cartouches)* substituidos pelos dos Thutmosis II e III. E' certo porém que aquella rainha fez muitos trabalhos neste templo.

Continuando o nosso caminho, chegamos a um largo, onde se vêem os restos manifestos do templo do medio imperio, começado por Usertesen I.

No fundo ha uma massa d'edificios ainda consideravel, entrando-se por uma porta central, que leva a uma sala hypostylo ou de *pas-perdus* com 5 galerias cobertas em parte por um tecto supportado por 2 fiadas de columnas centraes e 2 lateraes de pilares.

Têem uma disposição curiosa os capiteis das columnas, que são campanulas invertidas e os foliolos, que as ornam, voltados para baixo.

Desta sala passa-se ao *Sanctus sanctorum,* construido por Thutmosis, e nas salas lateraes N., sustentadas por columnas ainda bem conservadas estão as reproducções das plantas, indigenas dos paizes conquistados, que elle introduzio no Egypto e por isso se lhe chama o *Jardim d'acclimação de Thutmosis.*

Do lado do sul estão muitas salas pequenas e entre ellas uma denominada *dos antepassados,* onde existia uma *Tabella dos reis de Karnak,* ou lista de todos os reis do Egypto, desde os tempos mais antigos até os da XVIII dynastia. Esta peça foi arrancada em 1843 por Prisse d'Avennes e levada para Paris onde se acha na bibliotheca nacional. Talvez fosse a sua salvação, mas o seu logar era ali, como a celebre lista de Abydos, que juntas confirmam o livro do sacerdote egypcio *Manethon.*

Era áquella sala que cada rei vinha prestar homenagem aos seus predecessores no throno.

Atravessando por um orificio do muro de contorno externo, entra-se nos escombros das salas de Ramsés II. Em frente acha-se o templo pequeno do mesmo rei, especie de capella, que estaria em relação com o pavilhão, acima citado. Mais para E. vê-se uma fiada de sphinges e um pequeno obelisco, e no fundo uma porta muito bem conservada, com 19 metros de altura, construida por Nektanebos na espessura do muro de circumvallação do grande templo. Perto acham-se dois pequenos ediculos ou pavilhões, um com inscripções de Ramsés III e IV e outro com as da Irmãa de Sabako e mulher do rei Piankui, e de sua filha a mulher do rei Psammètik 1.º, ambos da XXV dynastia.

Subindo ao muro de tijolos da vasa do Nilo, apreciei a distancia a que este ficava e descobri o sr. Legran, que estava junto á porta N.

Feitos os cumprimentos, fomos ver o templo do Mont entrando pela porta de Nekhtharehoët, ainda regularmente conservada, emquanto que o templo tem muita cousa mal definida, pois parece invertido, devendo a entrada principal considerar-se do lado da porta do Ptolomeo Philadelpho, e dos obeliscos, existentes ali perto; pequenos mas conservados.

A porta ptolomaica é de grés com polychromia, que a torna interessante e faz-lhe sequencia uma avenida de sphinges, que terminam n'um sanctuario pequeno, existente no alto d'uma escadaria. (fig.ª XXXVII).

Em torno ha differentes ediculos que nessa occasião estavam, por assim dizer, a surgir dos escombros, e que mal se podiam apreciar, a

não ser o templo ptolomaico e as 6 capellas ao sul, cada uma das quaes tem uma portada especial elegante.

Voltando ao recinto do grande templo, examinámos o de Ptah e os sanctuarios da XXVI dynastia, que estavam então na epoca das escavações. Dirigimos-nos ao angulo N. do 1.º pylone ptolomaico para gosar o mais esplendido panorama da Thebaida.

O sr. Legran mostrou-me então os limites provaveis da antiga cidade dos palacios e dos templos, sita na margem direita, e a Memnomia sita na margem esquerda, considerada a necropole e a cidade operaria e proletaria, mas muito povoada.

Olhando para O. viam-se em frente os cerros de calcareo silicioso, onde foram as pedreiras e as entradas dos valles em que estão os tumulos dos reis. Contra o rio, Kurna, templo funerario de Sethos I. Por detraz na collina a antiga cidade de Drah-Abut-Négga que parece ter sido a patria dos primeiros *nomes* de Thebas, e que hoje ainda tem importancia.

Mais para a encosta a celebre construcção de Deir-el-Bahri, mistura de templo e de palacio, residencia favorita da celebre rainha Makeré ou Hatasu, com uma situação e clima excepcionaes, exposta ao sul, em terraços com jardins em torno.

Na planicie os templos funerarios, dos Thutmosis, o Ramesséum, Deir-el-Medinet, Asasif, Medinet-Habu e os colossos de Memnon.

A atmosphera limpida fazia perceber distinctamente estes logares e monumentos e as indicações do meu distincto cicerone mais salientavam as impressões.

Voltando-nos para Karnak, desenhavam-se com clareza na mente as linhas que até ali me pareciam confusas.

Descemos do pylone, entrámos pela porta N. na grande praça e saimos pela porta S. ou dos Bubastitas e as explicações animavam as representações hieroglyphicas das façanhas do Sésac da *Biblia*, existentes no muro ao lado esquerdo d'aquella porta. Jerusalem tomada, Roboan, o filho de Salomão, aprisionado, o templo saqueado, os escudos d'ouro, feitos com o precioso metal trazido pela Rainha de Sabá, entregues como donativos aos sacerdotes d'Amon, e tantas outras confirmações das passagens dos livros dos Reis (t. XIV, 25-26); (II, 12, 29) e outros versiculos onde se enumeram as cidades tomadas, etc.; mais adiante as façanhas de Ramsés II contra os Hethytos, que nós já conhecemos e o poema completo de *Pentaur*, que tambem já vimos em parte no pylone de Luksor; o tratado de paz entre este rei e os Hethytos, etc., etc., e en-

trámos na sala hypostylo pela porta central S. Viam-se as columnatas das naves na sua maxima extensão e com uma prespectiva augmentada pela illuminação brilhante para o norte, emquanto que algumas das do sul estavam obscuras, pois parte do tecto ainda existia.

Uma galeria com 18 columnas d'aquelle tamanho não se encontra facilmente e depois outra e mais outra; o espectaculo era colossal nos 105 metros d'extensão.

Junte-se, que muitas dellas têem conservado as côres primitivas e vivas dos desenhos: os das columnas centraes tomavam proporções grandiosas e eu comecei a ficar debaixo da primeira impressão que senti, desnorteado, sobretudo, quando mudamos de nave e elle me mostrou no fundo *la colonne penchée* (fig.ª XL).

Tornava-se uma obsessão!

Depois quando mal pensava fizemos face ao sul e ouvi: *olhar para cima;* e a luz entrava em jorros pela enorme persianna (claustra) de pedra (fig.ª XLI). Depois, chegados ao pé da columna desaprumada, pude apreciar as dimensões do abbaco e a grande inclinação, que poderia produzir a queda dos differentes anneis, o que seria lastima (fig.ª XLII).

— Amanhã monto a cabrilha, disse-me o Sr. Legran; podeis vir cá?

— Sem dúvida, pois não parto no vapor para o sul senão ás 2 horas, depois do lunch.

Mostrou-me o terrado que andava fazendo com desaterros que estava executando nos sanctuarios da XXVI dynastia.

O eirado era coberto com cal em pó, que depois se regava, produzindo um chão firme.

Nelle traçavam-se linhas a preto, equidistantes de mais de 4 metros.

Em cada linha se poriam os anneis correspondentes a cada columna por sua ordem. Eram vinte.

Sobre o eirado havia carris Decauville, sobre que giravam vagonetes que traziam o seu troço de columna por cada vez.

— É longo, mas assim é necessario. O methodo aqui é tudo. Quando tiver todos os pedaços devidamente classificados e restaurados, começo então a montagem. Hei de estudar o que for mais barato. Talvez seja o dos antigos.

Assim me ia explicando o seu trabalho o Sr. Legran.

O methodo dos antigos egypcios está aqui desenhado neste livro do Sr. Choisy.

Ia-se fazendo um aterro cada vez mais alto por fiadas de columnas.

Como todos os anneis são proximamente iguaes, punham-se os 20 da base e depois elevava-se o aterro de $0^{m},75$, espessura do annel e tornava-se a collocar todos os 20 anneis n.º 2 e assim seguidamente até se chegar ao abbaco, que pesava de 3 a 4 tonelladas. Mas para os apear era necessario o emprego da cabrilha, o que tinha suas difficuldade e foi isso que fui ver no dia seguinte. Cheguei, já estava tudo prompto, e perguntou-me o que pensava; disse-lhe francamente, pela experiencia que tinha adquirido como engenheiro do material e tracção do Caminho de ferro do Minho, que me parecia ser indispensavel passar uma espia ao estropo do abbaco para evitar, que ao despegar-se não tomasse balanço e deitasse a cabrilha abaixo, para traz.

Era uma operação que levava tempo, e elle disse-me que não se começaria sem isso, e que quando voltasse da minha viagem ao Soldão teria muito prazer em que eu visse a columna classificada sobre o eirado.

De facto assim succedeu: tres semanas depois todos os anneis estavam estendidos no chão por sua ordem e ao lado outros de mais duas ou tres columnas.

Não havia tempo naquella campanha, que dura até abril, para todas as columnas poderem ficar no eirado.

Depois seria necessario concertar cada pedaço e o trabalho será duro até a sua conclusão. (1)

Falamos, no primeiro dia, da collocação e elle explicou que para as primeiras fiadas o eirado quasi que servia tal como estava e que o abrir encaixes para os ferros de luva era arriscado em pedras, que tinham caido e estavam em montão desordenado, não se sabia bem ha quantos seculos algumas, posto que de outras fosse recente a queda, mas bastava o choque para alterar a sua contextura: d'ellas se podia dizer mais appropriadamente que o sol de 40 seculos as tinha visitado sem faltar um dia. E caimos na interpretação dos phenomenos sismicos, por que no

---

(1) Em 4 de Junho de 1907 escreveu-me o Sr. G. Legran:

. . . .

«Lembro-me muito bem da vossa visita a Karnak e do vosso conselho para uma manobra difficil, que tenho seguido sempre... Como diz o redactor do *Temps* todo o desastre de 1897 está reparado... N'um anno a parte Norte do hypostylo estará acabada. Depois da vossa passagem recebi a visita de

começo da era christã passou a terra do Egypto; concordámos que foram giratorios. Se fossem oscilatorios os effeitos seriam outros.

Os esboroamentos não iam a grande distancia, e o que estava por cima, por cima ficou, como succedia com as cornijas dos pylones, que, attenta a sua altura, deviam ir parar muito longe. Demais os obeliscos deveriam ter caido todos e os maiores existiam como os pequenos.

Até ao começo do seculo XVIII parece que todos existiam, como testemunha Precocke (1740); logo, a sua destruição foi devida a effeitos atmosphericos.

Os resultados dos tremores de terra parecem indicar pois que elles foram rotatorios e não oscillatorios, vendo-se nos tumulos-hypogêos os mesmos effeitos.

Chamo novamente a sua attenção para a fig. XLII para compararem o tamanho dos destroços com o homem alentado que está assentado sobre elles. Vi-o, era o continuo-correio do sr. Legran. Continuando a nossa inspecção, mostrou-me junto da porta N. na parte externa do muro do hypostylo os baixos relevos historicos dos feitos de Sethos I *(o Sesostris?)* nas guerras contra os Syrios e Assyrios. Tem um grande vigor d'execução.

Passámos depois pelo atrio central e, saindo pela porta S. de Ramsés IX, encontrámos sobre um muro as inscripções de Merneptah, filho de Ramsés II; em seguida (vide fig. XXXVII) visitámos o VII pylone de Thutmosis III, os colossos de Ramsés, o VIII pylone da rainha Makeré, os colossos de differentes reis, as construcções de Taharqa ou do Tahraka da *Biblia*, assim como outras ao sul do lago sagrado, onde se fazia a celebre procissão circular das *náos* dos deuses.

Emfim na capella de Thutmes III fomos encontrar o meu burrico, que por ordem do sr. Legran ali tinham os conductores deixado a esperar-me tranquillamente, e elles desertaram.

Era o costume para os visitantes mais estimados; o animal parece que nos esperava para continuar a visita; já lhe tardavamos.

Emquanto estavamos juntos fomos examinar os hieroglyphos do VIII pylone construido pela rainha Makeré, cujos sinetes ou *cartouches* tinham sido martellados por Thutmés, e talvez por Amenophis IV que teve por

---

Sua Magestade a Rainha de Portugal com os seus dois Filhos. Sua Magestade dignou-se conceder-me a placa de Commendador de Christo. Não podeis imaginar quanto me envaidece tão grande honra!»

Não podia ser melhor empregada.

ella grande raiva, por se dizer descendente do deus Amon, cujo culto tinha renegado para adoptar o do sol, que era o privativo de Heliopolis.

Sethos I *(o Sesostris?)* restabeleceu em parte os relevos, mas muitos dos antigos *cartouches* substituio-os pelos seus.

O pylone de resto está bastante bem conservado.

Despedimo-nos, desejando tornar a vermo-nos quando os trabalhos estivessem mais avançados e feito o reconhecimento de todos os monumentos ali edificados. (1)

Montei o animalito e fui examinar o resto dos edificios chamados meridionaes.

O IX pylone de Haremhab está muito deteriorado, só merecem mais attenção os colossos de Ramsés II. O X pylone do mesmo Haremhab está quasi desfeito, á excepção da portada que ainda tem baixos relevos recomendaveis.

Seguindo a avenida oriental dos carneiros-sphinges vae-se até á avenida transversa, que se liga com a de Luksor e a occidental.

O animal tomou para a portada do templo de Mut; apenas o pude suster para olhar para as edificações de Taharqa, que ficam á esquerda.

Deixando-me guiar, fui ter á entrada d'um templo, que mal se reconhece e parece ter sido edificado pelo rei antecedente, dedicado a Osiris-Ptah. Dei volta ao lago sagrado do templo de Mut, que suppõe-se fosse construido pelo rei Amenophis III, pois no grande atrio existem muitas estatuas sentadas com a figura da deusa Sekhnet, tendo uma cabeça de leôa, e que foram consagradas por aquelle rei ao templo com o seu carimbo, que em parte foi depois substituido por Sézac I. Mais a O. estão os restos d'um templo de Ramsés III.

As escavações neste recinto tem sido feitas recentemente por Miss Benson. Os pilares, diante da portada (A) da estampa XXXVII, estão cheios de longas inscripções do tempo dos Ptolomeos, que são um hymno á Deosa Mut, e outras de Ramsés III que foi quem restaurou o templo primitivo. (Vide fig.ª XXXVI *a*). Á direita estão as bases das sphinges.

---

(1) Na carta de 4 de Junho de 1907, já citada, parece fazer-se allusão a este facto....

«Porque não voltaes ao Egypto?. . . teria grande prazer de vos mostrar os resultados dos nossos esforços.—Karnak é immenso, *maior que Pompeia* e Deus sabe se chegarei a conhecer todos os thesouros e mysterios que encerra»....

Para leste deste recinto, nos suburbios de Thebas existiu um templo muito notavel de Médamut, que passou por ser um dos mais bellos e de construcção rica. Hoje jaz em completa ruina.

Deir-el-Bahri

No lado oeste de Thebas ou na margem esquerda do Nilo existiam bairros muito povoados e industriaes, sobretudo no que dizia respeito a enterros. Alem disso havia palacios e templos com jardins de que vamos continuar o estudo de sua conservação, sem agora nos occuparmos dos templos chamados funerarios.

O mais notavel dos templos-palacios é sem duvida o construido pela rainha Makeré ou Hatasu, desde que começou a ser co-regente com seu pae Thutmosis ou Thutmes I.

N'um local situado a meia encosta, olhando para o Sul e abrigado do norte, já no medio imperio, o rei Mentuhotep da XI dynastia tinha escavado um *spéos*, dedicado á deusa Hathor, que, se era uma deusa da alegria e de prazeres e como tal se venerava em Denderah, tambem era considerada como funeraria e dando bom repouso aos mortos, ou tranquillidade na eternidade, em que os egypcios accreditavam.

O pequeno templo d'Hathor da antiga dynastia foi engrandecido pela rainha Makeré e do outro lado da grande praça central dedicou outro a Anubis, e em atrio ou terraço superior fez ao centro um templo dedicado a Amon de Thebas.

Na planta do templo, representada na fig. XLIII, vê-se claramente esta disposição, convindo notar que os terraços eram escavados em parte na rocha viva e que as capellas eram todas em *spéos*.

Já dissémos que Makeré foi co-regente do pae, regente durante as menoridades dos dois irmãos e casada com o irmão mais novo, conservando a realeza por muito tempo e demonstrando sempre um caracter varonil. Construiu obras importantes, sobretudo em Karnak, fez as expedições do Punt ou das costas dos Somalis, d'onde trouxe artefactos, arvores e mercadorias de toda a especie.

Muitas vezes fazia-se representar d'homem com farta tanga ou avental e barba na cara, que era o que hoje se chama *pera*, onde muitas vezes se gravava o carimbo real. Ella, porem, não teve nunca intenções de renegar o seu sexo, e por isso já disse que modernamente a grande imperatriz da Russia, Catharina II, a tinha imitado em muitos pontos.

Para ella *Deir-el-Bahri* era o *logar mais esplendido de todos,* o seu *Sans souci,* a sua *Alhambra,* a sua *Cintra.*

Para aproveitar e engrandecer a obra de Mentuhotep mandou fazer a grande praça inferior, que era muito comprida e se continuava por uma avenida central com sphinges, que da planicie vinha ter ao pylone inicial do templo ou do edificio.

Uma rampa ligava o piso da praça inferior com o terraço central; contra o resalto deste havia na praça inferior um portico, dividido em duas partes pela rampa d'accesso ao meio.

Neste portico com duas ordens de columnas de 16 faces, coberto por um tecto, havia na muralha do fundo representadas scenas da vida de Makeré, entre ellas a do transporte dos grandes obeliscos de Karnak em barcos desde as pedreiras de Assuan a Thebas, e a dos sacrificios ao deus Amon ithyphalico.

A praça ou terraço central é sem duvida a mais consideravel, sustentada pelo lado de O. por muros de supporte com pilastras de magnifico calcareo, rematadas umas por uma serpente em pé, outras por um milhafre. Só este muro é um monumento de boa construcção e digno de ser conservado, o que se está fazendo sob as ordens do Sr. Edouard Naville.

Quando lá estive, as partes deterioradas do guarda-corpo eram concertadas por tijolos brancos da vasa do Nilo, rebocados com argamassa fina de cimento com areia, que imitava o calcareo do muro.

Os porticos N. e S. desta praça estavam sendo igualmente reparados pelo mesmo processo e as columnatas produziam bom effeito, não se distinguindo muito as partes que eram de cantaria das reparadas com alvenaria de tijolo.

Os paineis do fundo são de calcareo fino, onde d'um lado estavam as scenas do nascimento da rainha, e do outro as da expedição do Punt.

Chamam a attenção as roupagens da mãe da rainha, Ahmés, levada por Knum criocephalo e Hequet batracheocephalo á presença de Thut ibiocephalo. Estas scenas são em tudo semelhantes ás já descriptas, existentes no templo de Luksor.

As representações da expedição ao paiz do Punt (Puenet) assemelham-se ás do Jardim d'acclimação de Thutmosis, mas são muito mais artisticas e delicadas; as arvores do incenso, da canella, da pimenta, etc., as pelles d'animaes selvagens são esculpidas com verdade artistica e fina observação.

No fundo do sanctuario de Hathor, que estava bastante abando-

nado, descobrio recentemente Naville a capella, no fundo, da deusa em fórma de vacca de tamanho mais que natural, similhando sair da montanha para pastar no meio d'um charco com papyros. Nos pés direitos e abobada do spéos ha representações diversas a côres que se tem reparado.

A fig. XLIV dá perfeita ideia desta scena em que a vacca d'um realismo admiravel e d'uma correcção escultural inexcidivel faz lembrar a celebre poesia de Victor Hugo — *La vache*, — cujo final é d'uma philosophia pantheista que já se sentia, ha 40 seculos! Não resisto a ler alguns destes admiraveis versos:

. . . .
Une vache etait lá toute à l'heure arretée. . . .
Superbe, énorme, rousse et de blanc tachétée,
Douce comme une biche avec ses jeunes faons,
Elle avait sous le ventre un beau groupe d'enfants,
. . . .
Elle bonne et puissante et de son trésor pleine,
. . . .
Distraite, regardait vaguement quelque part.

Ainsi nature! abri de toute creature!
O mére universelle! indulgente nature!
Ainsi, tous à la fois, mystíques et charnels,
Nous sommes lá, savants, poëtes, pêle-mêle,
Pendus de toutes parts à ta forte mamelle!
. . . .
Nous aspirons à flots ta lumière et ta flamme,
Les feuillages, les monts, les prés verts, le ciel bleu,
Toi, sans te déranger, tu reves á ton Dieu.

Que inspiração não tinha este homem em 1837! Que elevação poetica!

Parece na primeira parte fazer a discripção da nossa Hathor, que tambem tinha sob o ventre o reisinho a aleitar-se, e depois, mais crescido, vê-se na fig.ª *Mentuhotep* debaixo da barbella da vacca para o proteger, olhando ella tranquillamente para o deserto longinquo.

Mais abaixo Victor Hugo dá a interpretação poetica e philoso-

phica do nosso mytho, que para elle é a realidade. Dizer melhor é impossivel!

A mesma ideia foi expressa pelo grande pintor *Roll* no seu quadro — *La maternité.* — No primeiro plano está uma forte camponeza da Bretanha com uma creancinha ao collo, a quem mostra carinhosa uma vacca que amamenta um vitello, o qual lambe.

Todas as figuras se destacam da téla como vivas.

Vejam a maneira forte, poetica e artistica d'exprimir o mesmo pensamento por duas fórmas tão diversas; — a visão e a palavra. — Ver, ouvir e a ambas as percepções preside e assiste a intelligencia!

No templo de Hathor havia muitos altos relevos de Makeré que escaparam aos furores dos Thutmosis e principalmente de Amenophis IV, o apostata, que martelava principalmente o que dizia respeito ao deus Amon. Subindo-se ao terraço superior encontram-se vestigios de columnas, que sem duvida sustentavam um tecto e formavam portico ou galeria com o muro da praça superior, que ao meio tem uma portada de granito. Á direita encontra-se uma passagem para um vestibulo e depois um nicho (y da planta), cújos relevos estão bem conservados, em que se representa a rainha perante Amon, e n'outro Makeré á meza tendo em frente o grande sacerdote Hor-Hernnetef, que foi martelado por ordem de Amenophis IV, sendo respeitados os outros relevos.

O vestibulo leva a um pateo aberto, onde no meio se levanta um altar dedicado ao deus Rë-Hamarkis, deus solar. É o unico *hypétro* do antigo Egypto, que se tem conservado até hoje.

Neste andar do grande edificio ha muitas salas e construcções que parecem ter servido para a habitação da propria rainha, sobretudo as que estão junto á *sala das offerendas*.

Aos lados contra a montanha ha socalcos que denotam a existencia de antigos jardins e mesmo algumas arvores que têm uma *facies* exotica.

Seria longa a descripção das bellas esculturas do *spéos* d'Amon e dos nichos que ornam o muro do fundo da praça superior. Em quasi todas se respeitou a figura distincta da rainha Makeré.

Ramesséum

Não é só um templo, é uma serie de construcções que se ligam por columnatas, galerias e pateos.

O templo é a parte central mais importante e liga-se para o S.

com um edificio que parece ter sido um palacio e para o norte existem alvenarias, que parecem as fundações de columnas e muros que vão ligar-se a construcções d'abobadas, que é ainda tradição serem os celleiros do grande José do Egypto; esse secular escarnecido que vive atravez dos tempos entre o pobre povo com a fama de bondoso, casto e honesto, pelos grandes beneficios que lhe fez, armazenando os viveres nos annos das vaccas gordas, regulando-lhe as colheitas por meio das irrigações com os canaes, como o Fadiliya, que corre proximo (Vide fig.ª XXX) e minorando-lhe sempre a fome.

Por isso a plebe lhe vae em longas peregrinações á aldeia do Hebron visitar o seu tumulo, que é fanaticamente guardado pelos musulmanos.

Conjunctamente estão os seus tres antepassados, Abraham, Isaac e Jacob, que o islamismo considera tambem como seus patriarchas. [1]

Mas voltemos ao templo, cujo pylone muito arruinado tem ainda por dentro os paineis da batalha de Qadech.

No primeiro grande pateo ou praça interna vê-se a base do grande colosso de Ramsés II, que jaz em pedaços sobre o solo: era de porphiro.

O portico ainda tem no lanço de N. E. uma amostra das estatuas osiricas, todas decapitadas. (Fig. XLV).

Á esquerda vê-se uma parte do hypostylo, que tem resistido ás inclemencias dos homens e do tempo. Todo o resto está muito derruido.

Medinet-Habu

Emfim na parte mais Oeste da área da antiga Thebas, tambem já contra as primeiras collinas (vide fig.ª XXX) existe um conjuncto d'edificações que datam do tempo de Makeré, de Thutmés II, de Ramsés III e de Amenartaïs. (Fig. XLVI).

Mariette foi quem primeiro começou as escavações, como tinha feito em Deir-el-Bahri para desembaraçar a área dos templos das ruinas dos mosteiros e egrejas coptes, assim como de todas as casas que ali se tinham construido com as pedras arrancadas aos proprios edificios locaes. Era uma devastação selvagem.

---

[1] Vêr o *Graphic* e a *Illustration* de 28 de dezembro de 1907.

Os templos pequenos foram os primeiros escavados e o seu pylone, ainda hoje considerado modelo d'architectura egypcia, era separado da primeira praça ou grande pateo por um intercolumnio, de que existem apenas as columnas centraes com capiteis de flores. (Fig. XLVII).

Esta disposição vimol-a em escala pequena nos templos de Dakké, Dandúr e Taffé: é ptolomaica, assim como o I pylone, que foi feito com materiaes roubados ao Ramesséum.

Na planta (fig. XLVI) vê-se que elle não está acabado. Atraz ha a portada da capella Necktanebos que tinha 10 metros de profundidade e se ligava ao II pylone, construido por Taharqa, que tem inscripções e figuras allusivas ás suas victorias na parte posterior da portada, que dá para o segundo pateo em completa ruina, onde se vêem apenas as hombreiras d'uma porta de granito. Emfim estamos em frente do pequeno templo, parte mais antiga destas edificações. Tinha um portico á frente e em torno da cella; por detraz havia 6 salas onde se vêem figuras de Makeré, vestida de homem, martelladas e substituidas pelas dos tres Thutmés, o pae e os dois irmãos, que muitas vezes andaram desavindos com ella, mas que ella quasi sempre vencia pela sua elevada intelligencia.

Quando Amenophis IV, o apostata, reinou, mandou martellar novamente tudo, mas Haremhab e Sethos I repararam o que foi possivel. O *Sesostris* teve por ella grande respeito.

Ao lado deste templo para O. está o chamado pavilhão de Ramsés III que parece ter servido d'habitação a este rei, como as salas posteriores do pequeno templo foram para Makeré.

Na vista lateral (fig. XLVIII) são as ruinas desse pavilhão a parte mais saliente e mostram a sua importancia.

Na parte anterior havia uma casa para a guarda palaciana e posteriormente está o grande templo, dedicado a Amon-Ré-Hamarkis, o deus hieracocephalo e construido por Ramsés III.

O I pylone tem muitas inscripções e relevos que dizem respeito ás guerras com os Libyos. Na parte direita do portal ha uma inscripção em fórma de porta, onde se encontra um dialogo entre Ptah e o rei, como seu bisavô tinha feito em Abu-Simbel.

Passado o portal, entra-se num grande pateo com um portico de pilares á direita e de columnas á esquerda.

Segue-se o II pylone menor que o primeiro, mas interessantissimo pelas inscripções e relevos que se referem aos povos da Syria, talvez

a tribu dos Philisteus, que veiu atacar o Egypto com outros povos e foi destroçada.

O segundo pateo tem portico em toda a volta e nos muros ha inscripções d'um alto interesse historico. No portico N. e NE. *scenas da grande festa ao deus Min,* emquanto que no portico SE. e S. vêem-se *scenas da festa a Ptah-Sokaris.*

Muitas vezes vê-se o rei sob baldaquino e tendo aos lados 4 porta-flabellos; atraz vem os prisioneiros.

No terraço que termina o segundo pateo ha paineis em que o rei sacrifica perante a barca de Ptah-Sokaris, de Knum criocephalo e de Sokaris-Osiris, a quem apresenta o pão n'um prato.

Aqui repetem-se as representações em relevo da ceifa pelo rei, tendo na mão uma fouce, d'uma paveia de trigo, como no Ramesséum seu bisavô fazia.

O hypostylo está quasi destruido, mas tinha imponencia com os muros muito decorados.

Em torno havia onze quartos que tinham inscripções muito variadas e serviam de *thesouro* do templo.

Ao hypostylo seguiam-se 3 salas com columnas e por detraz, muitos outros compartimentos bastante arruinados, que eram consagrados a Osiris, vendo-se ainda representações dos Campos Elysios egypcios.

Saindo do templo vão-se examinar as scenas de guerra representadas sobre a parte exterior do muro de contorno ao N. emquanto que ao O. são scenas de festas. As figuras são talvez melhores que as de Edfu.

E assim temos terminado a descripção geral dos templos de Thebas.

Foi ella o mais summaria e puz de parte tudo o que se referia aos templos-funerarios que no bairro Memnonia são muitos e de grande importancia para a arte e para a historia.

De volta a Luksor passámos pelos dois colossos de Memnon que guardavam o templo d'Amenophis III, sendo um d'elles a *estatua vocal.*

Ao descer o Nilo depara-se a 16 kilometros com uma cidade original, *Nakäde,* onde em dia de festa se ouvem sinos a tocar, o que não succede desde Assuan.

É quasi exclusivamente habitada por coptes e christãos.

Existem ali quatro egrejas, da Santa Cruz, de S. Miguel, de S. Victor e de S. Jorge, que dizem terem sido construidas pela imperatriz Helena.

Para o nosso estudo esta localidade é notavel por ter sido descoberto, ao pé, em 1897 pelo sr. Morgan o tumulo de Menés, primeiro rei historico do Egypto.

Denderah

Este templo é dedicado á deusa Hathor (Aphrodite), deusa do Amor e da Alegria.

A planta parece-se muito com a de Edfu, mais simples, e tem apenas a particularidade de ter cryptas subterraneas (catacumbas) e na parte correspondente ao primeiro piso, depois do hypostylo, ter por cima dois andares, o que lhe tira um pouco a magestade.

De epoca recente, pois foi construido no seculo anterior á era christã sob os ultimos Ptolomeos, um dos quaes foi o XVI, chamado o *Cesarião* por ser filho de Julio Cesar e da celebre Cleopatra.

A sua apresentação aos deuses de Denderah está representada no muro posterior do templo, ao S.

O templo acha-se em bom estado de conservação, e tem junto um outro mais pequeno, que corresponde aos templos da *natividade* da epoca ptolomaica.

Ainda se encontra, não longe, um templo dedicado a Isis, que não está completamente desentulhado.

As escavações foram começadas na campanha de 1897-98 por Flinders Petrie, em todo o recinto dos templos.

O templo da *natividade* era dedicado a Hathor e a Har-sem-teue ou *Ehi*, seu filho e de Horus d'Edfu; foi construido por Augusto e decorado por Trajano e Adriano, emquanto que o grande templo foi por Augusto, Tiberio, Caligula, Claudio e Nero. Aqui é que estava a *sala do Zodiaco*, que actualmente se encontra na Bibliotheca Nacional de Paris.

Abydos

É uma das antigas necropoles do Egypto e della nos occuparemos logo; agora só faremos o estudo do grande templo, construido por Sethos I e Ramsés II *(os Sesostris dos Gregos?).*

Como se vê da fig. XLIX, a originalidade deste templo é ser dedicado de principio a 7 deuses, e depois a mais dois, alem do antigo templo da triade egypcia.

A sua fórma é a de um L, para evitar o fazer as ultimas cellas em *spéos*, assim como as salas annexas.

O pylone está destruido assim como os muros que formavam os adros até a entrada do templo, que se conserva com as 7 portas em face de cada cella.

Por detraz está outro pequeno templo dedicado a Osiris, Isis e Horus, cuja sala pronáos tem as columnas sem capiteis.

Todos os hypostylos tem as columnas papyriformes como mostra a fig. L. com capiteis fechados.

As figuras decorativas, que ornam parte dos muros, são do tempo de Séthos I e de grande valor artistico.

O pylone e os dois adros parecem ter sido construidos por Ramsés II, que nas grandes inscripções celebra a sua piedade filial para com seu pae.

Nos muros do segundo adro estavam representados os filhos e filhas de Ramsés II, como vimos no templo de Sébuá.

No *corredor do rei* (planta, fig. XLIX) encontra-se do lado direito a celebre lista dos reis egypcios ou *taboa d'Abidos*, que contém 76 reis desde Menés a Séthos.

Ainda não fizeram a esta lista o que aconteceu á de Karnak, como vimos.

Proximos estão representados Séthos com o thuribulo e o principe real Ramsés II, recitando hymnos, que lê n'um livro.

Por cima da lista está a seguinte inscripção:

«*Que Ptah-Sokaris-Osiris, senhor do tumulo, que habita no templo de Séthos, augmente as offerendas para os reis do Alto e Baixo Egypto*...

Os relevos são d'uma grande correcção e muitos pintados, como se póde ver no desenho d'uma nave do I hypostylo, sobre as columnas que a formam.

A figura L representa uma scena muito vulgar nas viagens; a da refeição d'uma caravana das agencias de viagens, no meio da nave, servida por creados egypcios de turbante e cabaia.

O sr. Pierre Loti verbera asperamente na sua prosa scintillante uma tal profanação do logar, um tal desrespeito pelas tradições. Mas

que fazer?! O Egypto precisa como Portugal que o extrangeiro visite o seu paiz, e para isso procuram-se todos os attractivos; e um dos maiores para os povos anglo-saxonios são estas exhibições.

Em Philéa havia o Kioske, que infelizmente em pouco tempo deixará de dar guarida aos visitantes para a hora do *lunch*, mesmo com o reforço que ultimamente se fez ás columnatas, por meio de alvenaria grosseira, assente entre ellas.

Brevemente a inundação será completa.

Obeliscos

Terminado o estudo perfunctorio e incompleto que lhes fiz dos grandes templos, ficaria elle mais deficiente ainda, se não lhes dissesse duas palavras sobre um dos seus ornamentos mais grandiosos, que a civilisação levou a correr mundo para enfeite das grandes cidades:— os obeliscos.

Muitos já encontrámos, mas apresento-lhes ainda este figurado nestes desenhos e photographias. É o de Heliopolis, ali posto por Usertesen I, o rei que construiu o primeiro templo de Karnak, portanto o mais antigo dos obeliscos.

Não é grande, apenas tem 20,27 metros d'altura, quando o de Makeré em Karnak tem 33 metros.

Um grande numero era de granito, mas ha muitos de calcareo silicioso.

A sua fórma não é a de uma pyramide de faces planas e arestas rectas. As faces, se fossem planas, produziriam, á luz do sol, a impressão de concavas; por isso se lhes deu uma leve convexidade, e as suas intersecções dão uma linha curva, que neste desenho (fig.ª LI) se vê claramente, assim como no grande de Karnak (fig.ª XXXVIII.)

Dos principaes obeliscos saidos do Egypto, têem sido o 1.º para Constantinopla; o 2.º para Roma, o 3.º para Paris, o 4.º para New-York; o 5.º para Londres.

Viajar com 4:000 annos de idade já é bonito!

Os que foram para New-York e Londres eram de granito d'Assuan, e foram feitos para Heliopolis por Thutmés III, e depois levados para o templo de Cesar em Alexandria por Augusto; por isso se cha-

maram, desde então, *Cleopatra's Needle*. Para agulhas de senhora eram um pouco pesados. A sua conducção a destino foi accidentada, e fez a reputação de Dikson, o engenheiro constructor das pontes da alfandega de Lisboa.

Necrópoles

Entre as sete maravilhas do mundo figuraram sempre as Pyramides do Egypto, não se suppondo, porém, depois do reinado dos Ptolomeos que fossem monumentos funerarios, até o advento dos Mamelukos que as saquearam outravez.

Herodoto comtudo dá uma discripção bastante exacta principalmente da primeira ou da de Kkéops, a que attribue 250 metros de lado e igual altura.

Quasi todos os authores e viajantes romanos falam tambem dellas e dão a sua opinião sobre o seu modo de construcção, o tempo que ella durou, quanto se gastou, o numero de operarios, a epoca do anno em que os trabalhos se faziam, etc., etc.

Modernamente, quer dizer desde 1720 em que o dominio turco começa a decair e os Beys a terem um ascendente na administração local, e que os europeos pódem visitar novamente o Egypto, é que viajantes inglezes e francezes publicam obras sobre os monumentos e especialmente sobre as pyramides.

De facto logo que se sae dos arrabaldes de Alexandria, a vista é attrahida pelas tres sombras ponteagudas, enormes, que ora se approximam ora se affastam, muitas vezes se confundem, mas que sempre se destacam no ceu azul.

Natural era que o problema da sua construcção fosse debatido. Desses viajantes salientam-se Shaw, Pococke, Lepsius e Ebers [1] para não citar outra vez o excellente trabalho do meu amigo *Choisy*, aqui presente, e tantos outros de quem fallaremos á medida que progredirmos na nossa succinta discripção; pois não os quero enfadar com assumptos que são de todos conhecidos.

Cada uma das grandes capitaes, que o Egypto teve, reservou um espaço para a sua necropole, que sempre ficava a uma distancia

[1] Veja-se a magnifica traducção de Oliveira Martins do *Egypto por Ebers* publicada pela Empreza Editora.

consideravel da cidade, e onde, como hoje, havia locaes de diversas especies para os enterramentos desde a valla commum, até á pyramide.

Em torno de Memphis, a primeira grande capital, formaram-se cinco grupos bem distinctos destas construcções, onde modernamente se tem feito descobertas muito interessantes (fig.ª LII).

1.º O de Abu-Roach, que está quasi completamente arrazado, é o que ficava mais ao Norte e pouco tem que ver.

2.º A 8 kilometros ao Sul ficam as chamadas Pyramides e necropole de Gizé.

3.º As pyramides de Zãuivet el-Aryân.

4.º Sempre caminhando para o Sul, as pyramides e grande necropole de Sakkãra, que seria a mais proxima da antiga Memphis, que comprehende tambem as de Abousir.

5.º Finalmente as que ficam mais ao Sul são as pyramides e necropole de Dahchûr.

Desta ultima a Abu-Roach distam 38 kilometros ao longo do escarpado do planalto do deserto, onde as areias se movem ao sabor dos ventos, formando vagas como as aguas do mar.

Entre as duas arribas do deserto arabico e do deserto libyco o Nilo corre mais proximo da margem direita ou do nascente, e fica para o lado do poente uma larga campina, leziria ou varzea, que durante as cheias é sempre coberta pelas agoas até ao sopé dos escarpados.

No meio ha uma altura ou pequeno cerro, é onde se encontram as ruinas de Memphis.

A grande cidade occupava todos aquelles terrenos elevados, fóra das innundações e provavelmente defendendo-se por meio de muros de caes e diques de protecção estendeu-se até ao Nilo, proximo a Bédrachin, onde existem ainda ruinas de certa importancia. Formaria antigamente uma ilha?

É assumpto que para nós agora não tem grande importancia a não ser para saber se o transporte dos caixões, que em muita parte se vê figurado feito por meio de barcos, não era allusivo á viagem a Abydos, como geralmente se interpetra, para fazer uma visita ao grande deus *Osiris;* mas sim para ir para a necropole, que ficaria separada da cidade por um braço do Nilo. As duas hypotheses são admissiveis e se a primeira é a que tem mais adeptos, não admira por que as repre-

sentações muraes, quer esculpidas quer pintadas, são feitas nos mastabas e tumulos da gente rica que provavelmente fazia depois da morte a viagem d'Abydos, para que o Deus tutelar das sombras, e que pesava as almas lhes fosse propicio. Ainda hoje a raça judaica tem grande empenho de ir repouzar no Valle do Cédron ou de Josaphat, nos arredores de Jerusalem, para estar proximo quando houver o juizo final e a resurreição dos mortos.

Quando se sobe o Nilo do Cairo para Bédrachin para visitar as ruinas de Memphis é d'um effeito decorativo o ver todas as pyramides illuminadas pelo sol nascente por detraz da montanha de Mokattam, perfiladas na fimbria do deserto. É uma decoração realista d'um alto valor artistico d'impressão e de sugestão.

As de Gizé, refletindo o sol de chapa, pois as suas faces estão orientadas segundo os quatro rumos cardeaes, sobrelevam ás outras mais ou menos em ruinas, mas dando sempre ideia da sumptuosidade. A muitos respeitos é curioso ver a planta de cada uma destas necropoles, para se conhecer das relações dos jazigos com as differentes pyramides que correspondiam aos reis ou principes, emquanto que os *mastabas* ou casas mortuarias dos ministros ou escribas e dos grandes sacerdotes são quasi tão ricas e sem duvida mais curiosas pelas inscripções gravadas e paineis em alto relevo d'um valor archeologico inextimavel. Ha necropoles, porém, que são exclusivamente formadas por *hypogeos* ou *syringas*, tanto para os reis como para os nobres e plebeos.

Além disso em muitas necropoles além dos jazigos para homens, ha os dos animaes, como o dos bois Apis em Sakkära e em Alexandria. Neste caso os tumulos chamavam-se *Serapéums*. A ligação da vida destes animaes, descripta nos sarcophagos de cada um, são d'um alto interesse historico.

Ha necropoles de macacos como em Assuam etc. Em Arsinõe e Crocodilopolis ha a necropole dos crocodillos (ao Sul de Esnée). A das serpentes encontra-se em Buto.

Um cemiterio de gatos e ibis acha-se em Sakkära.

Pyramides

Estas construcções merecem um estudo mais demorado por muitas

razões, principalmente por serem os monumentos das primeiras dynastias do Egypto.

Das duas primeiras dynastias, que comprehendem 17 reis segundo Manethon e as tabellas de Abydos e de Karnak só se encontrou o tumulo do rei Menés, o primeiro reconhecido como tal em todo o paiz do Egypto, pois tem no seu carimbo (Cartouche) os hieroglyphos da planta sobre a letra *t* e da abelha sobre a mesma letra, o que quer dizer *Rei do Norte e do Sul.*

O primeiro rei que no carimbo usou do titulo de *Filho do Sol* foi o ultimo da III dynastia. Depois este titulo foi usado com interrupções até se chegar á XVII dynastia de Thebas, cujos reis a usaram sempre dahi em diante.

Os differentes egyptologos dão para as datas correspondentes ao começo de cada dynastia annos muito differentes, segundo os documentos que examinaram e os conhecimentos chronologicos, que possuiam.

Vou dar-lhes um exemplo para a primeira dynastia, que teria começado no anno (antes de Christo) de, segundo;

Champollion de Figeac	Lepsius	Beugsch	Mariette
5.867	3.892	4.400	5.004

Entre Champollion de Figeac (le *jeune)* e Lepsius ha uma differença de quasi 2.000 annos!

E cousa notavel desde Mariette tanto Pétrie como Masperó vão approximando-se cada vez mais de Champollion, e talvez se chegue a dar para a existencia de Menés a epoca de 6.000 annos antes de J. C.

É nos caixões das mumias que estas datas se encontram mais authenticas; e pela descoberta de Morgan em Nakäde do tumulo de Menés, é que as datas correspondentes se vão verificando, assim como por outras inscripções em stellas e tumulos (Canop, Rosette, etc.).

A pyramide mais antiga que se conhece é a de Zoser, rei da III dynastia chamada a pyramide em degraos da necropole de Sakkära. Chronologicamente vem logo depois as grandes pyramides dos tres grandes reis da IV dynastia.

A maior, que tem ainda 147 metros d'altura, foi chamada pelos Egypcios *o logar do esplendor de Khufu* ou *de Khéops.*

As dimensões primitivas não eram tão grandes e parece que não teria mais de 100 metros de lado que corresponderia ao nucleo central inferior, donde partiria um poço que ia dar á camara subterranea, mas a vida de Khéops continuando a prolongar-se elle foi tambem engrandecendo o seu tumulo que de facto chegou a ter 233 metros de lado.

A orientação das suas faces é a dos pontos cardeaes, como todas as pyramides, sendo portanto a sua base perfeitamente quadrada.

A sua concepção é devéras grandiosa e a execução denota muitos conhecimentos da arte de construir e de dirigir os homens em tão largos estaleiros nas duas margens do Nilo.

A entrada é sempre na face do norte e está umas vezes ao pé da base, outras vezes a uma certa altura, onde se fez uma camara triangular, que depois se tapou com o revestimento, que n'umas foi todo de granito de côres differentes, n'outras de calcareo e granito muito bem trabalhados dando a impressão de fachas horisontaes, perfeitamente cerzidas. Destes revestimentos pouco existe, formando montões d'escombros no sopé, principalmente no meio. D'ali tem saido muita pedra para as construcções modernas, apezar das pedreiras de Mokattam estarem mais proximas, mas aquelles materiaes são de muito melhor qualidade.

Como dissemos a primeira intenção de Khéops foi de fazer uma camara subterranea para o sarcofago, e nesse caso a entrada era contra o chão, sendo, porém, augmentada muito a construcção fez-se a camara funeraria á altura de 42 metros tendo uma galeria, que sóbe até lá com secções variaveis, tendo a ultima o tecto muito alto, mais de 8 metros, e as faces perfeitamente trabalhadas, não se podendo introduzir nas juntas nem a ponta d'um canivete nem um cabello. O carneiro ou salla funeraria do rei é toda revestida de granito polido e mede 5,^{m}20 por 10,^{m}43 sendo coberta por nove enormes pedras com 5,^{m}64 de comprimento, que os constructores não quizeram carregar, fazendo superiormente desvãos, a que se póde subir por meio d'uma escada posta na parte mais alta da rampa d'accesso.

O sarcophago estava vazio, por fóra delapidado; e foi roubado no tempo da XX^{a} dynastia, quando começaram as desordens internas no tempo dos ultimos Ramsidas.

Os desvãos de descarga tinham superiormente um espaço pris-

matico formado por duas séries de pedras, postas de canto, mas um pouco inclinadas. Dizem muitos que estas precauções dos architectos foram exaggeradas, mas podia succeder como em muitos hypogêos, que não pódem visitar-se por causa dos desabamentos.

Para que se pudesse respirar mais facilmente fizeram-se respiradouros, tendo a secção de 0,^{m}15 por 0,^{m}20, que vão alargando successivamente para cima, tendo um 71 metros e o outro 53 metros d'extensão. Vê-se quanto se tinha sido previdente para que o defuncto pudesse respirar, a fim de executar os trabalhos d'além tumulo, a que Osiris o sujeitasse!

A galeria d'ascensão ao carneiro está obstruida com grandes blocos de granito ali collocados, logo que a mumia foi encerrada no mausoléu, mas nem assim os delapidadores dos tumulos deixaram de penetrar, abrindo caminho nos muros lateraes da galeria e evitando os blocos de granito, que seria muito difficil remover.

A segunda pyramide de Khéphren ou Chéfrén é designada pelos egypcios pela denominação de *grande é Khéphren.*

É a que está em melhor estado de conservação; ainda tem uma parte do revestimento em cima, junto ao vertice.

As suas faces formam um angulo maior com o horisonte e por isso parece mais elegante que a maior.

Mas sob este ponto de vista a que lhes leva mais vantagem é a terceira, a mais pequena, a que os egypcios chamaram *divino é Mykérino,* ou Menkhérés, como lhe chama Manéthon. Destas tres pyramides os sarcophagos foram saqueados, sendo quebradas as tampas que eram de porphyro ou de fino granito. As tassas inferiores, quando se percutem, dão um som metallico.

Ao vandalismo dos egypcios das dynastias, em que houve grandes desordens intestinas, juntou-se tambem o dos invasores e até recentemente o Coronel Vyse fez um poço ou tunnel no interior da 3.ª pyramide, que não tem explicação plausivel.

Junto á grande pyramide (lado do Sul) existe um grupo de tres pyramides pequenas, que segundo Herodoto são das filhas de Khéops, [1] e o mesmo succede do lado O. da terceira pyramide de Menkerés.

---

[1] Esta passagem do historiador grego deu origem ao romance de Prosper Castanier—*A cortesã de Memphis.*

Em torno ha ruinas de muitos mastabas, e tumulos d'alvenaria cortados na rocha, que, parece, terem occupado espaços, delimitados por muros.

Pouco se tem encontrado de valor nestas necropoles, não obstante as escavações continuam.

Não longe para E. está a *sphinge* e o *templo de granito*.

Dois problemas archeologicos que não foi ainda possivel decifrar por completo.

Quem construiu a *sphinge?* Parece ter sido Amenemhët III, o quinto rei da XII dynastia, que foi uma das gloriosas do Egypto e que constitue com as seguintes até á XVI inclusivé o medio Imperio, ou o primeiro imperio thebaico.

Porque é que este rei que construiu a pyramide e grande templo Hauára, que se diz o antigo labyrintho, junto do lago Moëris, veiu a Gizé e mandou cortar na rocha viva uma figura tão extraordinaria como a da *Sphinge?*

Nem mesmo se póde hoje dizer que seja um leão com cabeça de homem, pois nas duas vezes que a visitei pareceu-me uma leôa com cabeça de mulher coberta por um panno ou mantilha ás riscas de côres differentes, que era segura por um aro metallico, que a apertava contra a testa, tendo um *urœus* em posição de defeza, como quem a protegia. Este toucado ainda hoje se vê na Nubia, e na fig.ª LXIX.

A esculptura reconhece-se ter sido perfeitissima, e as côres, que aqui e ali ainda se divisam, devem ter sido vivissimas.

A ponta da rocha em que foi cortada, vê-se bem que era formada de camadas de calcareo de dureza e coloração variaveis, de sorte que successivamente os differentes reis foram supprindo por alvenaria de tijolo as partes que caiam, e assim garantiram a sua conservação durante 5.000 annos.

Assim chegou até ao presente, o que não succedeu aos colossos de Abu-Simbel, a cuja ruina estamos assistindo!

As areias do deserto têem soterrado successivamente a *Sphinge*, mas por varias vezes tem sido desaterrada, como no tempo de Thutmés IV e ultimamente por Mariette.

Os Ptolomeos e romanos fizeram em torno muros de tijolo para ver se as areias não a invadiam nem o *templo de Granito*, onde Mariette encontrou n'um poço nove estatuas de Khèphrén, e muitas de cynocéphalos.

Parece esta ultima circumstancia ser uma prova de que este edificio em que não se vê uma letra, um signal, um simples risco seria um templo funerario, a que estavam juntas salas para recepções, em que, é tradição, se passaram horriveis scenas de vingança, como a da rainha *Nitakris* que convidou para um banquete os assassinos do marido e depois os mandou afogar, subindo a agua por uma conducta subterranea, que ella abriu, refugiando-se n'um quarto, cheio de cinzas com que tapou a porta para a agua não entrar. Foi a *Lucrecia Borgia* d'aquelle tempo.

A scena poderia ter-se dado aqui onde ha duas grandes salas, uma das quaes tem 6 espaços na parede para sarcophagos e antes um quarto forrado de alabastro.

É cousa curiosa, que fosse aquella rainha que tivesse acabado a pyramide de Mykerino, dando-lhe um revestimento de syenite. É tradição que teve a energia avoenga de Makeré.

Não terminarei sem lhes ler a opinião sobre este templo de Charles Blanc, um dos mais competentes modernos criticos da arte.

«Este edificio unico é todo de alabastro e granito, cuja magestade reside na construcção pura, na collocação simples dos materiaes sem ornato nem desenhos, sem cores, nem inscripções ou esculpturas.»

«Que se pudesse chegar a este effeito tão grandioso com blocos de granito e alabastro, é um problema para o meu espirito; mas problema que está resolvido. Dou as mãos á palmatoria e arrependo-me de ter dito que os cubos sobrepostos, hombreiras e linteis, pilares e muros não poderiam constituir uma architectura. O templo da *Sphinge* desenganou-me com surpreza minha. Vi ali que nunca se attinge tanto o sublime como quando se põe de parte o bello».

Nisto o sr. Charles Blanc exaggera. O que ali maravilha são as proporções e a harmonia, alliadas á simplicidade, que são o caracteristico do bello.

Deixemos o grandioso panorama de Gizé para visitar as outras necropoles ao sul.

Em Zâuiyet-el'-Aryân ha duas pyramides muito arruinadas, mas cujas bases ainda tem 90 metros de lado.

Em Abusir ha tres pyramides grandes e outras menores, que

parecem ter pertencido aos reis da v dynastia, havendo tambem mastabas que são das mais antigas, mas muito mais deterioradas. Ha restos de 14 pyramides, todas d'alvenaria, e da do rei Sehouré ainda se póde avaliar a altura primitiva em 45,50 metros e ver um caminho para um templo, cujos escombros se veem na base da escarpa para leste. Proseguindo para o S. chega-se em pouco tempo a Sakkãra, onde houve numerosas pyramides, muitas derruidas actualmente, sobresaindo comtudo a denominada em degráus, por ser feita em 6 partes sobrepostas em recuo uma das outras, com a altura total de 59 metros.

Esta pyramide, a mais antiga que se conhece, pois data da 3.ª dynastia, é anterior ás celebres de Gizé e está em soffrivel estado de conservação.

Não longe está a pyramide de Omos da v dynastia e quasi todas as outras pertencem á vi dynastia, que é conhecida pela designação dos Pepis, em que o poder egypcio já decaia do seu fulgor das iv e v dynastias.

As dynastias seguintes—vii á x—governam apenas em Memphis e em Herakléopolis; para os lados de Abydos não levam o seu dominio mais além, até Thebas. De sorte que a xi dynastia é já constituida pelos principes desta ultima região que se fizeram reis.

Não obstante os reis da xiii dynastia, já do medio imperio e thebaica, fizeram pyramides em Dahchûr, Licht, Hauâra e Illahum, emquanto que o primeiro rei da iv dynastia, Snofre, construiu uma pyramide em Meidûm ao Sul de Licht.

Mais ao Sul as pyramides acabam e começa o uso dos tumulos em hypogéos.

Em Sakkâra é onde se encontram em melhor estado de conservação os mastabas; mas deve dizer-se que as pyramides de Dahchûr e as outras ao Sul déram, quando regularmente exploradas por Morgan, collecções de enfeites e de joias lindissimas.

Mastabas

Os de Sakkâra começaram a ser explorados por Mariette com todo o cuidado e começou então a entrar-se num conhecimento mais documentado dos principios religiosos e dos usos e costumes da vida

egypcia, que se encontrou representada nos registos em altos relevos, que ali existem forrando de cima a baixo as paredes dos mastabas, que se póde dizer serem a casa do morto tão rica e confortavel, como o fôra a do vivo.

Ali havia sala para receber as visitas, quartos para descançar, compartimentos para trabalhar, despensa para os presentes, etc., etc.

Já vimos uma caçada do intendente *Ti* aos hypopotamos, no meio d'um rio ou lago com as margens cheias de *lotus* (fig. XVI).

Nessa mesma casa mortuaria, que está em Sakkara, junto da habitação-kioske de Mariette-bey, encontram-se as representações da vida que elle passou neste mundo e dos trabalhos que elle tinha d'executar no outro para poder entrar nos Campos Elysios.

A perfeição destas esculpturas dá ideia nitida da alta civilisação a que se tinha chegado no Egypto, durante as primeiras dynastias. Sendo assim, quantos seculos se teriam passado desde a existencia de Osiris, Iris e Horus que foram reis do baixo e do alto Egypto e já podiam viajar da Philéa a Abydos, onde se acharam os seus tumulos, e cuja tradição se perdia então na noite dos tempos!?

Não é, porém, só esse mastaba que ali se encontra: o de *Meri* não é menos notavel o de Sabû, o de Ka-gem-né, e o de Ptah-hotep.

Já na necropole de Gizé havia mastabas, mas em mau estado de conservação, á excepção do mastaba dos *numeros*, assim chamado porque estão marcadas em numeros as quantidades de bois, vaccas, vitellas, carneiros que o proprietario teve, mas não se tem podido ainda identificar o seu nome.

Os mastabas, sendo os tumulos dos altos funccionarios, estavam de ordinario junto ás pyramides ou tumulos dos reis, em cujo tempo viveram, de sorte que auxiliam muito para a historia das dynastias. N'alguns encontraram-se papyros, mas é sobretudo nos hypogéos que estes mais se teem encontrado.

Hypogéos ou Syringas

Uma ultima fórma de tumulos foi para os grandes a dos hypogéos ou syringas, que durante o imperio antigo e medio foi reservada

para a gente pobre e depois na XVII dynastia passou a ser tambem para a gente rica.

Póde dizer-se que as pyramides acabam em Herakléopolis, e que os mastabas finalisam em Abydos; mais para o sul são sempre hypogéos. Não se achou outra explicação a dar deste facto, senão que as pyramides já tinham sido abertas pela plebe amotinada para ver se encontrava thesouros que lhe permittissem comprar cereaes para minorar a fome.

No tempo dos Hyksos já muitas sepulturas foram violadas; o que não admira, pois eram pastores semi-selvagens. Então os reis de Thebas entenderam fazer hypogéos no flanco da montanha oeste e collocar o seu sarcophago no fim de grandes galerias ou syringas, que se dispunham de modo que não fosse facil dar com a mumia, ás vezes em poços profundos, como em Tell el'-Amarna (fig.ª LIII).

Na necropole de Thebas, que é a que tem hypogéos mais completos, foram collocal-os no fundo de valles e desfiladeiros tortuosos, de modo que é difficil encontral-os, quando mais não seja senão pela difficuldade do accesso.

Os hypogéos mais interessantes pelo Nilo acima pódem classificar-se do seguinte modo:

1.º De Bénihassan, incluindo os de Kom-el-Ahmar
2.º De Deir en Nakhlé
3.º De Tell el'-Amarna
4.º De Mágbdé a Siût
5.º De Abydos
6.º De Nakadé
7.º De Thebas
8.º De El-Kab
9.º Finalmente, os d'Assuan

Em todas as necrópoles acima descriptas ha hypogéos, alguns dos quaes déram nas pesquizas, methodicamente feitas, objectos de muito interesse que se acham no British Muséum, no Louvre, no museu do Cairo e n'alguns outros.

Os que existem, porém, acima de Herákleopólis tem importancia muito maior a todos os respeitos. Os que formam o grupo de Bénihassan são interessantes pela sua construcção, pois é ali que se encon-

tram as columnas protodoricas de que já falámos (fig.ª XV) e apreciámos a sua origem artistica, assim como da columna lotiforme.

Além dos hypogéos ha um *Spéos de Artémidos* que os arabes chamam as cavallariças de *Antar*, que foi um heróe antigo da sua historia. O grande hypogéo de Asiût tem o mesmo nome arabe.

As pinturas e inscripções de Bénihassan têm um grande valor historico, e representam os usos e costumes do tempo do medio imperio, emquanto que os de Kom-el-Ahmar ou collina encarnada são do fim do antigo imperio.

Os hypogéos de *Knemhotep* e de *Ameni* são os mais notaveis e bem conservados.

No grupo de Tell-el-Amarna é considerado como mais importante o mandado fazer por Amenophis IV, que, tendo apostatado a religião de Amon pelo culto do sol, abandonou Thebas e veiu construir um palacio com todas as dependencias e as casas dos funccionarios da sua côrte, num territorio que elle mandou considerar como sagrado e que comprehende porções das duas margens do Nilo, onde estão gravadas inscripções nos rochedos para perpetuar esse facto historico. É tradição que foi instigado a isso pela rainha *Tii* ou *Teye* sua mãe, que era viuva de Amenophis III. O que é certo é que a arte egypcia soffreu uma transformação com esta expansão e saida de Thebas, tornando-se mais naturalista e procurando sair das fórmas convencionaes. O rei mudou de nome e chrismou-se para *Ekhu-en-Eten* ou *Genio do Sol*.

No seu tumulo ha um hymno ao Sol, que está muito damnificado, mas que em parte foi reproduzido nos tumulos posteriores.

Os de Tell-el-Amarna têem agora portas de ferro para não soffrerem tantas degradações, que produziram verdadeiras perdas para a arte e a sciencia. Mal se percebe o sol nascente e subindo sobre o pylone do templo, sobre as montanhas em cujas vertentes passam numerosos animaes, estando no sopé um palacio. Haveria ali a reproducção dos edificios que o rei mandou construir e que desabaram todos, logo que morreu, pois uma revolta obrigou a transferir-se a capital para a antiga Thebas e a ser novamente adorado o deus Amon. O sol tinha sido imposto á força, e o seu hymno tinha-se tornado de guerra e não mystico como o de S. Francisco d'Assis, que foi inspirado pelo nosso Santo Antonio. Leio-lhes umas quadras da traducção que Anatole France fez do latim para francez:

Je vous louerai, mon Dieu, d'avoir fait aimable et clair
Ce monde où vous voulez que nous attendions de vivre.
Vous l'avez semé d'or, d'émeraude et d'outremer,
Comme un peintre qui met des peintures dans un livre.

Je vous louerai d'avoir créé le seigneur Soleil,
Qui làuit tout le monde, de l'avoir voulu faire
Aussi beau qu'il est bon, trés digne de vous, vermeil,
Splendide et rayonnant, en forme exacte de sphére.

Je vous louerai, Seigneur, je vous bénirai, mon Dieu,
. . . .
. . . .
Pour notre sœur la Vie et pour notre sœur la Mort,
Je vous louerai, Seigneur, d'ores à mon ultime heure,
Afin d'être en mourant le nourrisson qui s'endort,
Dans la belle vesprée et pour une aube meilleure.

O rei apostata que tinha martellado tudo o que se relacionava com a vida de Makeré, que foi despota com os desgraçados, a quem fez trabalhar duramente na edificação da sua nova capital não podia ver o sol como um ser bondoso e creador, mas como o astro que se impunha a toda a natureza pela sua terrivel força radiante.

Por isso logo que morreu, a sua obra derruiu por completo; apezar de ter ao seu serviço ministros e intendentes e artistas de grande valor.

A necrópole de Abydos póde dizer-se que correspondia ás cidades como Méca, Jerusalem e Benáres ou Kioto das religiões actuaes que tem as suas cidades santas, onde se veneram os tumulos ou mausoleus dos seus fundadores.

Os egypcios tiveram sempre a crença de que Osiris, Iris e Horus residiam, ou tinham os seus cenotaphios em Abydos e os archeologos modernos acabaram por ter essa convicção, até que Amelineau, em Maio de 1900, descobriu debaixo das capellas do templo de Séthos I os tres sarcophagos, (fig.ª LIV) um encimado pelo milhafre de azas estendidas para proteger o corpo da mumia, outro com uma figura de mulher, e finalmente o

proprio milhafre sobre a tampa do caixão. Eram os tumulos da triade.

A necropole de Thebas é a que se impõe pela sua extensão, riquezas e grandiosidade dos mausoléus.

Na fig.ª XXX vimos já a sua situação geral, mas nesta estampa (fig.ª LV) vê-se melhor a disposição dos desfiladeiros de Bidân-el-Mulûk, que á entrada parecem dizer-vos:

Per me si và nella città dolente. . .

É devéras dantesco tudo aquillo e se o sol está claro a reflectir-se em todas aquellas fragas escalvadas, o calor torna-se abrazador e a imagem do inferno quasi se torna uma realidade.

As ruinas do templo funerario de Séthos I em Kurna ainda teem certa grandiosidade; o portico, o hypostilo e a columnata da sala de Ramsés II ainda são dignas dos Sesostris.

Quando se chega aos tumulos dos Reis fica-se espantado da quantidade já descoberta nos dois valles, sendo, no valle de E., 21 hypogéos de reis, afóra outros de rainhas e pessoas reaes; e no valle de O. são 5 tumulos sem contar com o de Ey que é chamado *o tumulo dos macacos* pelos arabes, que é o que está mais escondido.

A construcção d'um *hypogéo* ou *syringa* é sempre a mesma. Escavava-se na montanha uma trincheira de 5 metros de largo e profunda bastante para se poder abrir com segurança uma porta de 2 metros d'altura pelo menos, depois abria-se uma galeria que tinha muitas vezes 3 por 5 metros d'alto, que era o vestibulo e que era pintado em seguida com algum dos textos do *livro do Hadés* ou dos infernos. Abria-se em seguida uma larga sala a que seguiam galerias ou outras salas no mesmo prolongamento ou desviando-se para a direita ou para a esquerda com escadas, e muitas vezes em mais d'uma direcção para enganar os profanadores; entre cada peça punha-se sempre uma porta para difficultar o accesso (fig.ª LVI e LVII).

Visitei os hypogéos de Ramsés IV e de Séthos I. As fig.as LVIII e LVIX dão ideia mui remota da belleza dos desenhos, por lhes faltar a viveza das côres, que no ultimo estão admiravelmente conservadas. Em cada uma das figuras vê-se bem onde eram os encaixes das portas de pedra ou louza que era assente logo que a mumia era depositada no sarcophago.

No *livro das portas* que era outro livro sagrado, cujas illustrações se alternavam com o *livro do Hadés*, a barca, em logar de navegar no rio, era posta sobre um monstro comparavel ao dragão chinez ou a uma grande serpente com muitas pernas; outras vezes era posta mes-

mo sobre um carro, mas sempre puchada pelas bailadeiras, e acompanhada pelas cantadeiras e tangedeiras d'instrumentos.

É destes tumulos que se extrairam as figuras dos antigos instrumentos egypcios. (1)

Só as pinturas das sobreportas seriam dignas d'um longo estudo pela variedade de sóes alados, com *ureus* ou sem elle, amarello d'ouro ou escuro como eclipsado, com azas d'uma só côr ou polychromas; emfim seria longa a enumeração.

Na sala que segue ao vestibulo é que estão representadas as scenas da vida do morto, que elle terá de repetir depois para poder entrar nos Campos Elysios e passar então a sua alma a ser immortal; se não, será anniquilada para todo o sempre. Parece d'aqui que elles não admittiam o inferno para punir eternamente as almas impuras. Havia apenas um purgatorio.

Os tumulos das rainhas ao S. O. de Medinet-Habu são muito menos importantes que os dos reis, e a sua visita não é convidativa, ainda o da Rainha *Titi* é notavel pela fórma em cruz, e pela viveza das côres das figuras.

Ao todo ha 20 tumulos de rainhas e espera-se descobrir mais.

Os hypogéos de El-Käb são interessantes pelas inscripções e altos relevos que se referem á vida dos personagens ali enterrados, quasi sempre marido e uma ou mais mulheres, que eram ás vezes acompanhados dos filhos; quasi todos têem um poço para as mumias. São do tempo do começo do novo imperio.

Os hypogéos d'Assuan são notaveis pelo seu estado de conservação e por pertencerem aos imperios antigo e moderno; e são contemporaneos dos de Benihassan, que já conhecemos pela fig.ª XV. As salas repousam sobre muitas columnas. Para se lá chegar, da margem esquerda sóbe-se uma escada de 2 lanços de degráus com uma rampa ao meio para os caixões escorregarem.

Papyros

Já lhes citei o livro de Hadés e o das Portas, mas as ultimas descobertas fizeram imprimir o *Livro da morte* ou de *Ani*, escriba d'um

(1) Vide os numeros 24 e 25 do jornal *Os Serões*, artigos da Ex.ma Sr.a Vasconcellos Abreu.

dos reis do antigo imperio, que está disperso entre o Museu do Cairo e o British Museum, que tem a parte mais importante e que possue illustrações coloridas. O do Cairo são conselhos e proverbios escriptos para seu filho Khensuhotep.

As fig.as LX a LXVI dão perfeita ideia das peripecias por que passava o defuncto e sua alma depois da morte.

Chamo-lhes a attenção para as scenas do julgamento, em que de ordinario era o coração que se pesava, tendo no outro prato da balança uma penna de marabú (como as que se compram no Jardim Zoologico).

Se o coração pesava menos, o que era difficil, a alma ia logo para os Céus, mas, se pesava o mesmo, ia cumprir uns certos trabalhos; finalmente se pesava mais, vinha um macaco, que lhe fazia quatro momices e era aniquilada para todo o sempre, (fig.a LXVI) sem poder tornar a ver o corpo, que, como vimos na fig.a LIII, a esperava num catre antigo de quatro pés.

Quantas considerações não se poderiam fazer sobre a semelhança desta religião com a judaica!

Além destes ha mais papyros muito interessantes, como o da sacerdotisa de Mut, *Herub*, e os da princeza *Nesi-Khonsu* e da rainha *Maät Ka-Ra* e do rei *Ptah-hotep* e de *Neken-su.*

Um dos objectos que os exploradores desejam encontrar e que são mais apreciados é o *papyrus*. É d'elles que depende a resolução de muitos problemas referentes á vida social e moral do velho Egypto, principalmente de tudo o que diz respeito á vida futura, e á resurreição dos corpos.

Para que estes se não perdessem é que os embalsamavam e lhes faziam tumulo, onde não pudesse alterar-se o seu eterno repouso; assim póde dizer-se, visto que suppunham, que a resurreição devia tardar muito.

De vez em quando a alma vinha visitar o corpo e juntos trabalhavam no silencio para cumprir a penitencia, que Osiris tinha imposto por occasião da morte, quando julgava dos meritos da sua vida.

Mumias

Era tão forte a crença da resurreição do corpo, que elles, extrahiam-lhe tudo quanto fosse mais corruptivel, e que ainda assim era

guardado junto ao corpo em vasos de fórma especial que se chamavam Canopes, por serem feitos em *Canope,* cidade ou povoação junto de Rozetta.

O cadaver então era lavado com liquidos antisepticos e tratado com especiarias, aromas e drogas e bem atado com ligaduras de linho.

O nosso proverbio:

Pulvis es et in pulverem revertéris, não lhes queria lembrar ao contrario, o que elles diziam era: *conservare me dignéris:* e logo que o embalsamamento estava feito começava a procissão funebre, em que umas vezes o cadaver era conduzido sobre zorra puchada a bois, outras vezes em barco levado a remos. (Fig.as LXII e LXIII.)

Chegado ao tumulo, procedia-se á cerimonia da verificação da identidade á beira da porta. (Fig.a LXIV.)

Tratava-se depois de guardar estes despojos mortaes, de modo que não se extraviassem, para o que serviam os mausoleus mais resistentes.

«Os mausoleus grandiosos que se admiram em Thebas e Sakkárah, diz Mariette, não são devidos ao orgulho d'aquelles que os constituiram. Uma ideia mais larga presidiu ao seu projecto e execução. Maiores eram os materiaes mais se estava seguro de que as promessas feitas pela religião seriam realidades. Em tal sentido as Pyramides não eram manifestação da «vãa ostentação dos reis,» mas sim obstaculos irreductiveis e provas gigantescas d'um dogma consolador.» Salvo o devido respeito ao inclito egyptologo, sou da opinião do meu guia copte em Memnonia, que me queria provar que todos aquelles templos funerarios não passavam d'uma grande vaidade:

Vanitas vanitatum et omnia vanitas.

Fosse como fosse; o respeito manifestado pelos mortos nos tempos aureos da civilisação egypcia deixou-nos as manifestações mais variadas em todas as industrias.

O embalsamar era então uma verdadeira sciencia; a que imaginaram presidir *Anubis*. Os ataudes quão complicados e ricos que não eram!

Os enfeites e preparos da mascara do morto, que devia ser parecida, e ter vivacidade nos olhos, com as pinturas, sendo mulher, que em vida tinha usado, principalmente com sacs de bismutho e mil outras drogas, eram a base de muitas artes.

As figurinhas que representavam os individuos que vinham aos

mastabas, principalmente, visitar o defuncto, e trazer-lhes offertas de comestiveis, faziam viver muita gente.

Seria um nunca acabar a enumeração das cousas variadas, interessantes ou preciosas, que os depositos das mumias têem dado.

Durante muito tempo em Thebas eram vendidos secretamente objectos curiosissimos, até que Masperó pôde conseguir saber que em Deir-el-Bahri havia um poço, que tinha as cousas mais ricas.

Procedeu-se então á pesquiza regular e encontraram-se, só ali, 36 caixões, muitos dos quaes foi necessario mandar queimar, logo se abriram, pois o contacto do ar desenvolveu um cheiro pestilencial.

Evitou-se, porém, que a cremação fosse completa para salvar os enfeites e que as joias fossem queimadas.

Recentemente a descoberta da mumia da Rainha Thii ou Theye, mãe de Amenophis, revelou que o caixão fôra envolto em folhas de oiro e que os vasos canopticos eram reproducções do busto da rainha. Encontrou-se em Bibanllel-Muluk.

As fig.as LXVII a LXVIX juntas a esta publicação mostram a disposição em que tudo se achava e a riqueza de todos os artefactos. Ellas fallam por si e o tempo falta para mais explicações.

Serapéums

Uma das demonstrações das crenças religiosas mais enraizadas era no Egypto a da veneração do boi Apis.

O tumulo destes animaes fazendo parte da necropole de Sakkärah é o mais antigo e data da XVIII á XXVI dynastias. As galerias e os sarcophagos são grandiosos, como se vê das fig.as LXX e LXXI.

Os Ptolomeos que chegaram ao Egypto com o culto de Sérapis construiram em Alexandria um outro Serapéum, que não tem a vastidão nem a riqueza do primeiro, apezar de ser ornado de estatuas.

Foi o Patriarcha Theophilus que o destruiu no tempo de Theodosio II.

Um tumulo extraordinario se encontra em Alexandria que, segundo as investigações do nosso consul geral Zoheg, é o de Alexandre o grande, existente na *Soma* com alguns dos outros Ptolomeos, mas todos delapidados.

Sendo assim, o tumulo existente em Stambul e encontrado junto a Ninive seria d'um dos generaes do grande conquistador.

Historia, religião, arte, civilisação e esthetica dos antigos Egypcios

De todos os monumentos a que nos referimos, e de muitos outros interessantissimos, que nos foi necessario pôr de parte para não alongar demasiado esta exposição, decorrem considerações do maior valor para a descoberta da marcha e do progresso da humanidade.

Algumas vezes já nos referimos a estes assumptos de leve, mas talvez o bastante para que muitos dos meus benevolos ouvintes julguem, que não seja necessario recapitular. Bem sei que o nosso illustre Presidente desejaria que eu dissesse em que estado estavam os grandes trabalhos que viu, ha vinte annos, encetados no Cairo; mas, que querem? o negrume do mysterio attrahe-me: e negrume ainda é a proto-historia do antigo Egypto.

Quantos viajantes eminentes não têem parado defronte desses monumentos pedindo-lhes que fallassem; quantos olhos não se têem aberto desmesuradamente sobre esses papyros; quantas palpebras não se têem dessecado sobre os poucos pergaminhos de Alexandria!

Alexandria! Que horrivel pezadello para o philosopho, o poeta, o historiador, o homem de sciencia!

Durante seis mezes as fornalhas dos banhos publicos da maior cidade do VII seculo foram aquecidas com os escriptos em que estavam lançados todos os conhecimentos da humanidade, compilados e catalogados durante 60 seculos devolvidos! Alguns erão antediluvianos.

Foi então que a historia do antigo Egypto desappareceu com todas as suas tradições escriptas.

O Kalifa *Omar* acabou a obra nefasta de destruição encetada pelos fanaticos, hereticos ou não, entre os quaes se distinguiu Theophilus, patriarca d'Alexandria, no reinado de Theodosio II de Constantinopla.

A Bibliotheca comtudo fôra respeitada, até que o islamismo a fez destruir por não haver, em todos aquelles papeis, referencia alguma aos dictames do Koran de Mahomet, o grande profeta.

Papeis, que tinham feito a educação e as delicias de Erathosthenes, de Strabão, de Hypparcho, d'Archimedes e d'Euclides, além de muitos outros sabios, que n'aquelles tempos já não eram raros na humanidade, sobretudo entre os christãos:

No tempo de Julio Cezar um incendio accidental tinha devorado

750.000 obras, mas havia copias, que por todos os modos se obtiveram e o fundo pôde restabelecer-se.

No tempo de Omar o terror impediu que milhares de manuscriptos se salvassem.

No muzeu de Napoles ha a sala especial dos papeis queimados, que têem dado logar a pesquizas interessantes pelo processo Piaggi, mas por emquanto ainda se não descobriu papyro, que diga respeito ao Egypto. Deve comtudo dizer-se, pois são tantos, que poderá succeder encontrar-se de futuro algum, que se refira especialmente a este paiz, visto serem frequentes as relações entre Alexandria e Herculanum e Pompeia, sitios em que se encontraram aquelles papeis carbonisados.

Para o Egypto os templos e os tumulos é que fallam; e a Syria, Chaldea, Babylonia e Persia muitas vezes tem dado o seu contingente para a historia comparada desses remotos tempos.

Um dos maiores subsidios para este estudo tem sido o Velho Testamento, escripto por Moysés, filho do Egypto, onde desde o tempo de Jacob viveu a tribu hebraica mais distincta em tradições e valor, tanto moral como politico e social, que lhe proveiu da alta situação que Joseph (Yussuf) teve no tempo dos grandes Pharaós.

A ligação das duas historias judaica e egypcia tem alguma coisa de semelhante por vezes com a nossa portugueza e a hespanhola.

O interessantissimo trabalho de *Adam,* [1] Atlas illustrado de Historia e chronologia comparadas, dá para origem dos egypcios a descendencia de Cham, mas a migração dos descendentes de Japheth e de Shem é manifesta em muitos pontos das margens do Nilo, em que apparece o typo persa, assyrio e judaico em toda a sua pureza.

A migração é que se fez d'um modo devéras curioso: foi sempre ao longo das costas do golfo persico, do mar indico e do mar vermelho.

Não attravessou a Arabia deserta ou central, onde ficaram apenas differentes tribus desgarradas e pastorís, que só tiveram importancia, quando Mahomet appareceu.

As expedições dos egypcios desde a XVI dynastia ao Ponto eram para trazerem os productos dessas costas, muito apreciados, como vimos nos registos dos muros dos templos de Thebas (Karnak, Deir-el-Bahri etc.).

---

[1] **Adam's illustrated Panorama of History: Walker, Londres.**

Ora Menés, que fundou Memphis e é o primeiro rei historico do Egypto não parece ser originario d'ali, mas do medio ou alto Egypto e por isso é provavel que fosse o commandante d'alguma migração da Mesopotamia ou da Persia, que veiu para se installar no paiz, onde existiam já aborigenes, descendentes de Japheth e de Shem, que vieram pela Palestina e que tiveram em epochas muito anteriores como reis a Osiris, Horus e seus descendentes.

Estes reis, *nomes* ou chefes d'estado, parece terem tambem vivido principalmente no medio e alto Egypto, pois a tradição diz percorrerem em correrias contra os inimigos desde Assuan até Abydos, onde estão os tumulos dos primeiros chefes reconhecidos.

Estes monumentos são já d'um trabalho tal, que muitos seculos deveriam ter passado sobre a descendencia de Noé, ou sobre a humanidade para produzirem obras d'arte d'aquelle valor.

A tradição dá para Osiris, Isis e Horus relações manifestas com a adoração do sol, da lua e das estrellas.

Portanto parece que a origem do culto religioso ou antes da religião primitiva dos Egypcios provém da admiração ou da impressão que sobre os seres humanos produzia o contemplar a abobada celeste. O *Animismo* veiu depois com a reflexão comparada.

Na orientação das Pyramides a influencia sideral é manifesta, e demonstra já conhecimentos muito adiantados e exactos *d'astronomia.*

Parece pois que a adoração do Sol é commum aos descendentes de Shem e de Japheth, filhos de Noé, mas a descendencia do terceiro filho, Cham, por ser mais migrante que as outras duas, deu-se logo ao polytheismo.

Na adoração do Sol pelos Persas ha ainda hoje muito de grandioso, e comprehende-se que forme a base d'uma religião.

D'ella dimanáram templos, symbolismos e fórmulas de doutrina, que se encontram espalhados actualmente por todo o Oriente, quer dizer, pela maioria da especie humana.

Todos os antigos reis egypcios se denominavam filhos do Sol, como actualmente os imperadores do celeste Imperio, ou do Sol nascente.

Os carimbos *(Cartouches)* d'aquelles têem hieroglyphos, que isso significam e o sol alado foi sempre uma das decorações mais empregadas nos monumentos egypcios.

Esse tropheu é hoje um dos pavilhões mais gloriosos do extremo oriente.

O poder dos reis egypcios foi tão grande que elles quizeram que o povo os divinisasse e d'ahi resultou um polytheismo, que vimos era peculiar ás principaes cidades, como Memphis, Abydos, Thebas e outras, conservando-se comtudo respeitado por todos o deus de Heliopolis, o Sol.

Quantas guerras não originou esta diversidade de religiões!

As transformações por que passavam davam logar a variadas manifestações da arte e da civilisação. Mais o symbolismo era complicado, mais a arte se tornava delicada, e forcejava por deleitar os sentidos, dando-lhes imagens quasi ideaes.

A civilisação, o conforto da vida, tornavam-se igualmente mais requintados e as festas mais apropriadas aos attributos que se imaginavam ás diversas divindades.

As danças começaram a ter grandes movimentos, em vez de serem a singela serie das posições artisticas primitivas.

A esthetica nos egypcios foi sempre da mais primorosa distincção; tinham innata a sciencia do bello; tratavam sempre de apreciar a natureza pelo seu lado mais favoravel e que lhes deliciasse os sentidos.

As sacerdotisas eram sempre escolhidas entre as princezas e as donzellas mais bonitas do reino.

Vimos a correcção elegante dos desenhos que ornam os muros dos templos e admira-se ainda hoje a situação em que estes estão collocados, debaixo do ponto de vista da payzagem, que se disfructa dos seus atrios ou dos terraços e pylones.

As pyramides e a sphinge estão n'uma situação incomparavel em relação ao valle do Nilo e do deserto Lybico; e datam de 3.000 annos antes de Christo!

A garganta, que dá entrada para a grande planicie de Fayum e o lago Möeris, foi embellezada e aproveitada pelos reis das dynastias do primeiro imperio para edificarem palacios, labyrinthos e bosques com desenhos complicados.

Que civilisação avançada era necessario ter para poder executar trabalhos de tal magnitude, póde julgar-se pelos dos Mouros em Granada, e pelos posteriores de Fontainebleau e de Versailles em França.

Pois muitas destas construcções desappareceram no fim do Imperio antigo pelas revoluções, tremores de terra e invasões d'outros povos que vinham saquear, para terem uma parte do espolio, que representára o gozo d'um povo, que tinha decaido d'energia para defender a independencia e o lar domestico.

O mesmo succedeu ás dynastias dos Imperios medio e moderno ou novo até a invasão dos Tanitas (XXI dynastia).

Sómente com relação a este ultimo as invasões foram dos povos cultos do Delta, e dos Persas que então já dominavam na Mesopotamia e na Palestina.

Mas o solo uberrimo, o ceu limpido e a superioridade dos preceitos religiosos e sociaes convertiam os invasores e levavam-os a proseguirem nos trabalhos encetados pelos indigenas do paiz.

É notavel este facto, sobre tudo durante a invasão dos Gregos com Alexandre o grande, que se esforçou por transferir para o Egypto a Macedonia, e a Grecia com toda essa serie de Ptolomeos que succumbiram ao poder dos romanos.

Comtudo, apezar da vitalidade das novas instituições, ellas transformaram-se no Egypto e quando o christianismo ali penetrou, a religião e a cultura egypcia era a mesma, que no tempo do novo Imperio no seculo X antes de Christo.

Como explicar a vivacidade destas instituições? Muitos dizem que pela tolerancia religiosa e estabilidade dos direitos dos cidadãos.

De facto os diversos cultos eram permittidos, como vimos. Os judeus adoravam o seu Deus unico; os de Heliopolis o seu Sol, os de Thebas o seu Amon.

O Nilo, pela necessidade do aproveitamento das suas aguas, tornava indispensavel a continuidade do direito de propriedade, pois os trabalhos de defeza, que um fizesse, não seriam aproveitados por outros, se não fossem conservados; e para conservar é necessario possuir.

Os nilometros, que regulavam esses trabalhos, eram pertenças dos templos, fosse qual fosse o seu culto, e por elles se regulavam os impostos.

A propriedade era posta assim sob a protecção dos deuses.

Mas os direitos individuaes não eram egualmente respeitados; os escravos abundavam e póde dizer-se que todos os serviçaes o eram mais ou menos disfarçadamente.

Ainda nisto os invasores se conformaram com os costumes indigenas, que póde dizer-se subsistem actualmente. O que é no fundo o *fellah?*

Comtudo no antigo Egypto respirava-se uma certa liberdade tradicional, tanto que a *sacra Familia*, aquella santa, incomparavel e

poetica *Triade,* lá foi para o Egypto, a fugir das crueldades de Herodes, o grande.

Com toda a simplicidade procurou guarida sob a frondosa copa do sycomoro, que ainda hoje é venerado por todos. Defronte, não longe, demorava o grande obelisco do templo do Sol (fig.ª 51), levantado por Usertesen I, 2.500 annos antes!

Ninguem se arreceiava da visinhança.

A quantas manifestações da arte não tem dado logar esta scena biblica!

Poesia, pintura, musica; todas as artes teem concorrido para perpetuar tal scena.

Manzoni nos seus *Inni sacri,* na ultima estrophe *d'Il Natale,* exclama:

Dormi, o Celeste: i popoli
Chi nato sia non sanno;
Ma il di verrà che nobile
Retaggio tuo saranno;
Che in quel'umil riposo,
Che nella polve ascoso,
Conosceranno il Re.

E que lhes direi do grande quadro de Kaulbach—a destruição de Jerusalem—que tem no angulo direito inferior a *fuga para o Egypto?*

Quando se entra na Pinacotheca de Munich, é raro que não se encontre mais que um pintor, copiando essa parte do quadro, que foi encommendada ou que immediatamente é vendida logo que se aprompta.

A escola franceza tem um pintor que se tornou celebre sobre tudo por este assumpto. É Claude Lorrain.

Recentemente n'uma das exposições do Salon de Paris appareceu uma surprehendente pintura sobre este thema, que mais se coaduna com o nosso assumpto, e que é uma creação brilhante, mas phantastica da imaginação do pintor.

Sobre o ceu azul recamado d'estrellas destacam-se as pyramides e a sphinge, cujas patas leoninas servem d'encosto á Virgem e a seu divino Filho, que espalha pelo ambiente a luz suave e doce do seu immortal resplendor. Parece ter sido inspirado pela estrophe de Manzoni e ao

mesmo tempo significar que aquelle nimbo dissipará o negrume da escravidão na humanidade, representada por S. José, que pacifica e confiadamente apascenta o tradicional burrito, junto ao Nilo.

Vela pela familia, que tranquilla repousa e donde irradia um clarão que illumina a escuridão da historia antiga, representada nas pyramides, e do destino humano, consubstanciado na sphinge; essa *chimera* que parece figura *apocalyptica*.

É uma pintura que pretende exceder os limites da arte e da esthetica para attingir os da methaphysica. Falla ao coração e ao espirito; é a manifestação externa d'um profundo sentir.

Mas não é só a pintura que produz estas vibrações da alma; a musica tem produzido effeitos semelhantes e póde dizer-se que ella é uma das artes, que mais têem concorrido para o ensino da historia. Disse-lhes que Ismaïl-Pachá em 1869 tinha preparado tudo para receber condignamente os seus hospedes principescos e Imperiaes, que accorreram á inauguração do Isthmo de Suez.

Não reparou só os monumentos nacionaes dos antigos Pharaós, ou mandou construir museus e palacios, fez mais:

Encommendou a Verdi, uma opera, cujos episodios se passassem nos tempos aureos da antiga historia egypcia; n'um scenario que fizesse relembrar as suas magnificencias.

Tal foi a procedencia da *Aida*, drama lyrico, motivado nos episodios das guerras com os nubios durante a XIX dynastia.

Póde dizer-se que o primeiro acto se passa em Medinet-Abu, o segundo em Luksor e nas avenidas que conduzem até a porta Sul de Karnak.

Vejam a perspectiva deste local, gravada segundo os documentos da grande commissão franceza, a que tantas vezes nos temos referido, e digam se não é a marcha triumphal com elephantes e trombetas.

O terceiro acto passa-se, sem contestação, na ilha de Philéa. Foi ali, naquelle sitio encantado, que Verdi veiu inspirar-se para produzir uma das suas mais brilhantes e sentidas composições.

As scenas do quarto acto estão apropriadas ao templo de Denderah, que tem mais de um pizo.

Não foi só Verdi que viajou no Egypto por causa da *Aida*. Scenographos, decoradores, directores de córos e d'orchestra, instrumentistas; todos vieram inspirar-se nas antigas ruinas, examinar os ves-

tuarios, as joias, e as mil cousas que são necessarias para pôr em scena uma opera.

E assim Ismaïl-Pachá, que não olhava a despezas, legou uma divida enorme externa ao seu paiz, que não pôde solver, e donde lhe resultou a sua deposição: mas não ficou improficuo esse dispendio, e o Egypto tira hoje delle largos proventos.

Tornou-se um paiz conhecido e exploravel pelo estrangeiro, que ali afflue em larga escala.

No Cairo não havia um theatro europeu; foi necessario construil-o na melhor praça da cidade, que faz face aos bairros europeus e tem proximo o jardim Ezbékiyeh, e foi inaugurado com a *Aida*, que deste modo se tornou um dos motivos d'aformoseamento da capital, e d'attractivo para os forasteiros.

A sua construcção é especial, por ser necessario empregar em parte dos camarotes de 1.ª ordem os mucharabiyés para as damas egypcias.

De ordinario as operas, que ali se cantam, dizem respeito a factos antigos da historia do Oriente, como:

Moysés no Egypto de Mozart; *Semiramis* de Rossini; *Samsão e Dalilla* de S.t Saëns; *Si j'étais Roi* de Adam; *Africana* de Meyerber. E cito estas duas ultimas por se referirem a assumptos que dizem respeito ás colonias portuguezas, e que vulgarisaram a nossa historia, ainda que um pouco deturpadamente.

A opera póde dizer-se um *reclame* para certos pontos da historia, que se querem pôr em evidencia. Como tal desculpam-se-lhe todas as excentricidades e liberdades poeticas. [1]

Quando lhes descrevi Edfu, chamei a sua attenção para a grande porta do templo, chamada *porta dos sentidos*, por n'ella estarem representados a *vista*, o *ouvir* e o *paladar* figurado pela lingua, que tambem poderia significar a faculdade de falar, *o verbo*, como se diz modernamente. Sendo assim, a porta seria mais propriamente chamada das *percepções pelos sentidos* e explicar-se-hia melhor a presença da *intelligencia* que faz parte do grupo. Seja como fôr, a esthetica da civilisação egypcia exercia-se sobre todos os sentidos.

Os aromas eram por elles muito apreciados, e introduziram no

---

[1] Nos ultimos tempos compozeram-se mais duas operas sobre os romances de Loüys e de Anatole France: *Aphrodite* e *Thaïs*.

seu paiz todas as plantas que os produziam. Com elles embalsamavam as mumias, que vestiam com os fatos mais ricos e agradaveis ao tacto para que tivessem todo o conforto, e a alma, quando as visitasse, sentisse prazer em se conservar junto do corpo por muito tempo, a fim de cumprirem rapidamente os trabalhos, exigidos para poderem entrar no limbo dos Campos Elyseos, seu desideratum.

Até neste ponto elles ligaram a religião com a esthetica e a arte.

A religião que de principio era completamente natural e de contemplação sideral, passou a ser polytheista até a adoração dos animaes, para pouco a pouco passar a um monotheismo pantheista, a que o judaismo não foi estranho, parecendo ás vezes que acceitaram preceitos da religião revelada, em voga na Palestina.

A existencia d'uma alma immortal tornou-se então crença geral, e a arte tratou por todos os modos de tornar perceptivel e duradoura essa ideia.

É d'ahi que, segundo Mariette e Maspero, provém a construcção das pyramides, dos sarcophagos e tumulos grandiosos.

Como é que estas idéas tão antigas entre os egypcios só foram conhecidas dos gregos no tempo de Socrates?

São estudos que nos levariam muito longe e nos desviariam do nosso proposito.

Em todo o caso os livros dos preceitos religiosos, no tempo das primeiras dynastias do antigo imperio, sobre as recompensas na outra vida, que se seguia á morte terrestre, demonstram a que gráu de civilisação e de avançada philosophia se tinha chegado 40 seculos antes da era christã.

E foram os christãos schismaticos da Syria (coptes), que sob as ordens d'Athanasio, seu Bispo, damnificaram uma grande parte desses monumentos, onde estavam gravadas crenças, que se approximavam das suas!

Deve dizer-se, não obstante, que elles o que fizeram foi estucar os muros, cheios d'inscripções, para desenharem os seus santos.

Raras vezes demoliram; só quando os espaços eram pequenos para conterem a concorrencia dos crentes.

Ao contrario os mahometanos e turcos destruiram e incendiaram.

Os coptes sendo descendentes de Shem encontraram no Egypto todas as condições de existencia e de tradições para exercerem as suas crenças, repudiadas pelo concilio de Nicéa.

A immortalidade da alma, a esthetica da arte bysantina, que na Syria fôra modificada pela arte megalithica dos monumentos babylonicos, fizeram transição facil para o islamismo, ou arte arabe.

O sr. Choisy mostra claramente nestes desenhos como a arte se propaga nas differentes partes do mundo, e que influencia exerce nos differentes povos, sobrepondo-se as suas manifestações em muitos, sendo um dos principaes o Egypto.

Museus

Os coptes raras vezes se importaram com as necropoles; deixaram os mortos tranquillos. Deste modo os tumulos conservaram os objectos, que de tempos immemoriaes ali jaziam, e que tem vindo a ser descobertos desde 40 annos.

As mumias conteem nos seus caixões papyros, tecidos, adereços, joias, estatuetas e tantas outras cousas que de principio foram para Inglaterra, França, Italia, e outros paizes; mas que depois foram reunidas nos museus do Cairo e de Alexandria, começando recentemente a fazer-se museus regionaes, como o de Abydos, Karnak, etc.

De todos o mais importante é o do Cairo, installado primeiramente em Bulák, depois transferido para Gizé, que já é pequeno apezar das importantes obras ali feitas, e estuda-se actualmente a maneira de apropriar a grande cazerna de Kasr-en-Nil para se estabelecer definitivamente o grande museu egypcio.

Será comtudo difficil que um só edificio baste para conter as collecções, que de anno para anno augmentam de um modo tão consideravel. Haverá necessidade de especialisar os museus pelas collecções, em que hoje o central está dividido.

A construcção de todos esses museus será incombustivel e com portas guarda-fógos, como em parte se está fazendo em Gizé, que parece se destinará aos sarcophagos e mumias. Pretende-se assim isolar da cidade os caixões, que muitas vezes exhalam um cheiro pestilencial, e contem microbios de antigas epidemias, e que ainda vivem e se desenvolvem em culturas especiaes.

Encontraram-se bem caracterisados os da peste bubonica e do cholera, que estiveram incubados tantos milhares de annos.

O museu das joias será dos mais interessantes, pela variedade e bem conservado de muitas d'ellas. A esta collecção pertencem os *es-*

carabéos tanto artificiaes, gravados em pedras preciosas e duras, como os naturaes.

O escarabelho é um insecto alado de carapaça brilhante com os furta-côres mais variados; muitos delles se encontram em perfeito estado, e ha senhoras egypcias, que tem collares destes n'um valor inestimavel.

Uma das collecções mais interessantes é a das moedas de vidro.

O *British Museum* possue uma, verdadeiro modelo de organisação e disposição. Para se entrar lá é necessaria auctorisação especial.

A collecção das estatuetas é tambem digna de menção, não só as que os visitantes vinham depôr nos *mastabas* dos parentes e amigos, para lhes mostrar que não se esqueciam d'elles, mas as que se encerravam com a mumia e que eram os seus *duplos* ou anjos da guarda, a que já me referi.

A base das crenças egypcias, depois que se constituiu o Imperio em Memphis com a administração politica e religiosa, era que a alma era immortal e que vinha visitar o corpo de tempos a tempos para cumprirem a penitencia que na occasião da morte lhes fôra imposta, e finalmente poderem ir para os Campos Elyseos. Mas na occasião do nascimento o grande deus que a elle presidia, sabendo que o corpo era corruptivel, mesmo no estado de mumia, fazia de barro uma estatueta que era o *duplo* do individuo creado, e os parentes para prevenirem a corrupção da mumia punham no caixão muitos desses *duplos* ou estatuetas reproduzindo as feições e vestuario do morto, o mais fielmente possivel e assim a alma poderia vir sempre visitar o seu corpo em quanto não fossem para o limbo.

Não ha nesta crença uma semelhança com a creação do *Homem* e da *Mulher* contada por Moysés?

Dos milhões destes objectos encontrados escolheram-se os melhores, o os restantes resolveu-se que fossem vendidos. Para isso estabeleceu-se junto ao museu o deposito de venda, com uma lista de preços, que estão affixados, em moeda nacional e estrangeira, podendo deste modo o visitante comprar os exemplares que mais lhe chamaram a attenção. Quando o museu central estiver completo em Kasr-en-Nil, que fica situado junto á nova ponte do Cairo, a concorrencia dos visitantes ha de augmentar pela facilidade de communicações nos tramways electricos, que, sahindo da praça da Opera, passam pelas principaes ruas do bairro europeu.

É junto a esta praça que existia um pantano antigamente, o qual Mohamet-Ali mandou entulhar, assim como os terrenos até o Nilo.

Jardins

El Ezbekiyeh

Aquelle espaço constituiu durante muito tempo logadouro publico, mas, quando se tratou de fazer o bairro novo europeu, occupou-se, traçaram-se as ruas, e venderam-se em hasta publica os terrenos. Foi uma grande operação de que proveiu a construcção d'uma cidade moderna lindissima.

Junto á cidade antiga construiu-se um jardim fechado, mas com muitas portas, que em ponto grande faz lembrar o Parc Monceau de Paris.

O seu nome commemora o do grande emir Ezbek, que emquanto vivo resistiu aos turcos e ahi lhes ganhou uma batalha. Já podem ver quão grande é o espaço até o Nilo. Como jardim é um modelo de payzagem, e admirei-me que em 30 annos a arborisação adquirisse tal pujança.

No interior do recinto, formado por uma espessa sebe de pilriteiros e acacias farnezianas anãas, existem theatrinhos de marionettes, guingnols, cavallinhos, circos de recreios, cafés, restaurantes, etc.

De manhã a entrada é livre e muita gente vae ali tomar o seu café com leite, como em Vienna d'Austria. De tarde as portas fecham-se: é necessario pagar para ir tomar o *five o'clock tea*, e passear pelas pequenas collinas e elevações ou nos botes do lago pelo meio de palmipedes de plumagens brilhantissimas, indigenas do alto Egypto.

Para lhe dar ainda um fim mais utilitario as arvores estão etiquetadas, para instrucção das creanças, que são aos milhares.

Quem estiver fatigado de ver cousas antigas póde repousar-se neste jardim com scenas bem alegres e picturescas.

Gézireh

Na ilha Gizereh-Bulak, que é atravessada na parte sul pela avenida da nova ponte do Nilo, estão as grandes avenidas de acacias-Lebeck, o hypodromo e os grandes jardins que rodeiam o hotel internacional de Gézireh.

Foi um antigo palacio khedival, onde Ismaïl recebeu a Imperatriz Eugenia.

Hoje só conserva dos seus antigos esplendores 6 magnificas chaminés d'onix, marmores e ornatos de bronze, duas das quaes ornam os antigos aposentos da Imperatriz, e são avaliadas num milhão de francos cada uma. São de facto exemplares magnificos de decoração interna, assim como os bronzes de Barbedienne que ornam a escada e o kioske que fica no meio dos jardins, que são admirados do *hall* onde se toma o *five o'clock tea.*

Jardim Zoologico

Junto ao palacio de Gizé, onde estava installado o museu, está um jardim que foi apropriado para Zoologico.

Palacio e jardim, dizem ter custado 120 milhões de francos.

O Jardim que está traçado com muito gosto, tem arvores de grande porte e de muitas especies.

As grutas de stalactites fazem grande impressão pelas vistas que se gosam, sobre os lagos de contornos irregulares e phantasticos

As installações das aves de rapina são excellentes e veem-se aguias e abutres colossaes.

Emfim na installação dos macacos via-se um orangotango que estava educado a tomar o seu chá com biscoitos ás 4 $^1/_2$ horas da tarde, o que era muito apreciado pelos visitantes.

Architectura egypcio-bysantina, arabe e bysantino-arabe

Em frente de Gizé, onde entramos no museu e jardim zoologico, existe a ilha Gézireh Ròda, muito verdejante, que é separada por um braço do Nilo da margem direita do grande rio. Neste sitio está o bairro chamado *velho Cairo* e um outro denominado *Babylonia* ou bairro dos gregos e dos coptes. É um castello romano com um dédalo de ruellas estreitas tendo, ao centro proximamente, um templo, talvez o typo mais completo da architectura egypcio-bysantina, quer dizer, com a disposição romanica e membros dos templos egypcios.

Por baixo tem uma *Crypta* com tres naves sustentadas por co-

lumnas de marmore e de porphiros, provenientes dos *sanctus sanctorum* de antigos templos.

Diz-se que nesta crypta viveu a *Virgem*, quando esteve no Egypto, e sendo assim parece que fosse do tempo dos romanos, que usavam estes pequenos ediculos.

Os primeiros christãos resguardaram a capellinha com uma construcção superior e os coptes, quando vieram com a sua educação bysantina, deram ao templo a sua fórma definitiva, que os mahometanos respeitaram por algum tempo, mas que por fim apropriaram ao seu culto com os tanques para abluções e outros accessorios, devolvendo-a depois aos seus antigos possuidores, os coptes.

Cito-lhes este exemplo de capella-mór com fórma redonda por ser o mais antigo conhecido, que depois foi usado pelos artistas que construiram as egrejas, mandadas edificar por Constantino, S.ta Helena e seus successores.

Não longe para o lado do norte e já no bairro do antigo Cairo encontra-se a mesquita de Amru, o general do Kalifa Omar, successor do grande Mahomet.

Está em grande estado de ruina, mas teve 366 columnas de todas as fórmas e materiaes, roubadas aos edificios romanos e byzantinos, e mesmo assim causa a impressão de grandeza.

Quem sabe se della não deriva a cathedral de Cordova?

Os Kalifas vieram estabelecer-se no valle do Nilo de preferencia á Arabia central, que sempre mereceu o nome de deserta, mas não selvagem. Como monumentos deixaram principalmente as mesquitas em que estão construidos os seus tumulos. Imagine-se uma avenida sinuosa, mas larga, toda ladeada de mesquitas com minaretes e cupulas, sob que descançam os Kalifas. A fórma da abobada, assente sobre um tambor exalçado, é muito original. A sua ornamentação exterior é muito variavel, chegando a uma polychromia de faianças d'um grande effeito artistico.

Na fig.a LXXII vêem-se duas dessas mesquitas, talvez as mais bem conservadas; a de Këit-Bey e do Sultão Mohamed Rusmak. Nesta ultima vê-se bem, como se passava da fórma quadrada para a octogonal e por fim para o tambor e a abobada.

Compare-se com a torre do templo dos Jeronymos em Belem e ver-se-ha que a deducção artistica é a mesma.

Não obstante ha muitos architectos nossos que ainda suppõem

que o estylo manuelino tem atavismo gothico, quando tudo o liga ao estylo veneziano e portanto ao oriental. Observem estas janellas largas com columnellos e archivoltas ogivaes; não lhes lembra a fórma simples das arcadas do claustro dos Jeronymos?

Que lhes direi do effeito que se disfructa do interior? Todas essas janellas são ornadas com arabescos delicados, abertos em estuque, onde se encaixam pequenos vidros, córados, artisticamente dispostos de modo a formarem um conjuncto agradavel, que faz lembrar os matizes do kaleidoscopio. E as combinações variam indefinidamente de janella para janella. Com um sol brilhante é phantastico.

Não ha esmalte transparente, que se possa comparar-lhe.

É nesta necropole, que contém centenas de monumentos funerarios, que além das mesquitas continham até *harems*, pois havia dotações enormes para pagar o pessoal do culto, debaixo das ordens d'um vizir, que mais variedade se encontra de fórmas d'architectura arabe propriamente dita, cujas caracteristicas se pódem resumir assim:

1.º Introducção do arco ogival como elemento esthetico na architectura e emprego do arco bysantino sobrelevado, a que se juntam os arcos em ferradura, redondo ou ogival, o arco em zig-zagues, principalmente em Hespanha, o arco trilobado e o arco em fórma de carena de navio, e correspondentemente a creação das cupulas respectivas.

2.º Desenvolvimento d'uma torre especial, chamada *minarete.*

3.º Fórmas mais delicadas para as seteiras e ameias já existentes no Egypto, Assyria, Phenicia e Persia.

4.º Adopção dos silares de pedra com côres alternantes na construcção das fachadas, o que é commum á architectura bysantina.

5.º Invenção das graciosas cornijas de stalactites e sacadas de madeira e das adufas com o encanastrado das persianas *(mucharabiyés)* ou d'um entrelaçado de gesso ou de pedra *(Kamariyé)* (Fig.ª LXXIII).

6.º Desenvolvimento dado á ornamentação das superficies com fórmas textis e com figuras de laçagem; ao emprego das letras ornamentaes arabes; e á rica decoração polychromica dos muros e dos tectos com tintas vivas, formando figuras geometricas que se cortam e recruzam.

São estes, segundo *Franz-Pachá,* o illustre architecto allemão que construiu o palacio de Gézireh, os principaes distinctivos da architectura arabe, cujas manifestações se encontram principalmente nas mesquitas e nos tumulos ou necropoles, mas que tem manifesta influen-

cia nos detalhes, como os capiteis das columnas com a fórma de stalactites, no fuste muito mais adelgaçado na base, que muitas vezes toma a fórma campaniforme e estrellada com a periferia em saliencias.

No que se póde chamar o *mesgid* do sanctuario ou parte principal do templo, onde se acha o *mihrab* (nicho cujo eixo está dirigido para Méca) ha decidida influencia da arte arabe no pulpito *(mimbar)* de madeira com paineis e incrustações de madreperola, marfim e metaes preciosos; no *Kuisi* ou estante para o Coran; na *dikké* ou estrado sobre columnas onde estão os assistentes do prégador; como nas cathedraes de Milão ou de S. Marcos de Veneza, em que o metropolitano é acolitado pelos suffraganeos, quando préga; emfim os apparelhos de illuminação, suspensos dos tirantes das arcadas ou dos tectos por cadeias de metal, e que são por vezes grandes lustres, ou mais pequenos, chamados as sete estrellas, ou lanternas ou a simples lampada de azeite.

Tudo isto muitas vezes revela uma grande arte e arte vinda do *Haúran*, ou da Arabia central; como vêem, não é sem razão que se diz: *ter lampada em casa de Meca*, onde as ha muito ricas e cinzeladas.

O Egypto é um dos paizes onde se encontra mais diffundida essa arte, o que corresponde á invasão dos mahometanos, logo no começo do islamismo, no meiado do VII seculo da nossa era, e quando acabou no paiz o dominio bysantino.

Durante a idade media o Egypto esteve dominado pelos Kalifas ou representantes de Mahomet (vigorou este dominio até aos meiados do XIII seculo).

Nesse intervallo ha 6 dynastias mahometanas, acabando ás mãos dos mercenarios (mamelukos) que duraram até ao começo do XVI seculo, em que então veiu o dominio turco.

As cruzadas tiveram lugar entre os seculos XII a XV e foram os *Cruzados* que trouxeram para a Europa a arte bysantina e arabe.

O dominio turco aproveitou-as e converteu em mesquitas os grandes templos christãos, que encontrou por toda a parte, onde dominou e naturalmente creou-se uma nova esthetica, que se póde chamar bysantino-arabe.

Aproveitei o fallar-lhes da necropole dos Kalifas e na dos mamelukos, em que a decadencia é já manifesta, para accentuar melhor a migração da arte oriental pelo occidente da Europa, e poder avaliar-se a differença com a arte gothica que parece ter tido origem no centro da França (Isle de France).

O dominio turco, que no Egypto durou até meiados do seculo XIX, na Europa póde dizer-se que acabou no seculo XVI e só em Hespanha ha monumentos de valor artistico que attestam a sua civilisação, emquanto que na Africa e na Asia são elles numerosos.

No Cairo, que foi fundado pelos mahometanos, ha mesquitas construidas sob a influencia da arte arabe, posto que executadas por gregos, coptes e bysantinos, como já vimos, e muitos outros já sob a influencia da arte bysantino-arabe pelos turcos: é raro que o modelo, que estes queriam imitar, não sejam as de Constantinopla, principalmente a da cidadella que foi construida por Mohammed-Ali com os altos e elegantes minaretes.

Estas photographias (fig.as LXXIV e LXXV) dão ideia perfeita da impressão que devem causar essas elevadas columnas esbeltas, que o vento faz visivelmente dobrar, como se fossem palmeiras sem coma, e a sobreposição das cupulas que se disfructa de todos os lados. Começada em 1825, terminou em 1857 a construcção desta mesquita.

Sendo construcção muito recente é comtudo moldada pela planta de S.ta Sofia com os artisticos accessorios arabes de grande riqueza.

Não seria imparcial se não lhes chamasse a attenção para as portas da fortaleza, que foram estudadas com muita arte, como se póde ver da fig.a LXXV, e pela fig.a anterior póde avaliar-se da importancia que as muralhas teem, mas ellas foram traçadas pelos engenheiros militares francezes, que voltaram ao Egypto no tempo da restauração burbonica.

Podia terminar aqui a minha exposição sobre os monumentos egypcios e dar por terminado o encargo que o nosso Ex.mo Presidente me confiou, mas não seria justo nem leal se lhes não mostrasse ao menos as photographias dos grandes trabalhos d'obras publicas que actualmente se construem.

Açudes e barragem do Nilo

O primeiro açude, de que lhes mostrarei a photographia, está construido junto ao Cairo na ponta sul do Delta.

Mohammed-Ali, chefe da actual dynastia, que veiu em soccorro do Egypto para o livrar da invasão franceza de 1798 a 1801, logo que pôde reorganisar a administração civil e religiosa preoccupou-se das obras publicas e militares, entre as quaes se destacam a cidadella,

a mesquita, o aterro do charco onde hoje está o jardim Ezbekiyé e dos campos até o Nilo e por fim o grande açude ao Norte do Cairo, de que dista 24 kilometros, para elevar um pouco as aguas do Nilo e conduzil-as aos canaes d'irrigação, que servem tambem de navegação para pequenos barcos, ficando esta a montante em melhores condições para os barcos que do Cairo se empregam no trafego para o alto Nilo, fazendo-se sentir a influencia do açude até Bedrachein. (Fig.ª LII).

Como vêem, o açude, cujo projecto é devido ao engenheiro francez Mougel, consta d'uma serie de pilares entre os quaes correm umas portas-corrediças ou adufas de madeira e ferro que são manobradas de cima por uns guinchos moveis que vão d'um extremo ao outro do açude. Sobre os pilares assentam vigotas de ferro sobre que repousa a estructura da estrada.

O açude é dividido em duas partes, correspondentes aos dois braços ou rios em que o Nilo ali se divide: um o de Damietta, a leste, o outro o de Rozetta, a oeste. O primeiro lanço tem 500 metros de comprido, o segundo 440 metros, havendo na ponta do Delta uma linda avenida de acacias lebeck, tendo ao meio uma construcção chamada kioske, que serve de restaurante, com dois pequenos minaretes para se gosar da vista para uma e outra margem e da parte central do Delta, que é atravessado pelo canal de Manaüfiyé para irrigação e navegação nessa provincia. Ha por tanto tres canaes que teem a sua origem no açude, servindo para irrigação e navegação e foi necessario construir igual numero de pontes para dar passagem aos barcos.

Na fig.ª LXXVI mal se vêem estas pontes por estarem encobertas com as testas do açude, construcções elegantes no estylo normando, que assemelham castellos medievaes.

Durante muito tempo foi o maior açude que se conhecia, e com mais arte tratado.

Na figura vê-se do lado esquerdo e no primeiro plano a porta da repreza da margem leste com a indicação do canal, que passa debaixo da ponte fixa que tem uma grande altura de pés direitos.

A ponte no centro é girante para não interromper a avenida e dar passagem facil ao canal de navegação.

A construcção foi extremamente difficil pelas fundações serem sobre lodos a que não se achou fim, sendo necessario reforçal-as em 1890, no que se gastou 2.500 contos de réis.

Quando lhes descrevi a viagem sobre o Nilo, fallei do açude cons-

truido por José (Yussuff) em Assiút para fazer entrar as aguas no canal d'irrigação e navegação que vinha até á planicie de Fayum.

Quando Ibrahim-Pachá, filho adoptivo de Mohammed'Ali, participou do poder, por este ultimo estar demente, um dos seus primeiros actos d'administração foi mandar reparar as obras desse canal.

Os beneficios, que se tiravam, não eram comtudo grandes e quando os inglezes em 1890 decidiram fazer no Egypto o mesmo que na India, inaugurando trabalhos d'irrigação tendo por base a captagem das aguas em sitio que permittisse um grande volume; a sua primeira obra foi melhorar as condições do canal Ibrahim, que apenas tinha um pequeno tirante d'agua ($1^m,0$ a $1^m,50$) para lhe dar proximamente 3 metros.

Para isso era necessario refazer por completo o açude de Assiút que tem 1.600 metros de largura e é constituido por pilares distantes de $3^m,50$ entre os quaes correm as adufas com 5 metros d'altura.

A figura LXXVII dá uma ideia clara desta disposição e portanto da sua grandiosidade. Mas para melhor se verem as suas dimensões e como as adufas se manobram, mostro-lhes esta photographia (fig.ª LXXVIII), que indica claramente a disposição da ponte girante sobre a repreza, cujas portas se vêem á direita, e a serie de aberturas no pavimento por onde passam as adufas e são manobradas por meio d'uns guinchos rolantes, que ao longe se divisam.

Para tornar mais facil o percurso da estrada, que coroa o açude, construiu-se um caminho de ferro de via estreita, sobre que rodam wagonetes conduzindo passageiros.

Como vêem, este açude não está tratado com a arte e decoração do que fica ao Norte do Cairo, mas é d'aspecto solido e ao mesmo tempo agradavel á vista.

A figura LXXVIII foi tirada da margem esquerda e dá, como a anterior, perfeita ideia da arborisação da localidade, onde predominam as palmeiras das tamaras mais apreciadas.

Todos estes trabalhos seriam improficuos nos annos das vaccas magras, ou em que as cheias do Nilo fossem pequenas e faltasse a agua nos mezes d'Abril a Junho para as culturas do algodão, dos cereaes, da canna do assucar, e do arroz, que são as principaes no valle e no delta.

Era necessario armazenar uma grande quantidade d'agua, para nesses mezes a poder distribuir por meio dos açudes descriptos, para

as levar ás terras que dellas precisarem, e cujos proprietarios as comprassem.

Foi então que os inglezes metteram hombros á construcção da barragem de Assuan.

Chamado o sr. Willcocks, celebre pelos trabalhos d'irrigação que tinha executado na India, projectou o açude com 2 kilometros d'extensão.

Não lhes farei uma descripção completa, que levaria muito tempo e seria fóra de proposito, pois não estamos numa reunião d'engenheiros, mas dar-lhes-hei as informações, sufficientes para avaliarem, debaixo do ponto de vista architectural, esta obra d'arte.

A photographia aqui presente (fig.ª LXXIX) mostra a vista tirada da margem esquerda.

No primeiro plano está a repreza para permittir a navegação entre o Nilo superior, ou acima da primeira cataracta e o rio defronte de Assuan.

Até 1900, como se sabe, para passar um barco de vela *(dahabiyé)* d'um talhão para o outro, era necessario um trabalho de dias, que muitas vezes falhava na ultima parte da cataracta.

Sendo o dique insubmersivel, só com 5 degráus ou desniveis de 5 metros cada um, se poderia vencer a altura total do dique. A figura mostra claramente os barcos a passarem as reprezas. A montante vêem-se ainda as ilhas maiores e contra a margem direita a ilha de Philéa.

Quando o dique ou barragem estiver aberto, a ilha ficará visivel com a altura d'agua, que as cheias ali derem, e todos os templos estariam visitaveis, mas logo que as cheias diminuirem sensivelmente, é necessario fechar as adufas e a agua começa a subir acima do nivel das maximas cheias. As ilhas submergem-se pouco a pouco e viu-se, pelas fig.as XII e XIII comparadas, a que altura se eleva a agua para submergir a grande praça das columnatas. Pois com o coroamento da barragem, que se está a começar, os pilones e Kioske desapparecem de todo.

O grande dique tem quatro registos de adufas, o primeiro em numero de 65 está á cota 87^{m},50 do nivel medio do Mediterraneo; o segundo em numero de 75 á cota 92^{m},0; o terceiro com 18 a 96^{m},0 e o quarto com 22 a 100^{m},0.

Em quanto as cheias passam tudo está aberto, mas depois começa

a fechar-se o registo superior e assim successivamente até que o dique repreze a agua até o nivel, em que se lhe dará saida novamente pelas adufas, que são bastantes para facultarem vasão a uma grande cheia.

O volume armazenado era de 1.000 milhões de metros cubicos, e quando o coroamento estiver completo será de 2.000 milhões de metros cubicos d'agua, que do começo d'abril a fins de junho virão diariamente reforçar o caudal ordinario do Nilo.

A fig.ª LXXX é um detalhe da construcção como a vi em 1900, tendo abertos os dois registos de adufas superiores.

Faziam-se então os modelos do coroamento geral e d'uma cimalha que se pretendia dar ás vergas das aberturas das adufas. O sr. Fitzmaurice fez-me o favor de os mostrar e de pedir-me a minha opinião.

Quanto á cimalha da verga superior das adufas, fui contra ella, não porque a agua lá chegasse, mas porque qualquer pedra caida do parapeito superior do dique quebraria ou abria brecha na parte saliente, o que seria d'um detestavel effeito: sobre a fórma do coroamento, uns são d'opinião que deveria ser de gargulla ou golla invertida como a grande moldura egypcia, outros com uma cimalha simples; havia quem opinasse pela situação sul ou a montante, o que daria uma grande economia d'alvenaria, outros pretendiam que viesse á frente. Pareceu-me que seria melhor a fórma egypcia á frente.

Pela figura LXXXI vê-se que se optou pela moldura egypcia posta a montante com uma espessura sufficiente para supportar os 3^{m},5 de agua supplementares.

Esta figura que é um corte transversal do dique, na parte superior indica os niveis das adufas 1, 2 e 3, faltando a 4.ª que é a mais baixa.

Os contrafortes cortam a monotonia em tão longo comprimento, e não são empregados nos açudes menores.

No corte vê-se a situação da linha ferrea para girarem os guindastes de vapor, que hão de mover adufas de 7 metros d'alto por 3^{m},5 de largo.

Além desse caminho de ferro ha outro ao lado para transporte de passageiros de um extremo ao outro da barragem.

Quando ella estiver prompta, apresentará o effeito representado na fig.ª LXXXII.

Os srs. Willcocks e Wilson diziam que seria desnecessario fazer o coroamento do dique, mas os ultimos annos de grande secca demons-

traram que era necessario e poz-se mãos á obra pelo mesmo empreiteiro sr. Aird sob a direcção do sr. Webb.

O custo total excederá dois milhões de libras ou mais de 9.000 contos de réis, ou o que se tinha avaliado que custaria o porto de Lisboa completo.

É um trabalho verdadeiramente pharaónico pela quantidade de materiaes empregados e pelas difficuldades da construcção, mas que em nome da utilidade geral destruiu um dos sitios mais bellos da natureza, que a arte tinha, de mãos dadas com ella, tornado dos mais interessantes para a historia da humanidade.

A existencia da stella, engastada no templo da natividade de Isis e de Horus, com a copia da inscripção de Rozeta seria bastante para tornar a ilha de Philea intangivel, e ainda mais, insubmersivel.

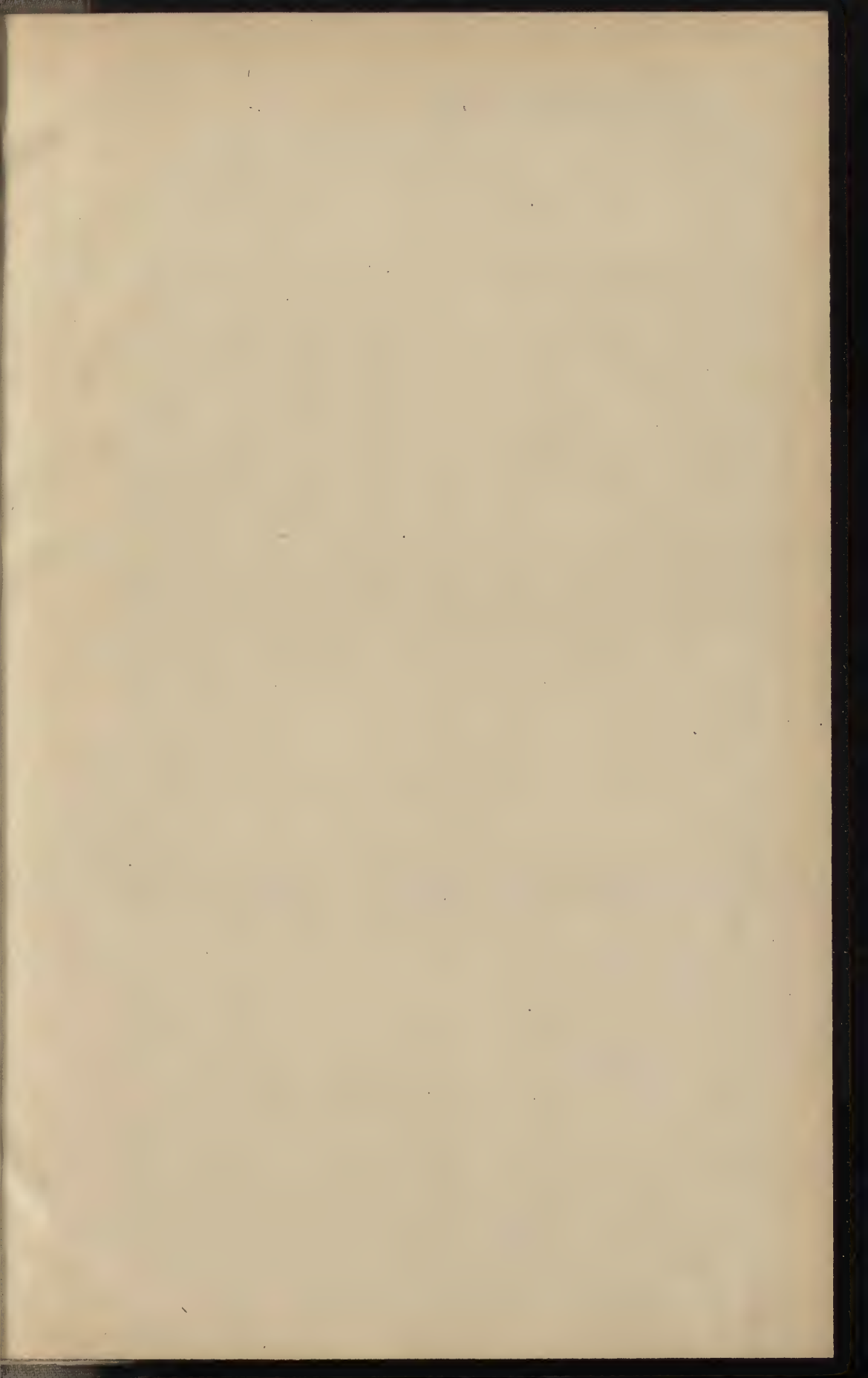
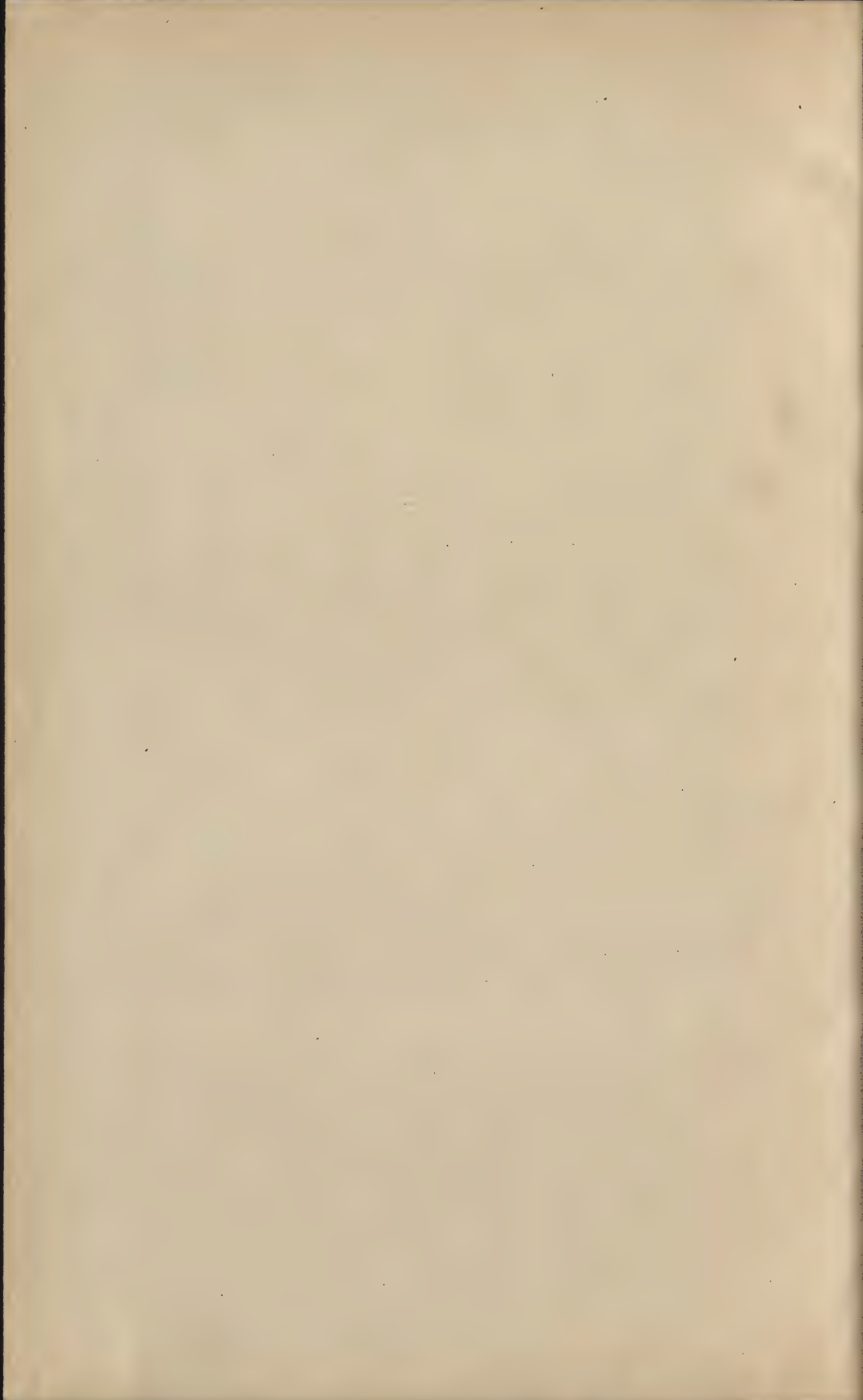
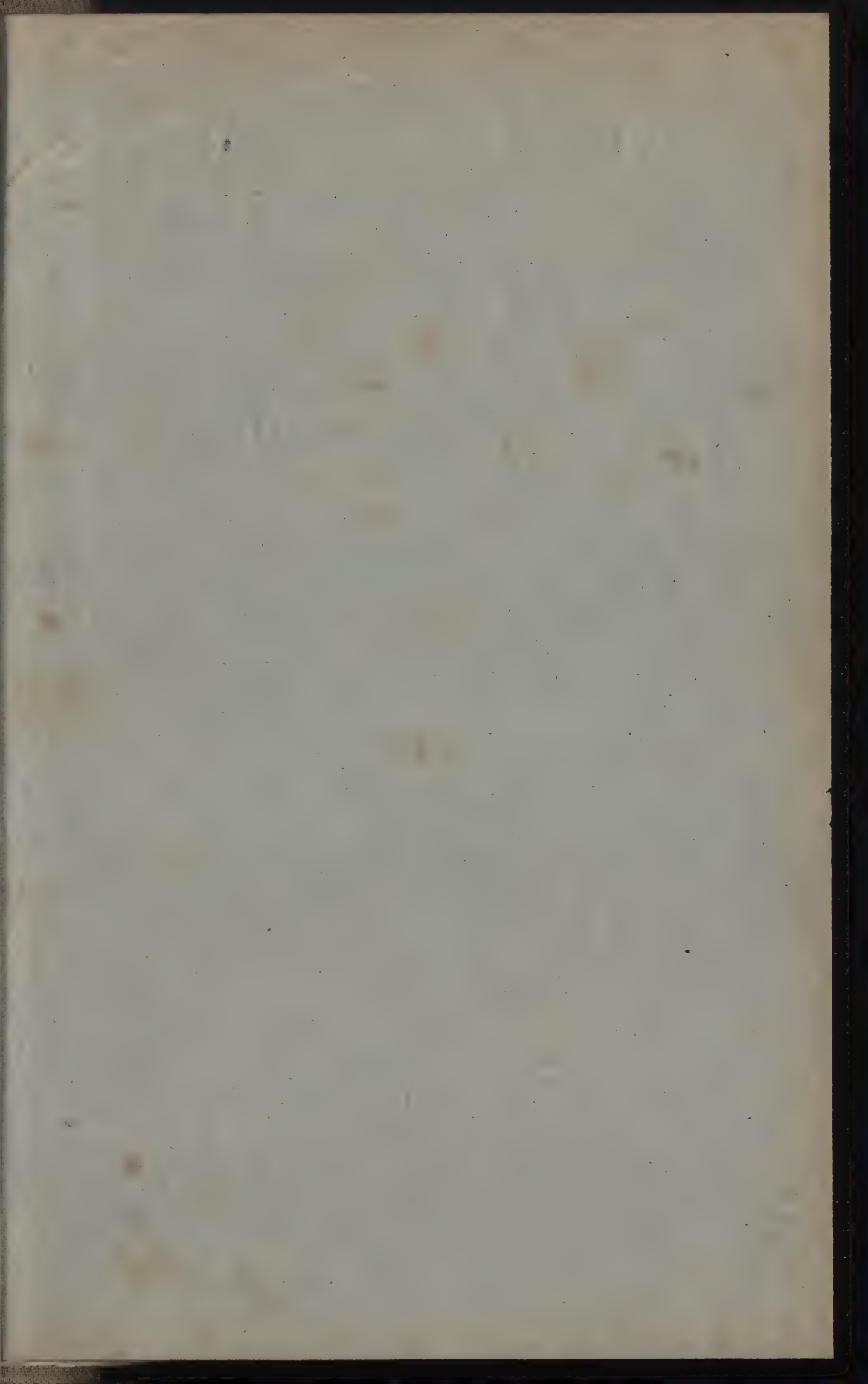
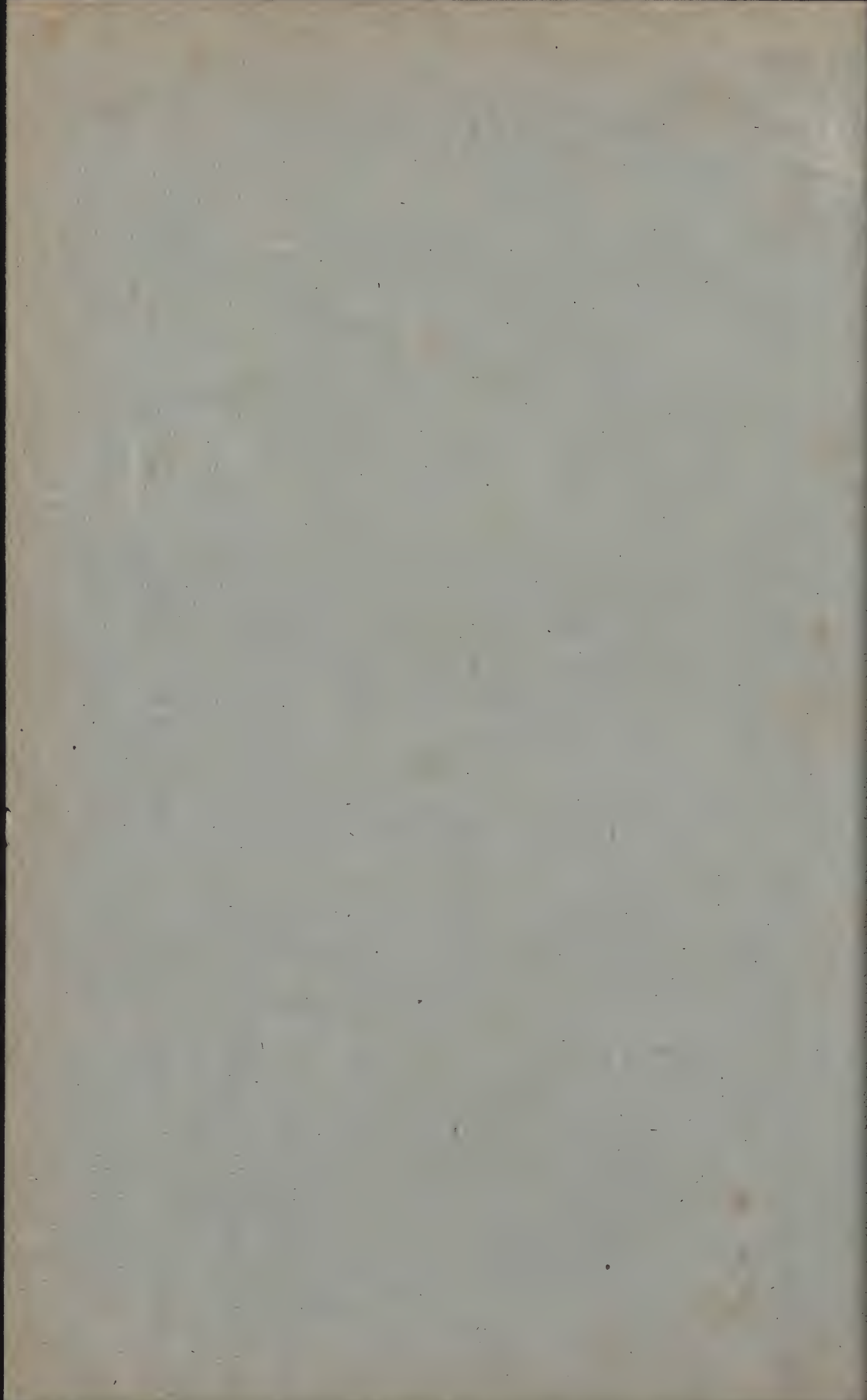
Mas o *salus populi, suprema ratio* dos romanos tornou-se na actualidade o *strugle for life* dos inglezes, e estes em nome desses principios levantaram as aguas e submergiram tudo! Sobre os templos, em que se adoraram os deuses, tripudiam os novos viajantes nas embarcações, nas *dahabiyés*, nessas faluas egypcias tão luxuosamente adornadas, que durante mezes servem de confortavel habitação a ricas familias, que no seu paiz se aborreceriam de morte, ou morreriam de frio!

Descuidosas aquecem-se a esse sol, que desde milhares de annos vinha dourar esses colossaes monumentos, que hoje do fundo d'agua clamam contra a tyrannia das cousas. *Sunt fata rerum!*

Para muitos archeologos que os viram soberbos, cheios d'inscripções, d'arte e de poesia farão lembrar a phrase do nosso grande prosador:

Solo sagrado a Deus, fôra um dos teus e não voltára ao mundo.

Quanto a mim, dou-me por muito feliz por os ter visto e ter-lhes falado destes monumentos, com que ainda sonho, quando acordado, e vejo em sonhos quando durmo: não me podendo convencer que se possa vir a dizer:

Adeus, Philéa; adeus, templos marginaes do Nilo até Kallabeché; adeus para sempre!

SEPARATA DO BOLETIM
DA
Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes
Quarta série, Tomo XI, n.os 3 a 8

MONUMENTOS EGYPCIOS

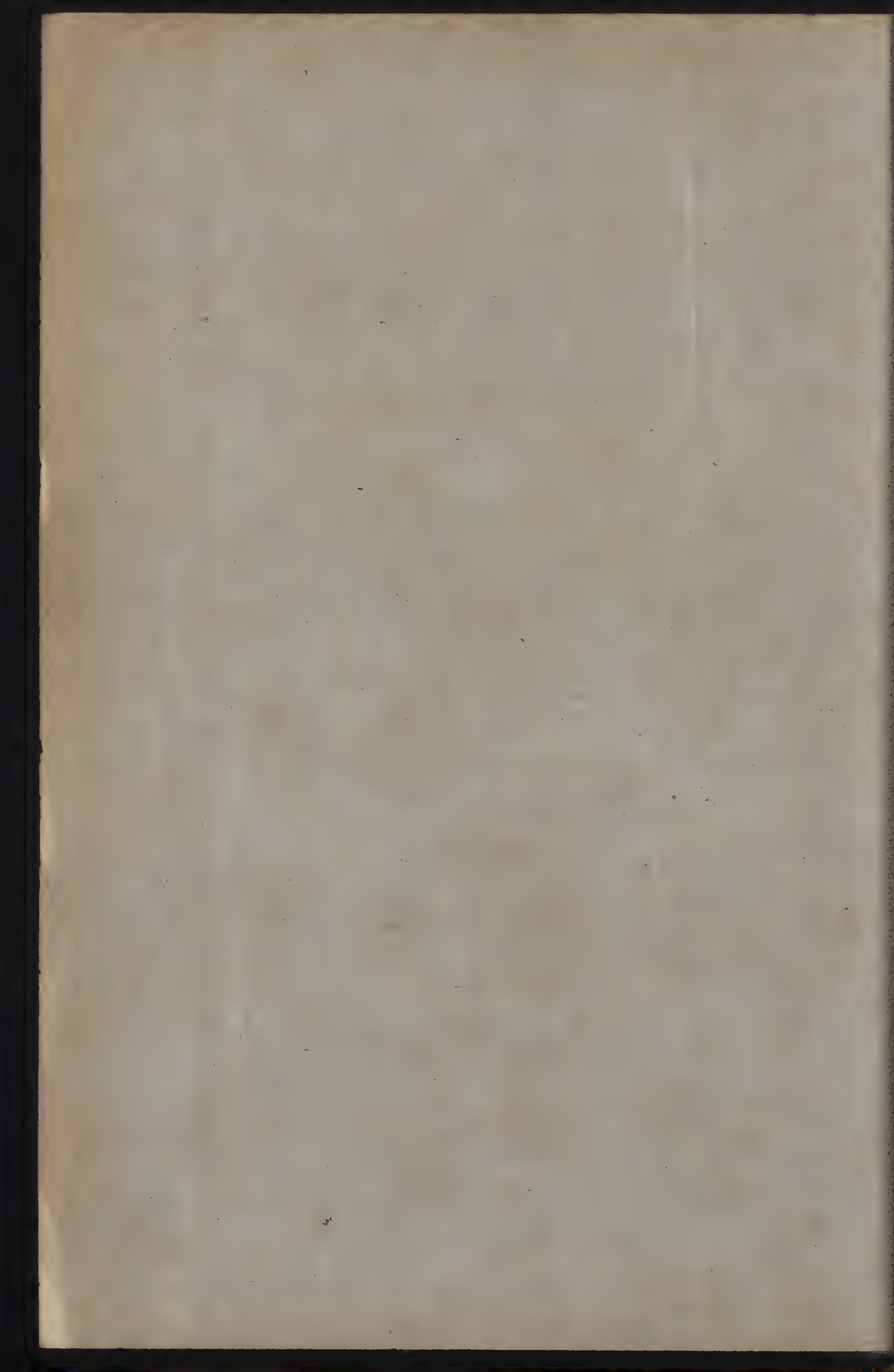
NOTICIA SOBRE A SUA CONSERVAÇÃO

POR

João Verissimo Mendes Guerreiro

Engenheiro Inspector geral das obras publicas,
socio honorario da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

(ESTAMPAS)

Proprietaria e editora, a Real Associação

LISBOA
Typ. da Casa da Moeda e Papel Sellado
1909

Carta chorographica que acompanha a noticia sobre os monumentos egypcios

Fig.ª I—Estado da fachada em janeiro 1900

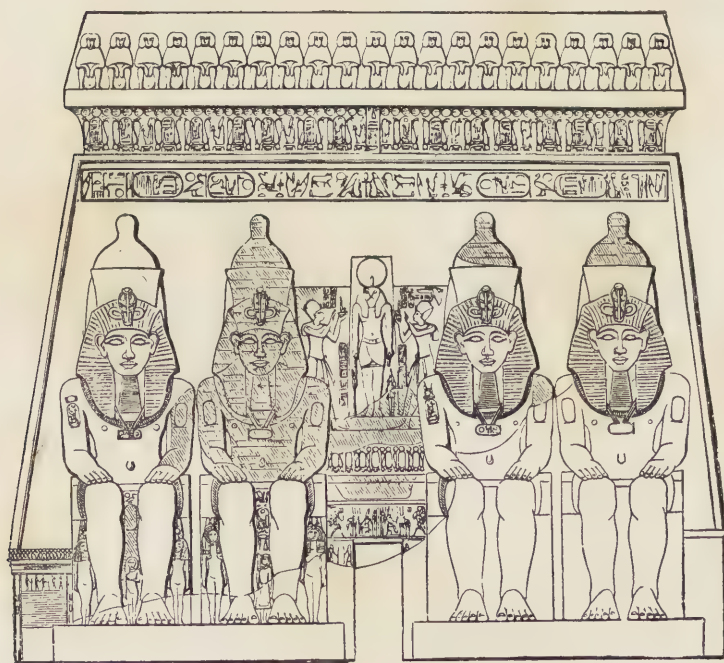



Fig.ª II—Reconstituição da frontaria por LEPSICES

PAG. 10

Spéos de ABU-SIMBEL

Fig.ª III—Corte longitudinal de E. a O.

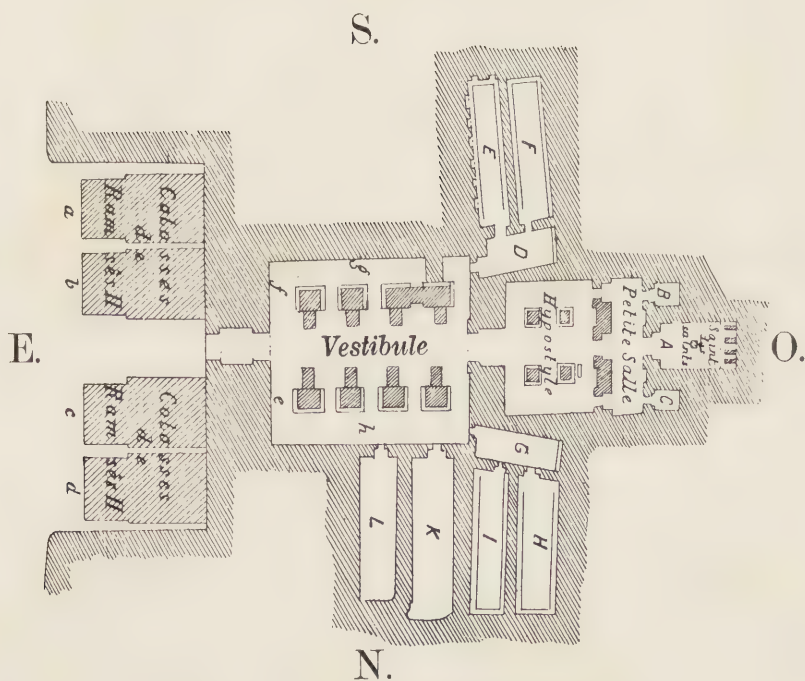



Fig.ª IV—Planta na escalla de 1:653

Hemi-spéos de SEBUÁ, GERF-HUSSEIN e BEIT-EL-UALI

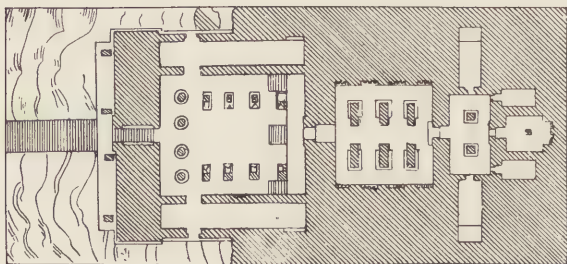



Fig.ª V—Planta reconstituida pelos vestigios na parte a céo aberto até á segunda escada.

PAG. 17

Templos de DAKKE, DANDÚR e TAFFÉ

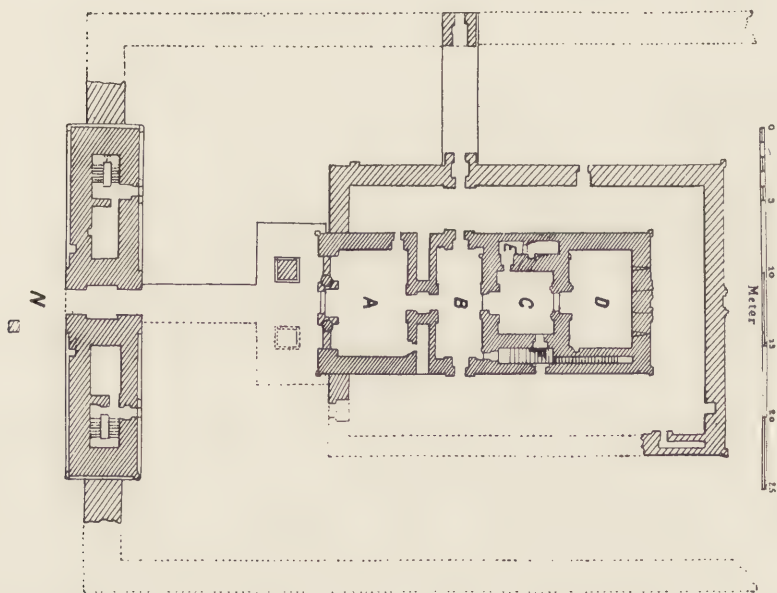



Fig.ª VI—Planta reconstituida pelos alicerces

PAG. 17

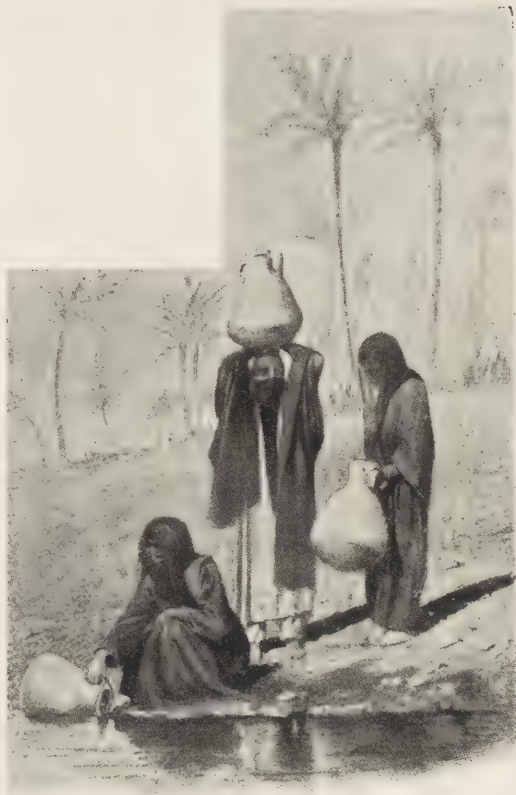



Fig.ª VII—Trajes entre Sabuá e Dakké
Margem oriental do Nilo

PAG. 17

Fig.ª VIII—Templo grande de Kalabeché rodeado de palmeiras

PAG. 18

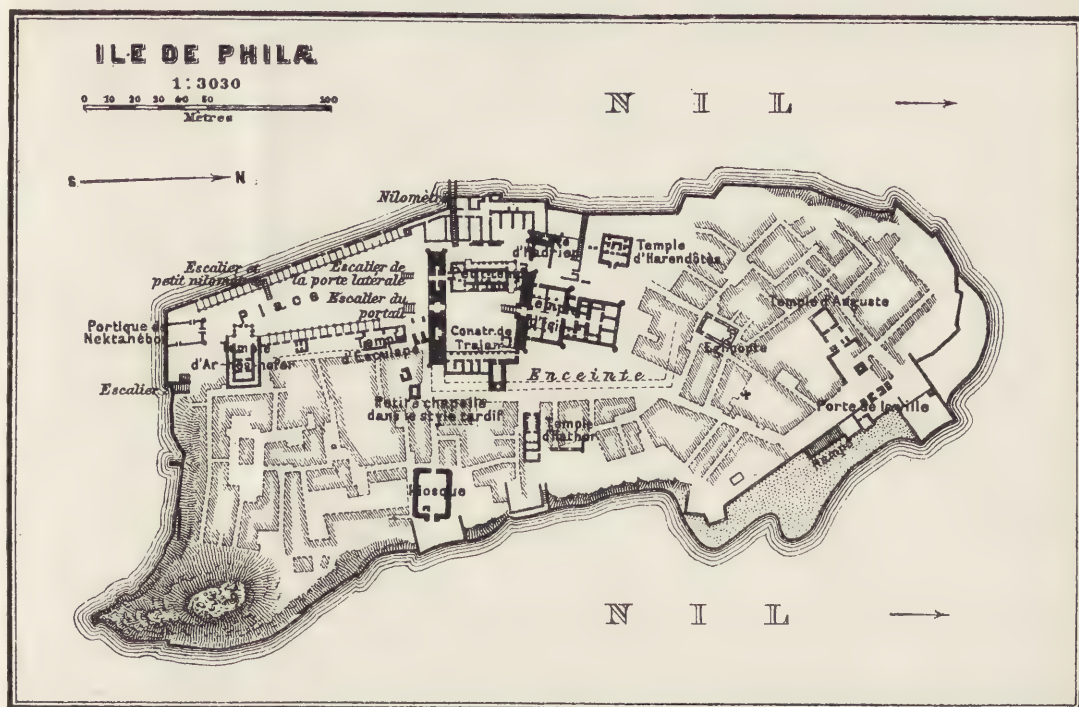



Fig.ª IX — Planta da ilha de Philéa em Janeiro de 1900

PAG. 19

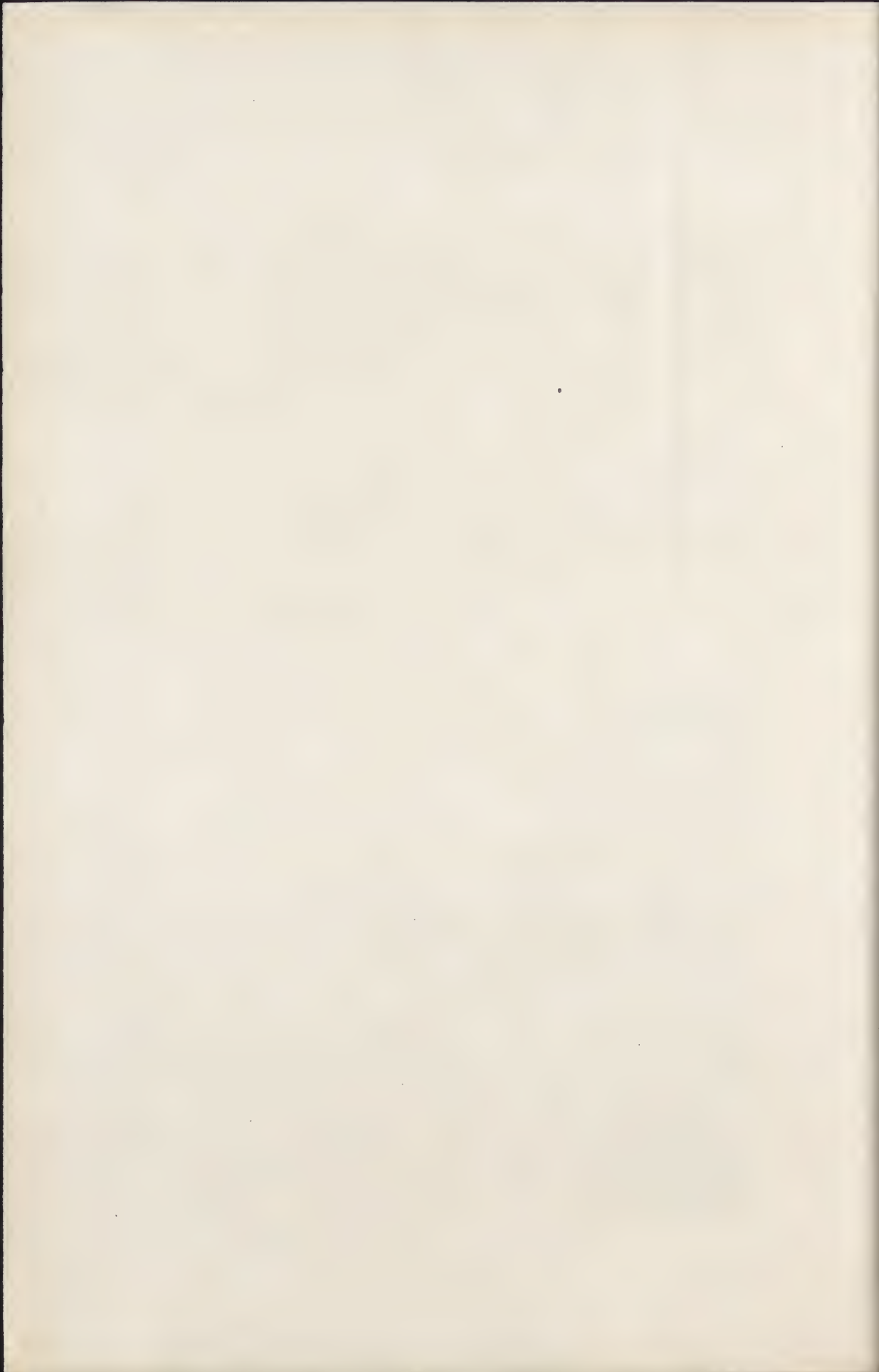
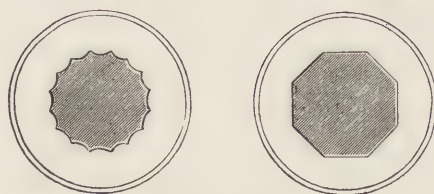
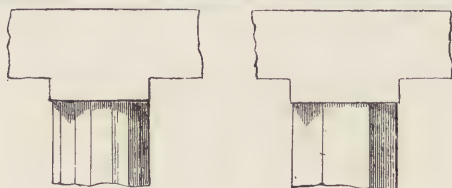
Fig.ª X — Vista de Philéa do lado de Leste

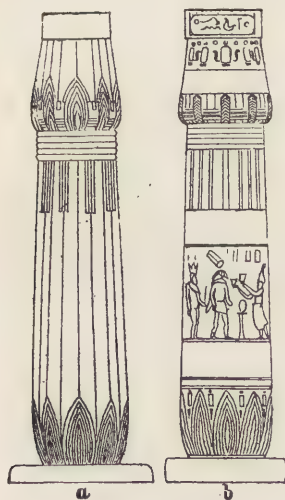
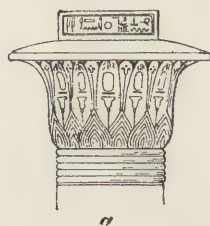
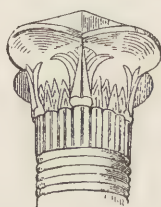
PAG. 20

Fig.ª XI — Vista de Philéa do lado Oeste

Fig.ª XII — Vista de Philéa do lado Sul

Fig.ª XIII — Vista tirada do alto da colina depois de acabado o açude d'Assuan

Fig.ª XIV — Grande Praça das columnatas

Columna lotiforme
capitel de botão

Columnas protodoricas
do hypogéo de Bénihassan

Columna lotiforme
capitel flor aberta

a *b* *c* *d*

Capiteis de columnas — plantas

a — Capitel campamiforme
b — Capitel de cesto de flores, tendo côres vivas
c — Capitel com palmas
d — Capitel hathorico com cabeças de vitella ou com sistros

a *b*

Columnas papyriformes fasciculadas
a — de capitel com botões fechados
b — de capitel redondo truncado

Fig. XV — Variedades da columna egypcia

Fig. XVI — O Intendente ***Tih*** caçando, hypopotamo entre ***lotus***

Fig.ª XVII — Um lago com ***Nymphea lotus*** no Japão

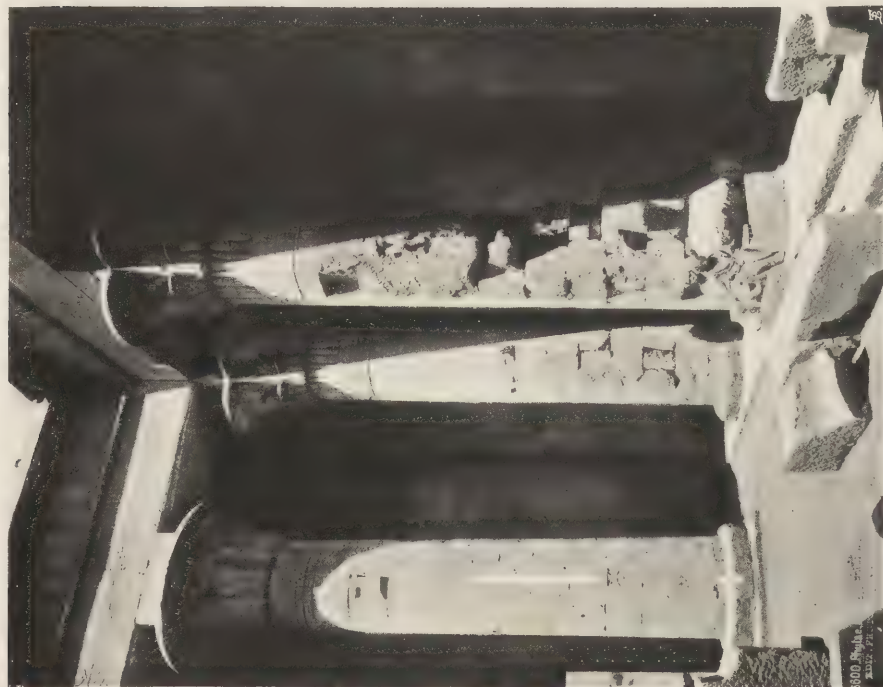



Fig.ª XVIII — Columnata do ***Pronáos*** do grande templo de Philéa

PAG. 25

Fig.ª XIX — Reforço, em execução, da columnata de Oeste da praça

PAG. 26

Fig.ª XX — Reforço do Kioske para resistir á inundação do Açude

PAG. 26

Environs
D'ASSOUÂN
1:100.000

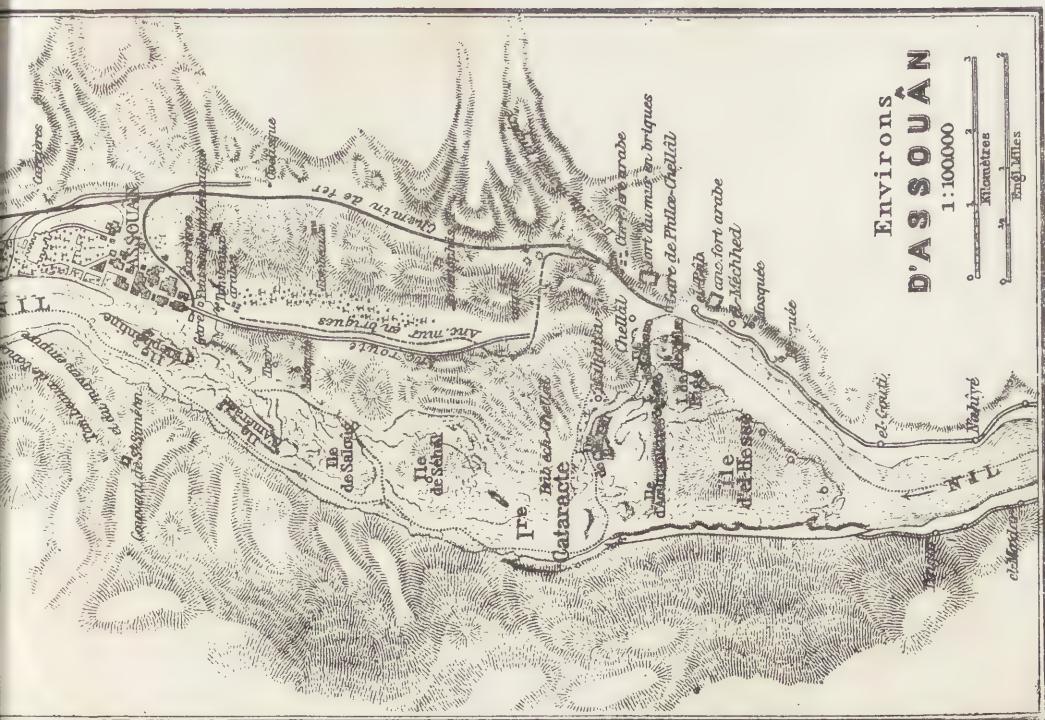



Fig.ª XXI — Planta do Nilo de Philéa a Assuan

PAG. 27

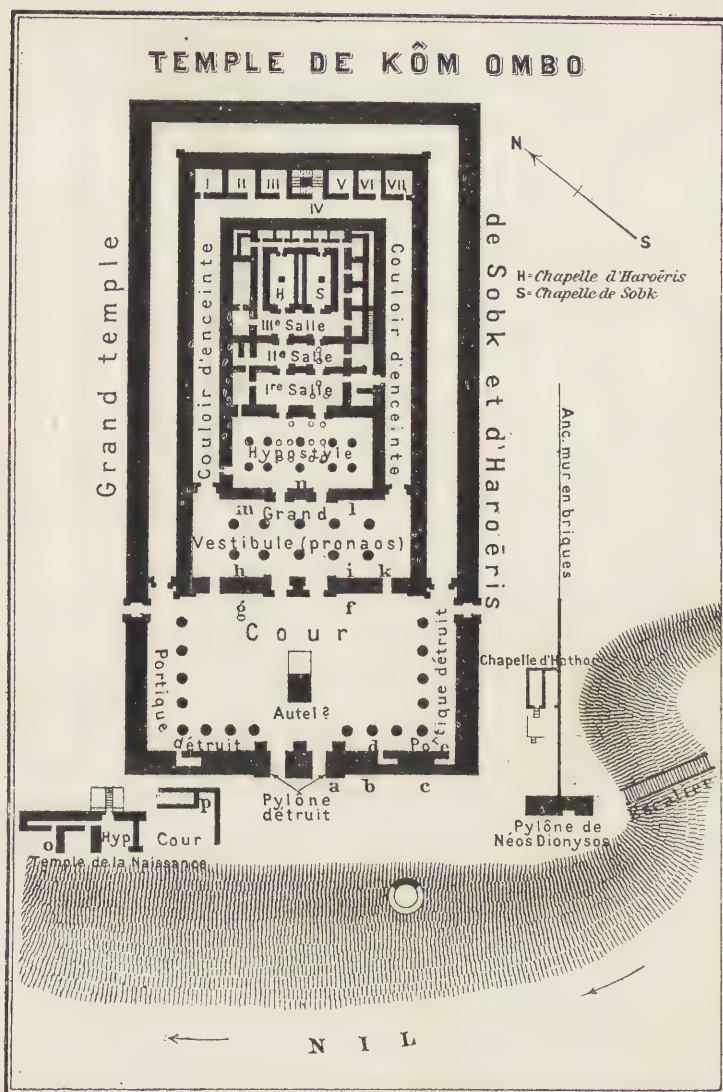



Fig.ª XXII — Planta do templo de Ombos

PAG. 29

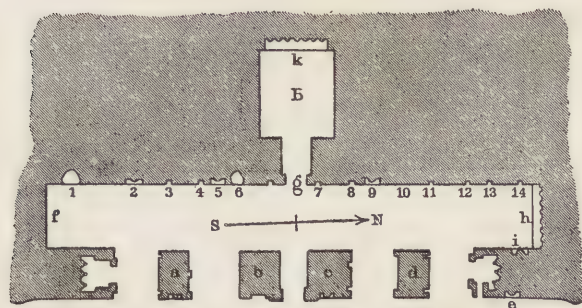



Fig.ª XXIII — Planta do Spéos de Gebel — Silsilé

PAG. 30

Fig.ª XXIV—Planta do templo d'Edfu

Fig.ª XXV—Vista do pylone pela parte interna

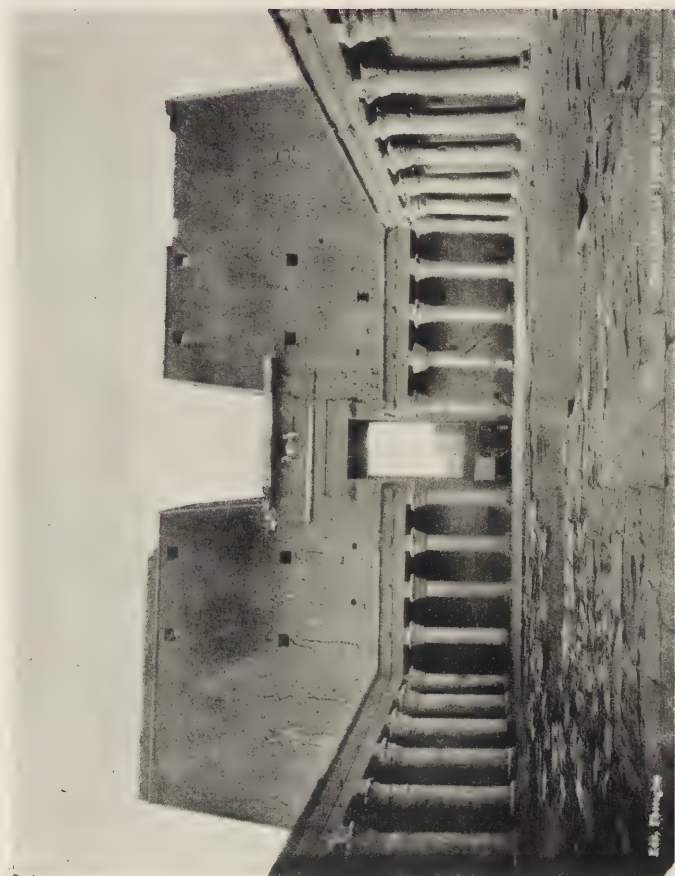
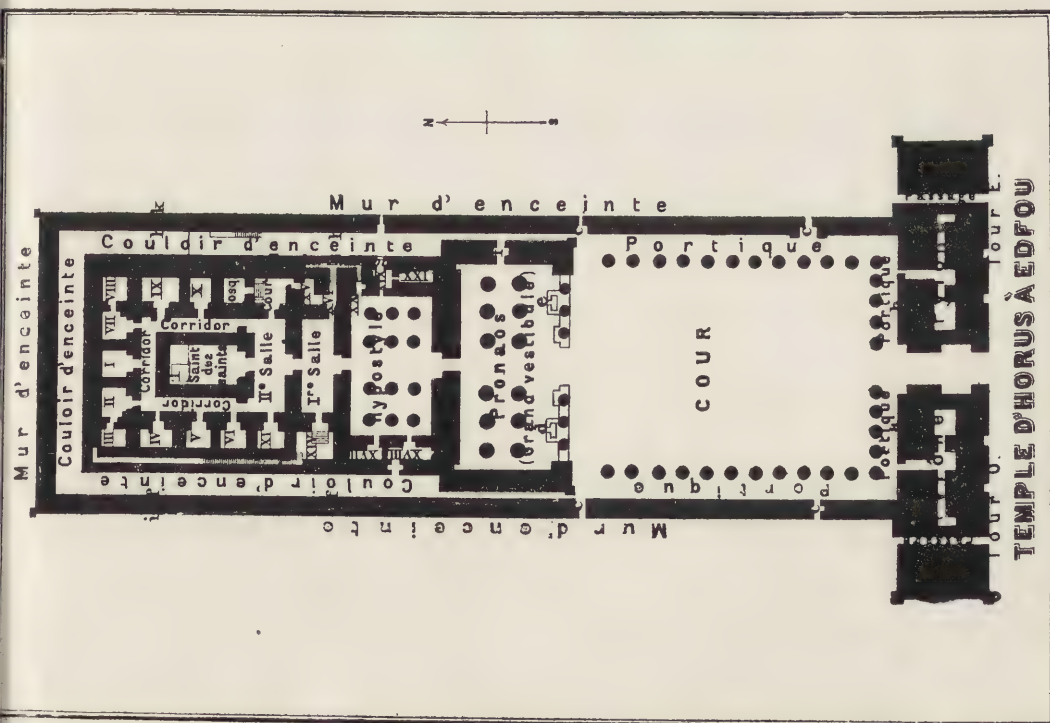



Fig.ª XXVI — Vista da entrada do templo d'Edfu

PAG. 31

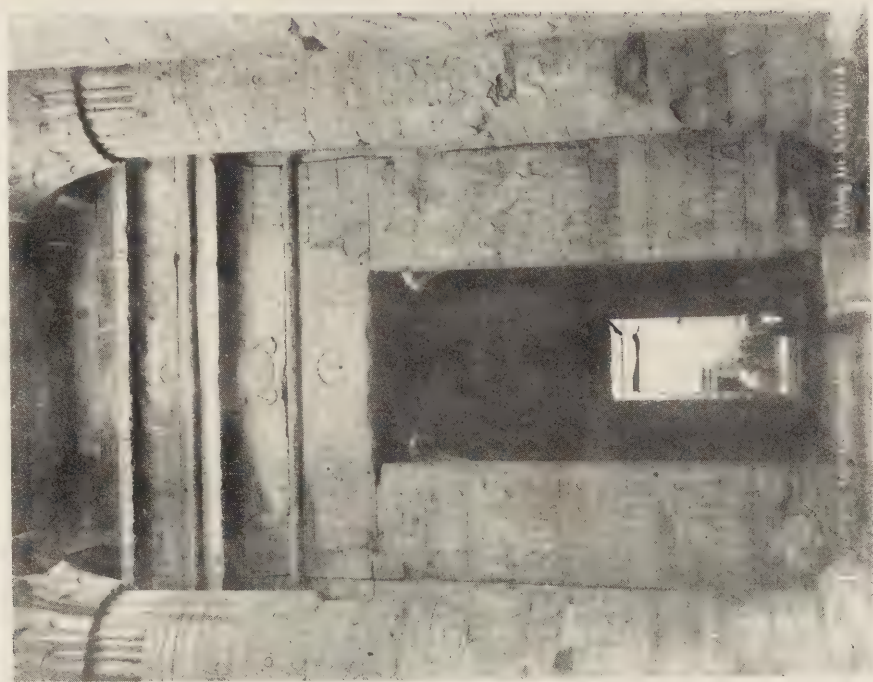



Fig.ª XXVII — Vista da portada interna da sala hypostillo

PAG. 32

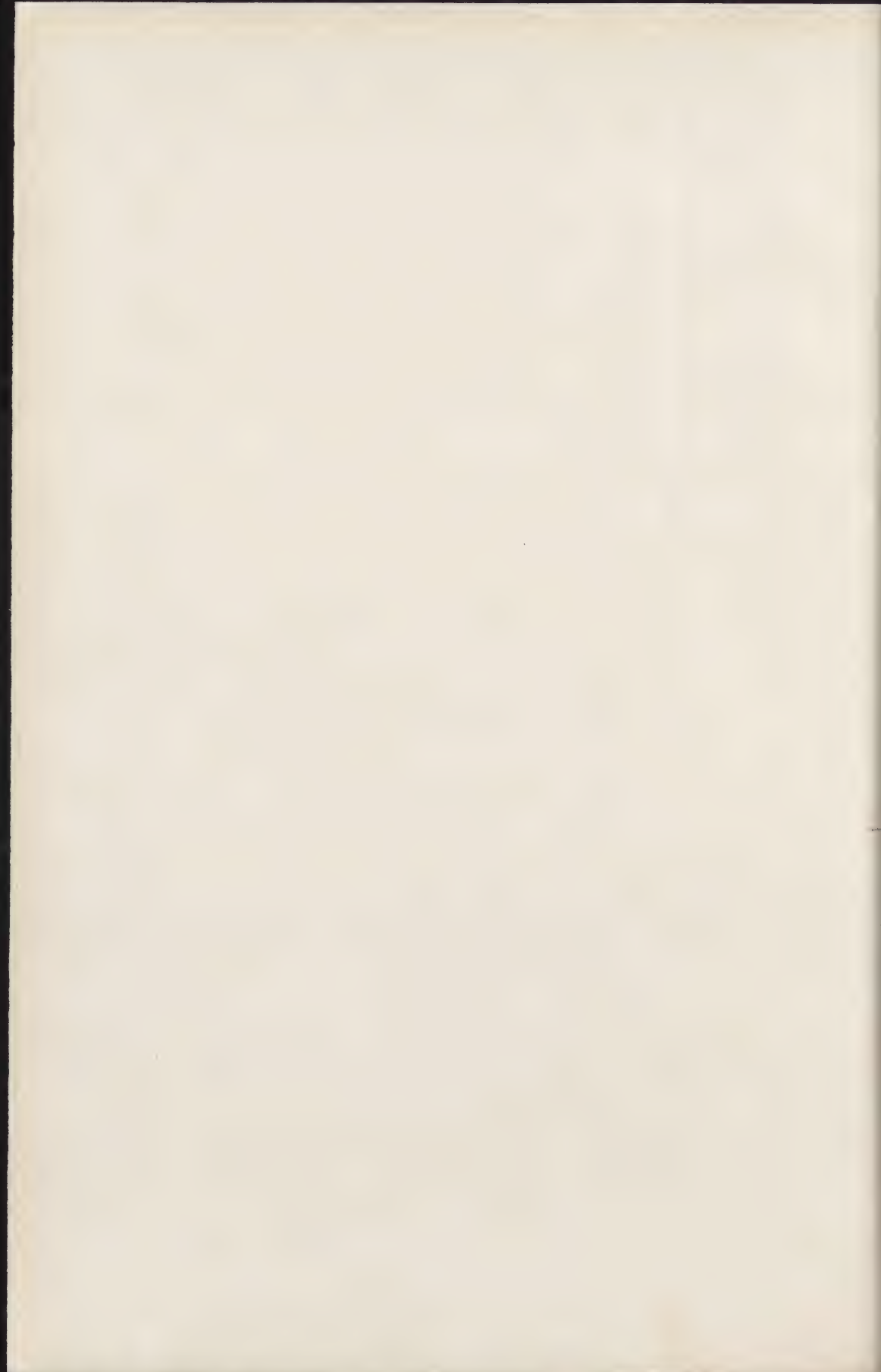
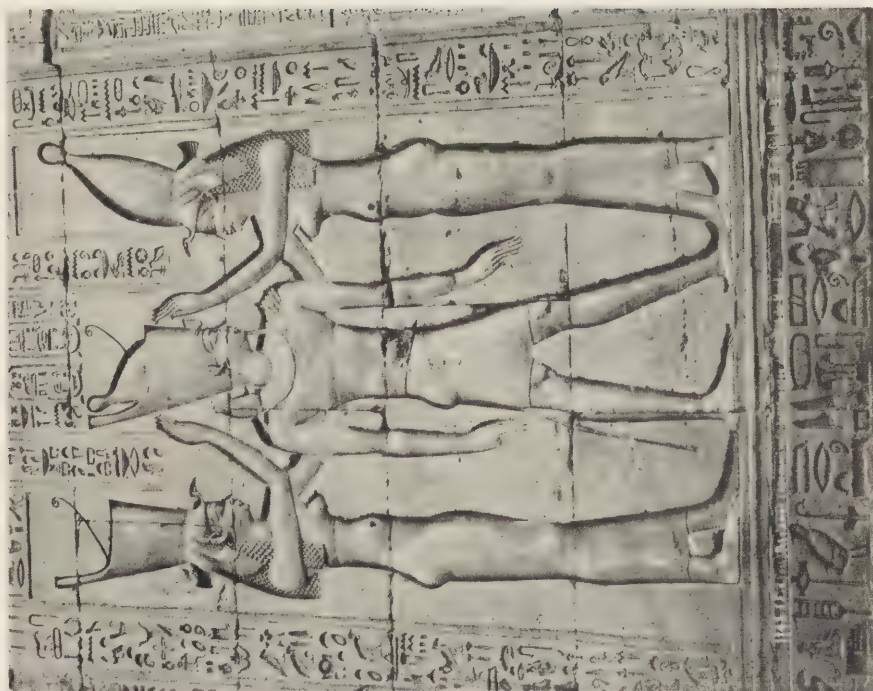



Fig.ª XXVIII — Coroação do Ptolomeo pelas deusas do Alto e do baixo Egypto

PAG. 32

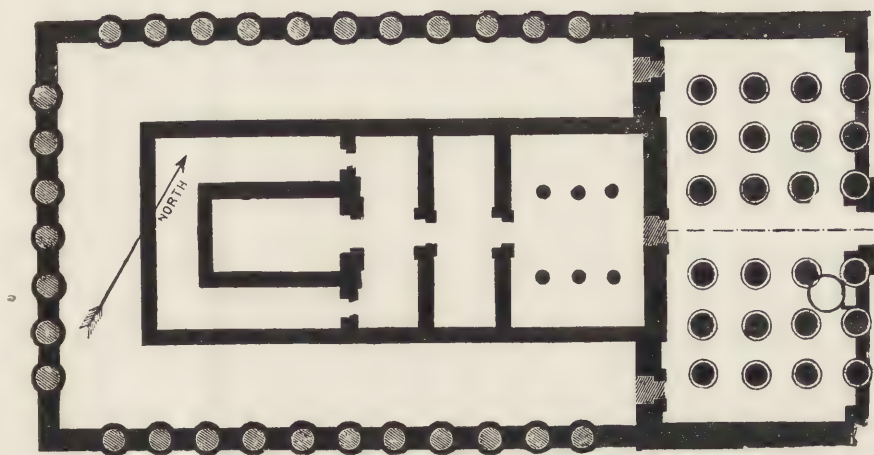



Fig.ª XXIX — Planta do templo d'Esné reconstituida por Grand-bey

PAG. 35

Fig.ª XXX — Planta geral dos terrenos occupados pela antiga Thebas n'uma e n'outra margem do Nilo
(As partes tracejadas são villas ou burgos actuaes,)

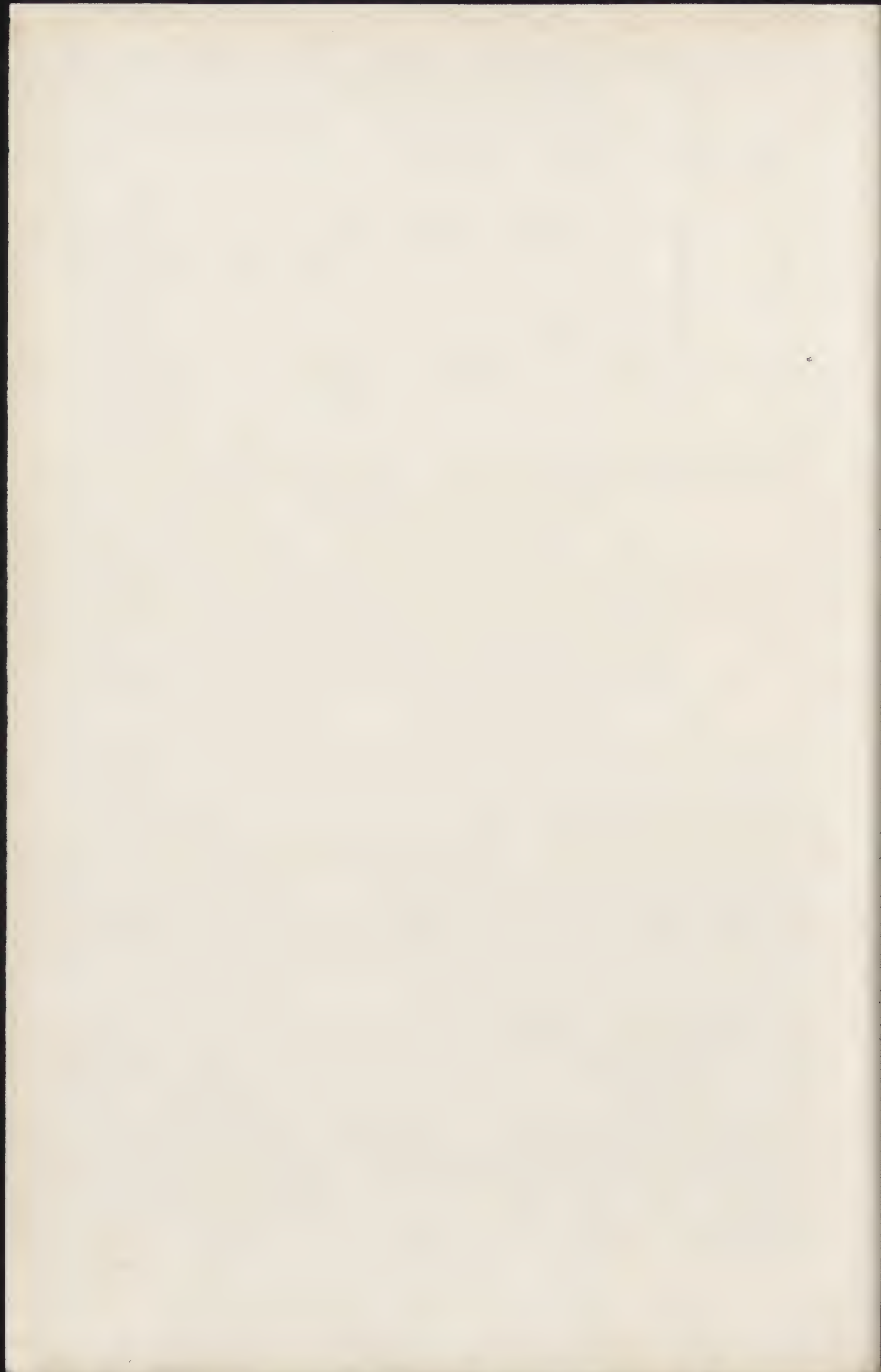
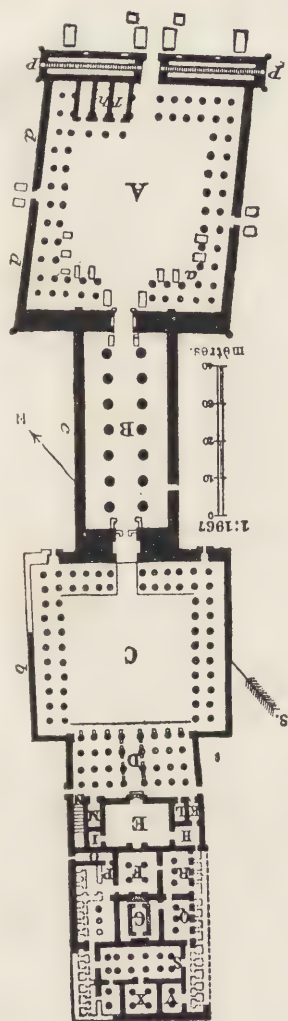



Fig.ª XXXII — Planta geral do grande templo d'Amon em Luksor

PAG. 38

Fig.ª XXXI — Burricos com os conductores em estação d'aluguer

PAG. 37

Fig.ª XXXIII — Vista das columnatas do templo de Luksor tirada do caes do Nilo

PAG. 38

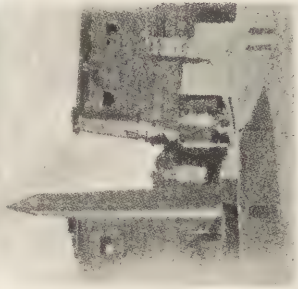



Fig.ª XXXIV (a) — Vista exterior do pylone do templo de Luksor

Fig.ª XXXIII (a) — Columnatas do grande templo de Luksor vistas do angulo S. E. do hypostylo para o lado do Sul

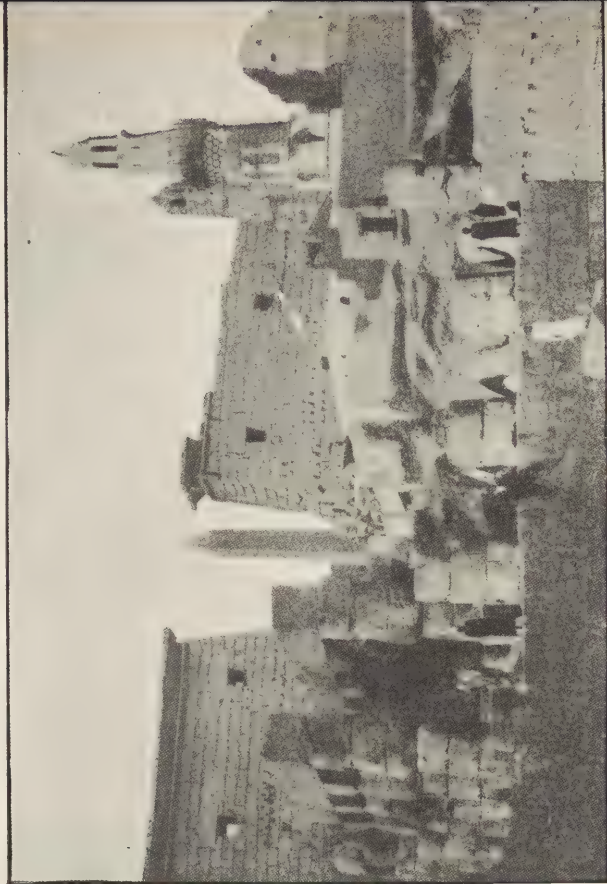



Fig.ª XXXIV — Vista das columnatas do portico,, tendo superiormente a Mesquita do lado Leste, em Luksor

Fig.ª XXXV — Unico colosso intacto de Ramsés II, existente entre as columnas do portico do templo de Luksor
(Vide a na planta fig.ª XXXII)

Fig. XXXVI (a) — Vista da avenida oriental das sphinges (á direita) tendo ao fundo a porta de Philadelpho e o pylone do templo de Mut (Karnak)

PAG. 41

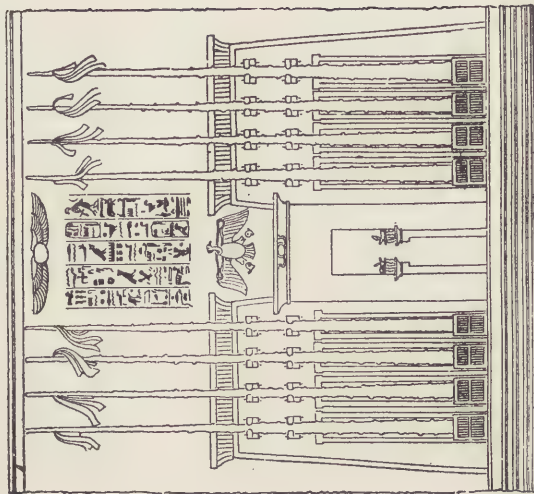



Fig. XXXVI — Reconstituição d'um pylone embandeirado, segundo o registo do atrio do templo de Konsu (Karnak)

PAG. 40

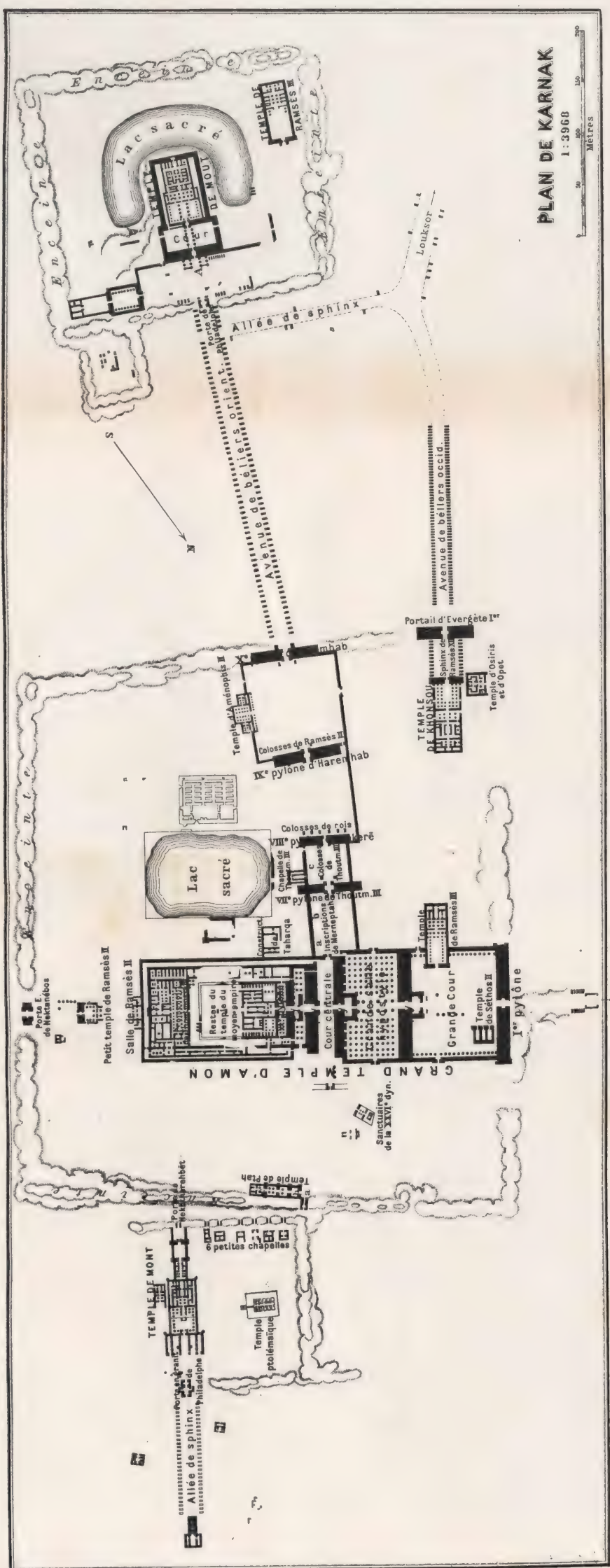



Fig.ª XXXVII—Planta geral de Karnak com os grandes templos d'Amon, de Mut (sua mulher), de Konsu (seu filho); e o de Mont, Ptah e tantos outros existentes neste enorme recinto

Fig.ª XXXVIII — Vista das ruinas de grande templo de Karnak pelo eixo do hypostylo

PAG. 45

Fig. XXXVIII (a) — Obeliscos vistos do sul espelhando-se no lago sagrado

PAG. 41

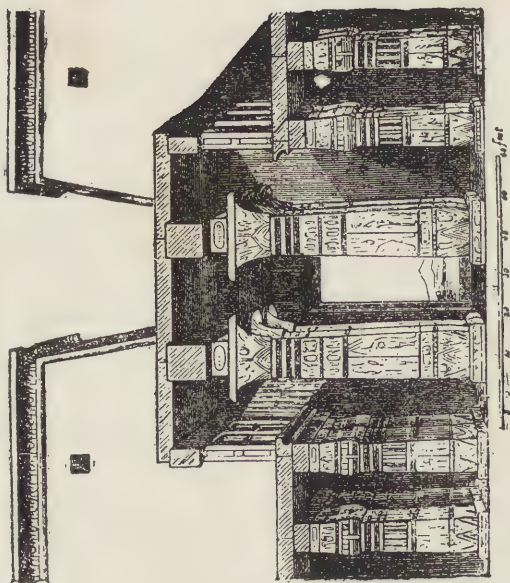



Fig.ª XXXIX — Reconstituição do hypostilo do grande templo d'Amon, em Karnak, segundo Masperó

PAG. 45

Fig.ª XL — A ***columna inclinada*** vista do eixo do hypostylo do grande templo de Karnak

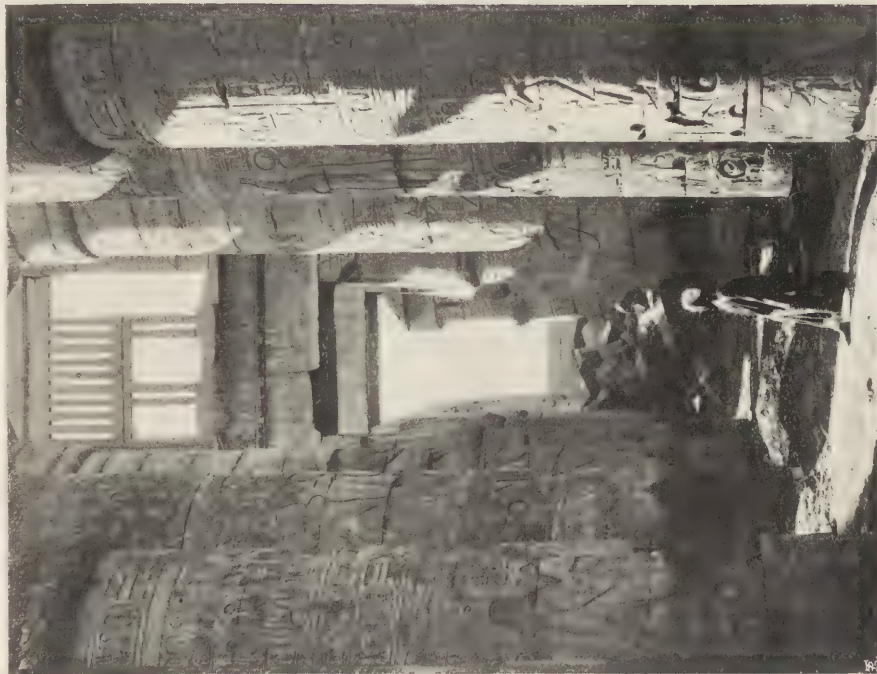



Fig.ª XLI — Uma das frestas ou persianas ***(Claustra)*** vista do eixo do hypostylo do grande templo de Karnak

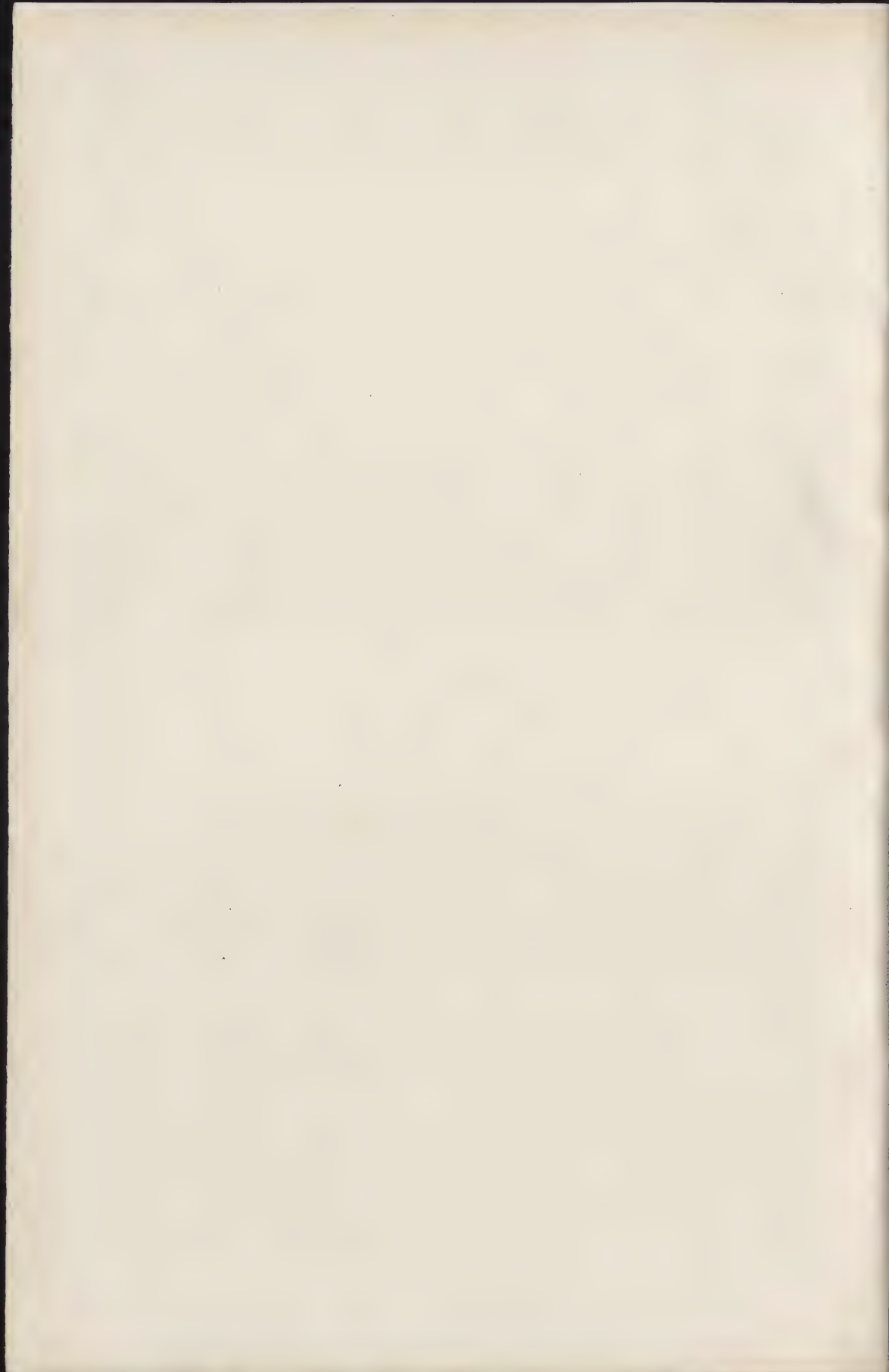



Fig.ª XLII — A segunda da direita é a *colonne penchée*, cujo abbaco se encostou á visinha e escorregou sobre o capitel (*Vide fig.ª XL*).
Note-se o tamanho do fellah, homem forte, sentado no meio dos escombros.

PAG. 49

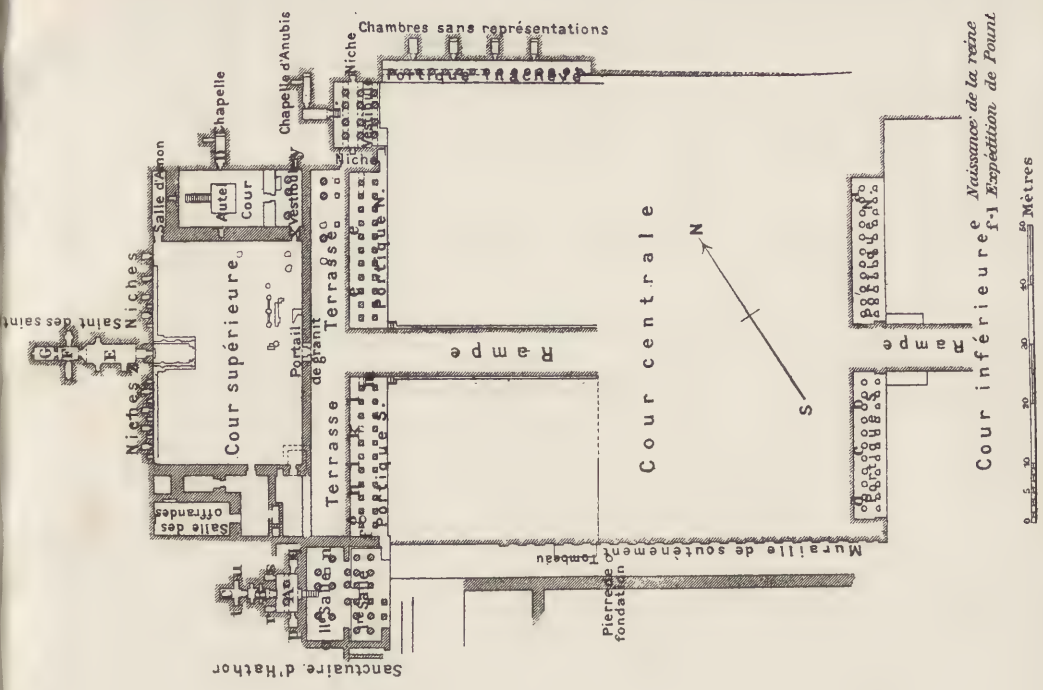



Fig.ª XLIII — Planta dos templos e edificações de Deir-el-Bahri

PAG. 53

Fig.ª XLIV — Capella da deusa Hathor no seu templo em Déir-el-Bahri (C da planta)
A vacca tem nas pontas o emblema de deusa do Alto e Baixo Egypto

PAG. 55

Fig.ª XLV — Os colossos osiricos do Ramesséum com os restos do hypostylo (á esquerda)

PAG. 57

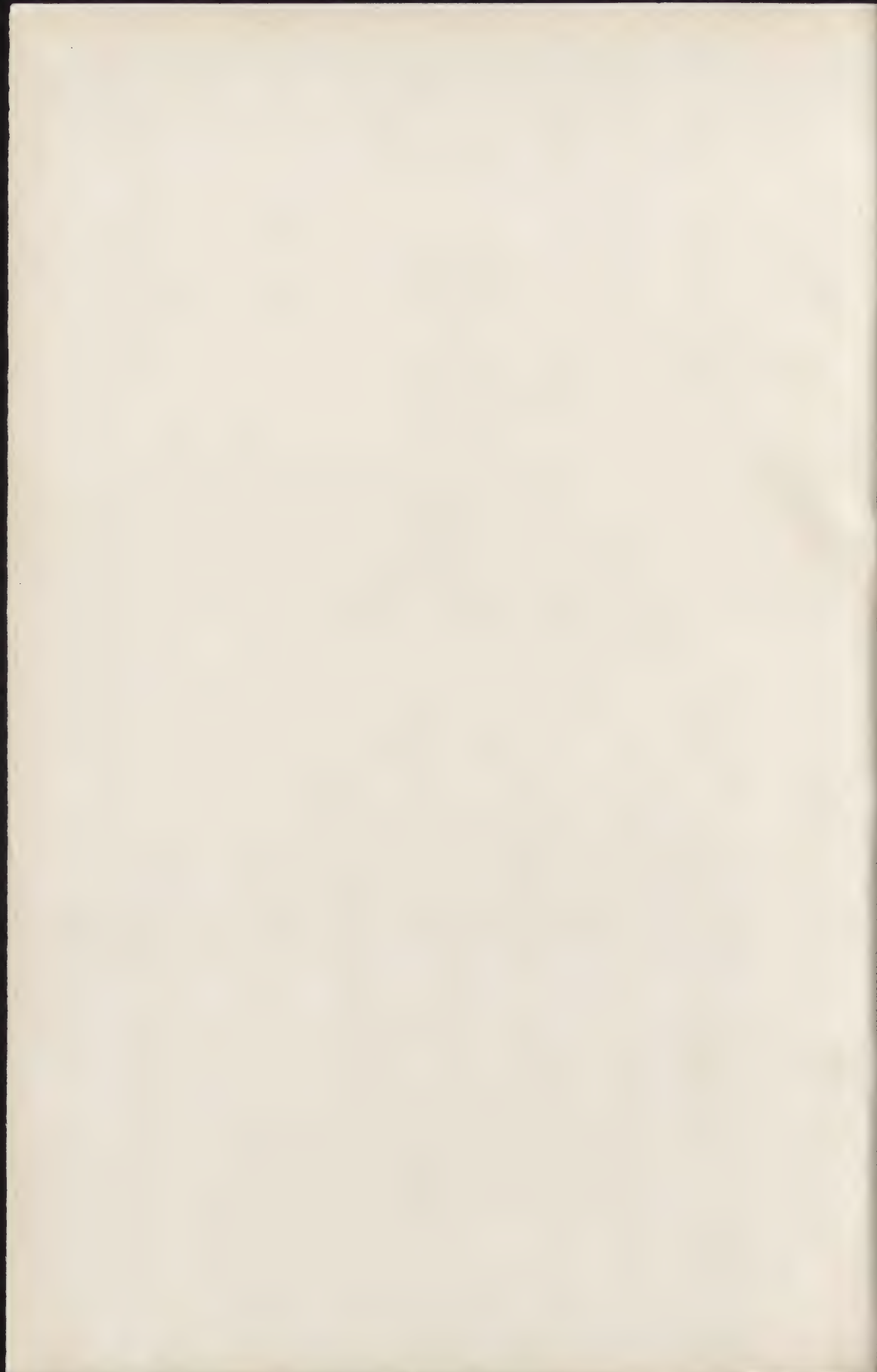
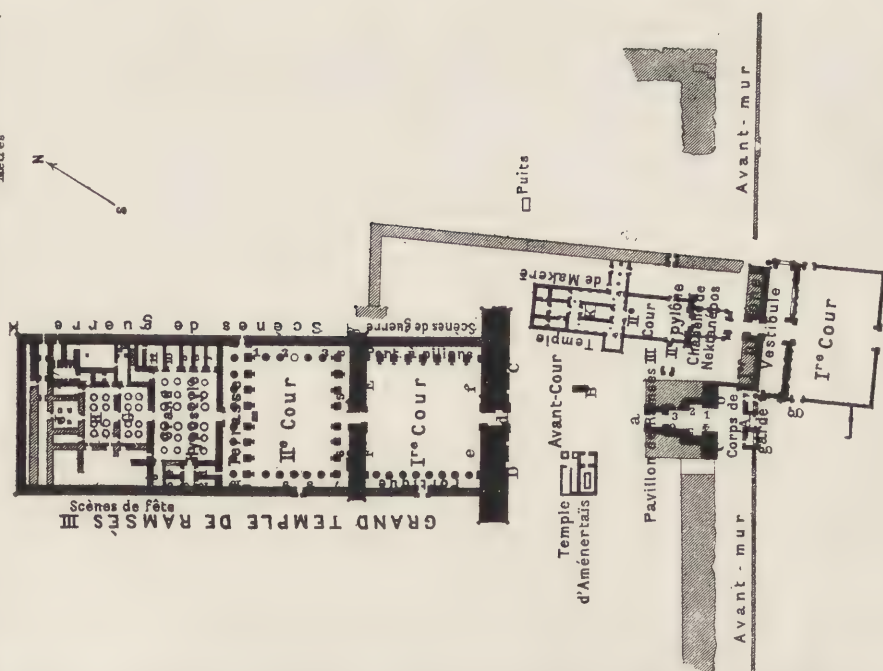



Fig.ª XLVI—Planta dos templos de Medinet-Habu
PAG. 57

Fig.ª XLVII—Fachada do templo pequeno de Medinet-Habu
PAG. 58

Fig.ª XLVIII — Vista do lado de E. das ruinas de Medinet-Habu
PAG. 58

Fig.ª XLIX — Planta do grande templo de Séthos I e Ramsés II
PAG. 60

Fig.ª L—Intercolumnio do hypostylo do grande templo de Séthos I em Abbydos

PAG. 61

Fig.ª LI—Obelisco de Usertesen I em Heliopolis

PAG. 62

Fig.ª LII — Arredores do Cairo. (*a*) Abu-Roach.

PAG. 64

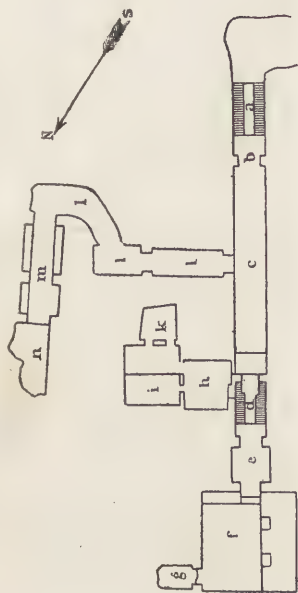



Fig.ª LIII — Planta do hypogéo de Amenophis IV em Tell-el-Amarna. (*a*) Entrada.

PAG. 73

Fig.ª LIV — Figura de Orisis estendido em catre com Horus a protejel-o com as azas.
Representava-se tambem assim a visita da alma ao corpo.

PAG. 75

NÉCROPOLE DE THÈBES.

1:19.000

0 100 200 300 400 500 600 700 800 Mètres

Fig.ª LV—Planta geral da necropole de Thebas (margem esquerda)

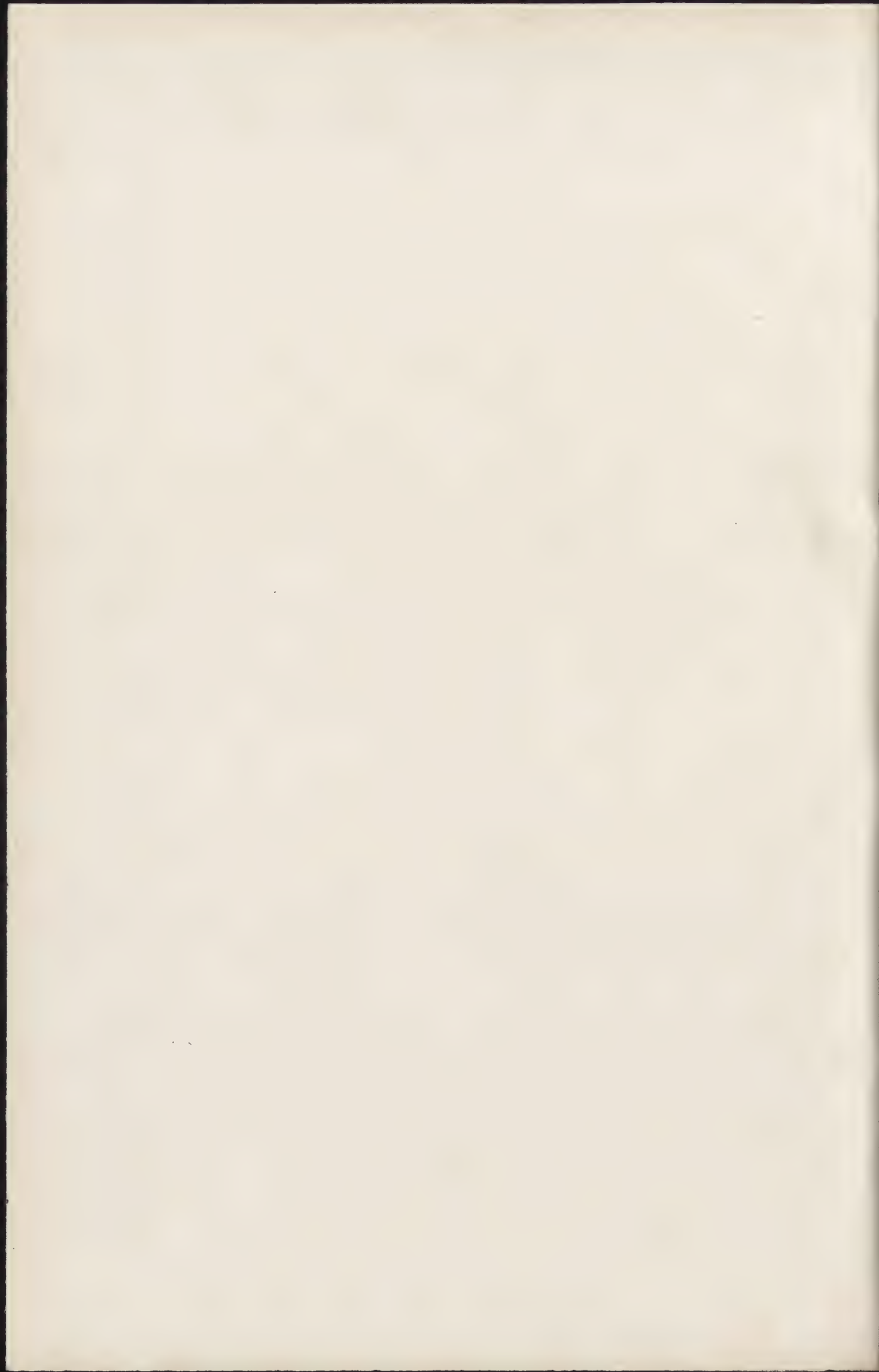
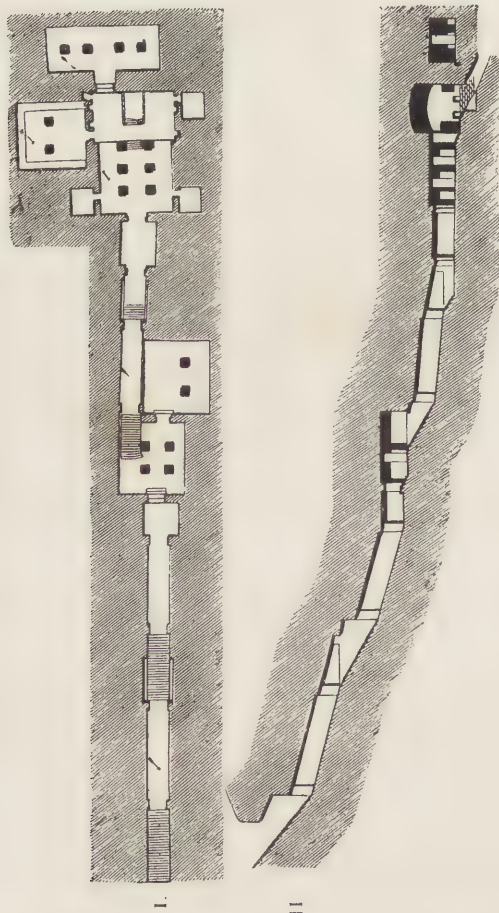



Fig.ª LVI—Planta e corte longitudinal do hypogéo de Sethos I.

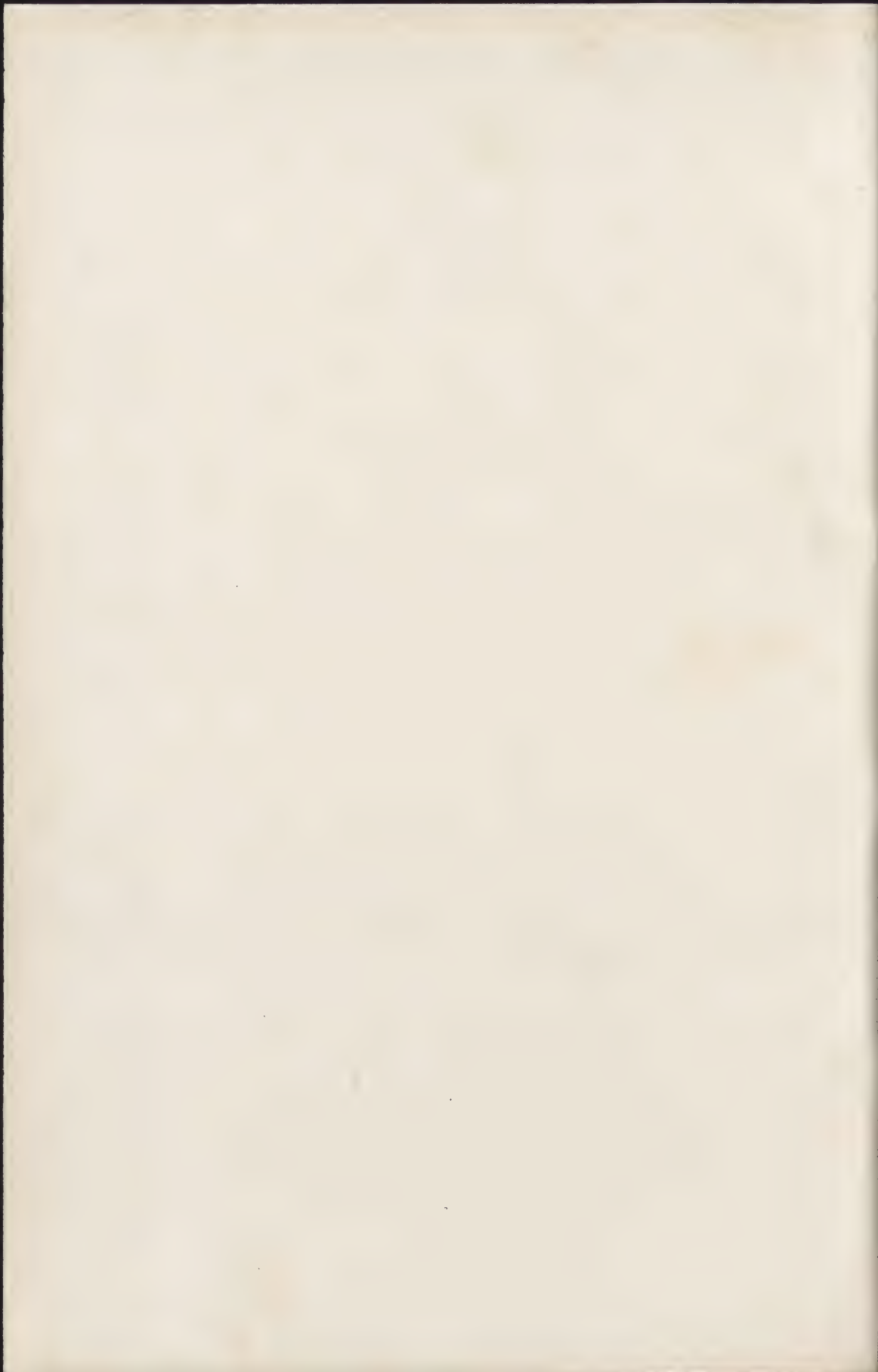
Fig.ª LVII—Vista da entrada (1) com a porta do hypogéo da Rainha Thi em frente. Canope no angulo.

PAG. 76

Fig.ª LVIII—Decoração das paredes lateraes dos hypogêos dos reis

PAG. 76

Fig.ª LIX—Prespectiva da entrada dos hypogêos reaes

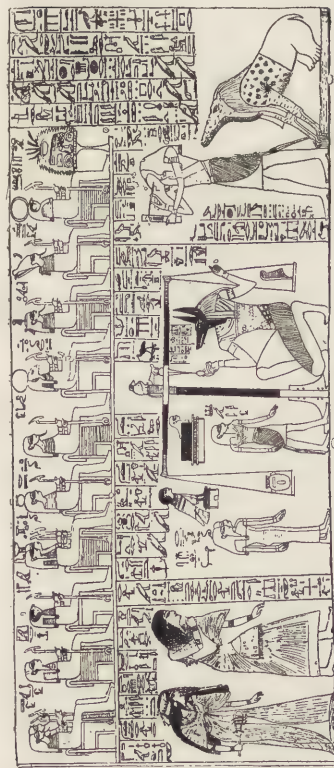



Fig.ª LX — Pesagem do coração de Ani.

Fig.ª LXI — Apresentação de Ani a Osiris

Fig.ª LXII — Transporte do caixão no barco, posto sobre zorra

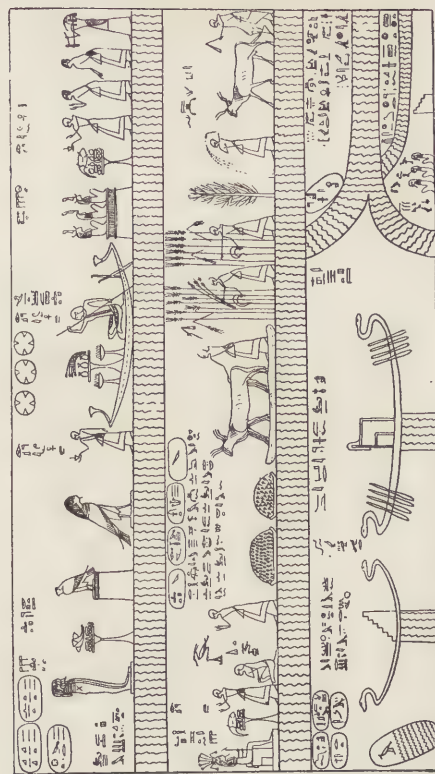



Fig.ª LXIII — Representação dos Campos Elysios egypcios com os respectivos trabalhos

Fig.ª LXIV — Verificação da identidade do morto á porta do tumulo

Figª LXV — Pesagem do coração por Anubis, que pede a Osiris para não anniquilar a alma.

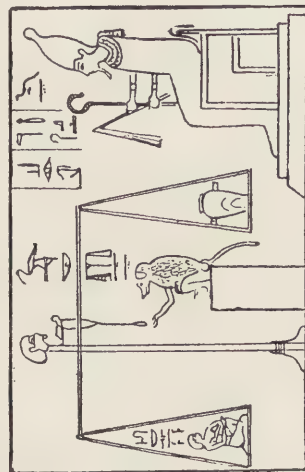



Fig.ª LXVI — Anniquilamento da alma depois dos esgares do macaco, e d'Osiris assentir com o chicote.

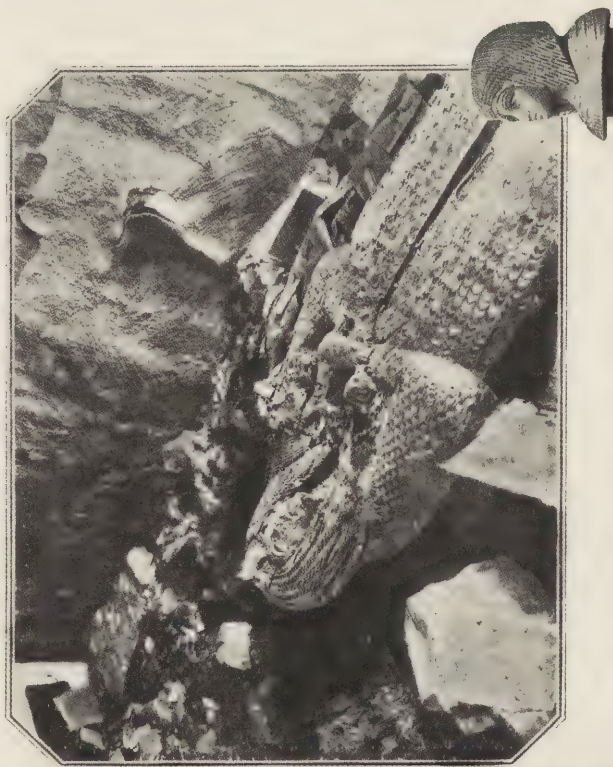



Fig.ª LXVII -- O interior do tumulo da Rainha Thi. Canope

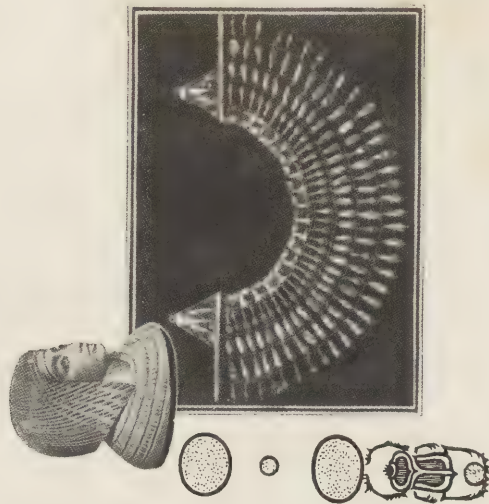



Fig.ª LXVIII — Collar d'oiro encontrado em torno do pescoço. Canope

PAG. 80

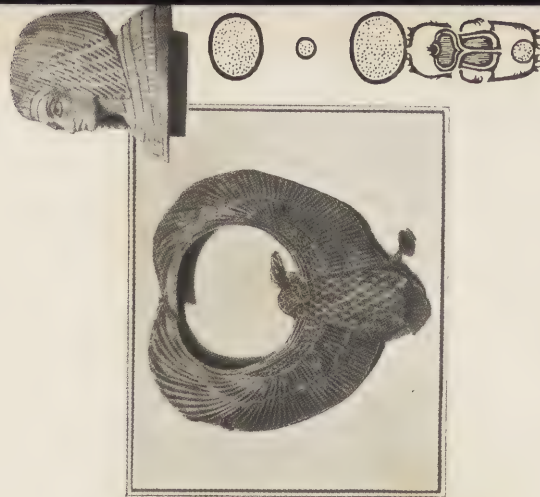



Fig.ª LXIX — Enfeite d'oiro da cabeça com o abutre. Canope

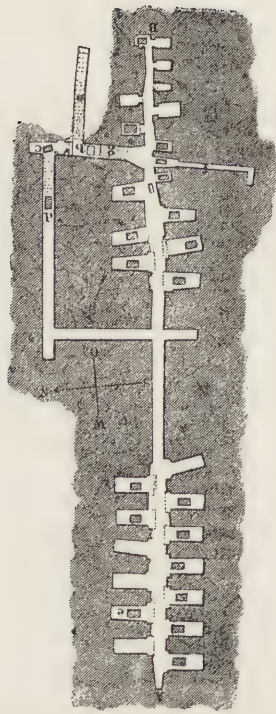



Fig.ª LXX—Planta do Serapéum de Sakkárah. A galeria ao N. da entrada *(a)* era de serviço. Em *(d)* vê-se um sarcophago de granito, cuja tampa está em *(c)*. Era conduzido para um dos nichos do fundo, ainda vazios. As galerias tem 350,0 metros d'extensão e 3,0 de largo por 5,50 d'alto.

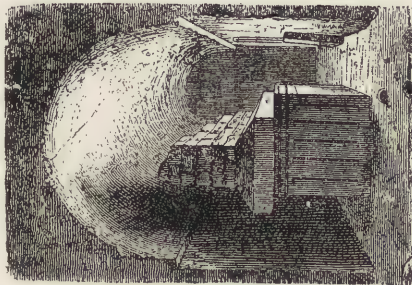



Fig.ª LXXI—Prespectiva do interior d'um nicho do Serapéum, que tem 8 metros d'altura em media. Os sarcophagos têem 4,0 metros de comprido por 2,20 de largo e 3,30 de alto; são d'um só bloco de granito negro ou vermelho polido. Sobre a tampa, que foi deslocada pelos ladrões, ainda se vêem stellas com a lenda do Apis.

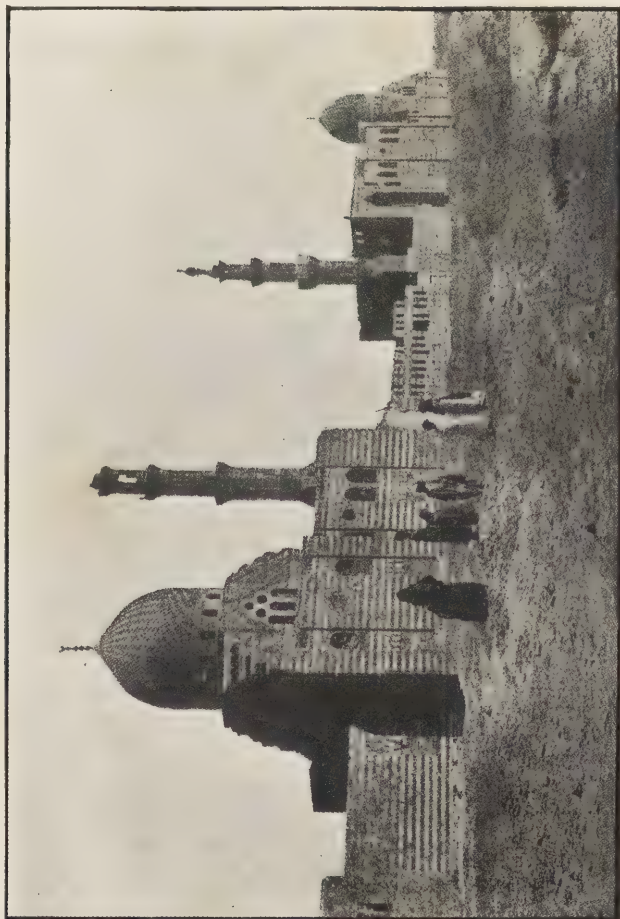



Fig.ª LXXII—Mesquitas funerarias ou tumulos de Keit-Bei (á direita) e do Sultan Mohamed Rusmak.

PAG. 94

Fig.ª LXXIII—O ***Muski***, antiga rua dos bazars e principal arteria da cidade, com decorações arabes.

PAG. 95

Fig.ª LXXIV—Vista da Cidadella, tirada das alturas da Mokkatam, dominada pela mesquita de Mohamed'Ali.

PAG. 97

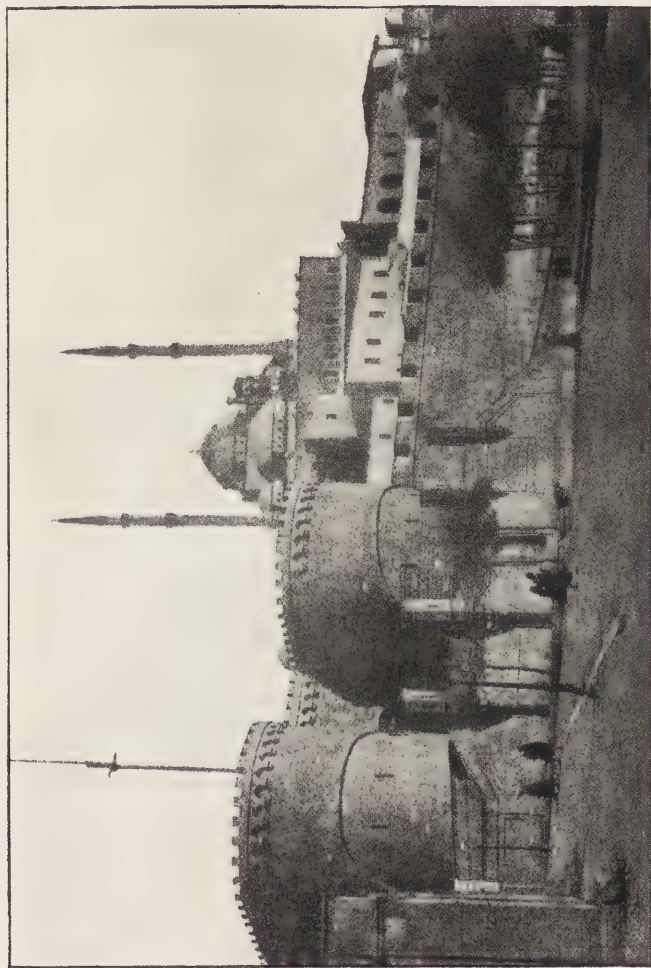



Fig.[a] LXXV — Vista da porta principal N. da cidadella e da mesquita com os minarettes á frente.

PAG. 97

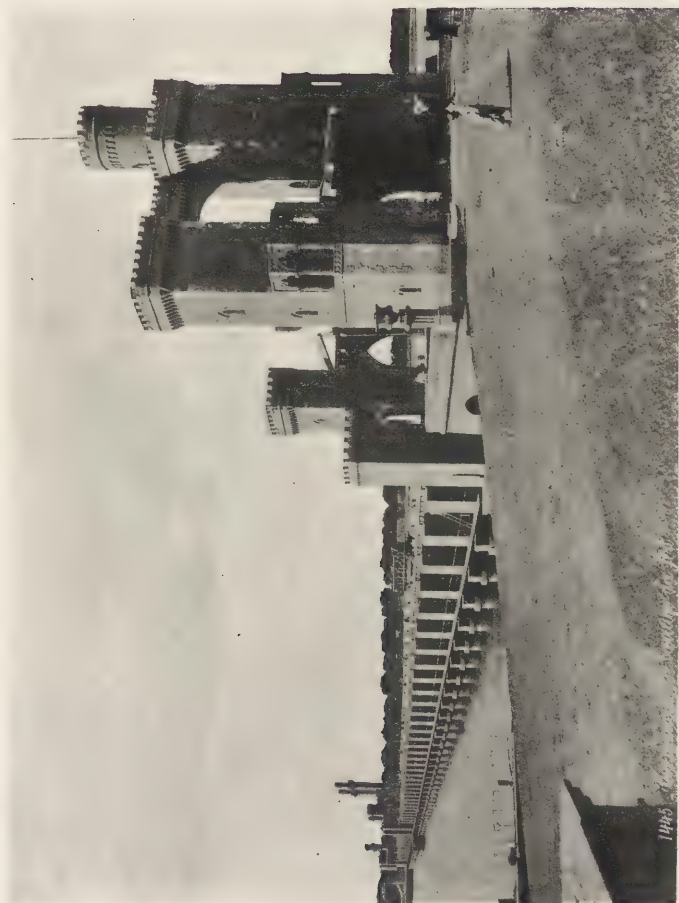



Fig.ª LXXVI—Vista do açude do Nilo ao Norte do Cairo entre as estações ferro-viarias ***Chubra*** e ***Monachi.***

PAG. 98

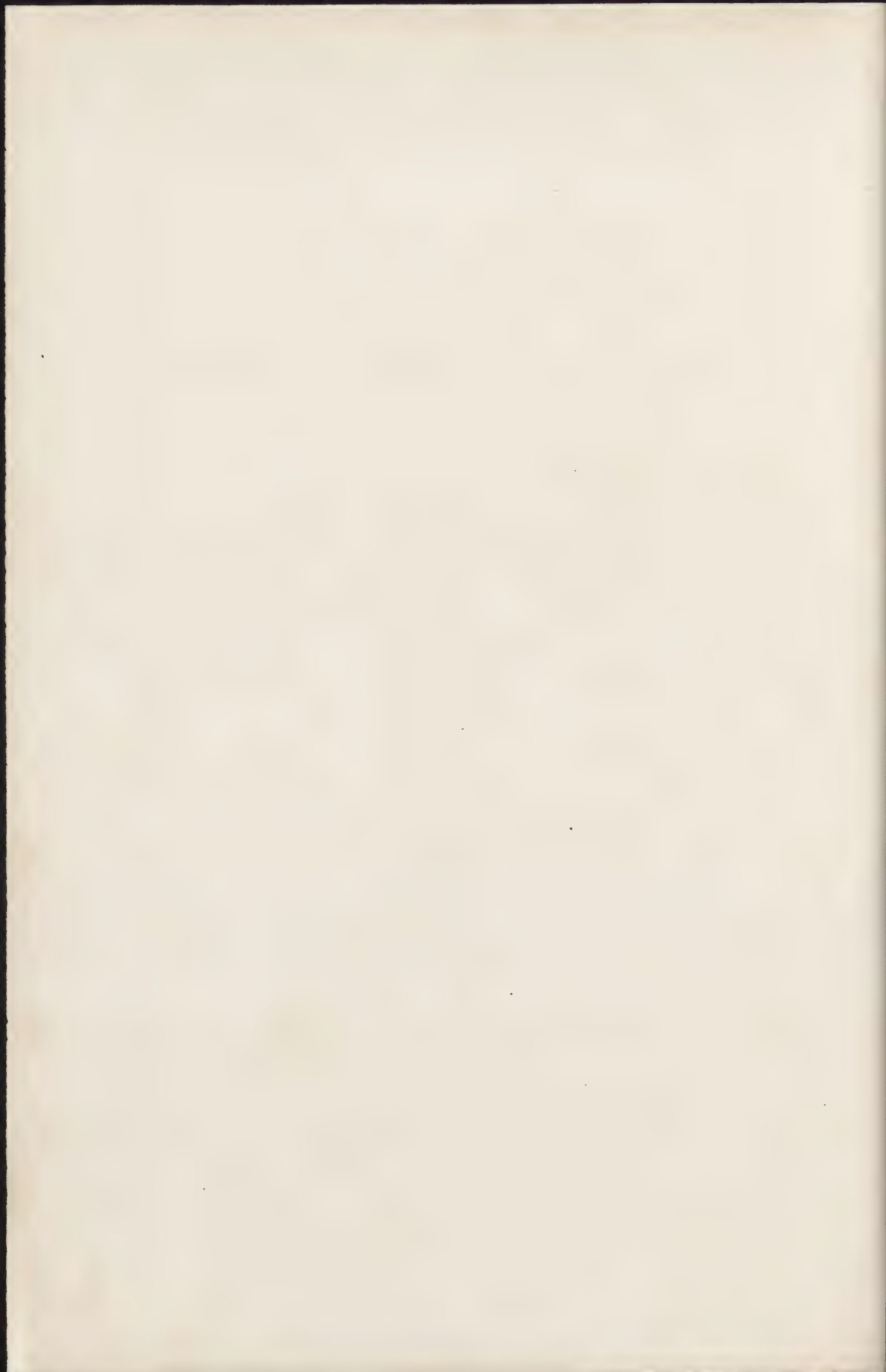



Fig.ª LXXVII — Vista do novo açude de *Assiût* da margem direita para montante com parte do revestimento das bermas.

PAG. 99

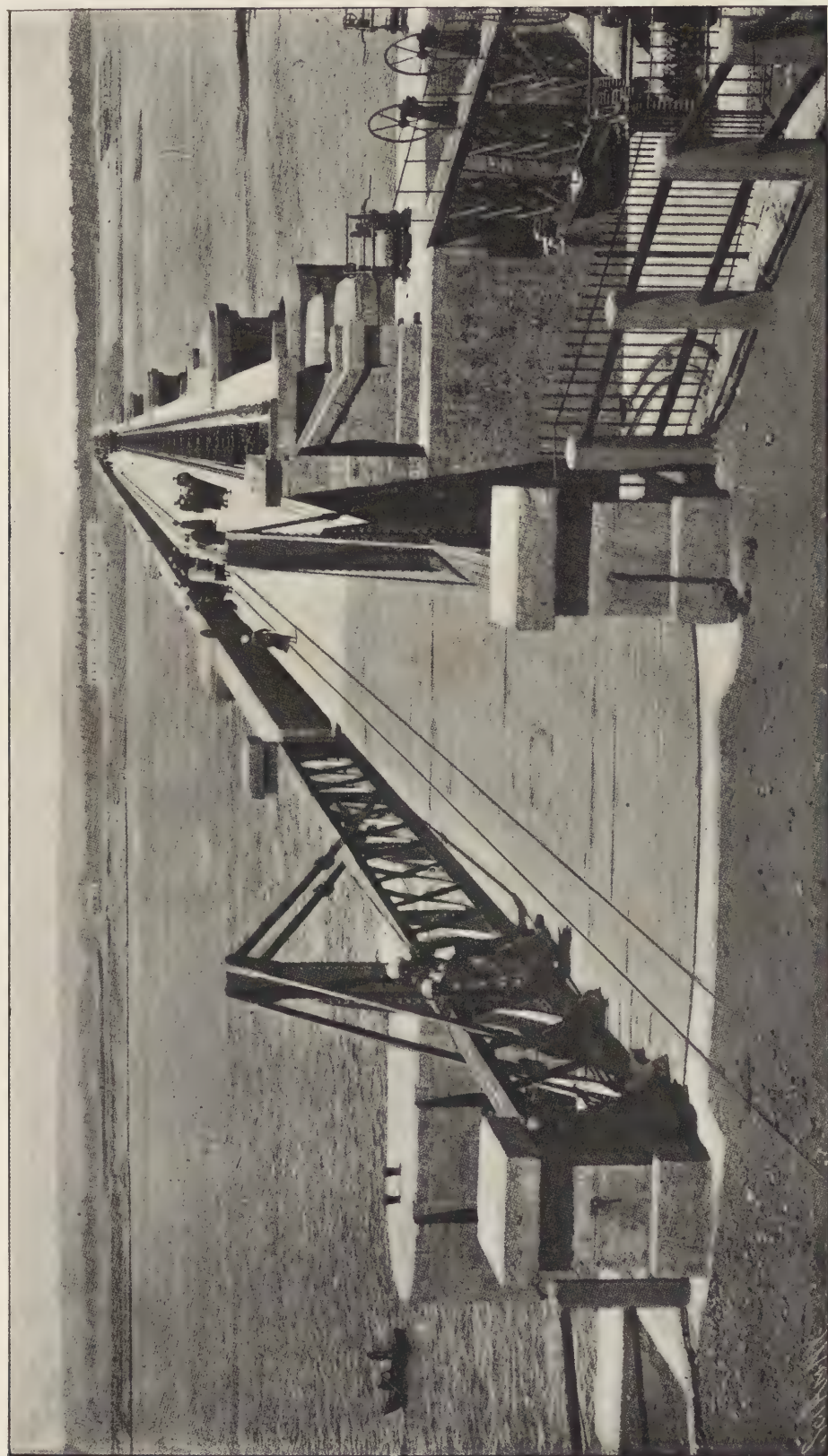



Fig.ª LXXVIII — Vista da parte superior do açude de *Assiút*, tirada da margem esquerda.

PAG. 99

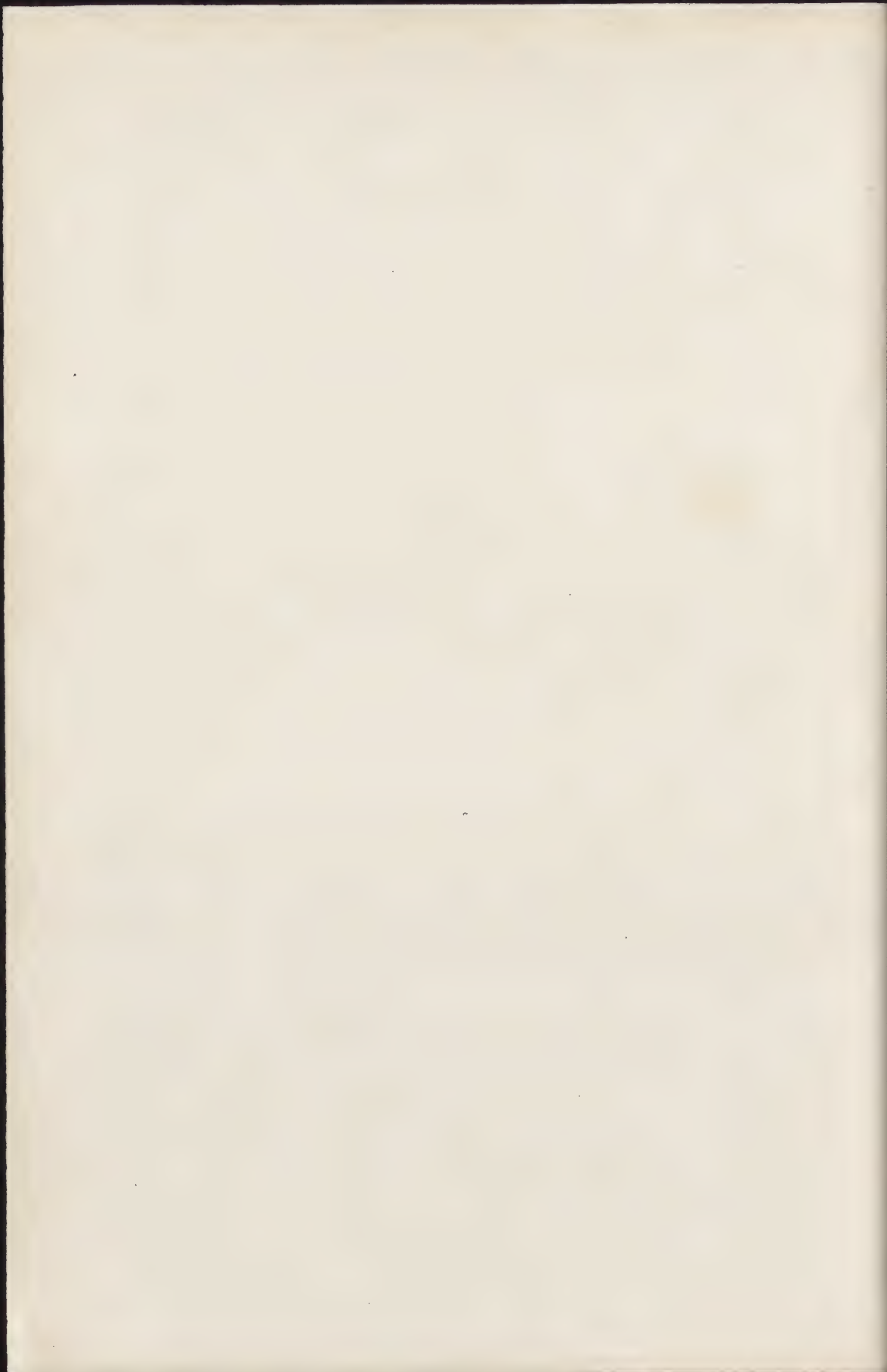
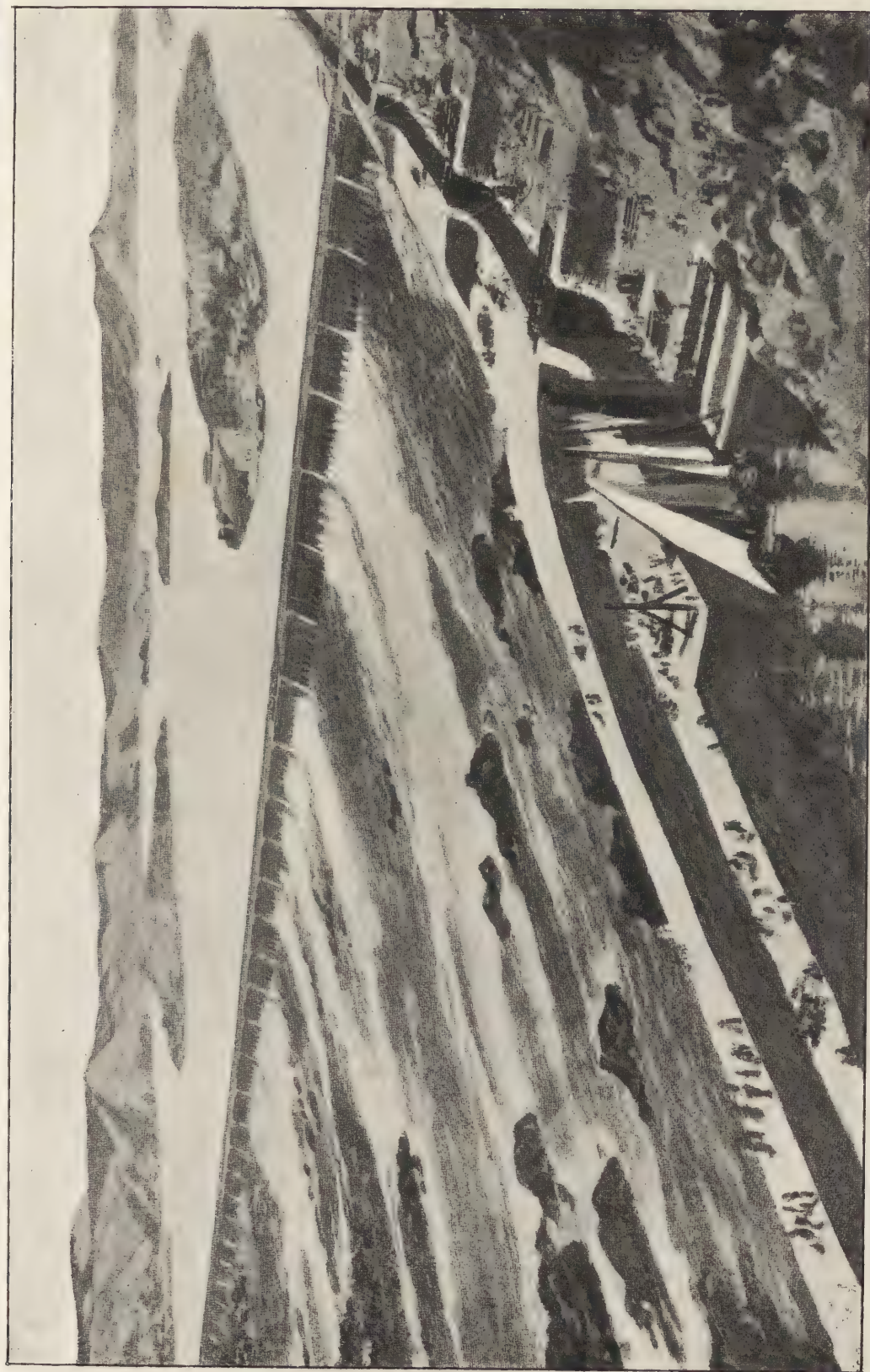



Fig.ª LXXIX — Vista da barragem de Assuan com a sua primeira altura, em 1900, sem a parte que se chama a cornija ou coroamento.

PAG. 100

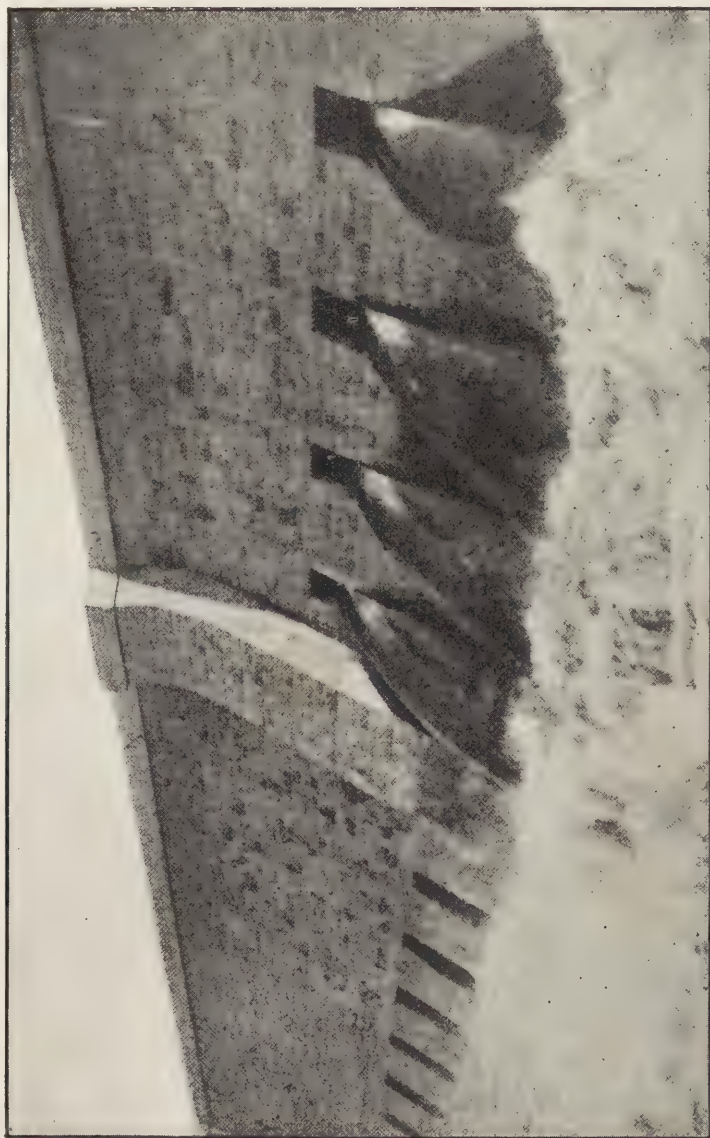



Fig. LXXX — Detalhe de construcção do dique com os contrafortes d'espaço a espaço.
PAG. 101

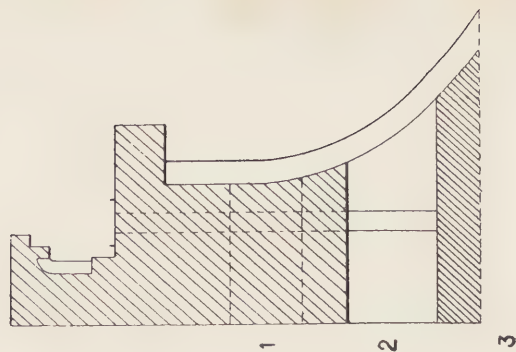



Fig.ª LXXXI — Corte transversal do dique.
PAG. 101

Fig.ª LXXXII—Photogravura do desenho em prespectiva da barragem completa, com as dahabijés a velejarem sobre as antigas ilhas. (Vide Fig.ª LXXIX).

PAG. 101